

THAIS HOLANDA DE ABREU



*Estudo das formas aumentativas e diminutivas
em
Português Arcaico*

ARARAQUARA/SP

2012

THAIS HOLANDA DE ABREU

*Estudo das formas aumentativas e diminutivas em
Português Arcaico*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras-Unesp/ Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: FAPESP - Processo número 2009/12181-4

ARARAQUARA – S.P.
2012

Abreu, Thais Holanda

Estudo das formas aumentativas e diminutivas em português arcaico /
Thais Holanda Abreu - 2012

211 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

1. Diminutivos. 2. Aumentativos. 3. Prosódia. 4. Português arcaico.
5. Cantigas medievais. I. Título.

THAIS HOLANDA DE ABREU

*Estudo das formas aumentativas e diminutivas em
Português Arcaico*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras- Unesp/ Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

Orientador: Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: FAPESP - Processo número 2009/12181-4

Data da defesa: 06/03/2012

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof^a. Dr^a. Gladis Massini-Cagliari (UNESP-Araraquara)

Membro Titular: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Cristina Martins Fargetti (UNESP-Araraquara)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais e ao meu irmão, por sempre me incentivarem e me acompanharem nos momentos mais difíceis de minha vida.

Ao meu namorado, pelo carinho, pela compreensão e pela paciência a mim dedicados em todos os momentos durante a realização deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à minha orientadora, Prof^a. Dr^a Gladis Massini-Cagliari, por ter me dado a oportunidade de realizar este estudo e por me guiar brilhantemente, com sabedoria e paciência, pelos caminhos da linguística histórica. Devo agradecê-la ainda pela confiança depositada em mim e no meu trabalho, contribuindo de forma promissora para o meu amadurecimento acadêmico.

Ao Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, coordenado pela docente já aqui referida, ao qual a presente pesquisa está vinculada, que auxiliou imensamente no desenvolvimento deste estudo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - processo número 2009/12181-4, órgão financiador do trabalho em questão.

A todos meus familiares, sobretudo aos meus pais, Maria e Jair, por terem me dado a vida e por terem dedicado grande parte das suas a mim. Pelo amor incondicional, pela paciência e pelo apoio em todas as horas. A eles, que sempre estiveram comigo, vão os meus mais sinceros e ternos agradecimentos.

Ao meu irmão, Thiago que apesar de algumas diferenças, é meu companheiro e confidente para todos os momentos.

À minha madrinha e tia, Elisabeth, que, juntamente com meus pais, acompanhou de perto todas as fases de minha vida, inclusive a acadêmica.

Ao meu namorado, Eduardo, pelo imenso companheirismo e pela compreensão dispensados a mim. Por sempre estar ao meu lado e acreditar no meu potencial. Devo agradecê-lo ainda por sempre me auxiliar indiretamente para a realização deste estudo, quer me acompanhando em alguns congressos, quer me ajudando em trabalhos técnicos (formatação de painéis, escâner de figuras). Obrigada, amor!

Agradeço também aos Professores Drs. Daniel Soares da Costa e Luiz Carlos Schwindt e à Professora Dra. Cristina Martins Fargetti, pelas valiosas sugestões ao presente estudo que enriqueceram ainda mais este trabalho.

Não posso deixar de lembrar e agradecer as minhas companheiras de estrada desde a graduação, Ana Carolina Cangemi e Gisela Fávaro, que dividiram (e ainda dividem!) comigo muito mais que quartos de hotéis em congressos, mas também choros e sorrisos. Obrigada, meninas!

Agradeço, principalmente, a Deus por ter colocado em minha vida pessoas tão especiais e por ter me ajudado a cumprir mais esta etapa de minha formação acadêmica.

“Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!”

Cecília Meireles (1958, p.793)

ABREU, Thais Holanda de. *Estudo das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico*, 211 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

RESUMO

Esta Dissertação tem como objetivo principal analisar o estatuto prosódico das palavras aumentativas e diminutivas no Português Arcaico (PA) como formas simples ou compostas, a partir da observação dos fenômenos prosódicos desencadeados pelo processo morfofonológico da adjunção dos sufixos de grau *-inno* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo, no galego-português, século XIII. As formas aumentativas e diminutivas em PA foram analisadas por meio de um *corpus* constituído pelas 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, denominadas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), compiladas pelo Rei Sábio de Castela, Afonso X (1221-1284), e pelas 431 cantigas de escárnio e maldizer, contidas nos cancioneiros profanos. A metodologia deste estudo é similar à proposta por Massini-Cagliari em seus trabalhos de 1995 e 2005 - por meio da escansão dos versos em que se encontram as ocorrências mapeadas pudemos localizar o acento poético e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação da estrutura prosódica dos nomes aumentativos e diminutivos no período arcaico de nossa língua. Após o mapeamento das ocorrências, foram investigadas algumas propriedades dos diminutivos e dos aumentativos sob a ótica da Fonologia Lexical (FL) e da Fonologia Prosódica. A partir disso, pudemos concluir que tanto as formas aumentativas como as formas diminutivas em *-inn(o,a)* são formas simples, uma vez que a Regra de Atribuição de Acento nessas formas ocorre em seu interior e, devido a isso, pode-se afirmar que os aumentativos e os diminutivos em *-inn(o,a)* correspondem a apenas uma palavra fonológica com um único acento, que é formada no léxico. Por outro lado, os diminutivos em *-cinn(o,a)* apresentam comportamento prosódico um tanto diferenciado dos aumentativos e diminutivos em *-inn(o,a)*. Constatou-se que o padrão acentual destas formas aponta para a existência, assim como em Português Brasileiro (PB), de duas proeminências prosódicas. Portanto, a Regra de Atribuição do Acento é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT) e, sendo assim, temos uma forma composta (com duas palavras fonológicas).

Palavras-chave: Diminutivos. Aumentativos. Prosódia. Português Arcaico. Cantigas Medievais.

ABREU, Thais Holanda de. *Estudo das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico*, 211 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyse the prosodic status of augmentative and diminutive words in Archaic Portuguese (AP) as simple or compound forms, through the observation of prosodic phenomena produced by the morphophonological process of grade suffixes attachment: *-inno* and its variations for the diminutive, and *-on(a)*, for the augmentative, in Galician Portuguese, 13th century. The augmentative and diminutive forms have been analysed from a *corpus* composed by 420 religious *cantigas* in honor of Virgin Mary, called the *Cantigas de Santa Maria* (CSM), compiled by the wise king of Castile, Alfonso X (1221-1284), and 431 satirical *cantigas*, called “*cantigas de escárnio e maldizer*”, contained in the compilations of secular poems. The methodology is similar to that proposed by Massini-Cagliari in her studies (1995 and 2005): through the metrified verses where the mapped words appear we can find the poetic stress and, consequently, the word stress, making the investigation of prosodic structure of augmentative and diminutive forms in Archaic Portuguese easier. Thereafter the mapping of these forms some properties of diminutive and augmentative were investigated by way of Lexical Phonology (LP) and Prosodic Phonology. From this, we conclude that not only the augmentative but also the diminutive words in *-inn(o)* are simple forms, because the Stress Attribution Rule in these nouns occur in the limits of the word and, due to this, it is possible to state that augmentatives and diminutives in *-inn(o)* correspond to only one phonological word with only one stress, which is formed in the lexical level. On the other hand, the diminutives in *-cinn(o)* have a prosodic behavior rather differentiated. We noticed that the stress pattern of these forms point to the existence, like in Brazilian Portuguese (BP), of two prosodic prominences. Therefore, the Stress Attribution Rule is applied between two independent morphological structures, because *-cinn(o)* attaches to a word already done, especially with zero thematic vowel (TV); in this case, there is a compound form (with two phonological words).

Keywords: Diminutives. Augmentatives. Prosody. Archaic Portuguese. Medieval *Cantigas*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Layout T22	65
Figura 2	Miniatura de abertura. Cantiga CSM 1. Códice dos músicos (Escorial).	66
Figura 3	Cantiga XV, fol 25r y v – Códice de Toledo.	68
Figura 4	Miniatura. Cantiga CSM 100. Códice dos músicos (Escorial)	70
Figura 5	Página de ilustrações da Cantiga 4 - Códice T.	72
Figura 6	B1639. Cantiga de Escárnio de Pero da Ponte. Cancioneiro da Biblioteca Nacional.	82
Figura 7	Cantiga de Escárnio de Vasco Gil. Cancioneiro da Biblioteca Nacional.	83
Figura 8	Estruturação do léxico.	101
Figura 9	Intersecção: fonologia, léxico e sintaxe.	102
Figura 10	Aplicação das regras fonológicas no léxico e no pós-léxico.	103
Figura 11	Representação do léxico do PB.	105
Figura 12	Estrutura interna de cada estrato.	106
Figura 13	Divisão do pós-léxico.	106
Figura 14	Modelo de geometria de traços proposto por Clements.	109
Figura 15	Modelo de interação entre Fonologia Prosódica e os outros subsistemas da gramática.	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.	Distribuição dos diminutivos em <i>-inn(o,a)</i> e <i>-cinn(o,a)</i> nas cantigas religiosas e nas cantigas de escárnio e maldizer.	135
Gráfico 2.	Distribuição dos diminutivos formados a partir de bases com vogal temática no total do <i>corpus</i> .	138
Gráfico 3.	Distribuição dos diminutivos formados a partir de bases sem vogal temática.	140
Gráfico 4.	Distribuição dos processos fonológicos com o sufixo <i>-inn(o,a)</i> .	142
Gráfico 5.	Distribuição dos processos fonológicos com o sufixo <i>-cinn(o,a)</i> .	142
Gráfico 6.	Distribuição dos aumentativos formados a partir de bases com vogal temática.	157
Gráfico 7.	Distribuição dos processos fonológicos com o sufixo <i>-on(a)</i> .	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Subperiodização do PA.	56
Quadro 2.	Caracterização de palavra.	89
Quadro 3.	Caracterização de Palavra. Adaptado de Rocha (1999, p. 70).	92
Quadro 4.	Regras Lexicais e Pós-lexicais.	102
Quadro 5.	Constituintes prosódicos segundo proposta de Selkirk (1979).	111
Quadro 6.	Diminutivos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero nas 420 CSM e nas 431 CEM.	137
Quadro 7.	Diminutivos formados a partir de bases sem vogal temática nas 420 CSM e nas 431 CEM.	139
Quadro 8.	Aumentativos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero nas 420 CSM e nas 431 CEM.	156
Quadro 9.	Aumentativos formados a partir de bases sem vogal temática nas 420 CSM e nas 431 CEM.	158
Quadro10.	Diminutivos mapeados em 420 cantigas religiosas.	182
Quadro 11.	Aumentativos mapeados em 420 cantigas religiosas.	183
Quadro 12.	Diminutivos mapeados em 431 cantigas de escárnio e maldizer.	185
Quadro 13.	Aumentativos mapeados em 431 cantigas de escárnio e maldizer.	186

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Distribuição das cantigas de acordo com sua origem.	62
Tabela 2.	Diminutivos com <i>-inn(o,a)</i> e <i>-cinn(o,a)</i> nas CSM e nas CEM.	134
Tabela 3.	Diminutivos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero.	138
Tabela 4.	Diminutivos formados a partir de bases sem vogal temática.	140
Tabela 5.	Processos envolvendo as ocorrências de diminutivo em PA separados por sufixo.	142
Tabela 6.	Aumentativos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero.	157
Tabela 7.	Processos envolvendo as ocorrências de aumentativo em PA.	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

adj.	adjetivo
B ou CBN	Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (<i>Colucci Brancuti</i>)
C	Consoante
CCL	Condição de não cruzamento de linha
CEM	Cantigas de Escárnio e Maldizer
CSM	Cantigas de Santa Maria
DIM	Diminutivo
DS	Base derivacional
E	Códice dos músicos – El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS B.I.2
ET	Elemento terminal
F	Códice de Florença. Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20
FGT	Fonologia de Geometria de Traços
FL	Fonologia Lexical
GT	Gramática Tradicional
NN	Nomes não-temáticos
NP	nominal phrase (frase nominal)
PA	Português Arcaico
PB	Português Brasileiro
PCO	Princípio do Contorno Obrigatório
PE	Português Europeu
PL2E	Português como segunda língua para estrangeiros
PW	Prosodic Word
R	Raiz
Rdf	Radical Flexional
Rdf	Radical Lexical
SD	Sufixo Derivacional
SFG	Sufixo Flexional de Gênero
SFN	Sufixo Flexional de Número
SPE	<i>The sound pattern of English</i> , livro de Chomsky e Halle (1968)
subst.	substantive
T	Códice rico ou Códice das histórias. El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS T.I.1
TN	Nomes Temáticos
To	Códice de Toledo. Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069
TO	Teoria da Otim(al)idade
V ou CV	Cancioneiro da Vaticana
V	Vogal
VT	Vogal temática ou <i>thematic vowel</i> (TV, em inglês)
“ ”	citação metalinguística em PB
*	violação à uma restrição da TO
*!	violação fatal à uma restrição da TO
*palavra	agramatical
[]	fone, transcrição fonética ou trecho inserido
/ /	fonema, transcrição fonológica
+	fronteira de morfema
#	fronteira de palavra
< >	grafema
α	nível 1 do léxico

β	nível 2 do léxico
ω	nível pós-lexical (FL) ou palavra fonológica (Fonologia Prosódica)
U	enunciado fonológico
I	grupo entoacional
Φ	frase fonológica
Σ	pé
σ	sílaba

As transcrições fonéticas seguem o padrão do IPA (*International Phonetic Alphabet*).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 16

1. A trajetória dos diminutivos e aumentativos no percurso temporal da história da Língua Portuguesa, 20

1.1 Os diminutivos e aumentativos nos dicionários escolares e de linguística, 20

1.2 Os diminutivos e aumentativos nas gramáticas (primeiras, históricas e escolares), 23

1.3 Os diminutivos e aumentativos e os estudos acadêmicos, 29

1.3.1 Estudos acadêmicos da área de morfologia, 30

1.3.2 Estudos acadêmicos de outras áreas, 34

1.3.2.1 Moreno (1977, 1998), 34

1.3.2.2 Almeida (1999), 44

1.3.2.3 Bisol (2010), 46

1.3.2.4 Carvalho (2009), 49

1.3.2.5 Teixeira (2008), 51

1.4 Considerações finais, 52

2. O Português Arcaico e as Cantigas Medievais, 54

2.1 Algumas considerações sobre o Português Arcaico, 54

2.1.1 A escrita nas cantigas do período arcaico: fonética ou ortográfica?, 57

2.2 As Cantigas de Santa Maria, 60

2.2.1 Um pouco sobre a autoria, origem e estruturação das cantigas religiosas, 60

2.2.2 Os Códices, 66

2.2.2.1 Códice de Toledo (To), 67

2.2.2.2 Códice Rico (T ou Códice das histórias), 68

2.2.2.3 Códice de Florença (F), 69

2.2.2.4 Códice Escorial (Códice dos músicos), 69

2.2.3 As Cantigas de Santa Maria e seu valor artístico-literário, 70

2.2.4 Considerações finais sobre as cantigas em louvor à Virgem Maria, 72

2.3 As Cantigas de Escárnio e Maldizer, 73

2.3.1 Definição, estrutura e temática, 73

2.3.2 O porquê de se utilizar a edição de Lapa (1998[1965]), 79

2.3.3 Os manuscritos, 81

2.3.3.1 Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (B ou CBN), 81

2.3.3.2 Cancioneiro da Vaticana (V ou CV), 84

2.3.4 Os autores - qual o perfil dos trovadores das cantigas de escárnio e maldizer?, 85

2.3.5 Considerações finais sobre as cantigas de escárnio e maldizer, 86

2.4 Considerações finais, 86

3. Embasamento teórico, 87

3.1 Teorias morfológicas, 87

3.1.1 O que é a palavra?, 87

3.1.1.1 Vocábulo formais, 90

3.1.1.2 Vocábulo fonológicos, 93

3.1.2 O radical derivacional, 94

3.2 O acento, 95

3.3 As teorias da Fonologia Não-linear, 100

3.3.1 A Fonologia Lexical (FL), 100

3.3.2 *A Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços*, 108

3.3.3. *Fonologia Prosódica*, 110

3.3.3.1 A palavra fonológica (ω), 115

3.3.3.2 A alternância entre *-inh(o)* e *-zinh(o)* no Português atual: aspectos prosódicos, 122

3.4 Considerações finais, 125

4. As Cantigas Medievais e sua relevância para estudos de caráter prosódico: metodologia utilizada, 127

4.1 Considerações finais, 132

5. Os diminutivos e aumentativos em Português Arcaico, 134

5.1. Diminutivos, 134

5.1.1 *Aspectos morfológicos*, 134

5.1.2 *Processos fonológicos*, 141

5.1.2.1 Diminutivos sob a perspectiva das Fonologias Lexical e Autossegmental, 143

5.1.2.2 Os diminutivos no PA sob a perspectiva da Fonologia Prosódica: Formas simples ou compostas?, 150

5.1.3 *Considerações finais sobre os diminutivos em PA*, 154

5.2 Aumentativos, 155

5.2.1 *Aspectos morfológicos*, 156

5.2.2 *Processos fonológicos*, 158

5.2.2.1 Aumentativos sob a perspectiva das Fonologias Lexical e Autossegmental, 160

5.2.2.2 Os aumentativos no PA sob a perspectiva da Fonologia Prosódica: Formas simples, 166

5.2.3 *Considerações finais sobre os aumentativos em PA*, 167

5.3 Considerações finais, 168

CONCLUSÃO, 169

Referências, 171

Apêndices, 180

Apêndice 1, 181

Apêndice 2, 188

Apêndice 3, 203

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta dissertação é o estudo das formas aumentativas e diminutivas no Português Arcaico (doravante, PA), a partir da adjunção dos sufixos de grau -*inno(a)* e variações, para o diminutivo, e -*on(a)*, para o aumentativo. Através do mapeamento nas cantigas religiosas (*Cantigas de Santa Maria*, doravante CSM) e profanas (*Cantigas de escárnio e maldizer* - CEM¹) de fenômenos prosódicos desencadeados pela adjunção desses sufixos específicos, podemos descrever e discutir, baseados na teoria da Fonologia Não-Linear, o estatuto prosódico dos nomes aumentativos e diminutivos em PA como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Portanto, o foco deste trabalho incide sobre a tentativa de delimitar o *status* fonológico e prosódico de formas linguísticas (no caso, os diminutivos e aumentativos) de um período da língua portuguesa no qual não é mais possível encontrar falantes nativos vivos.

Sendo assim, a relevância da pesquisa consiste, justamente, no fato de que trabalhar com fenômenos prosódicos considerando as formas aumentativas e diminutivas de um período passado da língua é algo inédito na medida em que o que se encontra a respeito de estudos de nomes aumentativos e diminutivos no âmbito fonológico são trabalhos realizados para o Português Brasileiro (PB), uma vez que o pesquisador encontra mais facilidade em comprovar dados orais de um período de língua atual, em que os falantes nativos estão vivos, do que em dados escritos de um tempo linguístico remoto. É neste ponto que nosso estudo possui ineditismo e diferencia-se, levando-nos a adotar uma metodologia (cf. seção 4) que se utiliza de textos poéticos metrificados do período arcaico de nossa língua, pois é nesses tipos de textos que podemos reconhecer aspectos fundamentais para a investigação de fenômenos prosódicos do PA.

O fenômeno prosódico que evidenciaremos é o acento. Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (2001), o termo *acento* em Fonética está mais relacionado à noção de tonicidade da Gramática Tradicional (sílabas átonas e tônicas) que à noção de um aspecto gráfico (acento agudo, grave ou circunflexo). Assim sendo, toda palavra pronunciada isoladamente terá um acento primário e, em sequências muito longas de sílabas átonas, algumas dessas sílabas passam a ter reforço extra, um acento secundário. Logo, a compreensão do conceito de acento primário e acento secundário faz-se essencial para o desenvolvimento inicial do presente estudo (cf. seção 3.2).

¹ Abreviatura que será utilizada de agora em diante referindo-se às cantigas de escárnio e maldizer, embora não corresponda, como no caso das CSM, ao título de nenhuma compilação feita na época medieval.

A opção de se trabalhar com nomes aumentativos e diminutivos foi feita devido ao fato de estes nomes serem uma das formações derivacionais mais produtivas em língua portuguesa atualmente. Bizzocchi (2011, p. 28) expõe sobre essa alta produtividade das formas aumentativas e diminutivas:

Nossa língua, especialmente a língua falada, é repleta de palavras aumentativas e diminutivas. Talvez seja essa uma das grandes diferenças do português: a sua facilidade em criar aumentativos e diminutivos a partir de qualquer palavra (“euzinho”, “devagarinho”, “rapidão”[...]).

De acordo com Basílio (2004), a expressão de grau no PB pode ter uma função expressiva (diminutivo e aumentativo são usados como marcador de afetividade ou depreciação) ou denotativa (um referente denotando características de pequeno ou grande). Desta forma, o presente estudo observou durante a coleta de dados se essas formas também eram produtivas no PA.

Além de produtivas, as derivações de grau apresentam um comportamento prosódico peculiar, uma vez que, ao contrário dos demais derivados, costumam manter o acento da base, depois de feita a adjunção dos sufixos, como ocorre em “bélo” → “bèlinho” (em que a manutenção do acento da base é evidenciada pela manutenção do timbre aberto da vogal média). Observado esse fato no PB, é importante pesquisar a origem histórica desse fenômeno, investigando se já no PA essas formas apresentavam ou não esse comportamento prosódico peculiar, se comparadas aos demais derivados.

Com relação à eleição de cantigas galego-portuguesas (religiosas e profanas) como *corpus* de estudo, pode-se afirmar que tal escolha se deu devido ao fato de essas cantigas terem sido compostas no momento fundador do Reino de Portugal e da língua portuguesa, além de serem fonte de riqueza lexical, ou seja, ao apresentarem uma vasta temática, tais cantigas nos permitem encontrar uma maior variedade de palavras aumentativas e diminutivas.

Para as *Cantigas de Santa Maria* foi utilizada como base de análise a versão de Mettmann (1986- 1988- 1989). As cantigas foram mandadas compilar pelo Rei Sábio de Castela, Afonso X, e chegaram até nós através de quatro manuscritos antigos denominados códices, assunto que será melhor desenvolvido na seção 2 deste trabalho. Por outro lado, utilizamos a versão de Lapa (1998) para as cantigas de escárnio e maldizer. Tais cantigas chegaram até nós por meio de dois manuscritos antigos. Um deles é o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, conhecido também pelas abreviaturas B ou CBN e

denominado antigamente de *Cancioneiro Colocci Brancuti*. O outro manuscrito é o *Cancioneiro da Vaticana*, que é conhecido pelas abreviaturas V ou CV.

Os dados coletados nessas cantigas foram analisados à luz da teoria das fonologias não lineares, sobretudo da Fonologia Lexical (FL) - Aronoff (1976), Kiparsky (1982)- e Fonologia Prosódica – cf. Nespor e Vogel (1986) e Vigário (2001).

Esta dissertação está dividida em cinco seções.

Na primeira, serão apresentadas algumas propriedades dos diminutivos e aumentativos de acordo com o ponto de vista de vários estudiosos ao longo dos anos, com o intuito de evidenciar o que se tem pesquisado sobre o tema no decorrer do tempo e também fornecer subsídios para a análise e a discussão dos resultados.

A segunda seção é reservada à delimitação do período que abarca este estudo (PA) e também à apresentação do *corpus* e de suas características mais relevantes, como a sua constituição estrutural, os códices remanescentes, a temática envolvida, dentre outras.

Na terceira, serão expostas as principais teorias utilizadas na análise dos resultados.

Posteriormente a essa seção, mais precisamente na seção 4, apresentaremos a metodologia de nosso trabalho. Em outras palavras, será explicitado como foi realizada a coleta dos dados utilizados na análise dos fenômenos prosódicos no período arcaico da língua portuguesa.

Na quinta seção são apresentados os resultados quantitativos alcançados por meio de tabelas que revelam a quantificação das ocorrências encontradas para diminutivos e aumentativos nas cantigas medievais analisadas e também a discussão e a análise dos dados coletados.

Após a última seção, realizamos a finalização de nosso estudo, apresentando a conclusão a que chegamos com a análise dos dados coletados. A partir do mapeamento das ocorrências de diminutivo e aumentativo nas CSM e nas CEM, pudemos concluir que tanto as formas aumentativas como as formas diminutivas em *-inn(o,a)* podem ser consideradas simples, uma vez que a Regra de Atribuição de Acento nessas formas ocorre em seu interior. Desta forma, pode-se afirmar que os aumentativos e os diminutivos em *-inn(o,a)* correspondem a apenas uma palavra fonológica com um único acento, que é formada no léxico. Contudo, os diminutivos em *-cinn(o,a)* apresentam comportamento prosódico um tanto diferenciado dos aumentativos e diminutivos em *-inn(o,a)*, uma vez que se verificou que o padrão acentual destas formas aponta para a existência, assim como em PB, de duas proeminências prosódicas. Portanto, a Regra de Atribuição do Acento é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já

“pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT) e, sendo assim, temos uma forma composta (com duas palavras fonológicas).

1. A trajetória dos diminutivos e aumentativos no percurso temporal da história da Língua Portuguesa

Nesta seção apresentamos um panorama de obras já publicadas em Língua Portuguesa que trazem informações a respeito dos aumentativos e diminutivos, objetivando contextualizar o conhecimento que se tem sobre esses nomes e, a partir disso, apontar qual é a proposta desenvolvida por nosso estudo.

Primeiramente, serão expostas as definições básicas para diminutivos e aumentativos dos dicionários de linguística e dos dicionários escolares. Feitas as definições, serão apresentados os conceitos para esses nomes nas primeiras gramáticas, nas gramáticas históricas e nas gramáticas escolares contemporâneas, a fim de mostrar um percurso histórico deste tema e enfatizar como essas gramáticas tratavam e ainda tratam o assunto. Posteriormente, mostraremos como os estudos de morfologia dentro da linguística abordam o assunto e, por fim, exporemos algumas reflexões de trabalhos acadêmicos sobre os diminutivos e aumentativos em português.

1.1 Os diminutivos e aumentativos nos dicionários escolares e de linguística

A maioria dos dicionários escolares e de linguística apresenta os nomes diminutivos e aumentativos como substantivos que fazem referência a um objeto considerado pequeno ou grande. Vejamos o que alguns deles afirmam sobre a questão da dimensão, inerente a esses nomes:

diminutivo. [do lat.tard.*diminutivu.*] E. Ling. **Adj. 1.** Que dá ou adiciona idéia de pequenez. 2. Relativo ao diminutivo (3). ~ V. *verbo* - **S.m.** 3. Palavra formada com o sufixo diminutivo, ou locução que indica a noção de pequenez, como, respectivamente, *gatinho* e *gato pequeno*, e que pode implicar ainda, por parte do falante, uma idéia apreciativa (*filhinho*, ‘apelativo carinhoso para filho’), depreciativa (*gentinha*, ‘ralé’), ou mesmo intensiva (*agarradinhos*, ‘muito agarrados’). (FERREIRA, 1999, p.683, grifos do autor)

aumentativo [De aumentar + *-tivo*] **Adj. 1.** Que aumenta. ~ V.*charada* -a e *verbo* - **S.m.** 2. E.Ling. Categoria gramatical que se expressa como palavra ou construção de significação engrandecida em relação a outra, tomada como grau normal; grau aumentativo. (FERREIRA, 1999, p. 231, grifos do autor).

di.mi.nu.ti.vo *adj* (lat *diminutivu*) **1** Que diminui. **2** *Gram* Diz-se da palavra que indica um grau inferior, em grandeza ou importância, da idéia representada por outra, da qual deriva (*animálculo*, *florzinha*, *riacho* etc.). *sm.* **1** *Gram* Palavra ou desinência diminutiva. 2. Objeto semelhante a outro,

mas em ponto menor; miniatura. (MICHAELIS, 2002, p. 726, grifos do autor).

au.men.ta.ti.vo *adj* (*aumentar +-ivo*) Que aumenta. *sm Gram* Grau em que a significação da palavra aparece aumentada. (MICHAELIS, 2002, p.260, grifos do autor)

Com relação aos dicionários escolares, constatamos que grande parte deles aborda o aspecto da dimensão (grande/pequeno), mas apenas alguns trazem a noção de afetividade explorada por dicionários de linguística (ver definições de Crystal, 2000, e Dubois, 1973, adiante), como pode ser comprovado por meio dos verbetes extraídos, respectivamente, do *Aurélio Século XXI* (1999) e do *Michaelis* (2002), acima.

Tomando como base os verbetes acima, observa-se que ambos os dicionários exploram a questão da dimensão nas formas diminutivas e aumentativas, mas que somente o *Aurélio Século XXI* nos traz a questão da afetividade dos falantes no uso dos diminutivos, considerando que um substantivo diminutivo pode remeter à ideia de apreciação (“filhinho”, por exemplo), de depreciação (“gentinha”, “ralé”) ou de intensidade (“agarradinhos” = muito agarrados).

Observa-se ainda que os verbetes exploram a questão do grau desses nomes, sobretudo os do *Dicionário Michaelis*, afirmando ser o diminutivo de grau inferior e o aumentativo de grau em que a palavra aparece em um tamanho maior.

Passemos, agora, às definições encontradas em dois dicionários de linguística:

diminutivo Termo usado na MORFOLOGIA para indicar um AFIXO com o significado geral de “pequeno”, usado de maneira literal ou metafórica (carinhosamente). São exemplos os sufixos *-ino* em italiano, *-zinho* em português e *-let* em inglês. (CRYSTAL, 2000, p.82, grifos do autor)

aumentativo Termo usado na MORFOLOGIA com referência a um AFIXO com o sentido geral de “grande”, como a forma CASARÃO, do português. (CRYSTAL, 2000, p.35, grifos do autor)

1. *Diminutivo* é um substantivo que se refere a um objeto considerado pequeno e em geral acompanhado de conotação afetiva (hipocorística). São as condições de emprego (contexto afetivo ou familiar) que o caracterizam. O diminutivo pode ser uma forma reduzida (*Cris* por *Cristina*, *Edu* por *Eduardo*, *Zé* por *José*, *Zefa* por *Josefa*); uma forma reduzida redobrada (*Zeze* por *José*, *Totó* por *Antônio*, *Lili* por *Lília*, *Alice* e *Elisa*, *Dudu* por *Eduardo*) ou uma forma com sufixo (*Joãzinho* por *João*, *Carlinhos* por *Carlos*). DUBOIS, 1973, p.190-191)

aumentativo

Diz-se que um prefixo (*arqui-, extra-, sobre-, super-*) ou que um sufixo (*-íssimo*) é *augmentativo* quando tem o sentido de “em um grau muito alto, a um ponto elevado”. Assim, *extraduro* é formado pelo adjetivo *duro* e do aumentativo *extra*, significando a palavra “que é muito duro”; o adjetivo *riquíssimo* é formado pelo adjetivo *rico* e pelo aumentativo *-íssimo*. (DUBOIS, 1973, p. 80)

A partir das citações expostas anteriormente, percebemos que tanto Crystal (2000) quanto Dubois (1973) têm como foco de suas definições a questão da dimensionalidade, ou do tamanho das formas diminutivas e aumentativas. No entanto, o que nos chama atenção é a definição de Dubois para os aumentativos, uma vez que o autor (mais provavelmente, seu tradutor) não faz referência ao sufixo mais comum utilizado para a formação dos aumentativos em língua portuguesa - o sufixo *-ão*, mas sim a prefixos como *arqui-, extra-, sobre-, super-* utilizados em palavras com o sentido de grau muito elevado, por exemplo em “extraduro” (grau muito elevado de dureza).

Chama-nos atenção ainda nas citações acima a afirmação de Dubois (1973) de que os diminutivos podem ser uma forma reduzida - “Cris por Cristina” - ou uma forma redobrada - “Zezé por José”, denominadas formas hipocorísticas (cf. também Monteiro, 2002, p.184-196). Tal afirmação parece não estar em consonância com o que a maioria da literatura especializada no assunto afirma - os diminutivos são formas da língua que são construídas a partir da adjunção de sufixos específicos. Além disso, com base em Rocha (1999, p.180) e Sandmann (1992, p. 37), podemos afirmar que nas formas “Cris” e “Zezé”, por exemplo, o processo de formação atuante é o da abreviatura, pois tanto a forma reduzida de “Cris” quanto a forma redobrada de “Zezé” podem estar exprimindo “a brevidade da comunicação lingüística” (SANDMANN, 1992, p. 37) e não uma forma diminutiva como apresenta Dubois (1973).

Outro aspecto importante abordado por Crystal (2000) e Dubois (1973) diz respeito à conotação afetiva que muitos diminutivos carregam consigo. Crystal (2000, p.82) afirma que estes nomes podem ser usados “de maneira literal ou metafórica (carinhosamente)” e Dubois (1973, p. 190-191) nos mostra que um diminutivo é um substantivo que é acompanhado ou não de conotação afetiva, dependendo de suas condições de emprego (contexto afetivo ou familiar).

Com relação ainda ao aspecto de afetividade, Jota (1976, p.106) afirma que “a conotação de piedade se observa nos adjetivos e a de intensidade também nos advérbios: *bonitinho, coitadinho, azulzinho, cedinho, agorinha*”.

A definição feita por Câmara Jr. (1986[1973]), em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, pode ser considerada um pouco mais abrangente que a de Crystal (2000), Dubois (1973) e Jota (1976). Além de abordar o aspecto citado acima de conotação afetiva que alguns nomes diminutivos carregam consigo, Câmara Jr. (1986[1973], p.64 e 92) afirma que o processo de formação dos nomes aumentativos e diminutivos se dá por derivação, fato esse que contraria o que muitas gramáticas e dicionários escolares propõem e que vai ao encontro do que consideramos neste trabalho - diminutivos e aumentativos fazem parte de um processo derivacional e não flexional.

DIMINUTIVOS - nomes substantivos **derivados**, que, com grau implícito, denotam por meio de um sufixo lexical específico <diminuição de dimensão> em relação aos primitivos correspondentes: ex. sala-salinha. (CAMÂMARA JR. , 1986[1973], p.92, grifo nosso)

AUMENTATIVOS - Nomes substantivos **derivados**, com grau implícito, que com um sufixo lexical específico denotam <aumento de dimensões> em relação aos primitivos de que se derivam; ex: sala-salão. (CÂMARA JR. , 1986[1973], p.64, grifo nosso)

1.2 Os diminutivos e aumentativos nas gramáticas (primeiras, históricas e escolares)

Sobre os aumentativos e diminutivos, as primeiras gramáticas da Língua Portuguesa (cf. Barros, 1540 e Oliveira, 1536) afirmam apenas sobre a dimensão destes nomes e somente Oliveira (1536) apresenta uma breve discussão a respeito da questão do grau. De acordo com ele, em sua *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536), as formas diminutivas e aumentativas em português fazem parte de um processo de flexão e não de derivação, o qual Oliveira denomina “formas tiradas”. Sendo assim, segundo esse autor, os nomes diminutivos e aumentativos não se “tiram”, ou seja, não se derivam, mas são formados a partir de regras específicas, e não são livres (regras da declinação natural), opinião esta que podemos conferir na citação abaixo e na versão original presente em uma versão anastática de Torres e Assunção (2000, cf. exemplo 1 a seguir):

E mais saberemos que não todas as especeas das dições tiradas são assi livres para poderem andar par'onde quizerem, porque os particípios e os nomes demenutivos e aumentativos e alghuns outros, ainda que não em tudo, **não se tiram mas formam-se guardando certas regras, das quaes diremos na declinação natural.** (OLIVEIRA, 1536, p.58, grifo nosso)

(1)

gua que lhe q̄fer mal:z mais saberemos q̄ não todas as
espeças das dições tiradas são assi liures pa poderē an
dar parōde quiserē porq̄ os participios:z os nomes de-
menutiuos z aumētatiuos z alghus outros ainda q̄ não
em tudo:não se tirã mas formãse guardado certas regras
das quaes diremos na declinação natural porq̄ nesta tra

A proposta de Oliveira (1536) exposta na citação e no exemplo acima parece diferenciar-se um pouco da proposta de nosso estudo, uma vez que o gramático considera os nomes aumentativos e diminutivos como parte de um processo de flexão de grau e este estudo considera como um processo derivacional², assim como Câmara Jr. (1985[1970]).

A respeito dos diminutivos e aumentativos, João de Barros (1540), em sua *Gramática da Língua Portuguesa*, faz referência apenas à característica de dimensão destes nomes e nada explora com relação ao processo de derivação ou de flexão de grau, como pode ser visto nas citações abaixo:

NOME diminutivo é aquele que tem algũa diminuiçãm do nome principal donde se derivou como: de homem, homenzinho; de molhér, molhèrzinha; de moço, moçinho; de criança, criançinha. E outros muitos que se fórmam e acabam em diferentes terminações, máis per vontade do povo que por regra de boa Gramática. (BARROS, 1540, p.8, grifo nosso)

ÉSTA maneira de nomes aumentativos é contrái/ra à de cima, porque ãa diminui a cousa e outra acreçenta. Destes nomes, Gregos e Latinos nam tratam em suas Gramáticas por os nam terem. E cási todos se terminam em AM e az como: molherãm, cavalam, velhacáz, ladrabráz e outros que sempre sam ditos em desprezo e abatimento da pe[s]soa ou cousa a que os atribuimos. (BARROS, 1540, p.9)

A primeira citação nos traz algo bem interessante sobre os diminutivos e que parece ser de bastante utilidade para explicar os dados coletados em nosso trabalho, uma vez que a partir dela podemos entender a variação existente entre *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)*; trata-se, como afirmou Moreno (1977) para o português atual (cf. subseção 1.4.1), mais da influência das escolhas do falante do que de regras de uma gramática normativa. Esta mesma opinião foi a

² Para um maior esclarecimento desta questão (derivação *versus* flexão), confira, mais adiante, a subseção 1.3.1 sobre os estudos de morfologia, que traz o pensamento de Câmara Jr. (1985[1970]).

de Barros (1540): “acabam em diferentes terminações, máis per vontade do povo que por regra de boa Gramática”.

Vejamos abaixo, a título de curiosidade, a versão facsimilada das páginas da gramática de João de Barros que abordam a questão dos diminutivos e aumentativos.

(2)

Do nome Diminutiuo. ¶

NOME Diminutiuo, e aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se deriuou: como de bõ-mê, bomerzinbo, de molher, molherzinba, de moço, mocubõ: de criança, criançinha. E outros muitos que se formam e acabam em diferentes terminações: mais per vontade do pouo que por regra de bõs Grammaticas.

Do nome Aumentatiuo. ¶

ESta maneira de nomes Aumentatiuos, e contrariã á de çtina: por que bõs diminuye a cousa, e outra a creçta. Destes nomes, Gregos, e Latinos nã tratã em suas Grammaticas por õs nam terem, e casy todos se terminã em, am, e az, como, molheram, caualã, uelha caz, ladrabaz e outros que sempre sam ditos e desprezo e abatimento da pessoa ou cousa a que os atribuimos.

Passemos agora às gramáticas históricas. A maioria delas considera aspectos relacionados aos sufixos formadores dos diminutivos e aumentativos (origem e variedade) e somente algumas exploram a questão da flexão de grau ou da derivação nestes nomes.

De acordo com algumas destas gramáticas (cf. Coutinho, 1970, Nunes, 1960[1919], Said Ali, 2001[1971]), diminutivos e aumentativos da Língua Portuguesa são formados a partir dos sufixos *-inh(o,a)* e *-ão/-on(a)*, no período arcaico de nossa língua.

O sufixo *-inh(o,a)* tem origem a partir do sufixo latino *-inu*. Alguns estudiosos, entre os quais Nunes (1960 [1919], p.379), por exemplo, afirmam que, além de ter origem do sufixo latino *-inu*, *-inho* tem origem também no sufixo *-ellu* (sufixo proveniente do sufixo átono *-ellus*) e que entra na formação dos seguintes diminutivos no PA: *moçelinno*, *fraquelinna*, *manselinna* e *eigrejelinna*.

É possível observar que em alguns vocábulos o sufixo *-inho* é substituído por *-zinho*. Para Coutinho (1970, p.241), essa substituição ocorre “quando a palavra a que ele se ajunta termina em vogal acentuada ou nasal e ditongo: *café- z- inho*, *sofá- z- inho*, *vintèn- z- inho*, *pai- z- inho*, *órgão- z- inho*”. Nessa substituição *z* assume a função de consoante de ligação

(chamada de “infixo” por vários estudiosos da área - cf. Nunes, 1960[1919], Michaëlis de Vasconcelos, [1912-13]) e isso acontece em função de determinados fenômenos de natureza fonética, dependentes do segmento inicial dos sufixos (cf. Nunes, 1960[1919]).

Em relação ainda à variante *-zinho*, é importante destacar que a maioria das gramáticas históricas consultadas afirmam que o infixo *z* é utilizado como forma de evitar o hiato (cf. Michaëlis de Vasconcelos, [1912-13], p. 68). No entanto, essa afirmação de Michaëlis de Vasconcelos vai contra as descrições mais atuais para o sufixo *-zinho*, já que tais descrições não consideram a hipótese de se evitar o hiato como a razão principal para o uso deste sufixo, e sim a natureza da terminação da base e a posição do acento.

Ressaltamos ainda que, a nosso ver, o termo “infixo” empregado por muitos estudiosos da língua não parece ser o mais adequado quando nos referimos à consoante *z* da variante *-zinh(o,a)*, pois, quando há a presença de um infixo em uma palavra de qualquer língua no mundo que permita a utilização deste tipo de afixo, a inserção deste modifica o significado da palavra formada. Por exemplo, Sândalo (2007, p. 187) expõe sobre a ocorrência do infixo *um* em radicais verbais da língua *tagalog* (falada nas Filipinas). Tal infixo indica a construção de formas verbais no passado e, sendo assim, observa-se que a forma do infinitivo verbal *takbuh* (“correr”) altera seu significado para o passado (“correu”) quando é inserido o infixo *um* (*tumakbuh*). Logo, nas formas em *-zinh(o,a)* observamos que não há alteração do significado quando adjungimos este morfema a uma base derivacional, permitindo nos inferir que a consoante *z* não corresponde a um infixo.

Com relação aos aumentativos, a maioria das gramáticas históricas revela que o sufixo *-on(a)* é o mais utilizado na formação de aumentativos no PA. Nunes (1960[1919], p.379) afirma que “é este o principal sufixo que entra na formação dos aumentativos, quer substantivos, quer adjetivos, e já o mesmo papel desempenhava no latim o sufixo *-one*³, que ele representa”. Portanto, observa-se que o sufixo *-on*, atual *-ão*, assim como *-inho*, teve origem latina.

É importante destacar ainda que nem sempre os vocábulos encontrados em *-on(a)*, assim como os encontrados em *-inno* e variações, designam aumentativo ou diminutivo. Silveira Bueno (1958, p.190, grifo nosso), em relação aos aumentativos, nos coloca que “muitas palavras portuguesas apresentam a terminação *-ão* **sem que encerrem significado**

³ É preciso ressaltar aqui que em muitos casos o sufixo latino *-one* não desempenhava papel na formação de aumentativos, ao contrário da afirmação de Nunes (1960[1919], p.379). Em palavras como “leão” (do latim, *leone* -cf. Silveira Bueno, 1958, p. 190), *-one* parece não formar nomes aumentativos. Sendo assim, neste trabalho consideraremos que tal sufixo não era formador, exclusivamente, de aumentativos no latim.

augmentativo, mas normativo⁴: irmão, limão, pagão, leitão. [...] Reproduzem o latim *-onem* (leão-leonem)”.

Outro aspecto bem interessante a respeito dos nomes aumentativos e que merece ser ressaltado está relacionado ao porquê, na maioria das vezes, de esses nomes terem uma conotação pejorativa, depreciativa. De acordo com Said Ali (2001[1971], p.49), isso se explica devido ao fato de que, não raramente, muitas palavras no aumentativo em latim eram utilizadas por plebeus e entre familiares através da forma genitiva *-onis*. Logo, por se tratar de palavras utilizadas em contextos de comunicação mais descontraídos, acabaram adquirindo esse caráter pejorativo que muitos aumentativos até hoje carregam consigo.⁵

A questão exposta anteriormente - de que nem sempre um aumentativo ou um diminutivo designam coisas grandes ou pequenas - não é algo que possuía foco apenas na época de Silveira Bueno (metade do século XX), mas continua em evidência na língua portuguesa atual (do século XXI). Artigos como o de Bizzocchi (2011) para a *Revista Língua Portuguesa* mostram que esse assunto continua atual:

“Fogão” não é um fogo grande; “balão” não é uma bala gigante. Além desses casos extremos de aumentativos e diminutivos puramente formais, existem muitos outros (a maioria) que revelam muito menos o tamanho do objeto do que nosso estado de espírito em relação a ele. Meu “filhinho” pode ter 1,90 m de altura, meu “brinquedinho” pode ser uma Ferrari, meu “cãozinho” pode ser um mastim napolitano... Em compensação, uma mulher não precisa ser alta nem gorda para ser um “mulherão”. (BIZZOCCHI, 2011, p.28-29).

Passando agora à questão da flexão de grau e da derivação, apenas algumas destas gramáticas históricas, como dito anteriormente, abordam-na (cf. Said Ali, 2001[1971] e Silveira Bueno, 1958). Said Ali (2001[1971]) afirma que a “**derivação diminuta**” é bem mais produtiva que a “**derivação aumentativa**”, fato este que nos permite constatar que tal autor, mesmo tendo tratado superficialmente o assunto, considera o processo de formação de diminutivos e aumentativos como derivacional. Por outro lado, Silveira Bueno (1958, p.149) aponta sua opinião em direção à flexão⁶, uma vez que o autor considera diminutivos e

⁴ No sentido de “grau normal”.

⁵ No mapeamento das ocorrências nas CSM e nas CEM, foi possível constatar aumentativos utilizados com sentido pejorativo, como será possível observar, com mais detalhes, nos apêndices 1 e 2 desta dissertação, por meio dos quadros de ocorrências.

⁶ Nesta dissertação, não assumimos a mesma posição de Silveira Bueno (1958), que considera aumentativos e diminutivos parte de um processo flexional. Nosso estudo aponta para o fato de as formas aumentativas e diminutivas serem derivacionais, pois, como será discutido mais adiante, aumentativos e diminutivos, diferentemente das formas de nossa língua que fazem parte de um paradigma flexional, não desencadeiam um mecanismo obrigatório e coerente. Contudo, não se pode ignorar o fato de que o falante de PB possui boa intuição quanto a *-inh(o,a)* e *-ão* indicarem “grande” e “pequeno”, tanto quanto intuições relativas a processos

umentativos como substantivos que apresentam grau: “Os substantivos apresentam os graus comuns de aumentativo, diminutivo e os adjetivos, comparativos e superlativos”.

Por fim, façamos uma breve exposição do que trazem as gramáticas escolares sobre os aumentativos e diminutivos em Língua Portuguesa. Grande parte delas aborda, assim como os dicionários escolares, a questão do grau e da afetividade e pejoratividade inerente aos diminutivos e aumentativos.

Cegalla (1978, p.82), em sua *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, afirma que: “Os substantivos flexionam-se para indicar o gênero, o número e o grau”. Mais adiante ele expõe, ainda: “Grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. São dois os graus dos substantivos: aumentativo e diminutivo” (CEGALLA, 1978, p.94).

Sobre o grau, Bechara (1980, p.87) nos coloca que “a NGB estabelece dois graus de significação do substantivo: a) *aumentativo: homenzarrão* b) *diminutivo: homenzinho*”, sem realizar nenhuma reflexão a respeito do embate flexão *versus* derivação. Tal reflexão aparece em uma versão mais atual de sua *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, na qual Bechara (2005, p.140) afirma que “a flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea”, levando o leitor a concluir que os nomes diminutivos e aumentativos podem fazer parte de um processo derivacional.

A respeito da afetividade e pejoratividade dos diminutivos e aumentativos, Cunha (1970) faz uma ressalva e afirma que não são todos os aumentativos e diminutivos que expressam diminuição e aumento e que os aumentativos podem indicar desproporção, disformidade:

Convém ter em mente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as idéias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim, *narigão*, *beizorra*, *pratarraz*, *atrevidaço*, *porcalhão*, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO. (CUNHA, 1970, p.140, grifos do autor)

Bechara (1980, p.87-88) nos mostra ainda que

flexionais de gênero e número (por exemplo, quanto a *-a* indicar feminino e *-s*, plural) e a derivações muito frequentes (por exemplo, quanto a *-eiro* indicar “pé de fruta”).

Fora da idéia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas: poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha.

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo. A idéia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas: paizinho, mãezinha, queridinha.

A partir da citação acima de Bechara (1980), percebemos que, muitas vezes, não somente os nomes aumentativos trazem o sentido de pejoratividade, como exposto pela maioria das gramáticas e dicionários, mas também os nomes diminutivos, em palavras como “livreco”, “politicalho”, etc.

Considerando mais uma gramática escolar - a *Gramática Secundária*, de Said Ali (1964), constatamos que, assim como em sua gramática histórica (ALI, 2001[1971]), este estudioso opina a favor do processo derivacional nos diminutivos e aumentativos:

Chamam-se AUMENTATIVOS os nomes derivados que exageram a significação dos respectivos nomes primitivos. São, pelo contrário, DIMINUTIVOS os nomes derivados que atenuam a significação dos substantivos derivantes. (ALI, 1964, p. 32, grifos do autor)

A partir desta exposição sobre os nomes aumentativos e diminutivos feita sob o viés das gramáticas da língua portuguesa (as primeiras, as históricas e as escolares) podemos inferir que ora temos os diminutivos e aumentativos sendo tratados como flexão de grau ou derivação ora temos a questão da afetividade/pejoratividade e da origem destes nomes.

1.3 Os diminutivos e aumentativos e os estudos acadêmicos

Esta subseção apresentará alguns trabalhos acadêmicos que abordam a questão dos diminutivos e aumentativos em nossa língua. Primeiramente, consideraremos trabalhos clássicos da área de morfologia (cf. Basílio 2000, 2004; Câmara Jr, 1985[1970]; Monteiro, 2002 e Rocha, 1999). Em seguida, exporemos as ideias contidas em algumas teses e dissertações das mais diversas áreas da linguística, a citar as de autoria de Moreno - *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português* (1977) e *Morfologia nominal do Português: Um estudo de Fonologia Lexical* (1998) -, a de Almeida (1999), de Carvalho (2009) e Teixeira (2008). Exporemos ainda algumas reflexões de Bisol (2010), em um artigo em que a autora faz reflexões sobre a alternância de *-inho* e *-zinho* sob o viés da Teoria da Otim(al)idade (TO).

1.3.1 Estudos acadêmicos da área de morfologia

Ao pesquisarmos sobre os nomes diminutivos e aumentativos em estudos consagrados da área de morfologia, percebemos que em grande parte deles a questão do grau, tão explorada pelas gramáticas tradicionais, deixa de ter sentido dentro de uma ciência como a linguística, que pretende ser descritiva e não normativa. A maioria dos estudiosos da área (Basílio 2000, 2004; Câmara Jr, 1985[1970]; Monteiro, 2002 e Rocha, 1999) afirma que diminutivos e aumentativos do Português não passam por um processo de flexão de grau, mas são manifestações de um processo de derivação sufixal.

Apesar de termos constatado que já algumas gramáticas históricas nos traziam um esboço de que diminutivos e aumentativos poderiam fazer parte de um processo derivacional, só foi a partir do estudo de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1985[1970]) que esta questão foi abordada com mais veemência. Pode-se afirmar que os estudos citados acima possivelmente tenham tido grande influência do trabalho de Mattoso.

Câmara Jr. (1985[1970], p.73) afirma que considerar os sufixos de diminutivo e aumentativo como flexionais é um grande equívoco cometido pelas nossas gramáticas tradicionais, decorrido “ da transposição pouco inteligente de um aspecto da gramática latina para a nossa gramática”.

Tal aspecto da gramática latina está relacionado ao uso do morfema gramatical *-issimus*. Em latim este morfema fazia parte de um processo flexional, indicando que o nome no qual ele (*-issimus*) era adjungido era superior a outro. Portanto, *-issimus* expressava a intensificação de uma qualidade em um padrão de frase comparativa. Logo, a transposição pouco inteligente a qual Câmara Jr. (1985[1970]) faz referência está relacionada ao fato de que, em português, a possibilidade de se substituir formas diminutivas por formas com o morfema *-issimus* (**queridinho = queridíssimo**) deu origem a reflexões acerca dos nomes diminutivos e aumentativos como sendo parte dos processos flexionais.

Contudo, tal argumento não é suficientemente forte, quando nos deparamos com aspectos que permitem distinguir o padrão flexional do português em contraposição ao padrão derivacional. A respeito dos processos derivacionais, o autor admite que tais processos ocorrem em um fenômeno de *derivatio voluntária*, aproveitando o termo do gramático latino Varrão (116 a.c.- 26 a. c.). Na *derivatio voluntaria* as palavras não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória. Dessa forma, “os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro **regular, coerente e preciso**. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado” (CÂMARA JR., 1985[1970], p.71, grifo nosso).

E essa possibilidade de opção citada por Câmara Jr. é perceptível sobretudo nos sufixos de diminutivo e aumentativo: *-inho*, *-zinho* e *-ão*, respectivamente. O falante, com sua capacidade inata para a língua materna, pode optar em dizer “casa pequena” (forma analítica) ou “casinha” (forma sintética), assim como pode falar “bola grande” ou “bolão/bolona”. Em outras palavras, “a expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si” (CÂMARA JR., 1985[1970], p.73).

Sendo assim, é possível inferir que os processos derivacionais com diminutivo e aumentativo não obedecem a nenhuma “regra obrigatória”, ou seja, a nenhum mecanismo que torne obrigatório o uso da forma analítica ou da forma sintética.⁷ Portanto, quando nos deparamos com os sufixos de diminutivo e aumentativo, estamos diante de um processo derivacional e não flexional, pois o falante não precisa obrigatoriamente optar por uma das formas (analítica ou sintética), mas pode utilizar as duas.

Outro fato que evidencia que os sufixos de grau são derivacionais e não constituem uma desinência flexional está relacionado à concordância. Obrigatoriamente, em um plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância em português, enquanto que a derivação não exige esse mecanismo. Assim sendo, é mais usual a construção “casinha linda” do que “casinha lindinha”.

Rocha (1999, p. 224-225) também menciona a questão da não obrigatoriedade da concordância em processos derivacionais, enquadrando, desta forma, os aumentativos e diminutivos como parte integrante destes processos: “Em Tião mora em uma casinha amarela no fim da rua, a concordância dos determinados se dá com o gênero do substantivo e não com o grau do substantivo” (ROCHA, 1999, p.224). Esta citação nos mostra que, assim como Câmara Jr., Rocha afirma não ser tão usual uma construção como “casinha amarelinha” e, por isso, diminutivos e aumentativos não seriam processos flexionais, uma vez que a flexão “caracteriza-se por apresentar regras sintáticas de concordância e regras morfológicas. Sendo assim, [...] o grau sintético do substantivo e do adjetivo inserem-se, sem maiores dificuldades, no estudo da derivação sufixal” (ROCHA, 1999, p.225).

Outro estudo que coloca os diminutivos e aumentativos como parte de um processo derivacional é o de Basílio (2000, p.38). A autora não chega a realizar uma reflexão como a

⁷ Borges (2008) também faz uma discussão semelhante, porém para as formas verbais do PA. Entretanto, diferentemente do que ocorre com os aumentativos e diminutivos, a autora chega à conclusão de que nas formas futuras do modo indicativo em PA, observa-se certa preferência pelas formas analíticas: “A conclusão a que se chega com a análise de nossos dados [...] é que as formas na expressão de futuro em PA são analíticas, isto é, são duas palavras usadas para se exprimir o futuro [...]” (BORGES, 2008, p.200).

de Assis Rocha (1999); ela apenas cita brevemente no capítulo sobre derivação a formação de palavras como “gatão” e “sarampão”, o que nos leva a supor que essa estudiosa não pensa na hipótese de os nomes aumentativos e diminutivos fazerem parte de um processo flexional. O foco de Basílio, entretanto, é evidenciar a função expressiva da linguagem na formação dos diminutivos e aumentativos:

Tanto o diminutivo quanto o aumentativo, em sua função central de indicar uma dimensão menor ou maior daquilo que é considerado implicitamente como um padrão normal, apresentam também uma função de expressar uma atitude emocional do falante em relação ao tamanho do objeto por ele dimensionado. (BASÍLIO, 2000, p. 84)

Como já vimos, a questão da emotividade do falante no momento em que ele se utiliza de diminutivos e aumentativos sempre foi abordada tanto por dicionários de linguística (cf. Dubois, 1973; Jota, 1976) quanto por gramáticas escolares (cf. Bechara, 1980; Cunha, 1970).

Esta questão da atitude emocional do falante deixou-se transparecer até mesmo nos resultados obtidos na coleta de dados desta pesquisa. Na seção 5 desta dissertação veremos que nas cantigas de *Santa Maria*, cujo caráter é religioso, há a predominância de nomes diminutivos e, nas cantigas de escárnio e maldizer, predominam os aumentativos.

Diante desse fato, podemos supor que isto tenha relação justamente com as características intrínsecas a esses textos, uma vez que, no caso das CSM, essas cantigas apresentam um caráter religioso e são destinadas à Virgem Maria, possibilitando ao falante utilizar uma linguagem com uma conotação afetiva positiva muito maior. Tal conotação afetiva positiva aparece sobretudo nos nomes diminutivos. Por outro lado, as cantigas de escárnio e maldizer possuem um caráter depreciativo, uma vez que o objetivo principal é falar mal de alguém. Sendo assim, não é de se estranhar que os nomes aumentativos sejam maioria nessas cantigas, já que carregam consigo valores afetivos negativos, também chamados pejorativos.

Sobre os aumentativos e diminutivos, Basílio (2004) afirma, assim como em seu estudo de 2000, que estes nomes são influenciados pela atitude emocional do falante e que podem ter uma função expressiva (diminutivo e aumentativo são usados como marcador de afetividade ou depreciação) ou denotativa (um referente denotando características de pequeno ou grande). A função expressiva (chamada também subjetiva) é a mais utilizada pelos falantes, uma vez que expressa subjetivamente a excelência de algo nos aumentativos (“João tem um cachorrão”) ou a afetividade do falante sobre o objeto referido nos diminutivos (“Cadê minha cervejinha?”).

A emotividade inerente aos diminutivos e aumentativos não é algo restrito aos estudos de morfologia de alguns anos atrás. Tal assunto é foco também em textos não acadêmicos atuais, como por exemplo o de Bizzocchi (2011) na *Revista Língua Portuguesa*, publicação direcionada para o público em geral. Assim como Basílio (2000; 2004), o autor afirma que a função expressiva é a mais utilizada pelos falantes do PB:

[...] nenhuma língua que eu conheça usa aumentativos e diminutivos tão abundantemente como o português. E, o que é mais interessante, com as mais variadas nuances de sentido, do apreço (“queridinho”) ao desprezo (“mulherzinha”), do carinho (“filhão”) ao ódio (“bandidão”). Parece que uma cervejinha é muito mais gostosa e refrescante do que uma simples cerveja. Uma comidinha caseira é sempre apetitosa. E um cochilinho depois do almoço é altamente relaxante e reparador. (BIZZOCCHI, 2011, p.29)

Sobre esse assunto, Bizzocchi (2011, p. 29) afirma ainda que

[...] se é verdade que as línguas podem revelar a visão de mundo de seus falantes, eu arriscaria dizer que vemos o mundo com olhos sentimentais e compassivos. [...] Nossa fala é impregnada de sentimento, mesmo quando pretendemos ser neutros e objetivos, e o uso generalizado dos sufixos -ão e -inho pode ser um sinal de quanto os falantes do idioma são passionais.

Retomando os estudos de Basílio (2004, p.67), a autora nos informa que o grau está relacionado à “intensidade de uma qualidade ou da dimensão de um objeto” e não a mecanismos gramaticais. Sendo assim, “o grau se coloca no âmbito da formação de palavras”.

Considerando os aumentativos e diminutivos dentro do processo de formação de palavras, a autora nos mostra que esses nomes são derivacionais, desencadeando prefixação ou sufixação: “O aumentativo é formado sobretudo pelo acréscimo do sufixo -ão. [...] pode ser formado por prefixação; os prefixos mais usados são macro-, mega- e super-” (BASÍLIO, 2004, p.69).

Sobre os diminutivos, afirma: “O principal elemento formador de diminutivo é o sufixo *-inho*. O sufixo *-inho*, entretanto, alterna com *-zinho*” (BASÍLIO, 2004, p. 71). Portanto, a partir dessas citações podemos inferir que para a autora diminutivos e aumentativos fazem parte de um processo derivacional. Destaca-se ainda o fato de Basílio ter mencionado a alternância entre os sufixos *-inho* e *-zinho*, uma vez que tal distinção é muito importante, revelando que tais elementos diferem-se em vários aspectos, como será possível observar na próxima subseção, por meio do trabalho de Moreno (1977).

Para encerrar esta subseção, remetemo-nos ao trabalho de Monteiro (2002). Segundo esse autor, os diminutivos e aumentativos de nossa língua são parte de um processo

derivacional: “Assim, um substantivo como **adeus** faz o diminutivo mediante o acréscimo do sufixo [inho]: **adeusinho**” (MONTEIRO, 2002, p.144).

1.3.2 Estudos acadêmicos de outras áreas

1.3.2.1 Moreno (1977, 1998)

Os trabalhos de Moreno contemplam uma descrição minuciosa dos elementos *-inho* e *-zinho* em sua função de formadores de diminutivo de vocábulos nominais, a fim de tentar definir: (1) se eles são, na verdade, dois elementos distintos, individualizados, ou se não passam de duas variantes de uma mesma forma, e (2) se a classe a que pertencem é a dos sufixos, ou se é outra a sua natureza, constituindo verdadeiras unidades vocabulares. A diferença entre o estudo de 1977 e o de 1998 reside no fato de neste último Moreno utilizar a teoria da Fonologia Lexical (FL) para tentar definir o lugar de formação dos diminutivos em Português Brasileiro. Devido ao intuito desta pesquisa (estudar o *status* fonológico dos nomes diminutivos e aumentativos em PA como formas simples ou compostas), parece relevante retomarmos aqui algumas considerações feitas por Moreno a respeito das propriedades específicas destes elementos, motivando uma reflexão a respeito do processo de formação desses vocábulos.

Para tentar uma definição dos elementos *-inho* e *-zinho* dentro do sistema da língua portuguesa, Moreno (1977) começa por diferenciar e delimitar os tipos de vocábulos existentes em nossa língua - vocábulo fonológico, morfológico, composto e ortográfico.

O vocábulo fonológico seria para Moreno (1977, p. 4) algo similar ao que Câmara Jr. (1979[1975]) já propunha - vocábulos fonológicos em português distinguem-se pela distribuição dos acentos tônicos em casos como “hábil idade” (2 acentos, 2 vocábulos fonológicos) e “habilidade” (1 acento, 1 vocábulo fonológico). Sendo assim, a determinado número de acentos tônicos corresponde igual número de vocábulos fonológicos.

Embasando-se em Bloomfield (1933), Moreno (1977) define o vocábulo morfológico como uma forma mínima livre. As formas livres são as que podem ocorrer sozinhas, e as presas são as que não têm essa possibilidade. O autor ainda faz uma comparação muito interessante entre vocábulo morfológico e vocábulo fonológico.

No português, é possível dois vocábulos morfológicos unirem-se para formar um terceiro, isto é, o vocábulo morfológico A une-se ao vocábulo morfológico B e eles passam a constituir o vocábulo morfológico C. Todavia, essa operação não é necessariamente a mesma que ocorre no nível do vocábulo fonológico (ao menos assim como o definimos). Mesmo depois de constituírem a nova unidade morfológica C, é possível que tanto A quanto

B mantenham sua condição de vocábulos fonológicos individuais a e b. Neste caso, o vocábulo C é morfologicamente um só, mas dois fonologicamente (ab). Ocorre aqui o fenômeno que nos habituamos a denominar de justaposição. (MORENO, 1977, p.5)

A citação acima é útil porque toca em uma questão que nos é fundamental para a realização do presente trabalho: a interação entre morfologia e fonologia. Como exposto por Moreno, nos processos de formação de palavras, inclusive dos diminutivos e aumentativos, podemos verificar que um vocábulo morfológico equivale muitas vezes a dois fonológicos (cf. seção 5 sobre os diminutivos em *-cinno*), fato este que pode comprovar uma possível tendência de alguns nomes da língua portuguesa serem classificados como compostos, mas isto será mais bem detalhado daqui a algumas seções.

Continuando a delimitação dos tipos de vocábulo em português, passemos agora ao vocábulo composto. Tomando como base Câmara Jr. (1985[1970], p. 213), Moreno define este vocábulo em dois tipos: justaposição e aglutinação. A justaposição, como visto na citação anterior, é o processo que diz que um vocábulo é morfologicamente um e fonologicamente dois, pois cada parte formativa carrega seu acento próprio. Na aglutinação estabelece-se apenas um vocábulo fonológico. Morfologicamente, esses dois processos podem formar um único vocábulo morfológico (“cafezinho” - justaposição e “planalto” - aglutinação).

Por fim, Moreno define o vocábulo ortográfico, afirmando que este é a segmentação de qualquer linha escrita e está relacionado, portanto, com os vocábulos fonológicos e morfológicos, pois, segundo esse autor, não são raras as vezes em que o falante “tenta aproximar-se do nível do vocábulo morfológico - parece trazer à linha escrita um outro sistema de partição vocabular, baseado em critérios fonológicos, e que só consideramos “errado” porque não foi essa a convenção que se adotou para o português escrito desde o século XVI” (MORENO, 1977, p. 19, aspas do autor). Como exemplo dessa questão, o estudioso apresenta algumas formas que frequentemente aparecem nos trabalhos escolares, como **derrepente*, **porisso*, as quais revelam que a segmentação do vocábulo ortográfico muitas vezes é pautada em critérios fonológicos.

Após a definição dos tipos de vocábulos existentes no sistema de nossa língua, Moreno (1977) realiza uma distinção entre compostos e locuções, distinção muito importante para a argumentação que o autor fará no momento de definir a função dos elementos *-inho* e *-zinho* no PB. De acordo com o estudioso, a solução para distinguir compostos e locuções seria uma aproximante do que Câmara Jr. (1985[1970], p. 61) já havia proposto: “havendo flexão apenas no último elemento, há justaposição; na locução, dá-se o contrário, e a

possibilidade de flexão de seu primeiro elemento denuncia seu caráter não unitário” (MORENO, 1977, p. 13). Como exemplo do primeiro caso (justaposição), temos “guarda-chuva --> guarda-chuvas” (flexão só no último elemento), e, para o segundo caso (locução), temos “hotéis +-zinho(s) --> hoteizinhos” (flexão nos dois elementos, flexão).

Tomando como base a ideia exposta acima, é possível afirmar que Moreno (1977, p. 98) classifica *-zinho* não como um sufixo, mas como uma palavra fonológica independente. Sendo assim, afirma que as formações com este elemento não podem ser nem derivacionais nem flexionais, postulando, portanto, a hipótese de que tais formações seriam locuções, uma vez que os vocábulos com *-zinho* possuem flexão no primeiro elemento, “traço indicador da presença de uma locução.”

Além de considerar *-zinho* uma locução, Moreno (1977) lista algumas outras características desse elemento que comprovam sua autonomia. A primeira delas é que *-zinho* tem acento próprio e o mantém sempre. O elemento a que se liga também mantém o acento (“cafézínho”)⁸, - fato que não ocorreria se *-zinho* fosse um sufixo. Essa primeira característica a favor de se considerar *-zinho* um elemento independente pode suscitar algumas discussões. O autor afirma que *-zinho* possui um acento próprio e que o mantém sempre, porém tal característica não é exclusiva de *-zinho*, podendo aparecer em outros sufixos da língua portuguesa e que não revelam autonomia, como por exemplo em *-eiro*. Além disso, o fato de o acento da base derivacional ser mantido parece não estar muito bem explicado, pois há uma manutenção desse acento, mas o autor não explora que depois pode haver ou não um deslocamento.

A segunda característica apontada por Moreno (1977) para a definição de *-zinho* como elemento autônomo diz respeito ao fato de que tal elemento possui uma forma de ocorrência totalmente livre, apresentando um significado, muitas vezes, de indivíduo:

Tudo indica que -zinho seja um vocábulo independente, que só ocorra na formação do diminutivo. Existe, como já apontou Maurer Jr., uma forma de ocorrência totalmente livre, zinho(a), com o significado de "indivíduo", "sujeito". O Novo Dicionário Aurélio registra tanto o feminino (mais comum), quanto o masculino (que considera pouco usado), atribuindo-lhes o significado de "qualquer mulher", "qualquer homem", com clara conotação depreciativa. (MORENO, 1977, p.95, grifos do autor)

Tomando como base essa segunda característica (forma com significado de indivíduo) podemos refletir se *-zinho* realmente é, como afirma Moreno (1977), uma forma totalmente

⁸ Para maiores detalhes sobre a questão do processo de atribuição do acento secundário em algumas palavras do português, conferir nas páginas 97 e 98 as discussões realizadas por Collischonn (1994) e Costa (2006, 2010).

livre. Ao fazermos uma breve busca pela rede internacional de computadores (internet), notamos que no PB atual a forma *zinho* só aparece desvinculada (separada) de sua base quando é utilizada como nome próprio, com letra maiúscula (Zinho), em construções como “Bar do Zinho” (<http://www.agitoararaquara.com.br>), “Zinho Imóveis” (<http://www.zinhoimoveis.com>) e “Hotel Pousada Vovô Zinho” (<http://www.pousadavovozinho.com.br>). Quando *-zinho(a)* é utilizado com o significado de “qualquer homem”, “qualquer mulher”, tal forma não ocorre independentemente de sua base, aparecendo juntamente dos pronomes (geralmente demonstrativos) utilizados: “Essazinha” (blog feminino - <http://www.essazinha.com.br>), “Aquelazinha roubou meu *look*.” (exemplo extraído do blog feminino *Wings of fashion* - <http://wingsoffashion.com>).

Sendo assim, não podemos afirmar com tanta certeza que *-zinho* é uma forma totalmente livre, pois é **só** nas construções com nome próprio que tal forma aparece separada de sua base, fato este que não ocorre quando tal elemento é utilizado com o significado de “qualquer homem/mulher”. Logo, nas construções em que *zinho* aparece como nome próprio, podemos supor que há um comportamento semelhante ao das perífrases, uma vez que, apesar do uso de unidades mórficas separadas, “há uma unidade semântica na composição” (CÂMARA JR., 1979[1975], p. 164). Além disso, há também a possibilidade de inserirmos nessas construções outros vocábulos (“Zinho **dos** Imóveis”), característica essa das perífrases. Por outro lado, nas construções em que *-zinho* aparece junto de pronomes demonstrativos, observamos um comportamento morfológico e prosódico semelhante ao dos compostos, já que em “essazinha”, “aquelazinha” não podemos inserir nenhum vocábulo entre a base e *-zinho(a)*: **essamuitozinha*, **aquelapoucozinha*, assim como ocorre nos compostos - **guarda-muita-chuva*.

Outra característica apontada por Moreno a respeito da autonomia de *-zinho* é o fato de esse elemento sempre aparecer depois de palavras completas, com vogal temática (quando existe) - “cafezinho” (PB).

Sobre o elemento *-zinho*, o autor afirma ainda que

enquanto o espanhol mantinha o incremento deste -c-, o português alterou-o, naturalmente, para -z-.

O emprego desta forma "reforçada" veio aumentando progressivamente desde o português medieval, concorrendo e, em muitos casos, suplantando, o próprio *-inho* (*pastorinho*: *pastorzinho*; *florinha* : *florzinha*, e assim por diante). (MORENO, 1977, p.66-67)

Embasando-nos na citação acima podemos afirmar que *-zinho* não está, desde o português medieval, em distribuição complementar com *-inho*, ou seja, ambos os elementos podem ser adjungidos a qualquer palavra do português, independentemente de sua terminação (cf. seção 5 de análise de dados).⁹

Com relação à classificação de *-inho*, Moreno conclui que este é um problema muito mais delicado do que a classificação de *-zinho* e, por isso, propõe três hipóteses. Na hipótese 1, Moreno propõe a possibilidade de *-inho* ser um infixos, sendo acrescentado entre o radical da palavra e os sufixos flexionais (moç *inh* a). Esta hipótese é um tanto fraca, pois, se considerarmos a definição de infixos como “afixo inserido dentro de um morfema” (cf. Moreno 1977, p.100), estaremos em uma situação incoerente, uma vez que *-inho* vai aparecer sempre entre dois morfemas e não no interior de um deles; se ele fosse um infixos teríamos uma formação do tipo **moinhça* (*-inh* no interior do morfema *moç-*), fato este considerado agramatical no sistema da língua portuguesa.

A hipótese 2 propõe que *-inho* é um sufixo, sendo classificado como sufixo derivacional, localizado depois do radical e antes dos sufixos flexionais. Contudo, o próprio Moreno (1977) afirma que algumas características inerentes a *-inh* não possibilitam sua classificação como sufixo derivacional, uma vez que tais características não lhe permitem fazer parte de um processo derivacional, como por exemplo, o fato de *-inh* não formar um vocábulo novo,

mas apenas o vocábulo primitivo com uma especificação momentânea de sua dimensão (com todos os efeitos emocionais e expressivos que podem ser alcançados por meio desse recurso), com a insólita propriedade de voltar, sem dificuldade aparente, ao vocábulo primitivo. (MORENO, 1977, p. 102)

O argumento que considera *-inh(o,a)* uma forma linguística que não forma vocábulo novo parece ser um tanto incoerente, pois temos exemplos muito próximos de nossa realidade os quais mostram que tal elemento forma palavras novas, como é o caso de “calcinha” e de “gatinha”. No primeiro exemplo, não temos em sua formação a presença do vocábulo primitivo (*calça*) mais *-inh(a)*, uma vez que “calcinha” não é uma calça jeans ou de moletom pequena, mas sim uma peça do vestuário feminino, formando assim uma palavra nova na língua, com sentido especializado (cf. Ali 2001[1971], p. 49). O mesmo sentido especializado

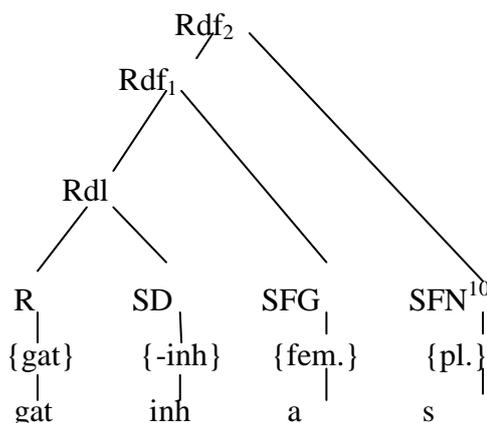
⁹ Deve-se ressaltar aqui que de fato *-inh(o)* e *-zinh(o)* não estão em distribuição complementar desde o PA, mas não deixam de estar em uma determinada distribuição, pois, como será possível observar com os dados expostos na seção 5, a maioria das formas em *-cinno* são adjungidas preferencialmente a bases oxítonas enquanto as formas em *-inn(o)* a bases derivacionais paroxítonas.

e, portanto, formador de palavras novas ocorre em “gentinha” (pessoa de classe inferior) e ainda em “camisinha” (método contraceptivo).

A citação acima aponta ainda uma característica não só dos diminutivos em *-inho*, mas também dos em *-zinho*: a reversibilidade, ou seja, a partir da forma diminutiva facilmente voltamos à forma da palavra primitiva. A questão da reversibilidade é observável tanto em PB quanto em PA. Por exemplo, da forma diminutiva “casinha”, podemos retornar a forma primitiva “casa”, basta sabermos que *-inh* é o sufixo e o que resta é a palavra primitiva. Em PA, algo semelhante pode ser verificado. Uma palavra como *fremosinna* pode ser facilmente reversível à sua forma primitiva, basta que o leitor tenha conhecimento de que em PA *-inn* é o sufixo diminutivo e que o restante é a palavra primitiva, no caso *fremosa*. Contudo, destacamos que a questão da reversibilidade não é algo exclusivo dos diminutivos, podendo aparecer em outras formas derivadas, como por exemplo, de “refrigerador” voltamos facilmente a “refrigerar”, de “pedreiro” voltamos a “pedra” e de “casamento” voltamos a “casa”. Sendo assim, nos parece que a característica da reversibilidade não é suficientemente forte para distinguir as formas diminutivas, tanto em PB como em PA, das demais formas derivacionais da língua.

Moreno (1977), a respeito ainda desta segunda hipótese (*-inho* é um sufixo), afirma que *-inho* não está entre o radical e os sufixos flexionais - “é certo que ele vem depois de um radical, mas os sufixos flexionais que estão à sua direita são os seus próprios. Em outras palavras: *-inho* pode ser tomado como um elemento autônomo, que participa de um processo de composição” (MORENO, 1977, p. 102, grifos do autor). Porém, tal afirmação de Moreno (1977) parece não estar em consonância com o paradigma derivacional da língua portuguesa, o qual assume que na derivação temos radical + sufixo + vogal temática ou desinência de gênero (cf. exemplo a seguir extraído de Laroca, 2001, p. 75).

(3)



Sendo assim, parece que *-inh(o,a)*, tanto em PB quanto em PA, depende de uma determinada estrutura morfológica e não pode ser considerado autônomo, como veremos na análise dos dados do português medieval na seção 5 desta dissertação.

A terceira hipótese resulta da segunda - hipótese do elemento autônomo. Moreno considera que as formações com *-inho* são compostas, por possuírem autonomia no momento de sua formação, como a questão da reversibilidade.

Mais do que afirmar que os elementos *-inho* e *-zinho* não estão em distribuição complementar desde o período medieval de nossa língua, Moreno (1977) diz ser necessário distinguir quais vocábulos são mais propensos a receber *-inho* e quais são mais propensos a unir-se a *-zinho*, sem descartar, é claro, a possibilidade de que na maioria dos casos, o falante, influenciado por escolhas psicolinguísticas, sociolinguísticas e até mesmo estilísticas, pode optar por utilizar as duas formas para uma mesma palavra primitiva. Sendo assim, o autor afirma que “O exame da distribuição de -inho e -zinho com base numa distinção entre oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas poderá levar a alguma coisa” (MORENO, 1977, p.63, grifos do autor).

Pode-se afirmar que a estratégia de distinção tipológica pautada na sílaba tônica da palavra primitiva foi muito bem escolhida pelo autor, pois parece ser coerente e fundamental abordar a questão acentual em um estudo que pretende definir e delimitar se determinados elementos (no caso *-inho* e *-zinho*) possuem estatuto autônomo ou não. Para a distinção tipológica, Moreno (1977, p. 86) começa formulando a seguinte regra: “(a) todas as formas

¹⁰ De acordo com Laroca (2001, p. 75), tais abreviaturas (Rdf, Rdl, R, SD, SFG e SFN) significam respectivamente: radical flexional, radical lexical, raiz, sufixo derivacional, sufixo flexional de gênero e sufixo flexional de número.

podem receber -zinho; (b) só as formas terminadas em consoante podem receber -inho” (MORENO, 1977, p. 86).

Moreno (1977, p.88), mais adiante em sua dissertação, reformula a regra exposta acima e afirma que “só recebem -inho os vocábulos paroxítonos cujos radicais terminem em consoante”. Porém, o autor constata algumas exceções para essa regra no PB: palavras como “traste”, “duque”, “nove” são paroxítonas com radicais¹¹ terminados em consoante, mas não aceitam *-inho* (**trastinho*, **duquinho*, **novinho*, mas sim *trastezinho*, *duquezinho* e *novezinho*).

Posteriormente, o autor reformula a regra dada anteriormente: “só os paroxítonos podem receber *-inho*, com exceção daqueles cuja vogal tônica é [i] e esta se encontra imediatamente antes da vogal que será suprimida com o acréscimo do sufixo” (MORENO, 1977, p.92, grifo nosso). Porém, a reformulação acaba por não dar conta das exceções apontadas, embora prediga que todos os paroxítonos podem receber *-inho*, exceto palavras como “dia”, “tia” (**diinha*, **tiinha*), em que a vogal tônica é /i/. Tomando como base tal regra, podemos tentar explicar várias formações diminutivas tanto do PB quanto do PA. Como o foco deste estudo é o PA, exemplificaremos com as ocorrências de diminutivo mapeadas neste período da língua. É verdade que a maioria dos radicais das ocorrências de diminutivo em PA é paroxítona e recebe o sufixo *-inho* (*ansarinno*, *passarinna*). No entanto, não somente os radicais paroxítonos recebem tal sufixo, uma vez que radicais como pastor- é oxítono e pode receber o sufixo *-inno* do PA (*pastorinno*).

Após formular e reformular essas regras, Moreno (1977) acaba por concluir que o sufixo *-zinho* apresenta todas as características que permitem identificá-lo como vocábulo independente. Isso confirma um caráter misto deste elemento. Como palavra fonológica, possui acento próprio e as formas a que se liga mantêm o acento. Com relação a *-inho*, o autor afirma que tal elemento é independente, pois possui autonomia no momento de sua formação, como a possibilidade de reversibilidade. Porém, como argumentado anteriormente, muitas das características apontadas por Moreno (1977) para as formas *-inh(o,a)* e *-zinh(o,a)* não são exclusivas desses elementos. A única característica mais adequada diz respeito à autonomia de *-zinh(o,a)* poder estar relacionada com o fato de que essa forma pode aparecer sempre

¹¹ Deve-se destacar aqui que o termo “radical” utilizado por Moreno (1977) equivale àquilo que muitos estudiosos da língua denominam “radical simples” (cf. Villalva, 2003) ou apenas “radical” (cf. Kehdi, 2003), isto é, a parte irredutível de uma família de palavras. Não se trata, neste caso, de um “radical derivacional”, ou seja, um radical simples unido a outros constituintes morfológicos responsáveis pelo processo derivacional - os afixos.

depois de palavras completas, com ou sem vogal temática, argumento este utilizado em nossas análises para as ocorrências em *-cinn(o,a)* em PA.

O trabalho de Moreno (1998) difere um pouco do descrito anteriormente, uma vez que o autor objetiva estudar a morfologia do vocábulo nominal do Português Brasileiro de acordo com os pressupostos da Fonologia Lexical. Nele propõe-se uma organização do nosso léxico seguindo o modelo de Borowsky (1993), que “defende a tradicional divisão em dois níveis - o Nível 1, ou Nível do Radical, e o Nível 2, ou Nível do Vocábulo -, com a importante inovação de que toda a fonologia do Nível do Vocábulo precede a morfologia deste mesmo nível.” (MORENO, 1998, p.1). Sendo assim, o foco deste estudo é investigar em que nível do léxico os sufixos de diminutivo *-inh(o,a)*, *-zinh(o,a)* são formados.

Diferentemente do trabalho anterior (MORENO, 1977), nesse estudo o autor postula que *-inh(o,a)* depende do radical para se formar e *-zinh(o,a)* da palavra pronta. Sendo assim, Moreno (1998) afirma que as palavras formadas com o primeiro seriam do nível lexical e as formadas com o segundo seriam pós-lexicais, uma vez que na formação de palavras com o sufixo *-zinh(o,a)* necessitamos aguardar a formação da palavra toda no léxico (incluindo flexões de gênero e de número) para depois unirmos tal sufixo; isso ocorreria na saída do léxico, ou seja, no início do pós-léxico.¹²

A partir disso, Moreno (1998) afirma que qualquer análise do diminutivo deverá levar em conta dois aspectos: enquanto *-inh(o,a)* adota ET (o Elemento Terminal) da base (com exceção do -e), *-zinh(o,a)* mantém uma relação de concordância com o gênero da base, ou seja, une-se à palavra pronta.

As bases que recebem **-zinhV** mantêm seu marcador e conservam as eventuais alterações morfonêmicas do plural. Quando este sufixo DIM se liga a um substantivo, a relação que se estabelece é de pura concordância, idêntica à de qualquer adjetivo. (MORENO, 1998, p.185)

Tomando como base a citação acima, podemos refletir também sobre as ocorrências de diminutivo em *-zinh(o,a)* mapeadas em PA. Como veremos na seção 5 desta dissertação, na maioria das ocorrências com o sufixo *-cinno* no português medieval verifica-se a relação de concordância entre radical, no caso a palavra pronta (“judeu” - substantivo masculino singular) e o sufixo (*cinno* - sufixo masculino singular), exceto no vocábulo *vellocinna* (radical **masculino** singular - *vello* e sufixo **feminino** singular - *cinna*).

¹² Esta opinião diferencia-se da de Lee (1995), que propõe a existência de compostos lexicais e pós-lexicais para o português do Brasil.

A citação acima é muito útil ainda para a argumentação de Moreno (1998) a favor da consideração dos vocábulos em *-zinh(o,a)* do português atual serem formas compostas, uma vez que o fato de este sufixo estabelecer concordância com o substantivo faz com que ele se assemelhe a um elemento autônomo, no caso o adjetivo. Portanto, o comportamento de *-zinh(o,a)* lembra o de um composto do tipo Subst. + Adj.¹³, que mantém relação de concordância interna.

Logo, Moreno (1998) admite que os vocábulos em *-zinh(o,a)* do PB são palavras compostas. De acordo com este estudioso, os compostos do PB são todos sintaticamente transparentes, mas funcionam como um vocábulo. São palavras sintáticas reanalisadas e, como tal, formadas no componente sintático, ou seja, no pós-léxico, pois

sua diversidade se deve aos elementos que integram cada um deles e, mais ainda, ao estágio de lexicalização em que o composto se encontra. **Isso é que explica as diferentes análises que deles faz o falante - com as variantes, as gradações intermediárias, as hesitações** - e deixa prejudicada qualquer tentativa de uma análise puramente sincrônica, como tentou Lee. (MORENO, 1998, p. 151, grifo nosso)

A citação anterior nos explica novamente o que Moreno (1977) já tinha afirmado - todas as formas podem receber *-zinho*. Em outras palavras, esta gradação, variação que o falante faz, justificaria, na opinião do autor, o fato de estas palavras serem formadas no nível da sintaxe ou pós-lexical, lugar onde as palavras podem ser organizadas dentro de várias possibilidades previstas pelo sistema da língua portuguesa.

Conceito de grande utilidade para a presente pesquisa e que fora abordado por Moreno (1998) é o de domínio do acento, uma vez que este trabalho tem como escopo a investigação da questão acentual (um ou dois acentos lexicais) nos nomes diminutivos e aumentativos no período medieval de nossa língua. Segundo o autor, o acento tem como domínio o vocábulo¹⁴ e não o radical derivacional.

Retomando o que fora dito anteriormente é possível inferir que se o sufixo *-zinh(o,a)* é adjungido a palavra já pronta é bem provável que tal palavra já tenha sido acentuada no nível lexical e que quando se une ao sufixo *-zinho* (palavra autônoma, e, portanto, com acento

¹³ Deve-se lembrar aqui que, para os estruturalistas, substantivos e adjetivos fazem parte de uma mesma classe gramatical - a dos nomes (cf. Câmara Jr, 1985[1970]). Sendo assim, poderia-se afirmar que os compostos em *-zinh(o,a)* são formados, na maioria das vezes, por dois nomes, quer sejam eles subst.+subst. ou subst. +adj. Por outro lado, para os gerativistas, substantivos e adjetivos são classes diferentes e, desta forma, teríamos a estrutura de Subst. + Adj. proposta por Moreno (1998).

¹⁴ Assim como Moreno (1998), há vários autores que consideram o vocábulo como o domínio do acento em português. Dentre eles, citamos: Bisol (1992), Massini-Cagliari (1995, 1999) e Wetzels (1992).

próprio) passa a ter dois acentos, fato este que será discutido para o PA na seção 5 da presente dissertação.

Para concluir seu estudo, Moreno (1998) afirma que

No presente trabalho, definimos, para o DIM no Português, a forma **-zinhV** como possível em todos os casos, e **-inhV** como forma alternativa só para os radicais consonânticos, o que vale dizer que só podem receber **-inhV** os vocábulos que admitam também ET (elemento terminal). (MORENO, 1998, p.194)

Embasando-se na citação acima é possível inferir que esta conclusão de Moreno não seria aplicável aos dados do PA, uma vez que as ocorrências com *-inh(o,a)* no PA apontam para o fato de elas não terem sido formadas apenas a partir de radicais terminados em consoante.

Após a exposição realizada sobre os dois trabalhos de Moreno (1977, 1998), percebemos que no primeiro o autor considera tanto os diminutivos em *-inh(o,a)* quanto os em *zinh(o,a)* compostos, pois adota como critérios aspectos do âmbito morfológico, como a questão da reversibilidade, que propõe que em todas as formações de diminutivo no PB há uma certa facilidade em se retornar à forma primitiva. Como este trabalho possui como foco a interação entre morfologia e fonologia, preferimos adotar a hipótese postulada por Moreno (1998), de que uma forma com *-inh(o,a)* não é uma forma composta e sim derivada, pois *-inh(o,a)* adjunge-se a um radical derivacional dentro do léxico do português, e que somente uma forma com *-zinh(o,a)* seria uma forma composta, uma vez que *-zinh(o,a)* se une a uma palavra pronta e, portanto, essa união carrega consigo um acento oriundo desta palavra e outro do próprio sufixo¹⁵.

1.3.2.2 Almeida (1999)

O trabalho de Almeida (1999), intitulado *Compound words in Brazilian Portuguese*, tem como objetivo principal estudar a distinção entre compostos e frases nominais (NP), utilizando, sobretudo, critérios semânticos.

¹⁵ Sobre este assunto, encontramos algumas posições diferentes das de Moreno (1977, 1998). Uma delas é a de Cagliari (1997, p. 141-142), que considera *-inho* e *-zinho* como manifestações do mesmo morfema, uma vez que a consoante *-z* seria epentética, utilizada em contextos específicos, como diante de palavras de nossa língua terminadas em vogal tônica (“jacaré” --> “jacarezinho”). Neste trabalho, não encontramos evidências suficientes para considerarmos *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)* em PA como manifestações do mesmo morfema. Pelo contrário, as evidências das metrificações nos mostraram que *-cinn(o,a)* se adjunge preferencialmente a uma palavra pronta (com ou sem vogal temática), diferentemente de *-inn(o,a)*, fato este que nos aproximou da opinião de Moreno (1998).

A autora afirma que não há nenhuma diferença entre frases e compostos nas línguas românicas, ou seja, ambos têm a mesma ordem e que *“the criterion that distinguishes both is semantic, because the order of the lexico-syntactic constituents is exactly the same”* (ALMEIDA, 1999, p.129).

Uma questão interessante abordada por Almeida (1999) diz respeito à diferença entre derivação e composição. Segundo ela, *“derivation, where affixes attach to roots, is another way of forming words suffixes attach to nouns to form another noun or verb **compounds have properties such gender, plural**”* (ALMEIDA, 1999, p.2, grifo nosso).

Tomando como base a citação acima extrairemos um critério de definição dos compostos já proposto por Moreno (1977) - o fato de essas formações possuírem propriedades como o plural. Como já comentado anteriormente, com o trabalho de Moreno, a possibilidade de ocorrer plural entre os constituintes de um composto é um bom critério para afirmarmos que esse tipo de formação contém duas palavras independentes. Tal critério é interessante para as análises feitas para o PB, porém para o PA (período que abarca este trabalho) não nos revela muita coisa, uma vez que, como será melhor discutido na seção 5 desta dissertação, não foi possível mapear nenhuma ocorrência de diminutivo ou aumentativo em PA que nos revelasse plural entre os constituintes. Portanto, para o nosso trabalho o critério de plural entre os constituintes como forma de identificar uma forma composta não é de grande valia.

Almeida (1999) recorre ainda a outros critérios de identificação e diferenciação entre compostos e frases sintáticas. São eles:

1) Critérios fonológicos - A autora dá como exemplos de critérios fonológicos para identificação de compostos as mudanças de vogal nos compostos híbridos, como em “tomaticultura” em que o “e” de “tomate” sofre síncope e, após esse processo, adjunge-se uma vogal epentética “i”. Esses compostos são formados por aglutinação.

2) Critérios semânticos - Para esse critério, Almeida (1999) distingue “copo de leite” (copo da bebida láctea) com “copo de leite” (flor). No primeiro caso - “copo de leite”, bebida láctea - não temos uma metáfora, ou seja, uma formação que nos induz a um item lexical que se assemelha a outro. O caso da metáfora ocorre para “copo de leite” (flor) - item lexical que se assemelha a um copo com a bebida láctea. Quando não temos essa metáfora, estamos tratando de frases nominais, enquanto que, se há uma metáfora, temos compostos.

3) Critérios sintáticos - São os mais confiáveis. É analisado se os complementos a esses compostos formam frases gramaticais. Se sim, são compostos. Por outro lado, se formam frases agramaticais são frases nominais. O exemplo que a estudiosa apresenta é com a sequência de palavras “pronto socorro”, como podemos observar abaixo:

- a. Isto é um pronto socorro. ‘This is an emergency hospital.’
- b. *... é um pronto socorro às vítimas. ‘... is an emergency for the victims.’
- c. Isto é um pronto socorro às vítimas. ‘This is of a immediate help to the victims. (ALMEIDA, 1999, p.5)

Pelos exemplos acima, percebe-se que o composto e a frase nominal possuem algumas diferenças. (a) é uma frase gramatical, ou seja, tem sentido, por isso “pronto socorro” nesse contexto é um composto, significando a emergência de um hospital. (b) é agramatical, pois “às vítimas” não pode ser complemento para o composto. Por outro lado, em (c) “pronto socorro” está longe de ser um composto; é uma ajuda imediata e por isso aceita o complemento “às vítimas”.

A autora trabalha também com questões da semântica conceitual de Jackendoff (1995) para distinguir uma NP de um composto. Ela afirma que uma NP (frase nominal) pode ser utilizada metaforicamente para descrever uma característica particular de um indivíduo, por exemplo, os “sem-terra” (pessoas que não têm terra).

Sobre os diminutivos e aumentativos (tema central de nosso trabalho), a autora apenas expõe sobre o caráter avaliativo que eles possuem, não abordando nenhuma questão sobre a possibilidade de serem formas simples ou compostas: “*Diminutives and augmentatives have been used in Romance as evaluative affixes. Take -inha attached to the adverb agora ‘now’ to show immediacy in agorinha*” (ALMEIDA, 1999, p. 42).

1.3.2.3 Bisol (2010)

O artigo de Bisol (2010), intitulado “O diminutivo e suas demandas”, tem por objetivo rever as diferentes interpretações e análises do diminutivo em português. A hipótese desta estudiosa, fundamentada na Teoria da Otim(al)idade, é ser *-inho* o morfema de diminutivo e /z/ em *-zinho*, uma consoante epentética que emerge para satisfazer exigências estruturais.

Segundo a autora (BISOL, 2010, p. 59),

O meio mais produtivo de produzir diminutivo em Português consiste em agregar *-inho* ou *-zinho* a uma base nominal. Devido à semelhança dessas formas, diferentes interpretações lhe foram atribuídas, através dos tempos, com argumentos a favor de um só morfema ou de dois, mas longe parece estarmos de uma visão consensual. Diante da pergunta renitente, - *trata-se*

de uma só forma ou de duas? - este estudo desenvolve a ideia de que existe apenas um morfema, que é -inho, o qual se reveste de uma consoante epentética para satisfazer exigências estruturais, manifestando-se como -zinho.

Sendo assim, a grande questão desse trabalho de Bisol (2010) é tentar explicar a alternância de tais formas. A análise feita por ela, por meio da TO, propõe o seguinte esquema para a formação dos diminutivos em *-inho* e *-zinho*¹⁶:

(4)

a) pato + inho > pa. **ti nho.**

capa+ inho > ca.**pi.nha.**

cebola + inho > ce.bo.**li.nha.**

b) café + inho > ca.fe.**zi.nho.**

abacaxi+ inho > a.ba.ca.xi.**zi nho.**

sofá+ inho > so.fa.**zi.nho.**

A partir dos exemplos acima, Bisol (2010) explica a alternância dos sufixos diminutivos afirmando que nos nomes temáticos (nomes que possuem vogal temática ou desinência de gênero) a vogal inicial do diminutivo se ajusta à base (sem a VT) justamente para restaurar a sequência CVCV. A VT fora apagada para manter a posição de *onset* da consoante anterior à VT da base.

(5)

pa . to + inho = pa to i nho
CV CV CV CV V CV

pat(o) +inh(o) = pa. ti. nho
CV CV CV

Sendo assim, a autora propõe o seguinte tableau:¹⁷

(6)

/pato-íño/	Onset	MaxIO ¹⁸
a.pa.to.í.ño	*!	
→b. pa.tí.ño		*

¹⁶ Exemplos extraídos de Bisol (2010, p.66).

¹⁷ Nos tableaux (6) e (7), retirados de Bisol (2010, p. 67), o símbolo / ñ/ corresponde a /ɲ/, no padrão do IPA.

¹⁸ Nestas duas restrições propostas pela autora, temos que em *Onset* o hiato nas formações diminutivas deve ser evitado e em *MaxIO* todo segmento do *input* deve ter correspondente do *output* e o apagamento é proibido.

O exemplo de tableau mostrado anteriormente nos permite inferir que

A forma ótima é (1b) [6b, no exemplo acima], que exhibe DIM em uma sílaba com *onset* às expensas de Max. A exigência da restrição Onset é satisfeita, isto é, o hiato é evitado. A relação inversa das restrições em pauta privilegiaria o perdedor. Portanto, Onset domina Max na formação do diminutivo. (BISOL, 2010, p. 66)

Por outro lado, nos nomes não-temáticos (nomes que não possuem vogal temática ou desinência de gênero), “a vogal do radical é preservada e entra /z/ para ser *onset* da vogal inicial de DIM” (BISOL, 2010, p.66), como mostra o exemplo 7:

(7)

/kafɛ - iño/	Onset	DepIO
→a. ka.fɛ.zi.ño		*
b. ka.fɛ.i.ño	*!	

No caso do exemplo acima, Bisol (2010) aponta para a ideia de que a forma em a é a ótima, uma vez que satisfaz *onset*.

Portanto, Bisol (2010) afirma que os nominais temáticos preferem a forma *-inho* e os não temáticos (exemplos em b) preferem a forma *-zinho*. No entanto, alguns desses nominais podem utilizar a forma *-zinho*. Quando isto ocorre, a autora diz que estamos diante um caso de epêntese. A autora observa ainda que os nominais que pertencem à classe da VT, mas não possuem qualquer relação de gênero, permitem a variação entre *-inho* e *-zinho*, como mostram os exemplos abaixo (cf. Bisol, 2010, p. 73):

(8) verde> verdinho e verdezinho

leite> leitinho e leitizinho

parede> paredinha e paredizinha

Após a análise feita com o auxílio da TO, Bisol (2010) chega à conclusão de que

O Diminutivo, cuja forma canônica é *-inho*, exige onset e preserva os elementos da base (*input*) e do *output* que são relevantes para sua estruturação como palavra fonológica. (BISOL, 2010, p. 83)

É por estes motivos de ordem estrutural que, segundo a autora, o falante opta por *-inho* ou *-zinho* em PB, ou seja, tem-se preferência por *-inho* na formação dos nominais temáticos e por *-zinho* nas formações nominais não-temáticas.

1.3.2.4 Carvalho (2009)

O objetivo da dissertação de Carvalho (2009), intitulada *Sistematização funcional dos sufixos avaliativos no Português do Brasil*, é investigar o emprego dos sufixos diminutivos e aumentativos no processo de ensino-aprendizagem na área de português como segunda língua para estrangeiros a partir da teoria da Gramática Funcional do Discurso, de Hengeveld (2004) e de Dik (1997).

Segundo a autora,

Formar e utilizar palavras constituídas por *-(z)ão*, *-(z)aço* ou *-(z)inho* no português do Brasil é tarefa corriqueira para o falante nativo, que tem a cultura deste país internalizada, indicando claramente as regras de uso de tais formas. No entanto, o estrangeiro carrega em si uma cultura outra e, portanto, outras regras de interação com o mundo. Para acrescentar tais morfemas a substantivos, adjetivos, advérbios ou a participípios e identificar o significado expresso por essas formações dentro da oração basta aprender as regras prescritas pela GT. Isto quer dizer que o ato de formar e apreender o sentido das formas avaliativas em *-(z)ão*, *-(z)aço* ou *-(z)inho* não oferece grandes obstáculos ao aprendiz não-nativo. O problema reside, na verdade, em utilizá-los fora da sala de aula, onde diversos fatores extralingüísticos, como o tipo de situação, a hierarquia entre os falantes e outros, passam a interferir no uso da língua. (CARVALHO, 2009, p. 12-13)

Tomando como base a ideia exposta na citação acima, Carvalho (2009) afirma que as Gramáticas Tradicionais (GTs) e livros didáticos para não-nativos não levam em consideração os fatores extralingüísticos, induzindo o estrangeiro a enxergar esses sufixos de forma um tanto obscura e utilizá-los de maneira inadequada.

Sobre o fato de não se considerar os fatores extralingüísticos, a autora afirma ainda que os dados coletados por ela mostram que o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos em PB ocorre muito mais em um nível pragmático que em níveis morfológicos ou semânticos, ou seja, diminutivos e aumentativos transmitem menos a ideia de aumento e diminuição e mais a ideia de avaliação. Sendo assim, para o estrangeiro que aprende a língua portuguesa apenas pelo contato com livros didáticos e GTs é difícil perceber, em um primeiro momento, os usos avaliativos (ocasionados por fatores extralingüísticos) inerentes a esses sufixos.

Para demonstrar que na maioria das vezes os sufixos de aumentativo e diminutivo em PB são empregados com o uso avaliativo, Carvalho (2009, p.44-54) enumera algumas funções para esses sufixos. Vejamos a seguir quais são elas:

a) Função expressiva - demonstra o impacto da dimensão (“cachorrão”), a excelência (“professorzão”) ou a intensidade (“grandão”) do que é expresso pela base.

b) Função avaliativa positiva - expressam algum tipo de avaliação positiva, seja de admiração (“partidão”), afetividade (“animalzinho”) ou engrandecimento.

c) Função avaliativa negativa - ironia, depreciação (“negrinhos”, “artiguinhos”).

d) Função gradativa expressiva - situações em que o sufixo *-zinho(a)* opera tanto expressiva ou denotativamente. Dependendo do contexto, a autora afirma que a palavra “pãezinhos” exprime tanto valor semântico de tamanho quanto valor pragmático expressivo ao atribuir informalidade à situação.

e) Função denotativa - os sufixos aumentativos e diminutivos exercem essa função quando denotam uma propriedade que é inerente à base. Por exemplo, quando o sufixo *-inh(o,a)* está dando significado a algo que realmente é pequeno – “Comprei uma caixinha de fósforos”. Carvalho (2009) afirma que essa função ocorreu com a minoria das formas aumentativas e diminutivas coletadas por ela.

A partir da análise dos dados coletados, baseada nas funções expostas acima, a autora chega à conclusão de que na maioria dos casos os aumentativos e diminutivos em PB predominam as funções expressivas e avaliativas, mas que também há casos em que essas formas são empregadas com sentido denotativo, não podendo tais sufixos serem classificados como avaliativos:

no que tange a *-(z)ão* e *-(z)inho*, concluímos com que podem ou não ultrapassar o nível representacional, atingindo o interpessoal. Quando o fazem, constituem os sufixos avaliativos propriamente ditos. Quando não, consistem em morfemas designadores de novas entidades, não podendo, assim, ser classificados como avaliativos. (CARVALHO, 2009, p. 53)

A autora termina o seu estudo afirmando que a sistematização funcional realizada em seu trabalho pode contribuir para refletir sobre o “ensino e aprendizagem dessas formas em PL2E” (CARVALHO, 2009, p. 58) na medida em que orienta os professores de alunos não-nativos no trabalho com as funções expressivas e avaliativas expressas pelos sufixos de aumentativo e diminutivo, fazendo com que esses alunos possam ter uma melhor compreensão do uso desses sufixos em PB.

1.3.2.5 Teixeira (2008)

O trabalho de Teixeira (2008), denominado *A forma e o uso dos sufixos -inho e -zinho em variedades do Português do sul do Brasil*, tem como objetivos principais investigar a distribuição dos sufixos *-inho* e *-zinho* nos dialetos de Porto Alegre e Curitiba e determinar a configuração prosódica de tais sufixos. A estudiosa investiga ainda em que nível do léxico os sufixos *-inho* e *-zinho* se ligam a sua base.

Em suas análises, a autora averigua se o papel do segmento final da forma primitiva da base e se o *onset* da sílaba final pode contribuir para utilização de um sufixo ou outro.

Com os dados analisados, Teixeira (2008) chegou à conclusão de que *-inho* é o sufixo mais utilizado nas variedades do sul. Tal sufixo, segundo a autora, prefere se adjungir a bases paroxítonas, uma vez que na maioria das vezes esse grupo de palavras possui vogal temática e esta cai¹⁹ para a adjunção do sufixo. Por outro lado, o sufixo *-zinho* prefere se adjungir à palavras oxítonas, pois não possuem vogal temática, ou seja, a vogal final do vocábulo faz parte da base derivacional e, sendo assim, não desaparece ao acrescentar tal sufixo. Em relação às bases derivacionais proparoxítonas, a autora constatou que estas se unem preferencialmente a *-zinho*, mas em alguns casos o falante do PB utiliza *-inho*, pois no momento de adjungir tal sufixo o falante transforma a palavra em uma paroxítona, como, por exemplo, em “chácara”, que ao transformar tal palavra em “chácrá” adjunge *-inho* (“chacrinha”).

Com relação à configuração prosódica de *-inho* e *-zinho*, Teixeira (2008, p. 78-79) atribui a tais sufixos “o status de palavra fonológica, já que ambos não têm mais de um acento, são o lócus de processos fonológicos **e ainda possuem existência isolada, ou seja, são unidades**” (TEIXEIRA, 2008, p.78-79, grifo nosso).

¹⁹ Neste trabalho não assumiremos que a vogal temática ou desinência de gênero “cai”, mas que tanto em PB como em PA o sufixo *-inh* é intercalado entre a base derivacional e sua vogal temática ou desinência de gênero no final. Sendo assim, tal vogal é adjungida após o sufixo *-inh* no momento de formação do diminutivo.

A questão dos sufixos *-inho* e *-zinho* possuírem existência isolada pode nos levar a algumas discussões. Deve-se admitir que *-zinho* realmente possui certa independência em língua portuguesa, visto que temos este sufixo sendo utilizado em contextos como “Bar do Zinho”, porém parece que o mesmo uso para *-inho* não é tão usual “*Bar do Inho”. Além disso, o argumento mais adequado proposto por Moreno (1977) para considerarmos *-zinh(o,a)* com relativa autonomia é o fato de tal elemento poder ser adjungido apenas a palavras completas, com ou sem vogal temática.

Por outro lado, como veremos mais adiante, com base em Menuzzi (1993), percebemos que o mais adequado para o PB é considerarmos *-inho* com certa dependência, uma vez que na maioria das vezes ele é adjungido entre uma base derivacional e sua respectiva vogal temática (VT), ou seja, tal sufixo depende dessa estrutura para ser adjungido. Sendo assim, ao contrário do que propõe Teixeira (2008), neste trabalho admitiremos que *-inho* não possui existência isolada desde o PA, apenas *-zinho*, reflexão esta que será melhor detalhada na seção 5.

Após determinar o *status* prosódico dos sufixos *-inho* e *-zinho*, Teixeira (2008) conclui seu trabalho admitindo que ambos os sufixos pertencem ao nível 2²⁰ do léxico “porque ambos lidam com a palavra pronta”, ou seja, com a palavra que já recebeu ou não vogal temática. Sendo assim, embasando-se no trabalho de Schwindt (2000), a estudiosa afirma que a vogal temática precisa sempre entrar no primeiro nível da derivação e, por esse motivo, os diminutivos em *-inho* e *-zinho* seriam formados em um nível após o que se encontra a VT.

Portanto, Teixeira (2008) chega ao final de seu trabalho considerando as formas diminutivas com *-inho* e *-zinho* na variedade do sul do Brasil como portadoras de dois acentos, o da base derivacional e o dos sufixos em questão, pois ela acredita que ambos possuem certa independência.

1.4 Considerações finais

Ao final desta seção de revisão bibliográfica sobre o tema que estamos investigando (diminutivos e aumentativos), podemos constatar que a maioria dos trabalhos que existem até hoje se limitam a questões relacionadas à origem e ao uso dos sufixos formadores desses nomes, além de questões que dizem respeito às propriedades estruturais da língua. A maioria dos teóricos não considera os fenômenos prosódicos que podem envolver as formações diminutivas e aumentativas, exceto os estudos de Lee (1992, 1995), que serão retomados na

²⁰ Nomenclatura pertencente à Fonologia Lexical (FL). Na seção 3 sobre embasamento teórico, encontram-se informações mais detalhadas sobre tal teoria.

seção 4, por meio da apresentação da teoria que embasa este estudo, de Moreno (1977, 1998), de Almeida (1999) e de Teixeira (2008), que se preocupam com questões como a definição do vocábulo fonológico, critérios para a identificação de compostos e o domínio do acento em PB, mas não em PA. Dessa forma, observou-se que o estudo da prosódia do PA merece atenção e, por isso, este trabalho optou pela investigação de fatos da história do português ainda não contemplados como forma de contribuir para a compreensão da história deste idioma e, conseqüentemente, possibilitar uma maior compreensão da estrutura do português atual e da identidade dos falantes desta língua.

2. O Português Arcaico e as Cantigas Medievais

A presente seção desta dissertação tem por objetivo apresentar e delimitar o nosso *corpus* de estudo dos nomes aumentativos e diminutivos no período arcaico da Língua Portuguesa - as cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria (CSM) e as cantigas de escárnio e maldizer. Em um primeiro momento, serão feitas a delimitação e a caracterização do período compreendido por esta pesquisa (Português Arcaico), que é também o período no qual foram compostas as cantigas, com o intuito de evidenciar aspectos de caráter histórico que possam ter influenciado nessa composição. Posteriormente, exporemos as características mais relevantes das CSM e das CEM, a fim de ressaltar e justificar o motivo de escolhermos textos poéticos metrificadas para compor o *corpus* de um trabalho que tem como foco o estudo de fenômenos fonológicos como o acento de formas possivelmente compostas em um tempo passado da língua.

2.1 Algumas considerações sobre o Português Arcaico

A maioria dos estudiosos do PA afirma que tal período da Língua Portuguesa é compreendido entre os séculos XIII e XV e todos são unânimes em dizer que seu marco inicial foi o surgimento da língua documentada pela escrita (cf. Costa, 1979, p. 263-340):

Marcam o nascimento do português arcaico, ou seja, o início da história escrita da língua portuguesa o *Testamento de Afonso II*, datado, indiscutivelmente, de 1214, e a *Notícia do Torto* que hoje se considera que foi escrita entre 1214-1216 (COSTA, 1979, p.265).

Outros documentos dessa época são a *Cantiga da Ribeirinha* (cantiga de amigo) e a *Cantiga de Garvaia* (cantiga de amor), datadas do início do século XIII. Com relação à datação das primeiras cantigas medievais, Mattos e Silva (2006, p.22) afirma que: “Entre os fins do século XII e XIII, as cantigas circulavam na tradição oral e, pode-se admitir, em folhas escritas soltas com poemas de um poeta ou mesmo em ‘livros’ de poemas com o conjunto de sua produção”.

Contudo, Tavani (1988, p. 41) propõe que a data de produção do texto poético mais antigo é 1196, baseando-se em uma cantiga de escárnio de Joam Soares de Paiva – identificada pelo seu primeiro verso: *Ora faz ost’o senhor de Navarra*.

Assim como Tavani (1988), Souto Cabo (2003) afirma que os primeiros escritos em PA datam da segunda metade do século XII:

Como se sabe, falar nos primeiros textos romances galego-portugueses implicava, até não há muito tempo, referência imprescindível ao *Testamento*

de Afonso II e à Notícia de Torto, ambos pertencentes à segunda década do séc. XIII. Estes dois testemunhos apareciam cronologicamente isolados, já que o seguinte vinha constituído por duas cartas de foro de 1255, outorgadas por D. Afonso III aos moradores de Telões de Aguiar e Condudo[...]. Sucessivas pesquisas levadas a cabo nos últimos anos permitiram preencher esse hiato cronológico e fazer recuar à **segunda metade do século XII os primeiros registos escritos do galego-português**. (SOUTO CABO, 2003, p. 329, grifo nosso)

Como exemplos de textos da segunda metade do século XII, Souto Cabo (2003) cita o *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*, a *Carta de foro da Benfeita*, *O Escrito de Pai Soares* e a *Nómina de Pedro Viegas* e, segundo o autor, tais textos podem “ser definidos como diplomas galego-portugueses pela relevância qualitativa do elemento romance” (SOUTO CABO, 2003, p. 339).

Por outro lado, Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 14) afirma que os documentos escritos em português eram raros no século XII. Segundo ela, foi só a partir da segunda metade do século XIII (1250 em diante) que tais documentos surgiram com maior frequência.

Apesar de observarmos certa discrepância entre os estudiosos para a definição do primeiro documento escrito em língua portuguesa, constata-se que o início do registro do período arcaico do português pode ser muito bem demarcado por meio dos primeiros documentos em língua portuguesa. Tal afirmação não é útil para delimitar seu fim, embora seja costume considerar o século XV como data limite para o término desse período.

Segundo Mattos e Silva (2006, p.22), o limite para o final da fase arcaica do português não se dá com acontecimentos linguísticos, uma vez que o fato de a língua estar em transição dificulta o estabelecimento de “uma cronologia relativa para o desaparecimento de características linguísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno” (MATTOS E SILVA, 2006, p.22). Sendo assim, são os fatos extralinguísticos que demarcam o final deste período:

são acontecimentos extralinguísticos que são tomados como balizas para marcar o fim do período arcaico, tais como: o surgimento do livro impresso, em substituição aos manuscritos medievais, nos fins do século XV, e suas consequências culturais; o incremento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na sociedade portuguesa europeia pelo contato com as novas culturas e novas línguas [...]; o delineamento de uma normatização gramatical, a partir de 1536, com a gramática de Fernão de Oliveira [...]. (MATTOS E SILVA, 2006, p.22)

Todos os fatos citados acima, provavelmente, favoreceram mudanças linguísticas, as quais eliminaram características do PA, originando um novo período da língua portuguesa: o

português moderno. Contrariando esta ideia, Messner (2002) afirma que não devemos nos embasar em fatos extralinguísticos para a tentativa de delimitação de um período de uma língua. Para ele, deve-se observar se as pistas linguísticas nos fornecem informações que nos permitam afirmar quando o PA passou a ser português moderno.

Contudo, esta pesquisa não pretende discutir sobre isso, uma vez que seu foco é apenas se referir à periodização do PA como forma de localizar o leitor dentro do período que compreende este estudo e mostrar que alguns aspectos históricos podem ter influenciado a composição das cantigas utilizadas como *corpus*.

Além da difícil delimitação do término do período arcaico, há ainda outra questão muito discutida a respeito do PA - a sua subperiodização. De acordo com Mattos e Silva (2006, p.23), o critério para essa subperiodização envolve tanto aspectos da produção literária medieval portuguesa (cf. quadro 1 abaixo) quanto aspectos da possível diferenciação dialetal entre a unidade galego-portuguesa (em um primeiro período, compreendido até 1350) e entre o galego e o português, separadamente. Observemos o quadro a seguir:

Época	Leite de Vascelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português	trovadoresco	galego-português	português antigo
até 1536/ 1550	arcaico	português comum	português pré-clássico	português médio
até s. XVIII	português moderno	português moderno	português clássico	português clássico
até s. XIX/XX		português moderno	português moderno	português moderno

Quadro 1. Subperiodização do PA (MATTOS E SILVA, 2006, p.23).

O quadro anterior nos mostra que Silva Neto se utilizou do critério de produção literária medieval, dividindo o PA em período trovadoresco e período do português comum. Já Pilar V.Cuesta (1949), em sua *Gramática Portuguesa*, adota como critério a diferenciação dialetal e afirma ter um período em que o galego e o português eram uma única língua e outro em que o português se diferencia do galego, denominado português pré-classico.

Assim como Pilar V. Cuesta, outros estudiosos do período medieval consideram que no primeiro período do PA o galego e o português eram uma única e mesma língua. Dentre eles podemos citar Mattos e Silva (2006) e Massini-Cagliari (2007b). A primeira afirma que o galego e o português “na sua origem, constituíam uma mesma área linguística em oposição a outras áreas ibero-românicas” (MATTOS E SILVA, 2006, p.23). Massini-Cagliari (2007b, p.122), em seu artigo “Legitimidade e Identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como *corpus* da diacronia do Português”, demonstra que o galego e o português não são línguas diferentes, mas sim “**uma e a mesma** língua” (grifo da autora), no que concerne a alguns aspectos prosódicos, como acento, constituição silábica e processos de sândi. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (provenientes possivelmente da Galiza), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema” (MASSINI-CAGLIARI, 2007b, p.122).

Sobre o PA, ainda é importante ressaltarmos um aspecto relevante deste período - os grupos linguísticos que povoavam a Península Ibérica. Segundo Silva Neto (1952, p.365), no decorrer da Idade Média, período no qual este estudo está focalizado (século XIII), a Península Ibérica era constituída por três grupos linguísticos: românico (do qual faziam parte o português, o galego), o castelhano (constituído do espanhol) e o valenciano (catalão). Torna-se evidente que a coexistência de vários grupos linguísticos em um mesmo território permitiu que um influenciasse o outro, uma vez que “todo indivíduo [...] modifica sua língua em convivência com uma série de outros indivíduos” (SILVA NETO, 1952, p.366).

Em outras palavras, a interação de indivíduos dos diversos grupos linguísticos daquele período (PA) pode ter exercido influência na formação de cada uma das línguas desses grupos. Na seção 5 da presente dissertação constataremos e discutiremos uma possível influência do grupo castelhano em algumas ocorrências de diminutivo mapeadas nas cantigas medievais; trata-se da questão do desvozeamento do sufixo *-zinn(o,a)* em palavras como *judeucinno*, *molhercinna*, etc. Sendo assim, pode-se inferir que aspectos de caráter histórico, como o povoamento da região ibérica no período medieval, teriam influenciado na composição das cantigas trovadorescas.

2.1.1 A escrita nas cantigas do período arcaico: fonética ou ortográfica?

Segundo Massini-Cagliari (1995, p. 32), quando trabalhamos com textos antigos podemos enfrentar alguns obstáculos no momento de decifrá-los, pois se percebe um padrão de escrita um tanto diferente do atual, como, por exemplo, o uso de acentos e diacríticos.

Um dos primeiros problemas que se enfrenta quando se pretende trabalhar com textos antigos manuscritos diz respeito à decifração de sua escrita. Percebe-se logo que o padrão de escrita, de maneira geral (ortografia, pontuação, uso de acentos e diacríticos, etc.) difere muito do uso que se faz desses recursos hoje em dia. Tais fatos fazem com que um primeiro contato com os dados seja uma tarefa muito difícil, até que se consiga apreender os padrões e usos dos recursos da escrita da época escolhidos pelo autor do manuscrito. (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p. 32)

A autora deixa claro ainda que quando o objetivo da pesquisa é a descrição de fenômenos fonológicos (como é o caso da nossa) é imprescindível observarmos a escrita desses documentos antigos, visto que a escrita pode nos revelar alguns desses fenômenos (por exemplo, a quantidade de segmentos por sílaba, a possibilidade ou não de elisão).

Quando o assunto é a escrita do português arcaico, a maioria dos filólogos é unânime em afirmar que tal escrita era fonética. Vejamos o que Nunes (1960[1919], p.193) pensa a respeito disso:

Período fonético. Caracteriza este período a representação, pelas letras, dos sons que elas realmente representavam, consoante a evolução por eles sofrida, e a ausência, em geral, de caracteres não proferidos. Verdade seja que essa representação nem sempre acompanhou *pari passu* as alterações que se foram dando e por vezes conservou-se antiquada em relação ao desenvolvimento da língua.

Coutinho (1970) possui a mesma opinião de Nunes (1960[1919]), afirmando que a escrita do período arcaico era fonética:

Período fonético - Começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido. (COUTINHO, 1970, p.67)

No entanto, embasando-nos em Massini-Cagliari (1995, p. 33), torna-se um tanto inadequado pensarmos em uma escrita fonética para aquele período, pois este termo parece trazer junto a si uma acepção de “transcrição fiel dos sons da fala” (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p.33). Segundo a estudiosa, para que uma escrita seja puramente fonética ela precisa seguir o princípio acrofônico, ou seja, “as relações entre letras e sons seriam sempre as

mesmas: a cada letra corresponderia um e somente um som e vice-versa” (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p. 34).

O que observamos na escrita do português arcaico é justamente o contrário proposto pelo princípio acrofônico. Sendo assim, constata-se a ocorrência de letras diferentes (acompanhadas ou não de diacríticos) sendo usadas para representar o mesmo som. Vejamos a seguir exemplos extraídos de Massini-Cagliari (1995, p.34-35), que mostram diferentes formas de representação de um mesmo som:

(9)

ũH	passarĩhas
ũ	mãsselĩa
LMH	mansselmha
H	gaahades
h	baħauã

(10)

i	mais, moirer, hi
j	uj, mj
y	uy, mays, hy, sy, ey, dey, uyu, muy, aly
h	sabha, dormha, dormho, mha, soberuha

Em (9) encontramos as várias grafias para o som [ɲ] no PA e em (10) para o som [i]. Observamos, ainda, durante a coleta das formas aumentativas e diminutivas nas cantigas medievais, que, para o sufixo diminutivo em PA, o som /i/ era representado por <y> em <-ynno> e <ỹo> e por <i> em -*inno* e -*ĩo*. Sendo assim, tínhamos letras diferentes sendo usadas para representar o mesmo som e, portanto, quatro ortografias diferentes para o sufixo -*inn(o,a)* em PA.

Além do fato de várias letras poderem representar o mesmo som, outro argumento apresentado por Massini- Cagliari (1995, p.35-36) para a classificação da escrita do PA como ortográfica

[...] é a possibilidade de representar de maneiras diferentes o mesmo fenômeno fonético não-segmental - como ocorre com a nasalidade, que pode ser representada por um til colocado sobre a vogal que se nasaliza, ou ainda, pode aparecer representada sem marca alguma. (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p.35-36)

Tomando como base a citação acima, podemos nos remeter novamente às formas diminutivas do período arcaico de nossa língua, uma vez que o som /ɲ/ do sufixo *-inn(o,a)* era representado por <nn> ou por til colocado nas vogais <i> e <y> anteriores.

Massini-Cagliari (1995, p. 37) afirma ainda que o argumento que acaba com todas as possibilidades de se considerar a escrita arcaica como fonética “é o fato de existirem diferentes grafias para a mesma palavra (às vezes até dentro dos limites da mesma cantiga)” (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p.37). A autora dá exemplos de palavras como “tão” (*tam, tan, tã*), “nem” (*nen, nẽ*), entre outros. Com a coleta de dados das formas diminutivas e aumentativas, podemos acrescentar mais exemplos, como *crerizon* (que poderia ser grafado como *crerigon* e *clerigon*) e ainda todas as formas diminutivas com o sufixo *-cinn(o,a)*, que também apareciam grafadas com o sufixo *-zinh(o,a)*.

Portanto, os argumentos expostos acima

[...] apontam para a conclusão de que não é possível considerar a escrita do português arcaico, na sua fase trovadoresca, como fonética, devendo, mais acertadamente, ser considerada tão ortográfica quanto a nossa, porém livre de uma normatização, uma unificação. (MASSINI-CAGLIARI, 1998, p. 176-177)

Chegando à conclusão de que a escrita do PA era ortográfica, podemos afirmar, embasando-nos em Massini-Cagliari (1995, p. 40), que a vantagem desse tipo de escrita é que “a leitura pode ser feita até os dias de hoje, sem prejuízo, porque, apesar de a pronúncia exata dos vocábulos não ser conhecida, é fácil o reconhecimento do seu significado” (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p.40).

2.2 As Cantigas de Santa Maria

2.2.1 Um pouco sobre a autoria, origem e estruturação das cantigas religiosas

Segundo Massini- Cagliari (2005, p. 36), as cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, denominadas também *Cantigas de Santa Maria* (CSM), são datadas do final do século XIII, período do reinado de Afonso X, o Sábio, compilador dessas cantigas.

De acordo com Filgueira Valverde (1985), Afonso X nasceu em 22 de novembro de 1221 na cidade de Toledo. Foi filho primogênito de Fernando e Beatriz Suabia e passou parte de sua infância na Galícia. Em 1246 casou-se com a princesa Yolanda e, algum tempo depois, começou seu reinado, em 1251. O Rei Sábio morreu em Sevilha em 4 de abril de 1284 aos 63 anos.

Sobre a obra do rei Sábio de Castela, Sodré (2009, p. 152) afirma que ele possui uma vasta produ o, pois comp s “razones para obras de variado campo do saber”. O’Callaghan (1999, p. 172) agrupou-as em quatro blocos principais: obras legais, históricas, científicas e literárias. Dentre as obras literárias encontram-se as *Cantigas de Santa Maria*.

  preciso salientar que a maioria dos estudiosos das CSM, como Parkinson (1998), acredita que nem todas elas s o de autoria exclusiva do rei. Segundo ele,

  de suponer que o rei tería acompanhado de cerca a estructuración e a composición da obra. Mais en realidade resulta estraño que se teña pensado durante bastante tempo que unha colección de semellante tamaño fose unicamente do Rei Sabio (que tería moitas outras cousas en qu  se ocupar). A l xica indicamos, xa que logo, que non podería o rei ter composto todas as 420 Cantigas e, o mesmo tempo, que sendo el poeta non podería non ter composto ningunha delas. (PARKINSON, 1998, p.183)

A partir da opinião de Parkinson (1998) referida acima,   possível considerar Afonso X como o grande compilador, organizador dessas *cantigas*, com algumas delas que foram compostas por ele e outras n o. Partindo desse pressuposto, o autor problematiza ainda a questão de como definir critérios que nos permitam identificar as cantigas de sua autoria e, embasando-se em Mettmann (1987, p.364), nos sugere que as cantigas de autoria do rei sábio são as “cantigas persoais” (cf. Parkinson, 1998, p.183), que estão em primeira pessoa do singular e representam seus sentimentos, suas vivências e desejos em rela o   Virgem Maria.

Sobre a origem dessas cantigas religiosas, sabe-se que elas foram compiladas em um momento que coincide com a funda o de Portugal como reino e da afirma o da língua portuguesa como língua nacional: “as *Cantigas*, nas brumas da história, coincidem com o momento fundador do Reino de Portugal e também da língua portuguesa” (LEÃO, 2007, p.9). Assim, essas *cantigas* são importantes para o estudo do passado da língua portuguesa. Além disso, a maior riqueza lexical, de temas e formatos, faz destas cantigas um testemunho imprescindível para a investiga o dos processos de amplia o do léxico produzidos naquela época, como afirma Leão (2007, p.152-153):

Do ponto de vista do léxico, as Cantigas apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam   t pica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostitui o, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria.

As 420 *Cantigas de Santa Maria* são, de acordo com Leão (2007, p.21), líricas ou lírico-narrativas e dividem-se em cantigas de *miragre* (cantigas de milagre, as quais revelam os feitos milagrosos da Virgem Maria; são poemas narrativos) e cantigas de *loor* (cantigas de louvor, que louvam e fomentam a devoção mariana; poemas líricos). No entanto, devido ao fato de as cantigas de milagre revelarem os milagres da Virgem e, conseqüentemente, encerrarem louvores a ela, é possível, no fundo, considerar todas as cantigas como de louvor. Vejamos abaixo uma tabela extraída de Mettmann (1986, p.12), que nos mostra a quantidade dos tipos de cantigas ao longo de suas edições:

Tabela 1. Distribuição das cantigas de acordo com sua origem
(METTMANN, 1986, p.12)

Cantigas	Milagres	Internacionais	Nacionais	Pessoais
1-100	89	75	14	1
101-200	90	46	44	3
201-300	90	36	54	8
301-427	87	19	68	13

A tabela 1 acima nos revela que no *corpus* do presente estudo as cantigas de milagre são predominantes. De acordo com Leão (2007, p.24), elas aparecem em uma proporção de nove por um, ou seja, para cada grupo de nove cantigas de milagre tem-se uma cantiga de louvor, numerada com dezena inteira. Segundo a estudiosa,

a estruturação das cantigas obedece, pois, a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, ao de um rosário. (LEÃO, 2007, p.24)

Essas cantigas de milagre, frequentemente, possuem em sua estrutura alguns aspectos relevantes. O estribilho (= refrão), o qual é repetido depois de cada estrofe, apresenta a ideia principal da *cantiga*. Já nas duas primeiras estrofes, observam-se indicações sobre o tempo e o espaço da narrativa e também a nomeação das personagens que participam do milagre ou que o presenciam, como pode ser verificado, logo abaixo, no exemplo (11), que nos apresenta a cantiga 7.

(11) Cantiga 7: Esta é como Santa Maria livrou a abadessa prene, que adormecera ant'o seu altar chorando.

*Santa Maria amar
devemos muit' e rogar
que a ssa graça ponna
sobre nos, por que errra
non nos faça, nem peccar,
o demo sen vergonna*

Estribilho (Refrão)

Porende vos contarey
un miragre que achei
que por ha badessa
fez a Madre do gran Rei,
ca, per com' eu apres' ei,
era-xe sua essa.

Mas o demo enartar
a foi, por que emprennar
s' ouve dun de Bolonna,
ome que de recadar
avia e de guardar
seu feit' e sa besonna.

Santa Maria amar...

As monjas, pois entender
foron esto e saber,
ouveron gran lediça;
ca, porque lles non sofrer
quería de mal fazer,
avian-lle mayça.
E fórona acusar
ao Bispo do logar,
e el ben de Colonna
chegou y; e pois chamar
a fez, vo sen vagar,
leda e mui risonna.

Santa Maria amar...

(METTMANN, 1986a, p. 75-77)

Em (11), observa-se que o refrão é repetido ao final de cada estrofe e que as duas primeiras nos contam sobre as personagens envolvidas no milagre (no caso, a abadessa - cf. estrofe 1) e aquelas que presenciaram o ato da Virgem (no caso, as monjas). Verifica-se, ainda, que as duas primeiras estrofes trazem indicação sobre o espaço (no caso, Bolonha).

Leão (2007, p.24) mostra também o fato de que, além das cantigas de milagre e louvor, se encontram no final da obra algumas cantigas de festas do calendário cristão.

A respeito das características estruturais das cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, Parkinson (2000, p.243) nos diz que cada uma delas possui um *layout*, isto é, “*the complex sequence of operations and calculations by which the different components of each song were placed on the manuscripts pages*”.

Os diferentes componentes a que Parkinson (2000) se refere na citação acima são:

a) rubrica - título ou epígrafe. A rubrica frequentemente “*occupies 4 lines above the first stave*” (PARKINSON, 2000, p. 247);

b) staves - parte que se refere à notação musical juntamente com o texto sobreposto (cf. PARKINSON, 2000, p.247);

c) running text - é o restante do texto, extraído-se a rubrica e os *staves*. Este componente “*will remain a multiple of four*” (PARKINSON, 2000, p.247).

Sendo assim, o layout “*provides the structure of texts*” (PARKINSON, 2000, p.244). Observemos abaixo um exemplo de layout da cantiga 22 do códice To, extraído de Parkinson (2000, p.248) – figura 1.

XIIII

Rvzr:c

Esta é como sancta maria guardou
a un lancero que non morrese das
feridas que lle dára un caualero
e seus omes.

En gran poder a
a amadri deus de defender e
ampallor seus. En po
der a ca seu fillo ho deus.
en defender quen se chamar por
seu. e deit un miragre nos dias
en que ela fez grande nos dias
meus. En gran poder a amadri
de deus de defender e ampallor seus.
En armenteira foi un lancero.

R1

S1

S2

que un caualero por desamor
mou grande que aua seu feno.
foi polo matar per nome aures.
En gran poder a madre de deus
de defender e ampallor seus
yo un seu esillo debullar.
na esia mantouly lancidofar
mas el começou a mor achamar
do que na cruz matoum ofua.
En gran poder a amadri de de
de defender e ampallor seus.
Qua lancidas lle deu un peon.
mas nonll enraou e escarido
curou que era o corep e enrao
mis budo foi que uida matale
En gran poder a madre de de
de defender e ampallor seus.
non a sta ascia de lanou e
e feru o deus nono chagou
ca el a sancta amadri chamou
semor ual me como ualef os de
En gran poder a amadri de de
de defender e ampallor seus
non moia ca non moia mal
eles pois uiron o miragre aml
que fez a eseyta espetral. e
creuon ten qaur em enaw
En gran poder a madre de de
de defender e ampallor seus.
fillaron se log a eseyta
e de uon al e el pñon restir
a eseyta amadri con eury tomo
En gran poder a amadri de de
de defender e ampallor seus.

R2

S3

R3

S4

R4

S5

R5

S6

R6

S7

R7

MUSIC WITH UNDERLAND TEXT

Figura 1. Layout T22.
(PARKINSON, 2000, p.248)

Sobre a estrutura das cantigas, Filgueira Valverde (1985, p. XLV- XLVI) afirma que nelas os refrãos veiculam uma idéia de exemplo, assim como outras partes das cantigas:

Las Cantigas están escritas, como aquellas otras obras afonsíes, con una Idea de ejemplaridad; los refranes condensan, a modo de <moraleja>, el deber del hombre que se desprende del relato; es frecuente la iniciación de la primeira estrofa sentando una tesis [...] y, en ciertas ocasiones, declarando, de manera muy explícita, cuál es la finalidad puramente didáctica, ejemplar.

O mesmo Filgueira Valverde (1985, p.XLVI) propõe que: “Aparte el motivo marial o el carácter ejemplar, las Cantigas tienen, pues, para Afonso X, un fin en sí, como colección;

serán en otras obras, leyes o hechos, aquí son milagros lo que se colige: lírica <coroa con muitas pedras ricas> para la Madre de Dios y de los hombres”.



Figura 2. Miniatura de abertura.
Códice dos músicos (Escorial), fólio 29r.
Reproduzido de Alvarez (1987, lâmina I).

2.2.2 Os Códices

Segundo Ferreira (1994, p.58), as CSM podem ser descritas como:

THE COLLECTION OF more than four hundred songs dedicated to the Virgin Mary by Afonso X, King of Castile and León, survives in four medieval manuscripts. The music for these songs, or cantigas, was written down in three of them.

Os quatro manuscritos antigos²¹ citados pelo estudioso são conhecidos como códices: E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos; T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T; To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas.

²¹ O Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro* (ao qual esta pesquisa está vinculada) tem acesso aos microfílm dos manuscritos e também a duas edições fac-similadas das *Cantigas de Santa Maria*.

A citação acima nos informa ainda que três dos quatro manuscritos possuem notação musical. São eles: E, T e To.

Segundo Mettmann (1986, p.24), a elaboração das cantigas pode ser dividida em três fases. Em um primeiro momento, provavelmente entre os anos de 1270 e 1274, foi feita uma coleção de cem cantigas que, posteriormente, foi duplicada, e confeccionado um códice ilustrado (T). Na terceira fase, duplicou-se novamente a coleção de 200 cantigas da segunda, chegando ao número de 400, no período compreendido entre 1277-1282.

Atualmente, dois dos códices estão guardados na Biblioteca do Escorial (**E** e **T**), um na Biblioteca Nacional de Madrid (**To**) e outro na Biblioteca Nacional de Florença (**F**). Apresentaremos brevemente cada um destes manuscritos, com suas características elementares (cf. Ferreira, 1994, 1998; Parkinson, 2000, Massini-Cagliari, 2005; Costa, 2006).

2.2.2.1 Códice de Toledo (To)

Segundo Ferreira (1994, p.72), este manuscrito foi completado “*at the latest in 1276*”. Contém 160 folhas de pergaminho avitelado, medindo cada uma delas 320 milímetros de altura por 220 de largura (cf. Ferreira, 1998, p.57). O espaço que o texto ocupa mede 225 milímetros de altura por 151 de largura.

A escrita é dividida em duas colunas, alternada com tinta vermelha e preta e com 27 linhas cada uma e as letras iniciais das cantigas “*alternate at the beginning between the red (decorated in blue) and the blue (decorated in red)*” (FERREIRA, 1994, p. 78).

De acordo ainda com Ferreira (1994, p. 59), To

contains a collection, preceded by an introduction in verse, of one hundred cantigas framed by a prologue and a supplication; three appendices contribute to a total of one hundred and twenty-eight songs.

Dentre essas 128 cantigas, há cantigas que narram milagres da Virgem Maria (cantigas de miragres), cantigas de louvor (loores) e também “*one hundred cantigas five new songs for the feasts of Mary*” (FERREIRA, 1994, p. 59).

Todas as cantigas desse códice são acompanhadas por um Prológo inicial, com as finalidades e intenções do *Livro*, e uma *Pitiçon* final, com um rogo de Afonso X à Virgem Maria.

16.

CANTIGA XV, fol. 25 r.º y v.º

Esta. xv. e como scã maria ro-
gou a seu fillo. pola alma to-
monge de san pectro. por que
rogaram todos los santos. e o nõ
quis fazer senon por ela.

Dar deus muit é grã razõ
de poder santa maria
mas de quãtos santos son
Emuit é cousa gustada
de poder muito con deus

a queo trouxe en seu corpo
e depois nos braços seus
ó trouxe muitas uegadas
e con pavor dos iudeus
fogu con el á e gipto
terra de rey faraon
dar deus muit é gran razõ
de poder santa maria

Figura 3. Cantiga XV, fol 25r y v – Códice de Toledo.

Fonte: <http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/facsimiles/To/bob015small.gif>
(acesso em 13 abr. 2011)

2.2.2.2 Códice Rico (T ou Códice das histórias)

Escrito não antes de 1271, T apresenta 256 folhas de pergaminho avitelado com dimensões de 490 milímetros de altura por 325 milímetros de largura (cf. Ferreira, 1994, p. 57;

Parkinson, 2000, p.246). O texto é apresentado em uma única coluna -“*the use of single columnation in T seems to be, in general, just a copyist’s choice impelled by a graphic rationale*” (FERREIRA, 1998, p. 58) - com 44 linhas cada (PARKINSON, 2000, p.246).

Este manuscrito apresenta apenas 193 cantigas (cf. Ferreira, 1994, p.60), mas é considerado rico, de acordo com Ferreira (1994, p.59), devido à sua riqueza material, expressa, sobretudo, na beleza de suas miniaturas, que chegam ao número de 1257: “*T are de luxe illustrated manuscripts*”. O tamanho destas miniaturas varia entre 334 milímetros de altura por 230 de largura, para as miniaturas de página inteira, e 109 por 100, para as de compartimento; algumas figuras de pé de página têm 65 milímetros de altura (cf. METTMANN, 1986, p. 29).

Massini-Cagliari (2005, p.71) possui a mesma opinião de Ferreira (1994): “T, o códice escorialense de cota MS T.I.1, é conhecido como *códice rico*, dada a riqueza do material com que foi feito, o cuidado e o capricho de suas notações musicais e das letras das cantigas e a riqueza e beleza das suas miniaturas.”

2.2.2.3 Códice de Florença (F)

Este manuscrito foi copiado depois de 1279 e encontra-se na Biblioteca Nacional de Florença. É composto de 131 folhas de pergaminho com 335 milímetros de altura por 217 de largura e contém 104 cantigas, dentre elas as de louvores e as de milagre (cf. Ferreira, 1998, p.58).

A encadernação deste manuscrito foi feita com uma tábua de madeira coberta com pele e frisos dourados e há alternância das letras iniciais dos versos em vermelho e azul. O título e o refrão são sempre escritos com tinta vermelha e as estrofes com tinta preta.

A escrita é disposta em duas colunas, porém há casos em que é comum três ou até mesmo uma coluna. F possui também iluminuras decorativas e explicativas, mas algumas delas não estão completamente acabadas, com algumas que apenas foram desenhadas e sem notação musical: “*no music was entered and a large number of miniatures remain incompleated*” (FERREIRA, 1994, p.61).

2.2.2.4 Códice Escorial (Códice dos músicos)

Este manuscrito foi escrito depois do ano de 1281. Possui 361 folhas de pergaminho, com medidas de 402 milímetros de altura por 274 de largura e 420 cantigas, por isso é o mais completo de todos (cf. Ferreira, 1994, p.62). O texto é escrito em duas colunas de 92 milímetros de largura com 40 linhas cada: “*the codex E is more consistently planned from the*

beginning: forty lines per column, three lines per staves plus one for the text” (FERREIRA, 1998, p.57).

Cada cantiga inicia-se com letra maiúscula azul e detalhes em vermelho. A cor das letras iniciais dos versos alterna-se em azul e vermelho e a inicial maiúscula da primeira cantiga desse manuscrito possui pontos de ouro.

Em cada intervalo de 10 cantigas há uma miniatura da largura da coluna com gravuras de músicos tocando vários instrumentos: *“Every tenth cantiga in this manuscript is preceded by an illumination representing one or two musicians”* (FERREIRA, 1994, p.62). Quase todas as cantigas desse manuscrito são acompanhadas de notação musical.



Figura 4. Miniatura. Códice dos músicos (Escorial), fólio 110v.
Reproduzido de Alvarez (1987, lâmina III).

2.2.3 *As Cantigas de Santa Maria e seu valor artístico-literário*

Como pudemos observar na subseção anterior, as cantigas em louvor à Virgem Maria presentes em quatro manuscritos vêm acompanhadas (em dois dos manuscritos remanescentes - T e F) por iluminuras, que são desenhos em miniaturas representando, na maioria das vezes, o conteúdo que está sendo narrado. Sendo assim, de acordo com Costa (2006, p. 23):

é a partir dessas características (a poesia, a música e a gravura) que podemos afirmar, com toda a certeza, que as cantigas religiosas constituem uma das fontes mais ricas de informação a respeito da cultura geral do período medieval, fornecendo dados preciosos a respeito da língua, da versificação, da música, da arte e da religião da época.

Portanto, podemos perceber que as CSM possuem um grande valor artístico, informando a seus leitores vários aspectos da sociedade do século XIII, como a língua, a versificação, a música, a religião e até mesmo as artes plásticas - expressas belamente nas gravuras que acompanham estas cantigas. A respeito da expressão artística dos aspectos religiosos, Filgueira Valverde (1985, p. XLIII) afirma que

Muestra de la originalidad de las <cantigas> frente a sus modelos es la riquísima matización de famosísimos relatos muy bellos o de difusión universal: el del monje que pasó trescientos años escuchando una melodía celestial, como si sólo durase un instante (103); el de los gusanos de seda que tejen un velo para la Virgen (108); el de la monja que huye del convento y deja sus llaves a la imagen, que la sustituye hasta que vuelve (94); el del guerrero presente en la batalla mientras oye misa (44).

Sobre esta variação artística que retrata vários aspectos da sociedade medieval, Mettmann (1986, p. 14) afirma que ela pode ser considerada um indício de que as cantigas religiosas não tenham sido compostas apenas pelo Rei Sábio de Castela, Afonso X.

El valor artístico de las cantigas narrativas es muy desigual, lo que, en parte, se puede explicar por la pluralidad de autores. Al lado de composiciones donde el encanto de las leyendas es reforzado por una narración hábil y vivaz e la soltura de los diálogos (véase por ejemplo la ctg. 64), hay otras que, como queda dicho, son productos de serie u obra de un poeta de poco talento. (METTMANN, 1986, p.14)

Sendo assim, como já dito, Afonso X seria autor de grande parte das cantigas, sobretudo as “persoais” (cf. Parkinson, 1998, p.183). Isto não quer dizer que o Rei não tenha tido a ajuda de outros trovadores, pois como afirma Mettmann na citação anterior, no conjunto das poesias marianas há aquelas que possuem uma narração hábil e viva e outras que parecem a criação de um poeta de pouco talento, ou seja, estas cantigas revelam estilos diferentes de trovar.

Vejamos abaixo um exemplo de iluminura que “narra” por meio de um conjunto de gravuras a história da cantiga 4, cantiga esta que relata um milagre realizado pela Virgem Maria a um judeuzinho. Santa Maria salva-o de seu pai que queria colocar o menino no forno porque ele havia recebido a comunhão das mãos da própria Virgem. Este milagre está descrito nos quadros a seguir:

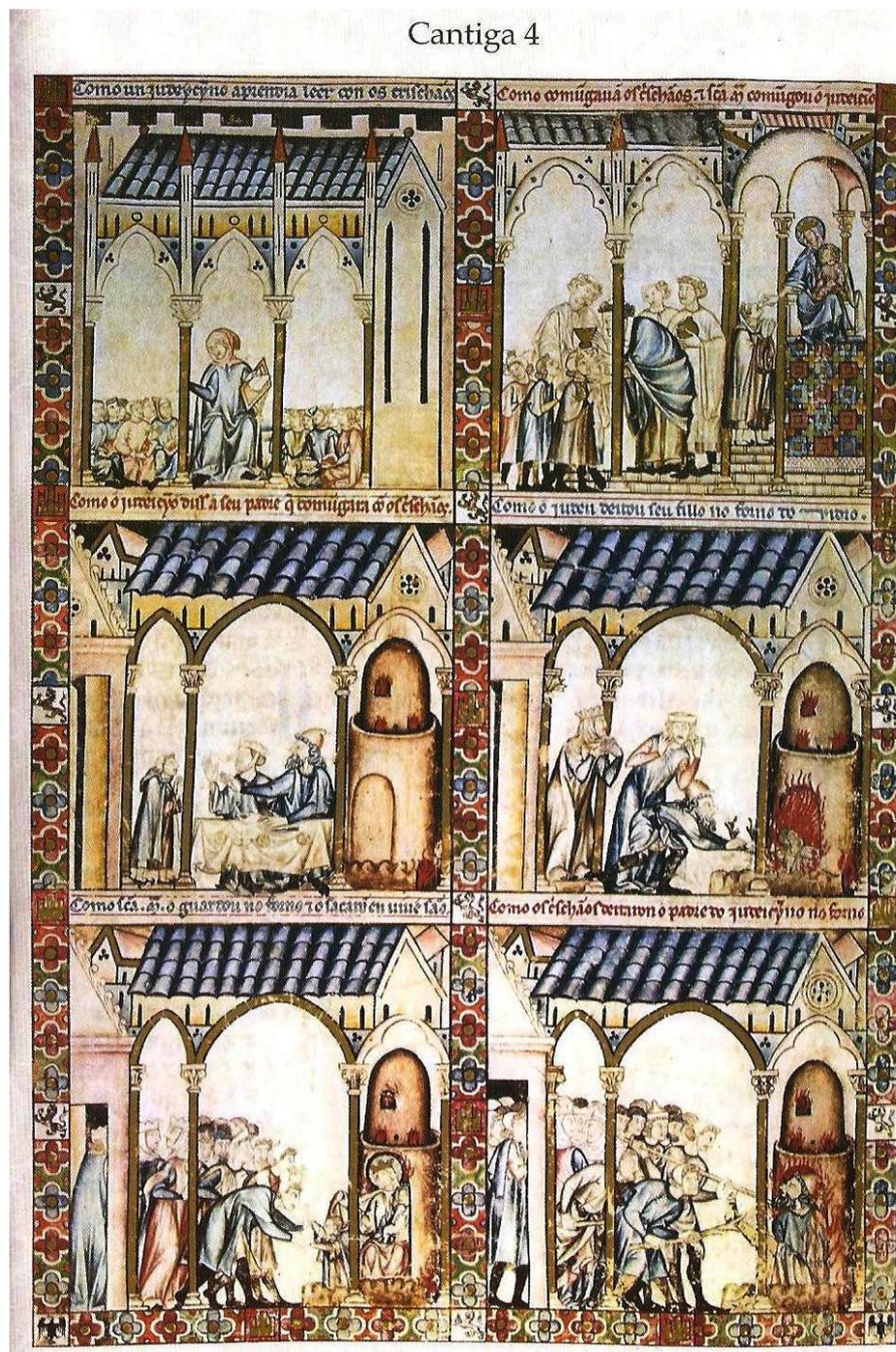


Figura 5. Página de ilustrações da Cantiga 4 - Códice T.
(LEÃO, 2007, p. 49)

2.2.4 Considerações finais sobre as cantigas em louvor à Virgem Maria

Esta exposição sobre as *Cantigas de Santa Maria* nos permitiu perceber que, devido à variedade temática destas cantigas (cantigas de milagre, de louvor e sobre festas religiosas) e, conseqüentemente, à existência de um léxico mais abrangente, conseguimos extrair pistas

linguísticas de alto valor para uma melhor compreensão do período que abarca este trabalho - o Português Arcaico.

Percebemos ainda que tais cantigas possuem um caráter poético e musical, fato de extrema importância para um trabalho de pesquisa voltado para a área de fonologia do PA. Em um estudo que tem como objetivo determinar o estatuto prosódico de formas linguísticas de um período do português do qual não restam mais falantes nativos vivos, é fundamental a escolha de um *corpus* que evidencie questões de ritmo dessa língua.

2.3 As Cantigas de Escárnio e Maldizer

2.3.1 Definição, estrutura e temática

As cantigas de escárnio e maldizer são composições que reúnem não somente as sátiras literárias ou maledicências pessoais, mas também as sátiras morais, políticas, assim como os prantos, as tenções e as paródias. Segundo Lanciani e Tavani (1998, p. 9), as cantigas de escárnio e maldizer são o terceiro dos gêneros canônicos produzidos por trovadores e indubitavelmente o menos homogêneo e o mais difícil de identificar e definir:

[...] quando se fala de cantigas de escarnho e maldizer referimo-nos ambigualmente a um conjunto de textos, frequentemente muito diversos entre si por temas e modulações tonais, no qual confluem não só escárnios e maledicências de breve alcance e de interesse estritamente pessoal ou de grupo, mas também sirventeses morais e políticos, sátiras literárias e de costume, queixas e lamentos, tenções e paródias, isto é, todos os textos que não são de qualquer modo assimiláveis às cantigas de amor ou às cantigas de amigo. (LANCIANI; TAVANI, 1998, p.9)

Como a citação acima expõe, esse gênero de cantigas medievais possui uma variedade temática muito grande. Sendo assim, tal variedade justifica nossa escolha por este tipo de *corpus*, uma vez que, assim como as cantigas religiosas, as cantigas de escárnio e maldizer trazem uma riqueza lexical muito grande, fator indispensável para um estudo que pretende analisar formas existentes no léxico do PA.

Mongelli (2009, p. 183) afirma que, apesar de essas cantigas terem ficado à disposição do público somente em meados do século XX, elas tiveram imediato prestígio, pois auxiliaram em estudos de caráter sócio-histórico ao fazerem referência a personagens, situações e lugares reais, “permitindo recompor um amplo painel de acontecimentos importantes dos séculos XII, XIII e XIV peninsulares” (MONGELLI, 2009, p. 183). Além disso, “essas cantigas constroem-se nas fronteiras do cômico, com todas as nuances que o moldam, da ironia sutil ao riso debochado, da zombaria ao sarcasmo, da facécia ao burlesco”.

Sobre a questão do riso nas cantigas de escárnio e maldizer, a autora afirma que: “não se ri apenas de nobres empobrecidos e freiras/monges corruptos, de guerreiros covardes e de costumes degenerados, mas também daqueles que insistem em compor segundo preceitos artísticos já não muito bem conhecidos” (MONGELLI, 2009, p.188).

A maioria dos estudiosos das cantigas de escárnio e maldizer (cf. Lanciani; Tavani, 1998; Lapa, 1998) considera dois tipos diferentes de cantigas, embora ambas focalizem o fato de falar mal de alguém. De acordo com Massini-Cagliari (2005, p.45), estas cantigas diferem se apenas pela forma como elas fazem a difamação: coberta ou descoberta, ou seja, se a cantiga falava mal indiretamente de alguém era de escárnio, caso contrário era de maldizer. Esta mesma opinião está presente também na Poética de B (abreviatura para um dos cancioneiros que “guardou” a produção da lírica profana galego-portuguesa - *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*), como podemos observar abaixo:

cantigas d’escarneo son aquelas que os trobadores fazem querendo dizer mal d’alguen en elas, e dizen-lho per palabras cubertas que ajan dous entendimentos pera lle-lo non entenderen ligeiramente: e estas palabras chaman os clérigos *hequivocatio*. E estas cantigas se podem fazer outrosi de mestria ou de refran. (TAVANI, 2002, p. 10, grifo dos autores)

Cantigas de maldizer son aquela<s> que fazem os trobadores descubertamente. E<n> elas entran palabras que queren dizer mal e nona ver outro entendimento se non aquel que queren dizer chãamente... (TAVANI, 2002, p. 10)

Vieira (1987, p. 14, aspas da autora) retoma as definições da Poética Fragmentária:

As cantigas de escárnio e maldizer, por sua vez, distinguem-se das duas outras pela sua “intenção ofensiva”, que pode ser mais ou menos evidente: se usam palavras encobertas, isto é, equívocas, são de escárnio; se, ao contrário, ofendem abertamente, são de maldizer.

Encontramos ainda em Sodré (2008) a diferenciação entre cantigas de escárnio e cantigas de maldizer, a qual se pauta nos mesmos critérios de distinção expostos na Poética de B e retomados por Massini- Cagliari (2005) e Vieira (1987) - tal diferenciação ocorre por meio da forma como é feita a difamação. Segundo o estudioso, o escárnio é visto “como produção mais cortês, mais aconselhável, e ‘maldizer’, como produção, ainda que cortês, mais cômica - popular ou carnalizada, aconselhável com restrições” (SODRÉ, 2008, p. 4).

Sobre as cantigas de maldizer, Sodré (2008, p.5) afirma também que tais cantigas são um “*profaçar* explícito e/ou obsceno menos aconselhável, alinhando a produção cômica galego-portuguesa às lições retóricas sobre o riso: cultura e urbanidade, ou seja, senso de

conveniência” e que “a presença dessas cantigas ‘carnavalizadas’ parece atestar, ao mesmo tempo, a tolerância institucional da cultura popular na corte – recorde-se das cantigas obscenas de Alfonso X, o Sábio, e dos trovadores de sua corte – e a tensão que ela provoca nos produtores culturais desse período, porventura menos tolerantes” (SODRÉ, 2008, p.5).

Lanciani e Tavani (1998, p.15) afirmam que uma das possíveis causas de alguns estudiosos considerarem as cantigas de escárnio e cantigas de maldizer como um tipo único de composição é a existência de rubricas unívocas (“esta cantiga é de mal dizer” ou então “esta cantiga é d’escarnho”) ou rubricas globais (“esta cantiga é d’ escarnho e de maldizer”). Os copistas, em certo momento, teriam deixado cair a distinção, adotando constantemente a fórmula ambígua “... fez esta cantiga d’escarnh’ e de maldizer”, mesmo quando a rubrica se referia a um único texto.

Voltando à questão da temática, Lapa (1998, p. 8) afirma que perpassam as cantigas de escárnio e de maldizer seis temas fundamentais - as grandes motivações satíricas dos trovadores (cf. também Vieira, 1987, p. 17-18). Os temas são: 1) deserção dos cavaleiros na guerra de Granada; 2) traição dos alcaides de D. Sancho II; 3) chacotas a Maria Balteira; 4) o escândalo das amas e tecedeiras; 5) as impertinências do jogral Lourenço; 6) a decadência dos infanções, fenômeno social e econômico.

Vejamos a seguir um exemplo do tema, encontrado na cantiga 14 (Lapa, 1998, p. 28). Nesta cantiga, Maria Balteira, identificada como uma soldadeira, é motivo de chacota e zombaria, uma vez que um homem tenta violar o sexo da moça.

(12) 14. (CNB.484; CV 67)²²

Fui eu poer a mão noutro di-
 a a ãa soldadeira no conon,
 e disse-m’ela: -Tolhede-a, ladron,
 ca non é est’ a [sazon de vós mi
 viltardes, u prende] Nostro Senhor
 paixon, mais é-xe de min, pecador,
 por muito mal que me lh’eu mereci. (LAPA, 1998[1965], p.28)

Em (12), observamos que o léxico utilizado relaciona-se muito com a temática da cantiga. Percebe-se que a palavra *conon* (aumentativo de vagina) é um vocábulo do meio popular de caráter altamente obsceno.

²² Estas abreviaturas correspondem, respectivamente, aos manuscritos em que se encontram estas cantigas. CBN significa, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* e CV é a sigla que representa *Cancioneiro da Vaticana*.

A questão da obscenidade não se restringe apenas a esta cantiga. Como afirmam Lanciani e Tavani (1998, p.77),

O registro cômico do obsceno é, com efeito, inseparável, na poesia medieval, tanto do código satírico como do irônico. Explícitas ou alusivas, as referências sexuais e escatológicas são constantes nas cantigas, não só nas poesias de maledicência mas também nas de escárnio [...].

Machado (2005, p. 384-385) também comenta a respeito do léxico obsceno nas obras do período medieval:

Há testemunhos da utilização do léxico obsceno na poesia trovadoresca (Cantigas de Escárnio e Maldizer) e na prosa medieval portuguesa. Esta utilização na prosa não se limita apenas a determinado tipo de textos e a determinada temática. O léxico obsceno surge ora em obras de cariz historiográfico, ora em obras de cariz moral e religioso, como os manuais de teologia pastoral e os próprios textos bíblicos.

Por fim, observamos que Mongelli (1992), assim como Viera (1987), relaciona o tema do obsceno à cultura popular da Idade Média:

As formas e os campos semânticos encontrados na maior parte das cantigas de escárnio e maldizer - a paródia, o obsceno, o escatológico, a inversão, o travestimento, as funções fisiológicas, a imagem do corpo em transformação - tudo isso está relacionado com a chamada 'cultura cômica popular', descrita por Mikhail Bakhtin. (MONGELLI, 1992, p. 51)

Outro campo sêmico muito comum às cantigas de escárnio e de maldizer é o relacionado a paisagens urbanas e campestres, apresentando vocábulos relacionados a esses lugares, por exemplo, nomes de aves (*falconcinho*), para paisagens urbanas, e de cães (*galguilinho*)²³, para paisagens campestres. Lanciani e Tavani (1998, p. 115) enumeram, ainda, outros campos sêmicos do escárnio e da maledicência: o campo sêmico alimentar - zomba a avareza que preside a mesa de homens ricos - e o dos grupos sociais - descreve a polêmica que envolve grupos sociais ou categorias profissionais.

Sobre a temática ainda, Lanciani (1993, p. 138-139) afirma que:

A grande maioria das cantigas de escárnio e de maldizer é formada por textos cuja intenção específica é de ludibriar e troçar dos hábitos ou dos vícios de personagens conhecidos da corte, ou de inteiras categorias sociais e profissionais (hebreus, médicos, soldadeiras, jograis, mas também escudeiros, ricos-homens, infanções), ou de se propor pura e simplesmente como o avesso da poesia de amor.

²³ Essas duas ocorrências - *falconcinho* ("falcãozinho") e *galguilinho* ("caõzinho gaulês") - fazem parte do nosso banco de dados, como poderá ser visto na seção 5 desta dissertação.

Embasando-nos em Mongelli (2009), a sátira dos hábitos e vícios da sociedade medieval a que se refere Lanciani (1993) tem “muito mais a finalidade de divertir com leveza do que de acusar ou denunciar com gravidade, é da natureza intrínseca do cômico uma espécie de propósito reformador, já que incide sempre sobre o que parece errado, falho ou mal concebido” (MONGELLI, 2009, p. 184-185).

Opinião parecida com a de Mongelli (2009) encontra-se em Sodré (2010), em sua obra *O Riso no Jogo e o Jogo no Riso*, porém de uma forma um tanto mais abrangente. Segundo ele, há “na produ o satírica, um relevante teor lúdico - normalmente esquecido pelos críticos, em fun o de leituras mais moralistas [...]” (SODRÉ, 2010, p. 12). Tal moralismo, de acordo com o autor, compromete “n  apenas a leitura das cantigas, mas, inclusive, a no o de sátira dos próprios trovadores” (SODRÉ, 2010, p.15), uma vez que estes faziam as cantigas de escárnio e maldizer embasados no tom do jogo, do lúdico previsto na Lei XXX da *Partida Segunda*, conjunto de leis peninsulares organizado por Afonso X. Esse código assumia que, nas cantigas satíricas, “nada poderia constranger ou aborrecer aquele que seria motivo de mofa, uma vez que só a distra o e a alegria deveriam conduzir *o falar en gasaido e o jugar de palabra*” (SODRÉ, 2010, p.16).

Sendo assim, o *falar gasaido e o jugar de palabra* seriam “regras do trovar satírico” relacionadas ao riso com teor lúdico, provocado pelo avesso das situa es descritas nas cantigas: “o *jugar de palabra*, regido por lei, prescrevia [...] outra estratégia: os amigos tinham suas qualidades postas pelo avesso apenas para efeito de diversão e riso” (SODRÉ, 2010, p.19). Sobre a questão do avesso, Sodré (2010, p.115) afirma, ainda, que

O avesso seria, assim, um tipo de *equivoco*; o caráter lúdico, o jogo estaria justamente na surpresa de os ouvintes e o próprio visado perceberem a brincadeira do jogo dos contrários. Nisso estariam a conveniência e a boa *razon* para a composi o da cantiga: não dizer ao covarde que   covarde, nem ao sodomita que   sodomita, mas jogar com seu avesso, se isso fosse conveniente ao trovador e   corte.

Com rela o   forma tanto as cantigas de escárnio quanto as de maldizer, segundo Massini-Cagliari (2005, p. 45), podem apresentar fei o mais ou menos popular, sendo de mestria ou de refrão. As cantigas que são de mestria são aquelas que não possuem estribilho, ou seja, sem refrão. Geralmente, são um pouco mais longas. Por outro lado, as cantigas de refrão s o as que fazem uso deste recurso. Vejamos exemplos desses dois tipos de cantigas.

(13) 8. (CV 61)

E com[e] omen que quer mal doitear
 seus naturaes, sol nõno provedes,
 ca non son mais de dous, e averedes-
 los a perder pólos muit[o] afrontar;
 e sobr' esto vos digo eu ora al:
 daquestes dous, o que [vos] en meos val
 vos fará gran mêngua, se o perdedes.

E se queredes meu conselho filhar,
 creede-m'ora, bem vos acharedes:
 nunca muito de vó-los alonguedes,
 ca non podedes outros taes achar
 que vos non conhoscan quen sodes nen qual;
 e se vos d[aqu]estes dous end' uñ fal,
 que por minguado que vos en terredes. (LAPA, 1998[1965], p.24)

(14) 7. (CBN 476 = CB 370)

Non quer' eu donzela fea
 que ant' a mia porta pea. } **Refrão**

Non quer' eu donzela fea
 e negra como carvon,
 que ant' a mia porta pea
 nen faça come sison.
**Non quer' eu donzela fea
 que ant' a mia porta pea.**

Non quer'eu donzela fea
 e velosa come can,
 que ant'a mia porta pea
 nen fala come alermã.
**Non quer' eu donzela fea
 que ant' a mia porta pea. [...]** (LAPA, 1998[1965], p.23, grifo nosso)

Os exemplos (13) e (14) nos mostram, respectivamente, uma cantiga de mestria (sem refrão) e uma de refrão, o qual é repetido ao longo da cantiga. Lapa (1998, p. 27) propõe que as cantigas de escárnio e as de maldizer possuem uma estruturação métrica bem regular, com um número certo de versos para cada estrofe, número de sílabas para cada verso e número de coblas²⁴ para cada cantiga.

²⁴ Segundo Massaud Moisés (1974, p.88), as coblas são “sinônimo de ‘estrofe’, na poética medieval galaico-portuguesa. Quando cada estrofe apresenta rima própria, recebe o nome de *cobla singular*. Quando igual à rima ao longo das estrofes, denominam-se *coblas uníssonas*”.

A partir dessa afirmação de Lapa (1998), podemos justificar mais uma vez nossa escolha por esse tipo de cantigas para compor o *corpus* de nosso estudo. Além do fato de possuírem uma riqueza lexical muito grande, as cantigas de escárnio e maldizer possuem, como nos coloca a citação acima, uma regularidade métrica, fato este que nos permite saber com mais segurança a localização dos acentos nas palavras.

Deve-se ressaltar, no entanto, que tal regularidade na medida nos versos pode variar de edição para edição, com relação a algumas cantigas específicas. Lapa (1998) e Nunes (1973[1929]) optam por versos longos compostos de quinze sílabas graves e com cesura após a oitava sílaba. As rimas são do tipo aabb. Já as edições mais antigas, como a de Theophilo Braga (1878), optam por manter a versificação original, ou seja, a dos cancioneiros, com versos curtos setessílabos graves e esquema abcddefe.

2.3.2 *O porquê de se utilizar a edição de Lapa (1998[1965])*

Para realização do trabalho de mapeamento das formas aumentativas e diminutivas em PA escolhemos a edição das cantigas de escárnio e maldizer elaborada pelo filólogo Manuel Rodrigues Lapa. Tal escolha justifica-se pelo fato de esta edição ser crítica. Segundo Massini-Cagliari (2007a, p. 33), “a edição crítica, ou interpretativa, como os próprios rótulos já indicam, baseia-se na interpretação do conteúdo e da estrutura do texto editado, em busca do que teria sido o ‘original’ perdido do texto”.

Sodré (2008, p.6) também chama atenção para a importância de se utilizar edições críticas em pesquisas sobre a lírica medieval:

Como alguns filólogos costumam(avam) alertar, um dos óbices mais sérios ao estudo crítico-literário da lírica galego-portuguesa é a instabilidade textual dos manuscritos, tanto dos cancioneiros em que se recolheram as cantigas como do tratado poético e dos livros de leis da Península medieval. Isso exige que o pesquisador se ampare, nem sempre com segurança, tanto na observação desses manuscritos, dos fac-símiles, como em suas edições críticas mais autorizadas.

Sendo assim, a edição crítica de Lapa (1998[1965]) fornece aos seus leitores e estudiosos do assunto uma pequena interpretação em cada cantiga, como pode ser constatado no exemplo abaixo, extraído de Lapa (1998[1965], p.228):

(15)

355. (CBN. 1639; CV. 1173)

Dade-m' alvissara, Pedr' Agudo,
e ôi-mais sodes guarido:
vossa molher á bon drudo,
baroncinho mui velido.

- 5 Dade-m' alvissara, Pedr' Agudo,
vossa molher á bon drudo.

Dade m' alvissara, Pedr' Agudo,
e cresca-vos ende gabo:
vossa molher á bon drudo,

- 10 que fode já en seu cabo.
Dade-m' alvissara, Pedr' Agudo,
vossa molher á bon drudo.

Dade-m' alvissara, Pedr' Agudo,
esto seja mui festinho:

- 15 vossa molher á bon drudo,
e já non sodes maninho.
Dade-m' alvissara, Pedr' Agudo,
vossa molher á bon drudo.

Dade-m' alvissara, Pedr' Agudo,
e gran dereito faredes:

- 20 vossa mulher á bon drudo
que erda en quant' avedes.
Dade-m' alvissara, Pedr' Agudo,
vossa mulher á bon drudo.

Pero da Ponte.



355 *Frechada* de Pero da Ponte ao burgalês Pedro Agudo, que menciona como rei dos cornudos em uma outra de suas cantigas (n.º 362). Pelo que se deduz de uma referência do trovador português em Castela, Gonçalo Eanes do Vinhal (n.º 175), Pedro Agudo era também segrel ou trovador. A cantiga tem uma forma esperta e musical de bailada, que acentua fortemente a ironia do contexto. Editada por SAVERIO PANUNZIO, Pero da Ponte. Poesie, págs. 194-197.

1 *Dademaluyssara* CBN, CV. Sendo os versos de sete sílabas, a pronúncia teria de ser *da-dmal-vi-ssra*. O carácter musical da composição favoreceria esta condensação fónica. 2 Entenda-se: «e de hoje em diante sois um homem feliz». 3 *drudo*. É termo provençal, designando o amante reconhecido, no último grau da escala amorosa. 4 *baroncinho mui velido*. Veja-se a ironia contida neste verso, com o emprego do diminutivo e da bonita palavra arcaizante *velido*: «era um moço belo, na flor da idade, cobridor ideal para mulheres maduras». 8 *crescauo ende gabo* CV e *crescauo* — CBN; *crescavos end' o rabo* Br; leitura desprovida de sentido, que é mais ou menos este: «e podeis gabar-vos disso»; *cresca-vos ende o gabo* Mdo, — *end' o gabo* Pan. 10 *en seu cabo* = plenamente, com toda a virilidade. 14 *festinho* = rápido, rapidamente. Corominas não considerou no seu Dicionário este representante galego-português do adv. latino FESTINO. 16 *maninho* CBN, CV; Br: Podia pensar-se na lição *meninho*, apesar de ambos os códices trazerem *maninho*. Contudo, *maninho* melhor se justifica: «vossa mulher tem um amante, pelo que já tendes um herdeiro». Essa ideia aliás aparece no v. 22. 22 *en qntauedes* CV, *en qntauedes* CBN; *en quant' aver edes* Br. PANUNZIO cita utilmente a construção «heredar en los bienes» dos *Fueros de Aragón*.

Como podemos observar, no exemplo acima há um pequeno trecho na parte superior direita da folha interpretando a cantiga 355. Isso ocorre em todas as outras 430 cantigas expostas na edição.

A respeito de sua edição crítica, Lapa, no prefácio à primeira edição, afirma que nela não se encontram apenas as técnicas de um filólogo, mas também certo aprofundamento sobre as questões textuais:

Devemos desde já acentuar que não pusemos nele [o livro de cantigas] apenas a técnica do filólogo, instrumento indispensável, sim, mas não bastante em trabalhos desta natureza. **Mergulhámos a fundo nesse mar de poesia, num esforço de simpatia e adesão, sem o qual, quanto a nós, se não pode chegar ao segredo da arte.** Isto explicará, entre outras coisas, a curiosidade e o interesse com que defrontamos animosamente certos lixos verbais, e ainda, num ou noutro caso, a intenção de completarmos alguma poesia com calafetações da nossa lavra, postas, aliás, entre colchetes, para não iludirem ninguém. (LAPA, 1998[1965], p. 6, grifo nosso)

A citação anterior nos mostra mais uma vez que nossa escolha pela edição de Lapa foi acertada, uma vez que ao “mergulhar” no mundo da poesia, o filólogo tem mais facilidade em chegar o mais próximo possível das intenções textuais do original: “chegar ao segredo da arte”.

2.3.3 *Os manuscritos*

Assim como as cantigas religiosas, as de escárnio e maldizer chegaram até nós por meio de dois dos três manuscritos antigos existentes, a cujas edições fac-similadas os pesquisadores do Grupo “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro” também têm acesso. Vejamos a seguir as características elementares destes manuscritos:

2.3.3.1 Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (B ou CBN)

Denominado antigamente de *Cancioneiro Colocci Brancuti*. Segundo Massini-Cagliari (2007a, p.16), embasada em Ferrari (1993, p.119), esse cancioneiro é o mais completo entre os três existentes com cantigas profanas galego-portuguesas, pois, além de conservar o maior número de textos e autores, é o único que apresenta a *Arte de Trovar*.

Com efeito, não só é aquele que conserva o maior número de textos e autores (é testemunho único para cerca de 250 composições e a ele devemos o conhecimento dos nomes de numerosos poetas não presentes no seu irmão, o Cancioneiro da Biblioteca Vaticana; quanto ao Cancioneiro da Ajuda, é desprovido de atribuições) e é o único que transmite a fragmentária *Arte de Trovar*. Além disso, graças à presença constante de seu comitente-supervisor e primeiro proprietário, o humanista italiano Angelo Colocci, fornece-nos muitos elementos extratextuais, preciosos para fins ecdóticos e para o estudo da tradição manuscrita no seu conjunto.

Segundo Cintra (1973) e Nunes (1973[1929]), foi descoberto em 1875 - ao contrário do que afirma Michaëlis de Vasconcelos ([1912-13]), que acredita ter sido em 1878 - por Constantino Corvisieri.

A respeito de ser denominado *Colocci Brancuti*, Michaëlis de Vasconcelos ([1912-13], p. 423) diz que:

Ele chama-se de Colocci porque pertenceu ao grande Humanista italiano, ao qual devemos a conservação tanto dos textos desta coleção como dos do *Cancioneiro da Vaticana*. O nome *Brancuti* foi-lhe adicionado porque o códice se achava, no acto do descobrimento, em 1878, na posse do Conde Paolo Antonio Brancuti, residente em Cagli.

Este cancioneiro possui 355 folhas com o tamanho de 280 x 210 mm e início na página 15. Possui cerca de 1560 cantigas, com os três gêneros canônicos (cantigas de amigo,

de amor e de escárnio e maldizer) e aproximadamente 150 trovadores e jograis. As figuras abaixo nos mostram exemplos de cantigas de escárnio e maldizer, nas quais podemos observar a ocorrência de diminutivo *baroncinho* no quarto verso da figura 6 e a ocorrência de aumentativo *clerizon* no primeiro verso da segunda estrofe da figura 7:

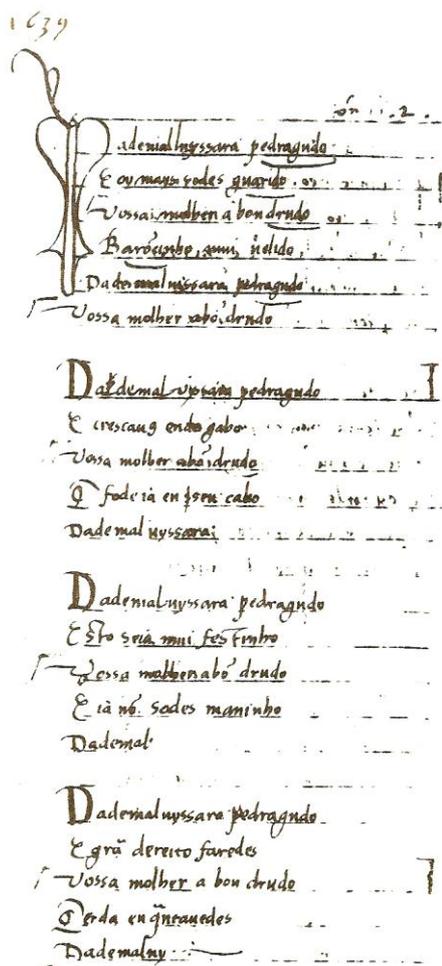


Figura 6. B1639. Cantiga de Escárnio de Pero da Ponte. Cancioneiro da Biblioteca Nacional. Reproduzido de CBN (1982).

Vaasco gil fez es'fa cartiga
edescarnhe de mal dizer

Vaasco gil

Rey don Alfonso se de' u'9 pardo
Destou' venho p'guntar

Quer ora p'nhade de midar
Tal recado q' seia co' razo'
Quen da seu mato q'ho gaardalque
Elho no' daral' qualo deo poro'
Que nada o luro de leon'

Do' vaasco eu fuyia denzo
E degeda soya es' fudar
Enas escolas hu soya entr'
Do' maests' ap'ndi tal liço
Que mato dou'ca no' filhe p'ro
Mays seo meu melhora faço bo'
Eno' soo' p' aq'esto ladron'

Rey do' Alfonso ladro poratal
En nulha t'rra nu'ca chamar u'
Ne' uos senhor nono oystes ami
Caseo disesse diria mal
Ante tenho por traieytor
Seis' mi ualha nu'ca ui melhor
Quo' assy torna' pena de sendal'

Do' vaasco dizeru' q'ra' al'
Daq'sto p'ito q' eu ap'ndy
Oy dizer q' traieyrou assy
Ja hu' u'ez hu' Rey o' Portugal
Omne hu' dia de traieytor sabor
E por se meter por mays sabedor
fez caualeyro do espiral'

Figura 7. B1512. Cantiga de Escárnio de
Vasco Gil. Cancioneiro da Biblioteca Nacional.
Reproduzido de CBN (1982).

De acordo com Massini-Cagliari (2005, p. 50), as cantigas em B são agrupadas quanto ao tipo. Primeiramente, são apresentadas as de amor, seguidas da de amigo e, posteriormente, as de escárnio e maldizer. A mesma autora afirma ainda que essa divisão não é tão rígida, podendo ser encontradas cantigas de amigo entre as de amor e estas últimas entre as de amigo.

Com relação à escrita deste cancionero, Ferrari (1993, p. 120) afirma que havia seis copistas responsáveis pelas cantigas (“escrita de seis mãos”), sendo que apenas um era o copista principal. Cinco deles utilizavam variedades gótico-bastardas e o principal, cursiva itálica chancelaresca.

A grande importância de B, segundo Ferrari (1993, p. 119) reside no fato de que:

A sua característica particular é a de representar não só um cancionero-memória, simples repositório de poesia, mas também, e sobretudo, uma cópia de estudo e de trabalho, confeccionada sob a orientação e a constante supervisão do seu excepcional comitente-utente, cuja atenção estava toda virada não tanto para o aspecto externo do produto, mas sobretudo para o seu carácter exaustivo e para a sua fidelidade ao modelo, para a sua fiabilidade e perfeição filológica. Reunindo em si esta dupla característica (valor testemunhal e presença collociana), é um cancionero ímpar no panorama da lírica românica das origens: único cancionero mandado copiar por Colocci que não é «descriptus», proporciona-nos os textos e o seu primeiro comentário filológico-literário e organizativo.

2.3.3.2 Cancioneiro da Vaticana (V ou CV)

De acordo com Massini-Cagliari (2007a, p.22), este cancionero possui muitas afinidades com o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, pois acredita-se na hipótese de que os copistas de ambos tenham trabalhado simultaneamente a partir de um único exemplar original distribuído em cadernos. No entanto, Tavani (1988, p. 55-99) não acredita nesta possibilidade, pois, apesar de a maioria das cantigas aparecerem nos dois cancioneros, há algumas que estão apenas em um deles.

Foi mandado copiar por Angelo Colocci na Itália por volta de 1525-1526. Em 1558 foi levado para a Biblioteca Vaticana, o que explica seu nome.

Sobre a constituição de V, Ferrari (1993, p.124) afirma que esse códice possui 210 folhas (todas numeradas) e com medidas de 300 x 200 mm. Possui ainda mais 18 folhas não numeradas e em branco.

De acordo ainda com Ferrari (1993, p.124), este manuscrito é transcrito por um único copista, em cursiva humanística e tinta sépia corrosiva, o que dificulta a sua leitura. Por outro lado, Cintra (1973, p.VIII) considera que V tenha sido produzido por duas mãos - uma que escreveu as poesias e outra que fez as rubricas e anotações.

Assim como B, V apresenta cantigas de amor e de amigo.

2.3.4 Os autores - qual o perfil dos trovadores das cantigas de escárnio e maldizer?

De acordo com Lapa (1998[1965], p. 50), os autores desta série de textos líricos eram os trovadores, os quais pertenciam às mais diversas classes sociais, como podemos observar na citação abaixo, de Vieira (1987, p. 10):

[...] poesia composta para ser cantada, nas cortes dos reis e magnatas portugueses, galegos e castelhanos, e compunham-na todos aqueles que se julgavam com talento para tal: desde o rei e os príncipes, os bastardos dos reis, os ricos homens e cavaleiros, escudeiros, até a gente socialmente mais desqualificada, vilãos que viviam de cantar e tocar nas casas ricas.

Entre os trovadores contavam dois reis (Afonso X e D. Dinis), alguns nobres da mais poderosa aristocracia, muitos grandes e pequenos cavaleiros, não poucos clérigos e alguns burgueses. Dentre os nobres figuravam também os de aristocracia menor, denominados jograis ou segréis.

Na terminologia tradicional aparece na verdade também outra designação, a de 'segrel', que parece identificar um poeta pertencente à aristocracia menor - privada em geral de rendimentos tais que a possam tornar auto-suficiente do ponto de vista econômico -, o qual não desdenhava, embora reclamando para si qualidade de trovador, receber prebendas e dons em troca dos produtos da sua habilidade artística. Desta distinção não se terá aqui em conta, visto que na Idade Média a maior parte dos poetas - trovadores, segréis ou jograis que fossem - exercia a sua actividade quase exclusivamente num ambiente cortesão, seguindo um senhor (rei, grande feudatário ou alto dignitário régio) do qual eram hóspedes para todos os efeitos e do qual, mesmo que não pretendessem uma compensação específica por cada um dos seus poemas ou por cada participação em debates corais, obtinham certamente favores [...]. (LAPA, 1998[1965], p.49-50).

Além de executar canções de outros, de cantá-las de corte em corte, de difundir-lhes o conhecimento fora do círculo frequentado pelo autor, alguns jograis acabam por adquirir, por sua vez, a experiência pessoal na produção de cantigas de amigo, amor e de escárnio. Bernal de Bonaval e Lopo são exemplos de jograis na corte de Afonso X, que, segundo Lapa, foi a mais receptiva de todas.

Lapa (1998[1965], p. 50) nos informa, ainda, que um trovador desiludido nas suas expectativas de recompensas usava a poesia como uma arma para dissolver uma fama. Se estava satisfeito, podia também proclamar e exaltar tal fama exageradamente. Um argumento predileto dos trovadores galego-portugueses era o escárnio grosseiro, dirigido contra os "diversos", quer sejam os homossexuais, os maridos traídos ou quem quer que seja portador de defeitos físicos.

2.3.5 Considerações finais sobre as cantigas de escárnio e maldizer

Por meio da exposição das características fundamentais das cantigas de escárnio e maldizer é possível perceber que tais composições poéticas possuíam uma variedade temática muito grande ao englobar não somente as sátiras literárias ou maledicências pessoais, mas também as sátiras morais, políticas, assim como os prantos, as tenções e as paródias. Tal variedade, como já dito anteriormente, possibilita a existência de um léxico mais abrangente e, sendo assim, a facilidade de conseguirmos extrair pistas linguísticas de alto valor para uma melhor compreensão do período que abarca este trabalho (PA) é bem maior.

Constatou-se também que as CEM possuem como característica marcante a presença de um léxico obsceno, com muitos vocábulos com valores pejorativos, fato esse que nos chamou atenção no momento de escolhermos um *corpus* para investigar nomes aumentativos (formas que carregam consigo uma grande carga pejorativa).

2.4 Considerações finais

Ao término desta seção vimos que o período arcaico de nossa língua foi marcado pela composição de textos poéticos metrificados que muito diziam sobre a cultura e a vida dos nativos daquele momento - as cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria (CSM) e as cantigas de escárnio e maldizer (CEM). A exposição dos aspectos mais relevantes tanto das cantigas de escárnio e de maldizer como das cantigas religiosas nos permite afirmar que os textos líricos são os mais ricos para o estudo da fonética prosódica da língua e seus dados, essenciais para o conhecimento do léxico do PA, uma vez que, como afirma Mattos e Silva (2006, p.37):

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais. A morfologia tanto a nominal como a verbal também tem nessa documentação uma fonte fundamental.

3. Embasamento teórico

Nesta seção faremos uma apresentação das teorias que servem de base para a análise de nossos dados coletados nas cantigas medievais. Primeiramente, exporemos uma parte dedicada às teorias morfológicas, com os pensamentos de alguns teóricos a respeito da definição de palavra, uma vez que este estudo aborda processos de formação de palavras e também a respeito da definição de radical derivacional (termo este muito importante para um estudo que possui como foco formas derivadas da língua). Concomitantemente à definição de palavra, faremos uma discussão sobre acento, no momento em que apresentarmos o vocábulo fonológico. Em um segundo momento, serão apresentadas as teorias fonológicas não-lineares utilizadas na análise dos dados, sobretudo a Fonologia Lexical (FL), a Fonologia Prosódica e a Fonologia de Geometria de Traços.

3.1 Teorias morfológicas

3.1.1 O que é a palavra?

Em um estudo que contempla processos derivacionais da língua portuguesa no período arcaico como é caso do nosso, é imprescindível saber a definição de palavra, visto que tal definição pode nos auxiliar no momento de compreendermos qual o tipo de palavra que enfocamos nas análises dos processos fonológicos mapeados nas cantigas medievais.

Quando o assunto é a definição do termo “palavra”, a maioria dos estudiosos em morfologia é unânime em dizer que, por ser um termo cotidiano, parece ser muito simples defini-la. Porém, segundo Basílio (1987, p. 11), “a palavra é bastante difícil de definir, pois na língua falada não fazemos pausas sistemáticas entre cada palavra pronunciada”, ou seja, se considerarmos a língua escrita, a definição torna-se um pouco mais fácil e palavra seria a sequência que ocorre entre espaços e/ou sinais de pontuação. Sobre isso, Rosa (2000, p. 73) afirma ainda que em uma oração como “Penélope ama Odisseu” haveria três palavras se considerarmos o conhecimento de escrita que temos.

Portanto, assim como afirmam Quadros e Schwindt (2008, p. 2), podemos perceber que “a palavra apresenta-se como o domínio de convergência entre os diversos componentes da gramática”. Sendo assim, a noção de palavra nem sempre é a mesma nos vários domínios de análise.

Laroca (2001, p.21) afirma que, se levarmos em consideração o ponto de vista psicológico, podemos dizer que em todo falante há uma consciência intuitiva do que é a

palavra, mesmo que sua língua não tenha escrita, como pode ser constatado na citação abaixo, extraída de Sapir (1971, p. 44):

Não pode haver prova mais convincente do que a seguinte: o índio, ingênuo e completamente despercebido do conceito da palavra escrita, não tem apesar disso dificuldade séria em ditar um texto a um investigador linguístico, palavra por palavra [...].

Tomando como base a citação acima, é possível inferir que todo falante de uma determinada língua possui intuição para a definição de palavra, ou seja, ele sabe se uma determinada sequência da língua é ou não é uma palavra.

Portanto, a definição de palavra algumas vezes escapa às delimitações e definições dos linguistas. Sendo assim, “não há, uma definição generalizante e universal para a palavra” (LAROCCA, 2001, p.21). Rosa (2000, p. 73) possui a mesma opinião e afirma que

Pesquisas com línguas diferentes têm demonstrado que há estratégias que não são universais, mas dependentes das características específicas da primeira língua, ou da língua dominante no caso de bilíngues, para a apreensão dessa unidade a que estamos denominando intuitivamente *palavra*.

Na área da linguística, a dificuldade para a definição de palavra reside no fato de que tal termo é

passível de receber diferentes caracterizações nas diferentes dimensões do estudo da linguagem, nem sempre resultantes na mesma unidade. Afora o uso na escrita, podemos entender palavra: (a) como uma unidade fonológica; (b) como o elemento mínimo da estrutura sintática; (c) como um elemento do vocabulário da língua. (ROSA, 2000, p. 74)

Sendo assim, os estudiosos de morfologia costumam tomar como base os seguintes critérios para a definição de palavra: 1) Critério semântico, 2) Critério Mórfico, 3) Critério Funcional (esses critérios, segundo Câmara Jr. 1985[1970], seriam utilizados para os vocábulos formais) e 4) Critério Fonológico.

Os critérios semântico e mórfico estão relacionados, uma vez que um signo linguístico é “uma unidade de forma e sentido. O sentido não é qualquer coisa de independente, ou, mais particularmente, não é apenas um conceito; conjuga-se a uma forma”(CÂMARA Jr., 1985[1970], p.77). Portanto, o critério semântico se relaciona ao universo biossocial da língua e o critério mórfico “se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar.” (CÂMARA Jr., 1985[1970], p.77)

O critério funcional delimita palavras de acordo com sua função ou papel em determinada sentença. Por exemplo, a palavra “olhar” pode ser um verbo, mas também um substantivo, se acompanhada do artigo “o”.

Por fim, o critério fonológico delimita a palavra de acordo com o número de acentos existentes na sequência fônica.²⁵

Rocha (1999), embasando-se em Câmara Jr. 1985[1970], também trabalha com os critérios expostos pelo estruturalista. O estudioso nos apresenta um quadro que pode facilitar na caracterização do que seria uma palavra:

	Polissemia	Sinonímia	Homofonia	Conversão
Aspectos	dentes dentes	menino garoto	manga manga	olhar olhar
Fonético	SIM	NÃO	SIM	SIM
Semântico	SIM	SIM	NÃO	SIM
Funcional	SIM	SIM	SIM	NÃO
	Mesma palavra	Palavras diferentes		

Quadro 2. Caracterização de palavra.
(ROCHA, 1999, p.70)

Observando o quadro acima, podemos inferir que, para Rocha (1999, p. 69):

uma palavra se caracteriza por possuir uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional. Em

- a) Meus *dentes* estão escovados
- b) Os *dentes* desta engrenagem precisam de graxa,

observa-se que *dentes* em *a* e *b* é a mesma palavra, pois em ambos os casos os aspectos fonético, semântico e funcional são os mesmos.

Para este trabalho começaremos a exposição dos tipos de palavra utilizando a divisão mais comum e ampla, mas nem por isso simplista, de Câmara Jr. 1985[1970], a qual preza pelo uso dos critérios descritos anteriormente. Afirmamos ser a mais comum no sentido de que a divisão que este estudioso faz em “vocábulos formais” e “vocábulos fonológicos” foi a base para os estudos posteriores que delimitariam os tipos de palavras no português.

²⁵Para maiores detalhes sobre este critério, conferir, mais adiante, subseção 3.1.1.2 sobre os vocábulos fonológicos.

3.1.1.1 Vocábulo formais

Para Câmara Jr. (1985[1970], p.69), o vocábulo formal pode ser definido por uma unidade de forma e sentido, que estão intimamente associados: “O sentido não é qualquer coisa de independente, ou, mais particularmente, não é apenas um conceito; conjuga-se a uma forma”. Segundo esse estudioso, o vocábulo formal é ainda

a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres. Constará, portanto, de uma forma livre indivisível (ex: *luz*), de duas ou mais formas presas (ex: *im+ pre+ vis+ ivel*) ou de uma forma livre e uma ou mais formas presas (ex.: *in + feliz*). (CÂMARA JR, 1985[1970], p.69-70)

Se levarmos em consideração a definição de “vocábulo formal” de Câmara Jr. (1985[1970]), perceberemos que tal vocábulo seria denominado em vários subtipos em estudos posteriores. Sendo assim, temos que o vocábulo formal seria: A) A palavra gráfica, B) A palavra como unidade sintática mínima e C) A palavra como unidade da morfologia.²⁶

A) A palavra gráfica

Neste tipo, a palavra é definida como uma unidade que é delimitada por separadores, ou seja, espaços em branco ou quebra de linha e até mesmo sinais de pontuação. Para Rosa (2000, p.75), considerar o estudo da palavra gráfica compete à área que investiga recursos expressivos, uma vez que a delimitação desse tipo de palavra não auxilia muito, por exemplo, nos estudos de semântica, em que em uma sequência como “pé-de-cana” há graficamente três palavras, mas se levarmos em consideração o referente (aquele que bebe muito) temos apenas uma. O uso do separador gráfico “hífen” não nos auxilia no âmbito do significado da sequência “pé-de-cana”, apenas identifica graficamente uma sequência de três segmentos de escrita.

A história da escrita nos mostra que o uso de separadores gráficos não é um critério de muita utilidade para delimitarmos o que é uma palavra, pois, como afirma Rosa (2000, p.75-76): “ Mesmo depois de os separadores começarem a ser empregados, seu uso não coincidiu de imediato com as escritas modernas”, ou seja, mesmo após a inserção dos separadores na escrita, havia ainda, como denomina a própria autora, “conglomerados gráficos”, que “induziram até mesmo renomados filólogos a erros de leitura”.

²⁶ Esta subdivisão utilizada foi extraída, nos mesmos termos, de Rosa (2000, p.77-84).

B) A palavra como unidade sintática mínima

Esse tipo considera que a palavra não é formada pela sintaxe (hipótese lexicalista), ou seja, “a estrutura da palavra não é alçada da sintaxe, mas da morfologia” (ROSA, 2000, p. 80). A sintaxe forma constituintes, frases e não palavras. Para esse ramo da linguística não é importante saber que “reler” é formado pela adjunção do prefixo *re-* + ler, mas sim entender que é um verbo e que tal informação é relevante para fenômenos de concordância e regência.

Sendo assim, uma palavra seria uma unidade mínima para a formação de uma frase e, segundo a autora, esta não seria diferente daquela “porque há mais unidades constituintes, mas porque têm tipos de coesão interna diferentes” (ROSA, 2000, p.81). Em uma palavra, os constituintes internos não possuem mobilidade. Não podemos trocar a posição de um sufixo com um radical derivacional. Por outro lado, na formação de uma frase tal mobilidade é relativamente livre em algumas línguas, como, por exemplo, no Português, em que temos a ordem canônica (sujeito-verbo-objeto - “Maria fez um bolo”) mas também “Fez Maria um bolo” (verbo - sujeito - objeto), porém não encontramos uma sequência como **Bolo Maria um fez*.

Basílio (2006, p.18) denomina este tipo como “palavra estrutural”, que seria uma construção que se estrutura de uma maneira específica, com seus elementos formativos com ordem fixa, não permitindo qualquer mudança de posição.

C) A palavra como unidade da morfologia

De acordo com Rosa (2000), na morfologia, o termo “palavra” pode apresentar várias definições. Ele pode ser sinônimo de lexema, de forma de palavra ou de palavra morfossintática.

Como lexema, a palavra seria uma unidade abstrata, pois representa as combinações e variáveis virtuais de uma determinada palavra. Por exemplo, o lexema do verbo AMAR seria a combinação virtual dos radicais com as propriedades morfossintáticas.

Para Laroca (2001, p.26), os lexemas são unidades léxicas abstratas, sem variações na forma da palavra. Por exemplo, “lindo” seria um lexema e as variações desse lexema seriam “lindos”, “linda”, “lindas”, etc. A autora denomina essas variações de lexias. As lexias são manifestações linguísticas dos lexemas e são identificadas a partir do princípio de coesão interna e o da permutação. Tais princípios mostram que quando dois elementos se combinam para formar uma palavra há impossibilidade de inserir outro elemento no meio e também não é possível inverter a ordem desses elementos. Tomemos como exemplo uma ocorrência de nosso *corpus* de pesquisa em PA. Em *judeucinno*, não podemos inserir um elemento no

interior desse vocábulo, por exemplo, “judeu **muito** cinno” e nem inverter a ordem desses elementos - **cinnojudeu*.

Há um subtipo de lexias que é denominado “lexia complexa”. Segundo Biderman (1978, p.131), as lexias complexas não são consideradas palavras compostas, apesar de passarem pelos princípios de coesão interna e permutação, assim como as palavras compostas. De acordo com a autora referida acima, alguns exemplos de lexias complexas são: “mãe solteira”, “cesta básica”, “leite em pó”, “conta corrente”. Nesses exemplos, assim como em uma palavra composta como “guarda-roupa”, não podemos inserir nenhum outro elemento no interior desses vocábulos (“mãe **muito** solteira”) muito menos inverter a ordem (“solteira mãe”).

Basílio (2000) denomina lexias como vocábulo, uma vez que sua definição para este tipo de palavra corresponde a variações da forma da palavra. Por exemplo, do lexema “pegar” obtém-se as variações “pegou”, “pegaria”, “pegará”.

Para exemplificarmos a definição de lexias de Basílio (2000), exporemos abaixo um quadro reelaborado a partir do proposto por Rocha (1999). Neste quadro reformulado, acrescentamos as lexias, as quais seriam consideradas palavras diferentes, uma vez que possuiriam aspectos semânticos e fonéticos diferentes.

	Polissemia	Sinonímia	Homofonia	Conversão	Lexias
Aspectos	dentes dentes	menino garoto	manga manga	olhar olhar	gatos gatinho
Fonético	SIM	NÃO	SIM	SIM	NÃO
Semântico	SIM	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Funcional	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM
	Mesma palavra	Palavras diferentes			

Quadro 3. Caracterização de Palavra.

Adaptado de Rocha (1999, p. 70).

Basílio (2000) afirma, ainda, que o termo “palavra” é composto de uma sequência sonora, definição esta que se aproxima dos termos estruturalistas “forma livre” e “forma dependente” (cf. também Câmara Jr. 1985[1970], p. 79). A palavra como forma livre é aquela que por si só constitui um enunciado e que não pode ser subdividida - por exemplo, a palavra “luz”. Por outro lado, a palavra como forma dependente é a palavra que depende de outra para ocorrer, mas que não está diretamente ligada à forma da qual depende. Aqui entram as preposições e as conjunções.

Por fim, temos a palavra morfossintática, que é aquela focalizada dentre as possibilidades de um lexema. Tomemos como exemplo novamente o verbo AMAR. Se dentre as possibilidades de realização desse lexema focalizarmos apenas o paradigma de formação da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, teremos a palavra morfossintática.

3.1.1.2 Vocábulo fonológicos

Segundo Câmara Jr. (1985[1970], p. 64), “o acento é a marca nítida do vocábulo fonológico”, ou seja, cada vocábulo ou palavra fonológica é definido pela presença de um acento. Rosa (2000, p. 77) pensa da mesma forma, pois afirma que a palavra fonológica seria uma “unidade formada por fonemas, sílabas e traços supra-segmentais” e que “pode ser menor do que aquilo que desejamos considerar uma palavra no estudo morfológico”. Por exemplo, no caso das formas diminutivas em *-cinn(o,a)* mapeadas nas cantigas medievais, tal sufixo pode ser considerado uma palavra fonológica, pois apresenta um acento próprio, apesar de ser menor (em tamanho) que uma palavra morfológica.

Quadros e Schwindt (2008, p. 3) pensam de forma similar a Rosa (2000), afirmando que

Palavra fonológica, por sua vez, é a unidade prosódica em que se definem as relações de proeminência que caracterizam o acento primário das palavras. Nessa unidade também se definem restrições fonotáticas e restrições sobre a aplicação de processos fonológicos nas línguas do mundo. (QUADROS; SCHWINDT, 2008, p.3)

Assim como Rosa (2000), os mesmos autores citados acima argumentam ainda sobre a relação entre palavra morfológica e fonológica

Há palavras morfológicas que correspondem a mais de uma palavra fonológica, e vice-versa. No composto *cachorro-quente*, por exemplo, as duas bases, *cachorro* e *quente* recebem acento primário de forma independente, configurando-se, portanto, como duas palavras fonológicas. Temos, contudo, apenas uma palavra morfológica, já que é impossível dividir *cachorro-quente* em formas livres menores, sem que se perca o significado específico que essas duas bases têm, quando funcionam, juntas, como uma unidade lexical. Já na expressão *ajude-me*, temos a situação inversa, isto é, duas palavras morfológicas correspondem a apenas uma palavra fonológica, dado que a partícula *me* não possui acento próprio. (QUADROS; SCHWINDT, 2008, p.3)

Quando Rosa (2000) afirma que uma palavra fonológica pode ser uma unidade menor do que costumamos considerar em morfologia, refere-se ao fato de podermos dizer que um afixo pode ou não ser uma palavra fonológica. A autora afirma ainda que os derivados em *-mente*, *-íssimo* e *-inho* são constituídos de duas palavras fonológicas e que o não fechamento

da vogal média pretônica (“b[ɛ]llo → b[ɛ]linho”) nesses derivados seria justificado pela postulação de uma fronteira entre duas palavras fonológicas.

Quadros e Schwindt (2008) utilizam-se desse mesmo critério (neutralização das vogais médias) para a delimitação de palavras fonológicas nos derivados em *-mente*, *íssimo*, *-inho/-zinho*:

Quanto ao comportamento fonológico dos sufixos, nossos dados corroboram a hipótese da literatura de que *-mente*, *-íssimo* e *-inho/-zinho* são fonologicamente autônomos. Essa autonomia garante que a uma mesma palavra morfológica, formada por algum desses sufixos, correspondam duas palavras fonológicas, o que pudemos averiguar por meio do exame da altura da vogal da raiz de tais palavras morfológicas. (QUADROS; SCHWINDT, 2008, p.15)

Veremos mais adiante que, para o PA, o critério de não neutralização da vogal média pretônica não é de muita utilidade para o nosso estudo, uma vez que trabalhamos com um *corpus* no qual não é possível sabermos como o falante do período arcaico de nossa língua realizava uma vogal média pretônica. Sendo assim, utilizaremos outros critérios (cf. critérios de Vigário, 2001, mais adiante) que definirão com mais certeza quantas palavras fonológicas possuíam os diminutivos e aumentativos em PA.

Como os vocábulos fonológicos são definidos pelo número de acentos presentes em uma palavra, apresentaremos mais adiante, na subseção 3.2, a definição para esse suprassegmento.

3.1.2 O radical derivacional

Segundo Kehdi (2003, p. 26), o radical corresponde ao elemento irreduzível e comum às palavras de uma mesma família e é vinculado à perspectiva sincrônica. Por exemplo, na sequência “comida”, “comilança”, “comilão”, o radical é *com-*. No entanto, não se deve confundir este conceito com o de raiz. A raiz de uma palavra é vinculada à perspectiva diacrônica e, portanto, está relacionada à origem da palavra. No verbo “comer” e seus derivados tem-se que o radical no português atual é *com-*, mas a raiz é *ed-*, uma vez que tal verbo em latim possuía a forma *edĕre*. O radical de tal verbo era confundido pelos falantes com a forma do presente do indicativo do verbo *esse* (*edo, edis, edit...*) e, para diferenciar os dois verbos, adjungiu-se o prefixo *cum-* a *edere* (*cumedere*).

Sendo assim, segundo Monteiro (2002, p. 68), do ponto de vista diacrônico, o radical era *-ed*, que “desapareceu completamente na passagem para o português, em virtude da síncope do /d/ intervocálico e da crase posterior das vogais que se uniram”. De acordo ainda

com este mesmo estudioso, do ponto de vista sincrônico, o radical passa a ser “o que outrora foi prefixo” (MONTEIRO, 2002, p. 68), ou seja, *com-* (prefixo *cum-*, no latim).

Villalva (2003, p.920) manifesta a mesma opinião de Kehdi a respeito da definição do radical. De acordo com ela, o radical “é uma forma inalisável, que pode ser representada da seguinte forma: [lev]_{Radical}, [livr]_{Radical} [cant]_{Radical}.” A autora ainda afirma que há um outro tipo de radical, chamado radical complexo. Neste tipo, há a integração de dois ou mais constituintes morfológicos, um dos quais é necessariamente um radical simples. Vejamos exemplos de radicais complexos:

- (16) [[livr]_{Radical simples} [inh]_{Afixo}]_{Radical complexo}
 (17) [[lev]_{Radical simples} [ez]_{Afixo}]_{Radical complexo}

Observando os exemplos (16) e (17) vemos que o que Villalva (2003) denomina de radical complexo é o radical + o que se adjunge a ele (afixos), sem as marcas de flexão de gênero e número. Esse tipo de radical é o que outros estudiosos (cf. Rocha, 1999) chamam de radical derivacional, uma vez que se unem ao radical simples outros constituintes morfológicos responsáveis pelo processo derivacional - os afixos.

Com relação ao conceito de raiz, a nomenclatura também varia de autor para autor. Rocha (1999) denomina “raiz” o que Kehdi (2003) e Villalva (2003) chamam de “radical simples”, ou seja, aquela forma irredutível de uma palavra. Por outro lado, tanto para Kehdi (2003) quanto para Villalva (2003), o conceito de “raiz” está mais relacionado à origem da palavra.

Sendo assim, percebe-se que a nomenclatura a respeito desses constituintes morfológicos (radical, raiz) distingue-se de um autor para outro. O que é certo é que o radical, na opinião da maioria dos estudiosos da Língua Portuguesa, é a parte irredutível de uma família de palavras (cf. Bechara, 1980, p.168; Cunha, 1970, p.55; Kehdi, 2003, p. 26; Villalva, 2003, p.920).

Portanto, as análises que serão feitas nesta dissertação levarão em consideração o conceito de radical explorado pela maioria dos estudiosos (palavra irredutível) e não o conceito (histórico) de raiz adotado por Kehdi (2003).

3.2 O acento

Para entendermos um estudo que pretende definir algumas formas da Língua Portuguesa como portadoras de um ou dois acentos lexicais e, sendo assim, trabalhar com

vocábulos fonológicos, precisamos primeiramente saber como o assunto é abordado pelos vários estudiosos de nossa língua.

Para Dubois (1973, p.14), em seu *Dicionário de Linguística*, o acento é “um processo que permite valorizar uma unidade linguística superior ao fonema (sílabas, morfema, palavra, sintagma, frase), para distingui-la das outras unidades linguísticas do mesmo nível”. Em outras palavras, este estudioso afirma que o acento é um fenômeno que ocorre em um nível acima do nível do segmento e por isso é chamado de *suprasegmental*. Além disso, na opinião desse autor, o acento desempenha um papel importante (distintivo) na constituição de unidades superiores.

Ao contrário da definição do linguista francês, observa-se o tratamento que os estudos tradicionais (Gramáticas Normativas) dão ao acento. Na maioria dessas gramáticas esse elemento é visto apenas como um sinal gráfico (circunflexo e agudo) inserido em determinadas palavras por meio de algumas regras.

Em Linguística, como já demonstrado pelo pensamento de Dubois (1973), o termo “acento” está mais relacionado à noção de tonicidade da Gramática Tradicional (sílabas átonas e tônicas). Sendo assim, de acordo com Massini-Cagliari e Cagliari (2001), o acento pode ser identificado como um fenômeno que faz com que uma sílaba seja pronunciada de maneira mais saliente do que outra, dentro da palavra.

Câmara Jr. (1985[1970], p.63) afirma que o acento em português possui função distintiva e delimitativa. Na primeira, observamos que a posição da tonicidade do acento (última, penúltima ou antepenúltima sílabas, respectivamente, oxítona, paroxítona e proparoxítona) pode distinguir, semanticamente, vocábulo, por exemplo, em palavras como “sábua” (pessoa inteligente)/ “sabía” (pretérito perfeito do verbo saber)/ “sabiá” (passarinho), “cáqui” (cor)/ “caquí” (fruta), dentre outras. Já na função demarcativa o estudioso estipula valores para a tonicidade das sílabas. Essa função está relacionada, como já afirmara Câmara Jr., ao conceito fonológico de sílabas pretônicas (antecedem à tônica) e sílabas postônicas (sucodem à tônica). Ele sugere que se demarque a sílaba tônica de uma palavra com um grau de tonicidade máximo (grau 3) e que a proeminência acentual pretônica terá grau 1 e a postônica terá grau 0 (cf. exemplo 18 abaixo). O grau 2 será utilizado quando dois vocábulos estiverem juntos, uma vez que a vogal tônica do primeiro reduzirá seu grau acentual para 2 (cf. 19).

(18) ha – bi – li – da – de

1 1 1 3 0

(19) há – bil i – da – de
 2 0 1 3 0

Observando os exemplos acima podemos constatar uma característica do acento também citada por Dubois (1973) - o seu caráter hierárquico -, uma vez que é possível estabelecer vários graus de acento nas palavras e sentenças. Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p.113), o estabelecimento desse grau só é possível se compararmos uma sílaba tônica com as demais da palavra: “Uma sílaba só é tônica ou átona por comparação com as demais. Em termos fonéticos, uma sílaba isolada não é tônica nem átona”. A partir disso, os autores propõem três tipos de sílabas tônicas: as que possuem acento primário (que pode ocorrer na última, penúltima ou antepenúltima sílaba tônica), as que têm acento secundário e as que têm acento frasal.

O acento primário é o acento atribuído no léxico, ou seja, no momento de formação de uma palavra. Por exemplo, se pronunciarmos isoladamente uma palavra como “cafezinho”, veremos que há um acento primário ou principal na sílaba *zi*.

Por outro lado, o acento secundário é uma proeminência prosódica que pode ocorrer ou por efeito das regras de euritmia da língua - uma sequência muito longa de sílabas átonas não é aceitável em Português e, por isso, algumas dessas sílabas passam a ter um reforço extra (cf. Massini-Cagliari e Cagliari, 2001, p.114), como em palavras do tipo de “Àraraquára” ou “Pindamònhangába” - ou por fatores lexicais em derivados dos sufixos *-íssim(o,a)*, *-mente* e *-zinh(o,a)*. Neste último caso, a língua tende a evitar dois acentos adjacentes²⁷: o do radical derivacional (que é deslocado para a esquerda) e o do sufixo. Um bom exemplo encontramos na palavra “càfezíno”, que como já sabemos, possui acento primário na sílaba *zi* do sufixo *-zinh(o)* e na sílaba *fé* do radical derivacional. Sendo assim, o encontro de *fé* e *zi* é rejeitado pelo sistema da língua e o acento da sílaba mais à esquerda é deslocado e transformado em uma proeminência secundária: o acento secundário.

Sobre o acento secundário ainda, Collischonn (1994, p.44) e Costa (2006, p. 51) afirmam que este é ritmicamente distribuído, isto é, ocorrem em intervalos regulares. Para Collischonn (1994, p.44), este intervalo depende do número de sílabas pretônicas:

Nas palavras em que o número de sílabas pretônicas é par, o padrão é sempre este: a primeira sílaba é acentuada e cada segunda sílaba à direita desta. Nas palavras em que o número de sílabas pretônicas é ímpar, observamos dois padrões possíveis: (a) a segunda sílaba é acentuada e cada segunda sílaba à

²⁷ Quando há esse encontro, denominado pela literatura especializada de choque acentual ou *stress clash*, a Fonologia Métrica propõe a Regra Mova α , que desloca um acento de uma posição de choque para uma de não-choque (cf. Hayes, 1995).

direita desta; ou (b) a primeira sílaba é acentuada e o acento seguinte somente cai sobre a terceira sílaba à direita desta.

Como exemplo de palavra com número par de sílabas pretônicas com acento secundário na segunda sílaba temos “dètetive”. Já como exemplo de palavras com número ímpar de sílabas pretônicas temos “àcondicionaménto” ou “acòndicionaménto” e “incomunicabiládade” ou “incòmunicabiládade”.

Portanto, segundo Collischonn (1994, p.44), o acento secundário no PB “apresenta uma alternância binária”. Esta mesma estudiosa realiza ainda algumas considerações sobre esse tipo de acento. Segundo ela, o acento secundário não é atraído por sílabas pesadas (terminadas em consoante ou *glide*), como podemos conferir em “làgartixa”. Sendo assim, ele difere do primário, que depende do peso silábico no momento de sua atribuição (cf. os trabalhos de Bisol, 1992, Massini-Cagliari 1995, 1999). Outra consideração feita por Collischonn diz respeito ao fato de o acento secundário ter aplicação no componente pós-lexical²⁸, uma vez que “cada membro traz o seu acento de Léxico e não há perda deste acento. [...] A regra do acento secundário poderá então aplicar-se, respeitando os acentos já existentes” (COLLISCHONN, 1994, p.50).

Assim como Collischonn (1994), Costa (2010) também expõe sobre a questão do peso silábico no momento da atribuição do acento secundário, porém para o Português Arcaico (período enfocado por esta pesquisa). Para o autor,

[...] o peso silábico não exerce nenhum tipo de influência sobre a ocorrência do acento secundário, uma vez que o mesmo pode recair tanto em sílabas travadas (a.cos.tu.ma.do, al.ber.ga.ri.a) como em sílabas não travadas (a.fá.zen.da.da, a.pa.re.çu.do). Conclui-se, então, que apenas o acento primário é atraído pelo peso silábico, o qual não exerce atração sobre o acento secundário. (COSTA, 2010, p. 180)

Esse estudioso apresenta também reflexões sobre os padrões de atribuição do acento secundário em PA e chega à conclusão de que tais padrões são parecidos com os expostos por Collischonn (1994) para o PB, exceto pelo fato de que em PA havia três padrões para a atribuição do acento secundário em palavras com número ímpar de pretônicas em contraposição a dois padrões para o PB, conforme aponta a citação a seguir:

se o número de sílabas pretônicas das palavras for ímpar, três padrões podem ser observados. O primeiro padrão mantém a alternância binária, com a ocorrência de um acento secundário na segunda sílaba da palavra e a cada segunda sílaba à direita dessa, até o acento principal. No segundo padrão, temos a ocorrência de um acento secundário na primeira sílaba da palavra e

²⁸ Termo da Fonologia Lexical que será mais bem conceituado na próxima subseção desta dissertação.

tem-se um intervalo de duas sílabas entre este acento e o acento primário. Já no terceiro padrão, o qual apareceu em apenas uma palavra, composta, apresenta um acento secundário na primeira sílaba da palavra e há um intervalo de três sílabas entre este acento e o acento primário. (COSTA, 2010, p. 180)

Considerando que o acento secundário não é atraído por sílabas pesadas, podemos afirmar, concordando com Collischonn (1994, p.46), que o acento secundário não é atribuído pela mesma regra do acento primário.

Por fim, há também o acento frasal. Para Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p. 114), este acento “sempre coincide com uma sílaba que tem também um acento primário ou com um monossílabo isolado” e define-se como “mudança no contorno da variação melódica das sílabas, ou seja, da entoação”. Em uma frase como “Ela foi ao cinema ontem”, o acento frasal recai, na sílaba que leva o acento primário da palavra “ontem” (no caso, *on*). Devemos lembrar que, da mesma forma que temos o acento frasal em *on*, podemos ter esse acento em todas as palavras do enunciado; isto vai depender das especificidades semânticas da sentença, ou seja, qual elemento pretende-se focalizar. Se o falante deseja saber **quando** determinada pessoa (*ela*) foi ao cinema, o foco de resposta a minha pergunta estará na palavra *ontem* e, portanto, o acento primário e frasal recairá sobre a sílaba *on*. No entanto, se o falante mudar a pergunta para “**Quem** foi ao cinema ontem?”, o foco vai estar na palavra *ela* e os acentos frasal e primário incidirão na sílaba /ε/.

Como vimos até o momento, o acento é um elemento linguístico que possui caráter hierárquico. Desta forma, torna-se mais adequado tratarmos deste assunto a partir de uma teoria que considere as hierarquias dos constituintes. Na teoria gerativa padrão (CHOMSKY; HALLE, 1968), não havia um lugar muito bem definido para o acento, uma vez que se descreviam apenas os traços distintivos dos segmentos linearmente, sem levar em consideração níveis hierárquicos. Desta forma, tal teoria não dava conta de explicar o traço gradiente do acento, ou seja, a capacidade de possuir diversos graus de atribuição, como vimos anteriormente. Como reação a este modelo, surgiram as teorias fonológicas não-lineares, as quais consideram as hierarquias dos constituintes e, posteriormente, os modelos não-derivacionais, representacionais, da Teoria da Otimalidade, que, no entanto, não serão considerados nesta etapa da pesquisa, embora tenha se mostrado também adequado para o estudo de fenômenos prosódicos como o acento (cf. McMahon, 2000, p.25):

It is possible that general constraints of the OT type are more relevant for certain areas of phonology than others, reflecting the existence of universal, finite categories and constituents in prosodic phonology, whereas matters of

vowel and consonant quality reflect continua to greater extent, are less directly ascribable to universal constraints, and perhaps more open to the disruptive effects of cumulative sound changes, even where such universals are ultimately at issue.

3.3 As teorias da Fonologia Não-linear

Segundo Massini-Cagliari (1999), as teorias fonológicas não-lineares surgiram como forma de reação à tradição da fonologia gerativa padrão de Chomsky e Halle (1968), a qual tentou incorporar três tipos de fenômenos: estrutura silábica, acento e tom. No momento inicial da teoria gerativa as descrições fonológicas caracterizavam-se por uma organização linear dos segmentos. A interação entre fonologia e o resto da gramática limitava-se a uma interface com a sintaxe, pois o *output* do componente sintático era o *input* do componente fonológico.

Os trabalhos de Goldsmith (1976) sobre tom e os de Liberman (1975), Prince (1975) e Liberman e Prince (1977) sobre acento e ritmo são considerados os iniciadores do movimento da fonologia não-linear. As ideias iniciais do trabalho de Goldsmith deram origem à teoria autossegmental enquanto que as ideias iniciais de Liberman e Prince originaram a teoria métrica. As duas teorias (a autossegmental e a métrica) possuem em comum a ideia de organização hierárquica dos constituintes prosódicos. É importante destacar que essas novas teorias no âmbito da fonologia não negaram totalmente a fonologia gerativa padrão, mas acrescentaram a ela uma nova dimensão.

Além das teorias autossegmental e métrica, foi proposta uma teoria que explicasse a interação entre o sistema de regras fonológicas e os outros componentes da gramática (modelo lexical²⁹), além de uma teoria que cuidasse da interação com a sintaxe, a semântica e o discurso (fonologia prosódica). Nesta dissertação, enfocaremos apenas a teoria lexical (Fonologia Lexical), o modelo autossegmental e a Fonologia Prosódica, uma vez que foram as teorias não-lineares utilizadas na análise e na discussão dos dados coletados.

3.3.1 A Fonologia Lexical (FL)

A fonologia lexical estuda a relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas por meio da observação da atuação das regras fonológicas, ou seja, estuda as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam.

²⁹ Embora comumente denominada como uma teoria não-linear, a Fonologia Lexical pode ser considerada mais apropriadamente uma teoria da gramática, pois tem como um de seus principais objetivos a organização de regras no componente fonológico, as quais podem ser representadas inclusive por meio dos modelos lineares anteriores.

Nos modelos linguísticos até o SPE (CHOMSKY; HALLE, 1968), o léxico era visto como uma coleção de fatos imprevisíveis da língua. A partir dos estudos de Kiparsky (1982) e Mohanan (1986), começou-se a pensar melhor a verdadeira natureza do léxico. Tais estudos mostraram que o léxico é constituído de três tipos diferentes de objetos: 1. uma lista finita de morfemas, 2. um *output* infinito de palavras geradas pela combinação dos morfemas e 3. uma lista de palavras que constitui um subconjunto de 2 (cf. Massini-Cagliari, 1999, p.94).

Para se pensar de forma mais adequada a natureza do léxico, os teóricos “idealizadores” da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982 e Mohanan 1986) propuseram a divisão do léxico em níveis. A estrutura do léxico assumida pela Fonologia Lexical pode ser representada pelo esquema a seguir, proposto por Kiparsky (1982, p.132):

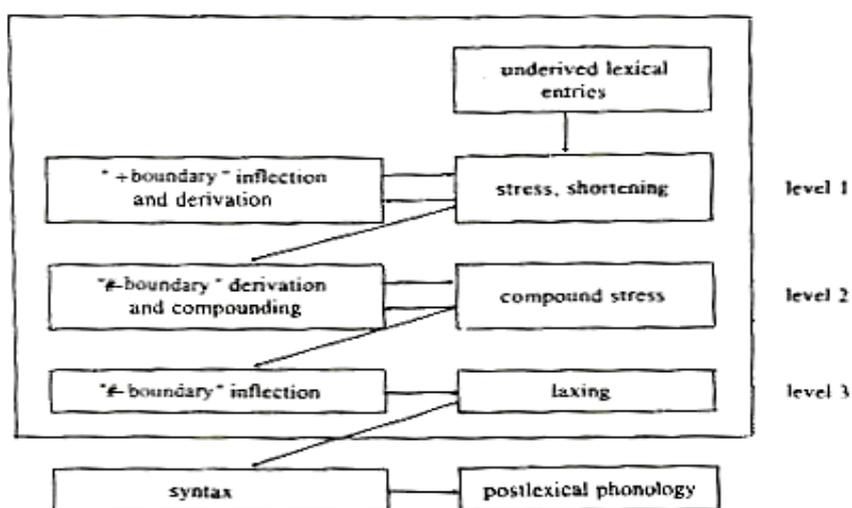


Figura 8. Estruturação do léxico
(KIPARSKY, 1982, p.132).

Observando a figura 8, constatamos que as setas que ligam o nível fonológico ao nível morfológico são reversíveis. Isto significa que a FL trabalha com a hipótese de que há uma interação e uma influência entre esses dois componentes da gramática (Fonologia e Morfologia) no momento de formação das palavras. Partindo desse fato, pode-se afirmar que as regras fonológicas são aplicadas depois de cada operação morfológica, isto é, a saída de cada regra morfológica é submetida, em seu estrato, a regras fonológicas. Assim sendo, o modelo lexical “começa por dividir a aplicação das regras fonológicas em dois momentos: aplicação lexical e aplicação pós-lexical” (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 94). Essa existência de dois domínios de aplicação das regras - no léxico e no pós-léxico - possibilita a intersecção da fonologia tanto com o léxico quanto com a sintaxe, como podemos ver na figura 9, a seguir:

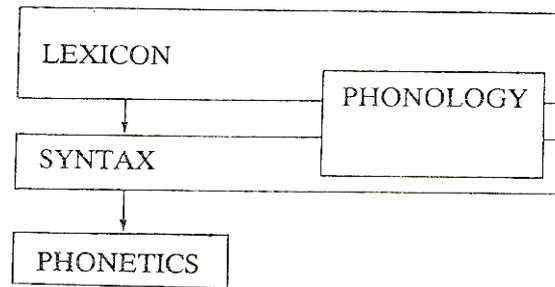


Figura 9. Intersecção: fonologia, léxico e sintaxe (PULLEYBLANK, 1986, p.8).

De acordo com Goldsmith (1990, p.218), a fonologia pós-lexical trabalha com regras que operam entre fronteiras de palavra (aqui podemos pensar no caso do processo de sândi) ou utilizam estruturas sintáticas ou prosódicas e aquelas que se referem a traços não-distintivos - as regras subfonêmicas.

A fonologia lexical também possui dois tipos de regras: 1. as que lidam com os ajustes que são desencadeados a partir da combinação de morfemas, como no caso em Português da regra de abrandamento da velar, que transforma o /k/ de *eletrik-* em /s/ diante do morfema *-idade* 2. aquelas que realizam modificações na estrutura segmental, utilizadas no momento em que a forma subjacente não satisfaz as condições fonotáticas, isto é, quando a forma subjacente não permite a boa formação de uma palavra (em termos fonológicos). Como exemplo de 2 temos as regras de silabificação e as epênteses - “constar” vs. “instar”. Vejamos a seguir um quadro resumitivo com as características das regras lexicais e das regras pós-lexicais:

<i>LEXICAL</i>	<i>POST-LEXICAL</i>
a. may refer to word-internal structure	a. cannot refer to word-internal structure
b. may not apply across words	b. may apply across words
c. may be cyclic	c. cannot be cyclic
d. if cyclic, then subject to strict cycle	d. non-cyclic, hence across-the-board
e. structure-preserving	e. need not be structure-preserving
f. may have lexical exceptions	f. cannot have lexical exceptions
g. must precede all post-lexical rule applications	g. must follow all lexical rule applications

Quadro 4. Regras Lexicais e Pós-lexicais (PULLEYBLANK, 1986, p.7).

Segundo Massini-Cagliari (1999, p.73-74), existem regras que podem ter aplicação em ambos os níveis (lexical e pós-lexical) - cf também Mohanan (1986, p.7).

[...] as regras fonológicas [...] podem ter uma aplicação lexical e/ou pós-lexical e essas regras são tanto do tipo descrito pelo modelo prosódico, como as descritas pelos modelos autossegmental e métrico. Todas elas estão contidas no espaço representado pelo grande retângulo rotulado como FONOLOGIA. O domínio de sua aplicação é que varia: as regras descritas pelos modelos métrico e autossegmental podem se aplicar tanto lexical como pós-lexicalmente; as descritas pelo modelo prosódico, entretanto, só pós-lexicalmente. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.73-74, grifo da autora)

O fato de as regras fonológicas poderem ter aplicação tanto no léxico como no pós-léxico pode ser bem representado pela figura a seguir, em que “o grande retângulo da fonologia” representa a interação desta área da gramática com a morfologia e a sintaxe:

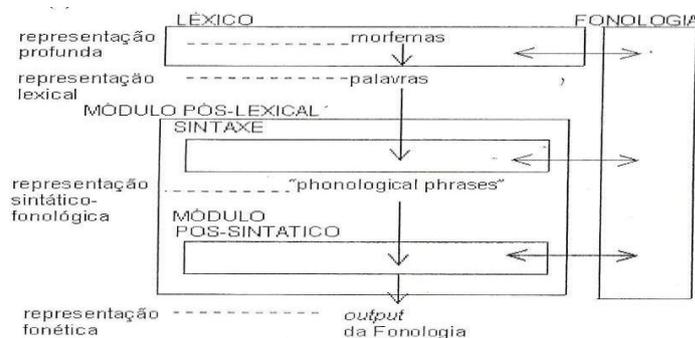


Figura 10. Aplicação das regras fonológicas no léxico e no pós-léxico (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.74).

Devido ao motivo de uma língua possuir regras com um domínio lexical e outras com um domínio de aplicação pós-lexical, torna-se necessário estabelecer diferenças que apontem o nível em que se aplica determinada regra. Sobre isso, Massini-Cagliari (1999, p.95) afirma que as regras que se aplicam entre palavras, ou seja, na junção vocabular, são obrigatoriamente de aplicação pós-lexical, enquanto que as regras que necessitam de informações morfológicas são regras de aplicação lexical. Massini-Cagliari (1999, p.95) comenta ainda que: “outra diferença importante entre esses dois tipos de regras é o fato de as regras lexicais poderem ter exceções, enquanto que a aplicação das regras pós-lexicalmente ocorre de maneira automática e sem exceções”.

Em se tratando ainda da diferenciação de regras lexicais e pós-lexicais afirma-se que as regras lexicais se submetem a restrições quanto à preservação de estruturas enquanto que as regras pós-lexicais não. Um exemplo que pode demonstrar essa situação em PB diz respeito às palavras que não podem ser criadas no léxico, como as com sílabas do tipo [tʃi]; essa estrutura só pode ocorrer no nível da atualização fonética, ou seja, pós-lexicalmente.

A produtividade das regras é outro ponto a ser abordado quando se fala de aplicação de regras lexicais e pós-lexicais. Uma regra produtiva se aplica a palavras novas, sejam elas novas para produção ou para reconhecimento. As regras aplicadas no léxico possuem três casos quanto a sua produtividade e excepcionalidade (cf. Mohanan, 1986, p.58): 1. regras produtivas e sem exceções, 2. regras produtivas com exceções e 3. regras não produtivas e com exceções.

Uma das mais importantes diferenciações entre regras lexicais e pós-lexicais diz respeito à questão da ciclicidade. As regras lexicais podem ser cíclicas enquanto que as pós-lexicais, não. Sobre esse assunto, Massini-Cagliari (1999, p.96) afirma que:

A escolha quanto à ciclicidade ou não de uma regra tem a ver com a própria organização do léxico em *estratos*. Reside justamente nessa organização estratificada a maior inovação proposta pelo modelo fonológico lexical. Nesse sentido, são os estratos - e não as regras - que são ou não cíclicos.

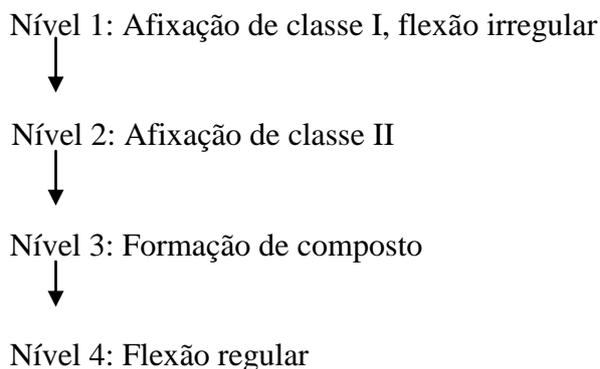
Ao falarmos em *estratos* é importante destacar que o número destes varia de língua para língua. Esse número depende da quantidade de níveis necessários para dar conta de todos os processos fonológicos envolvidos na formação de palavras. Dessa forma, Kiparsky (1982, p.132-133) afirma que o inglês possui três estratos, como pode ser verificado na citação a seguir:

Of the three levels, the first level comprises the affixes which have usually been associated with the +boundary. [...] This level includes derivational suffixes such as -al, -ous, -ity, -th, and inflectional suffixes such as those in kept, met, hidden, children, addenda, indices, foci. [...] To the second level we assign #boundary ("secondary") derivation and compounding. [...] The third level takes care of the remaining "regular" inflection (leaped, pleated, books, etc.).

Observando o posicionamento de Kiparsky (1982) em relação à divisão do léxico em estratos, infere-se que o teórico considera que o primeiro estrato envolve derivações e flexões do tipo + (fronteira de morfema), o segundo, derivações e composições do tipo # (fronteira de palavra), e o terceiro, flexões do tipo #. Por outro lado, Mohanan (1986) propõe a existência de quatro níveis lexicais para o inglês, assumindo a existência de um nível que abarca as derivações do tipo + e flexões irregulares, um nível de derivações do tipo #, um nível constituído pelas composições e um quarto nível abrangendo as flexões regulares.

Embasando-se nos teóricos acima, Lee (1992, p.9) primeiramente postula que há quatro níveis no léxico do PB:

(20)



Porém, em sua tese de doutorado (LEE, 1995, p.11), propõe a divisão para o léxico do PB em apenas dois níveis ordenados: o nível lexical e o pós-lexical. Segundo ele, o nível lexical se divide em dois estratos: o nível 1 (α), no qual ocorrem os fenômenos de derivação e as flexões irregulares, e o nível 2 (β), no qual ocorrem todas as formações produtivas da língua (vocábulos com os sufixos *-inho*, *-mente*, dentre outros) e as flexões regulares (“falo”, “falavas”...). No nível pós-lexical, encontra-se um terceiro nível (ω), representado pela saída do léxico e entrada para sintaxe e no qual ocorre um tipo especial de composição (composição II), que trata de formações como “homem rã”, “garota propaganda” entre outras. Vejamos a representação do léxico do PB a partir da figura a seguir:

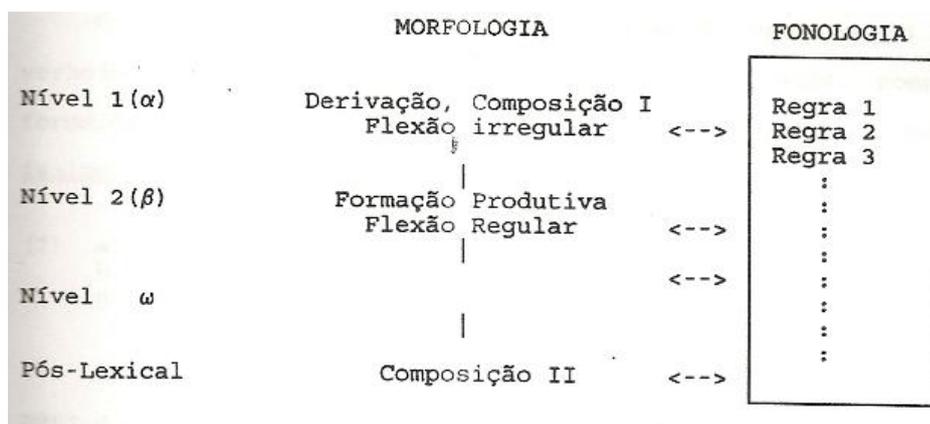


Figura 11. Representação do léxico do PB (LEE, 1995, p.11).

A figura 11 nos mostra que em um mesmo estrato (α ou β) são permitidas várias afixações e aplicação de diversas regras fonológicas, por exemplo no nível α , em que ocorrem processos de derivação, composição e flexão irregular. Isso só é possível devido à estrutura interna de cada estrato (cf. figura 12 a seguir), que possibilita ciclicidade nas regras de afixação.

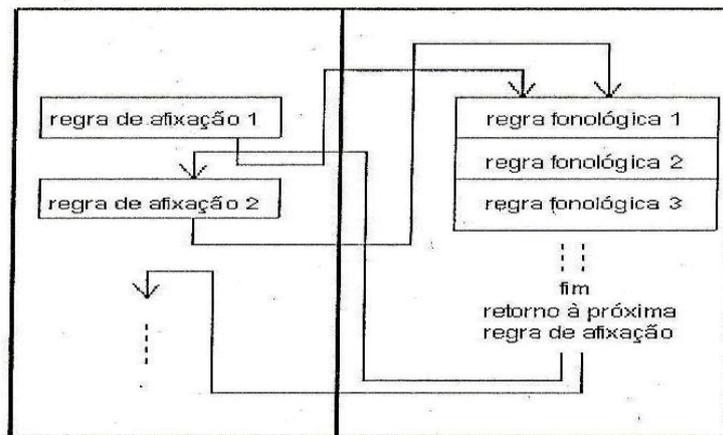


Figura 12. Estrutura interna de cada estrato (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 99).

Sobre o pós-léxico, destaca-se o que Mohanan (1986), embasado em Pulleyblank (1983), afirma: “*Thus, the postlexical module itself consists of two submodules, a syntactic module and an implementational module*” (MOHANAN, 1986, p. 12), como podemos conferir na figura a seguir:

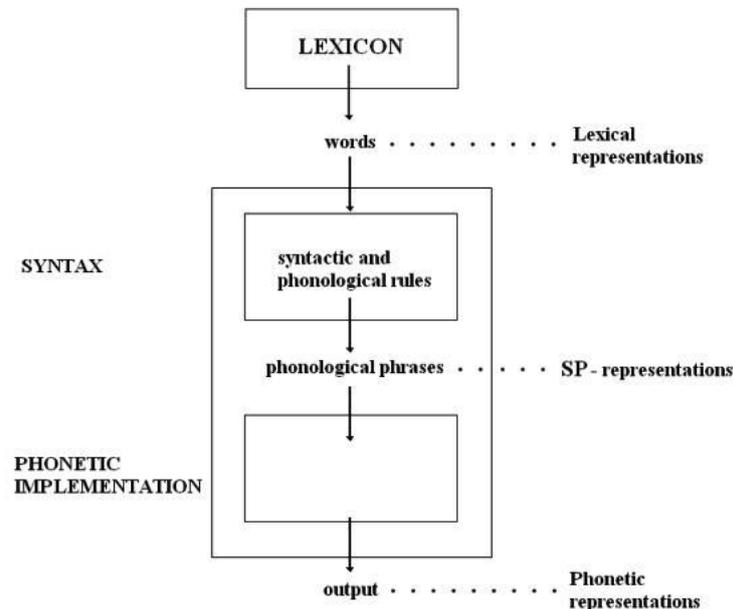


Figura 13. Divisão do pós-léxico (MOHANAN, 1986, p.12).

Observando a figura acima percebemos que ela retrata justamente o que a citação anterior de Mohanan afirma. O módulo pós-lexical é dividido em dois submódulos: um de sintaxe e outro de realização fonética, no qual sai pronta a estrutura de superfície ou o *output*.

A Fonologia Lexical apresenta uma série de princípios e/ou convenções para auxiliar a determinação de onde e como uma regra se aplica. Quatro princípios merecem destaque especial:

a) **Convenção de apagamento de colchetes (BRACKET ERASURE CONVENTION):** Colchetes que marcam a estrutura morfológica são apagados ao final de cada estrato. Assim sendo, em uma palavra como *centralizar*, tal princípio se aplicaria da seguinte forma:

(21)

nível 1: [[[centr]al]izar]

nível mais alto (pós- lexical): [centralizar]³⁰

b) **Elsewhere Condition:** Princípio que resolve o conflito entre duas regras disjuntivas, ou seja, regras que não se ligam uma a outra, em determinado ponto da derivação. Quando uma delas é aplicada a outra fica excluída.

c) **Princípio de Preservação da Estrutura:** Estabelece restrições às derivações, determinando que delas não podem resultar estruturas não pertencentes ao sistema em questão. Proíbe a aplicação de uma regra se ela vier a produzir formas inexistentes no sistema subjacente da língua.

d) **Condição do Ciclo Estrito (*Strict Cycle Condition*):** Estabelece uma restrição à ciclicidade, porque limita a aplicação de regras cíclicas a estruturas derivadas. Estrutura derivada é a que resulta da aplicação de uma regra morfológica ou fonológica.

Esta apresentação do modelo da Fonologia Lexical pretendeu mostrar que tal teoria postula que as regras fonológicas operam em conjunto com as morfológicas no léxico de uma língua. Por exemplo, o sufixo *-al*, formador de nomes em inglês, só pode ser adicionado a verbos os quais são acentuados na última sílaba (cf. Kiparsky, 1982, p.143). A proposta desta dissertação trabalha com a hipótese de que, ao se adjungir os sufixos de diminutivo e aumentativo a uma determinada base, possam ocorrer processos fonológicos ocasionados justamente pelo acréscimo de um elemento morfológico - os sufixos (cf. seção 5) - e que a

³⁰ Exemplo extraído de Hernandorena (1996, p.73).

partir dessa junção a posição do acento da base pode ser modificada na palavra derivada, originando, do ponto de vista fonológico, palavras simples ou compostas.

3.3.2 A Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços

Outra teoria que vem nos dando suporte para este estudo é a Fonologia de geometria de traços (FGT). Segundo Cagliari (2008, p. 125), este modelo, embasado na teoria autossegmental de Goldsmith (1976, 1990), trata os traços como autossegmentos, ou seja, como unidades cujo domínio pode ser maior ou menor que um segmento e cuja representação, refletindo a sua organização hierárquica, deve ser feita em diferentes camadas ou *tiers*, dispostos em diferentes planos:

In autosegmental phonology [...] features that are observed to extend over domains greater or lesser than the single segment are extracted from feature matrices and placed on separate 'channels' or tiers of their own. (CLEMENTS; HUME, 1995, p.247)

Clements (1985, 1989, 1991) propôs uma *geometria de traços* com o intuito de representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser manipulados tanto isoladamente como em conjuntos solidários. Nessa geometria, os segmentos são representados com uma organização interna, a qual se mostra através de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços.

Essa configuração é representada em um diagrama arbóreo, como podemos constatar a seguir:

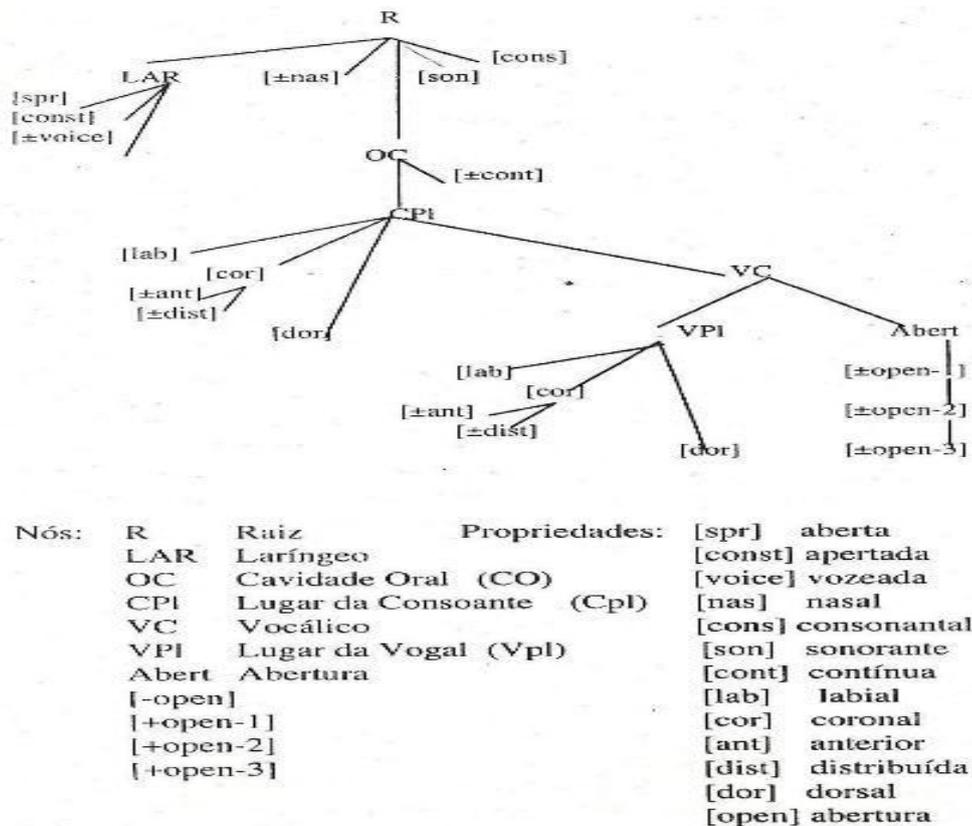


Figura 14. Modelo de geometria de traços proposto por Clements (CAGLIARI, 2008, p.126).

Observando a figura exposta anteriormente, percebemos que o modelo geométrico possui *nós* estruturais intermediários (nó de Lugar de Articulação, nó de Abertura, etc.), formando os planos (ou "*tiers*" - fileiras, camadas). As propriedades distintivas (traços) são o final da linha hierárquica e os nós representam grupos de traços.

Sobre a organização dos traços fonológicos, Mateus e d'Andrade (2000, p.24) afirmam que:

The geometrical organization of features [...] implies that: terminal features are grouped into class nodes; these nodes are located in separate tiers which, at the upper level, are directly linked to a root node; each root node is connected to a position in a separate tier, called skeleton, which consist of a sequence of abstract time units; positions on this skeleton are marked by an X.

Sendo assim, as regras fonológicas constituem uma única operação, ou seja, somente conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas.

De acordo com Cagliari (1997, p. 20-21), a FGT apresenta algumas restrições ou princípios específicos como, por exemplo, o PCO - Princípio do Contorno Obrigatório -, que proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano, e a CCL - Condição de Não Cruzamento de Linha -, que proíbe que se faça uma linha de associação cruzar outra dentro de um mesmo plano. Segundo o autor ainda, “tanto o PCO quanto a CCL agem frequentemente como controladores da abrangência da aplicação de certas regras, evitando resultados mal formados” (CAGLIARI, 1997, p.21), ou seja, o uso de tais princípios e restrições justifica-se para eliminação do que é redundante para o sistema da língua.

Apresentaremos agora os processos mais importantes, descritos a partir da teoria da geometria de traços:

- a) assimilação ou espraçamento³¹: um segmento liga-se a outro e leva um nó ou traço de um segmento para outro;
- b) desligamento³²: um segmento perde um traço ou conjunto de traços; a linha de associação é cortada no lugar adequado;
- c) fissão: um nó-raiz é partido para surgir a auto-segmentação da geometria de um outro elemento grudado;
- d) fusão: junção de dois elementos em um único nó de raiz. Exemplo: as vogais longas do latim.

Esta breve exposição sobre a Teoria da Fonologia da Geometria de Traços pretendeu evidenciar algumas características intrínsecas a este modelo com o intuito de fornecer algumas informações relevantes, por exemplo, sobre a maneira como a representação dos segmentos é feita e sobre a descrição de alguns processos fonológicos a partir desta teoria.

3.3.3. *Fonologia Prosódica*

A Fonologia Prosódica teve início com a proposta de Elisabeth O. Selkirk (1979). Outros trabalhos de renome na área são os de Nespor e Vogel (1986) e Vigário (2001).

De acordo com Selkirk (1979), a teoria da Fonologia Prosódica surgiu da necessidade de se postular os níveis acima da sílaba: “*Recent work in linguistics has focussed attention on units larger than the segment, and, while giving additional support for the syllable, has furthermore shown **the necessity of positing an even richer array of types above the level of the syllable***” (SELKIRK, 1979, p. 1-2, grifo nosso).

³¹ Sobre exemplificação deste processo, cf. análise da ocorrência *boÿo* na seção 5 da presente dissertação.

³² Para exemplificação deste processo, cf. análise das ocorrências *cadarron* e *crerizon*, também na seção 5.

Quando Selkirk (1979), na citação acima, expõe a respeito de se postular um conjunto mais rico de tipos de níveis acima da sílaba, a autora mostra a necessidade de se estudar os segmentos e a sílaba dentro de um modelo de produção e percepção do discurso: “*much research in speech production and perception has either assumed the existence of these units, or has directly sought evidence for their existence, in models of the processing of speech*”. (SELKIRK, 1979,p. 1).

Antes de nos focarmos na ideia de Selkirk sobre os níveis que estariam acima da sílaba, faz-se necessário apresentarmos uma breve definição de *constituente*, uma vez que a sílaba e tudo o que está acima dela é denominado *constituente prosódico*. De acordo com Bisol (1996), um constituinte na linguística é uma unidade complexa, em que se desenvolve uma noção binária de dominante e dominado. Todo constituinte pressupõe um cabeça e um ou mais dominados. Vejamos a seguir quais são os constituintes prosódicos propostos por Selkirk (1979, p. 5):

The examination of stress, vowel quantity relations and other phonological phenomena within the word in a wide variety of languages has led to the positing of a unit of analysis, properly phonological (i.e not syntactic) in character, that one might call the prosodic (or accentual) word (symbolized w), and to the postulation of a unit of analysis intermediary between the syllable (symbolized S) and the prosodic word which has been referred to as the foot or stress foot (symbolized F). [...] The examination of phrasal stress, rhythm, and intonation, as well as the operation of rules of segmental phonology beyond the level of the word (external sandhi), has led to the postulation of a certain number of yet higher -order units in phonology, such as the phonological phrase (symbolized P), the intonational phrase (symbolized I), and the utterance (symbolized U). (SELKIRK, 1979, p.5, grifos da autora)

Observemos agora um quadro resumitivo demonstrando a ideia inicial de Selkirk sobre os constituintes prosódicos:

Proposta de Selkirk (1979)		
CONSTITUINTES PROSÓDICOS		
constituintes	tradução	símbolos
phonological utterance	enunciado fonológico	U
intonational phrase	grupo entoacional	I
phonological phrase	grupo fonológico	Φ
phonological word	palavra fonológica	ω
foot	pé	Σ
syllable	sílaba	σ

Quadro 5. Constituintes prosódicos segundo proposta de Selkirk (1979) (MASSINI-CAGLIARI, 1995, p.102).

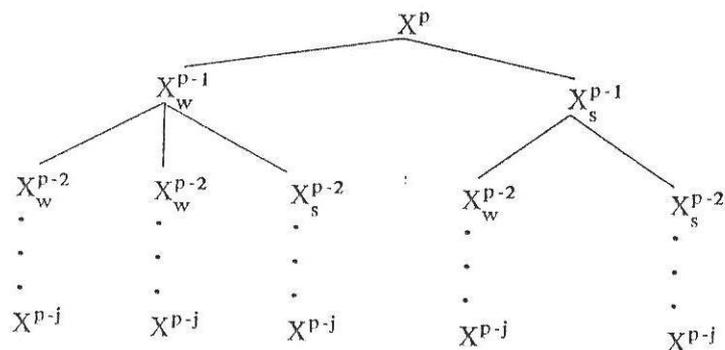
Partindo da definição de constituinte linguístico, percebe-se que Selkirk (1979), ao propor uma organização hierárquica dos níveis gramaticais que estariam acima da sílaba, se utilizou da noção de dominante e dominado inerente ao conceito de constituinte linguístico, propondo, alguns anos depois (1984), a *Strict Layer Hypothesis*:

- i. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^p , is composed of one or more units of the immediately lower category X^{p-1} .
- ii A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.
- iii The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching
- iv The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all other nodes are assigned the value weak (w). (SELKIRK, 1984, p.7)

De acordo com os princípios expostos acima, um constituinte prosódico é sempre composto de uma ou mais unidades prosódicas imediatamente inferiores na hierarquia prosódica. Assim, por exemplo, uma palavra fonológica (foco de nossa análise) é necessariamente composta de pés, que são compostos de sílabas. Em algoritmos, os princípios da *Strict Layer Hypothesis*, podem ser representados da seguinte forma (cf. Nespor e Vogel, 1986, p.8):

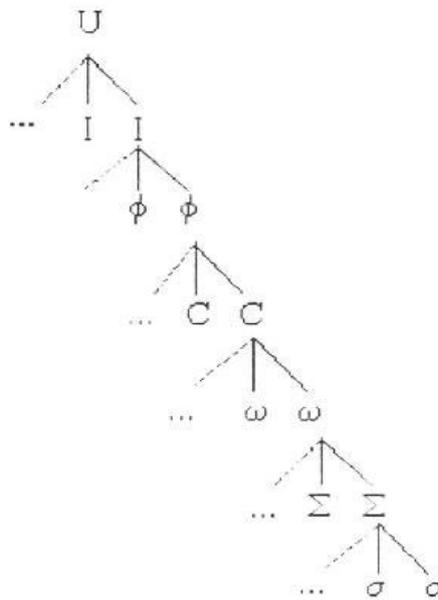
(22)

Prosodic Phonology



A respeito da estrutura que representa os constituintes prosódicos deve-se ressaltar que alguns autores como Nespor e Vogel (1986) acrescentam os grupos clíticos dentro da hierarquia prosódica proposta por Selkirk (1979). Esses constituintes estariam entre a palavra fonológica (ω) e a frase fonológica (Φ), como ilustra o exemplo a seguir, extraído de Massini-Cagliari (1995, p.103):

(23)



Sobre os constituintes ou categorias prosódicas, Selkirk (1979) afirma ainda que estes são de grande importância, pois são elementos chave para a “*description of suprasegmental phenomena such as stress, they are also just those units which allow for a correct characterization of the domains of rules of segmental phonology*” (SELKIRK, 1979, p. 2). Sendo assim, podemos afirmar, embasando-nos em Nespor e Vogel (1986, p.6), que a Fonologia Prosódica é uma teoria de domínios:

[...] *the model presented here is a theory of phonological domains, that is, a theory that organizes a given string of language into a series of hierarchically arranged phonological constituents that in turn form the contexts within which phonological rules apply.* (NESPOR; VOGEL, 1986, p.6)

O domínio, dentro da teoria da fonologia prosódica, é o elemento que delimita o lugar onde os processos fonológicos ocorrem, ou seja, em qual categoria prosódica ocorre determinado processo. Por exemplo, segundo Vigário (2001, p.5) dentre os fenômenos segmentais observa-se que cada um deles possui um domínio; o fenômeno de velarização em PE (Português Europeu) se aplica no domínio da sílaba.

A partir do exemplo exposto acima sobre o domínio de um processo segmental no PE, podemos ressaltar a relação de interação existente entre a Fonologia Prosódica e as outras fonologias não-lineares, como já propunha Selkirk (1979, p.2) e Nespor e Vogel (1986, p. 6):

[...] the theory of suprasegmental phonological structure being proposed here does permit a far more satisfactory treatment of a number of important areas of phonology, e.g. those concerning phonotactics, stress and prominence relations, and the characterization of the domains of phonological rules, among others. (SELKIRK, 1979, p.2)

[...] a prosodic theory forms a subsystem of the phonological component of the grammar and interacts in interesting ways with other subsystems represented by the different theories mentioned above. For example, the most appropriate analysis of a number of harmony rules seems to require an interaction between autosegmental theory, which accounts for the way in which the rules operate, and prosodic theory, which accounts for the domains in which the rules apply. (NESPOR; VOGEL, 1986, p.6)

Observando as citações expostas anteriormente constatamos que Selkirk (1979) e Nespor e Vogel (1986) expõem a respeito da interação entre Fonologia Prosódica e as outras fonologias não-lineares³³, a citar as Fonologias Lexical, Métrica (quando Selkirk afirma sobre relações de acento e proeminência) e Autossegmental (quando Nespor e Vogel falam sobre as regras de harmonia). Vejamos a seguir um esquema ilustrativo do modelo de interação entre Fonologia Prosódica e os outros subsistemas da gramática, extraído de Nespor e Vogel (1986, p.302):

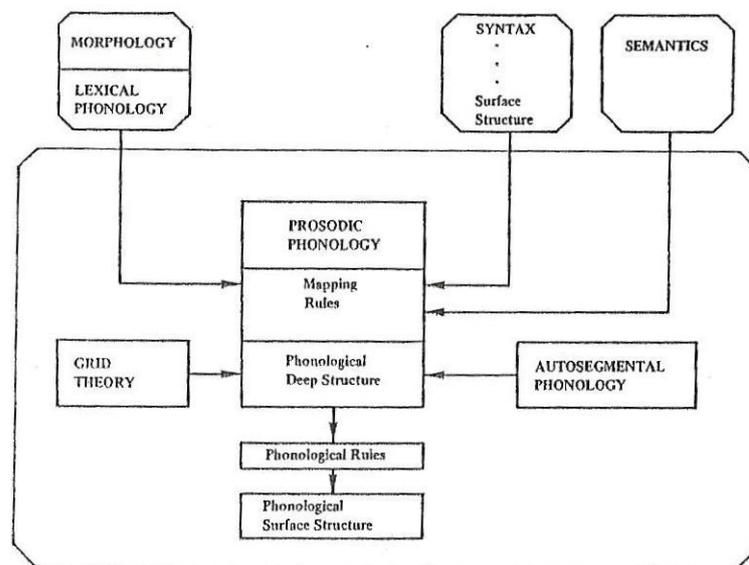


Figura 15. Modelo de interação entre Fonologia Prosódica e os outros subsistemas da gramática (NESPOR;VOGEL, 1986, p. 302).

³³ Na presente dissertação será possível verificar com a análise dos dados (seção 5) a interação entre a Fonologia Prosódica e as Fonologias Lexical e Autossegmental.

Esta apresentação inicial feita sobre a Teoria da Fonologia Prosódica pretendeu evidenciar algumas características intrínsecas a este modelo, com o intuito de fornecer algumas informações relevantes, por exemplo, a sua estruturação e interação com outros modelos da gramática. Sendo assim, a próxima subsecção será destinada ao tratamento mais detalhado do constituinte prosódico que será a base de toda nossa análise - a palavra fonológica (ω).

3.3.3.1 A palavra fonológica (ω)

Segundo Nespor e Vogel (1986, p. 109), a palavra fonológica é definida como:

the lowest constituent of the prosodic hierarchy which is constructed on the basis of mapping rules that make substantial use of non phonological notions. [...] The phonological word (ω) represents the interaction between the phonological and the morphological components of the Grammar. (NESPOR;VOGEL, 1986, p.109)

Tomando como base a citação acima, podemos afirmar que a palavra fonológica (ω) é obtida por meio das *mapping rules* ou *mapping relations* (cf. Vigário, 2001, p.278), relações estas que representam a interação entre morfologia e fonologia, assim como propõe também Vigário (2001, p.278):

Mapping relations

Morphology - phonology

*The prosodic word domain includes a stem plus suffixes
(and non-transparent prefixes)*

Observando a citação acima percebemos que ela nos indica a delimitação - um dos domínios para a palavra fonológica (radical + sufixo), ou seja, a própria palavra fonológica. Sobre esta questão, Nespor e Vogel (1986, p. 136) afirmam:

PWdomain (two major types of languages)

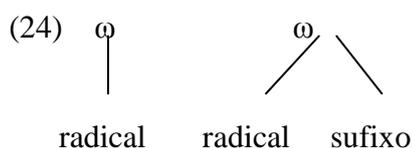
Type I. The domain of PW is Q (Q= syntactic terminal node) (e.g. Latin)

Type II. The domain of PW consists of (a) a stem; (b) any element identified by specific phonological and/or morphological criteria (e.g. Italian); (c) any element marked with the diacritic [+W] (e.g. Dutch). Any unattached elements within Q from part of the adjacent PW closed to the stem.

A citação acima nos revela dois tipos de domínio para ω . O primeiro (I) diz respeito ao fato de que o domínio da ω é igual ao elemento terminal da árvore sintática, ou seja, inclui o radical, todos os afixos e ambos os membros das palavras compostas em uma palavra fonológica apenas (é o caso da citação de Vigário, exposta anterior a esta). Nestas línguas não

há regras puramente fonológicas que afetam seqüências maiores que o pé e menores que a palavra fonológica. A aplicação dessas regras ocorre somente dentro da palavra fonológica. O segundo tipo (II) descreve o domínio da palavra fonológica menor que o elemento terminal da árvore sintática. Para este caso há mais de uma possibilidade para a construção da palavra fonológica. Apesar das diferenças nos modos de construção da ω , estes casos possuem em comum a característica de reagrupamento das unidades morfológicas.

O primeiro dos subtipos de II considera o domínio da palavra fonológica igual a radical+afixos. Neste subtipo a palavra fonológica não inclui um elemento inteiro que corresponde ao constituinte mais baixo da hierarquia sintática, mas apenas a uma parte deste constituinte, isto é, em uma estrutura como a de (24), um radical (elemento que não é inteiro) pode ser considerado uma palavra fonológica:



O segundo subtipo de II aborda o domínio da palavra fonológica e fatores morfológicos e fonológicos adicionais. A palavra fonológica é formada pelo agrupamento de constituintes do nível imediatamente abaixo do pé. Esse tipo de palavra fonológica leva em consideração informações morfológicas (no caso do Húngaro) ou informações fonológicas (no caso do Italiano). No Húngaro, o domínio da palavra fonológica inclui um radical mais uma seqüência adjacente de sufixos. No Italiano, o vozeamento do “s” intervocálico se aplica dentro das palavras (*a[z]ola* - “azola”) e não entre palavras (**la [z]irena* - “la sirena”), ou seja, a palavra fonológica é necessária para a formulação de várias outras regras fonológicas. Sendo assim, o domínio da ω não depende de informações morfológicas, mas simplesmente de informações fonológicas.

O critério desenvolvido acima para a distinção na aplicação de regras fonológicas entre palavras ou no interior de palavras será de grande utilidade para nossa análise, uma vez que, se a Regra de Atribuição do Acento nas ocorrências de aumentativo e diminutivo em Português Arcaico (PA) for aplicada no interior da palavra, estaríamos argumentando que essas formas seriam construídas no léxico desde o PA, com um único acento - formas simples. Por outro lado, se a Regra de Atribuição do Acento nessas ocorrências for aplicada entre palavras, teríamos argumentos para considerar a formação desses nomes no pós-léxico, com dois acentos - formas compostas. No entanto, será verificado na seção de análise (cf. seção 5)

que a possibilidade para a formação dos diminutivos e aumentativos no pós-léxico é inexistente, uma vez que uma formação pós-lexical exige um reajuste da palavra fonológica (cf. Vigário, 2001, p. 172), caso esse que ocorre com os processos de sândi, como podemos observar no exemplo abaixo, e não com as formas diminutivas e aumentativas (cf. 26)³⁴.

(25)		
Palavras prosódicas lexicais		Palavras prosódicas reajustadas pós-lexicalmente
(malha) _ω (original) _ω		(ma) _ω ([ʌ]original) _ω
(tenho) _ω (ainda) _ω		(te) _ω ([ŋ]ainda) _ω
(26) (judéu) _ω (cínno) _ω		
		[(judeu) _ω (cínno) _ω]

Vigário (2001, p. 16) afirma que o problema de se considerar a localização dos domínios prosódicos no pós-léxico decorre do fato de que a construção de um domínio prosódico como a palavra prosódica pode se referir a certas informações morfológicas, ou seja, informações que estão no léxico. Desta forma, propõe que “*a solution to this type of problem is to allow for the construction of the lower prosodic domains in the lexical components*”. Sobre esta solução, a autora apresenta alguns argumentos, expostos a seguir:

a) Há evidências que a estrutura morfológica e a estrutura prosódica coexistem. Vigário dá exemplo do Polonês, em que a escolha entre dois alomorfes particulares depende de a última consoante da base da palavra ser silabificada pelos algoritmos de silabificação da língua ou pela permanência da sílaba extramétrica;

b) Outro argumento exposto pela autora diz respeito ao caso do sufixo comparativo em inglês - *-er*. Na palavra *unhappier*, por exemplo, temos que do ponto de vista morfológico o sufixo *-er* se adjunge à uma base trissilábica, sendo que em inglês o mais comum é esse sufixo se adjungir a bases adjetivais monossilábicas ou dissilábicas, mas do ponto de vista prosódico essa exigência é satisfeita, uma vez que *-er* se adjunge à palavra *happy* (dissilábica), pois o sufixo *un-* pode ser considerado uma palavra prosódica independente. Sendo assim, o plano morfológico e fonológico coexistem.

A partir do critério apresentado anteriormente (aplicação de regras fonológicas entre ou no interior de palavras), percebemos a necessidade de delimitarmos de que maneira identificamos uma palavra fonológica. Ao identificarmos, na prática, o que seria ω poderemos saber quantas palavras fonológicas possui determinada forma linguística, se a Regra de

³⁴ Exemplo extraído de Vigário (2001, p.172).

Atribuição de Acento e tantas outras são aplicadas entre palavras ou no interior destas e, conseqüentemente, sabermos a quantidade de acentos presente em determinadas formações da língua, estabelecendo, por exemplo, no caso dos diminutivos e aumentativos em PA, se tais palavras são formas simples ou compostas.

A maioria dos estudiosos da área da Fonologia Prosódica é unânime em dizer que o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica. Segundo Vigário (2001, p.23), “*A prosodic word must bear one and only one (word) primary stress*”. Nespor e Vogel (1986) também pensam da mesma forma em sua análise para o Italiano: “*Since a phonological word may contain at most one primary stress, the data [...] show that suffixes form one ω with the stem, while [...] in compound word there must be two ω s*” (NESPOR; VOGEL, 1986, p.130).

Sendo assim, vejamos a seguir a condição de boa formação de uma ω , proposta por Vigário (2001, p.276):

Well -formedness condition on the prosodic word domain
a. A minimal prosodic word has one and only one (word) primary stress
b. A maximal prosodic word has one and only one prominent element

A citação acima nos leva a inferir que independentemente do tamanho da palavra prosódica (mesmo tamanho ou menor que o nó sintático terminal) o que vai defini-la e delimitá-la é o acento primário de palavra.

Vigário (2001, p. 24) nos aponta ainda como critério de identificação de uma palavra prosódica a possibilidade de apagar elementos no interior de palavras complexas (cf. também Nespor e Vogel, 1986, p.138). Para isso, a autora retira exemplos de Boij (1985, *apud* Vigário, 2001), que afirma que o sufixo *-achtig*, do holandês, pode ser deletado “*because it forms a prosodic word, contrasting with -ig,[...] which does not form an independent prosodic word*” (VIGÁRIO, 2001, p.24). Como exemplo, a autora mostra uma sequência de palavras em que o sufixo *-achtig* pode ser deletado no primeiro vocábulo sem perda de sentido desta sequência - “*stormachtig en regenachtig > storm en regenachtig*” (tempestuoso e chuvoso) - em contraposição a uma sequência em que o sufixo *-ig* não pode ser deletado no primeiro vocábulo - “*blauig en rodig > *blau en rodig* (azulados e avermelhados).³⁵

Dos exemplos acima podemos afirmar que, se o sufixo pode ser apagado sem trazer prejuízos ao entendimento da estrutura temos, dessa forma, palavras independentes prosodicamente, mas se por outro lado um determinado sufixo não pode ser apagado,

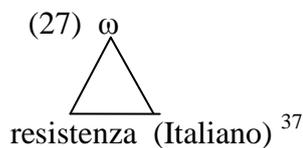
³⁵ Exemplos extraídos de Vigário (2001, p.25).

observamos que não há uma palavra prosódica independente. Esse último critério de apagamento do sufixo é válido para construções de coordenação em PB, como, por exemplo, em “Ele chegou vagarosa e tranquilamente”, mas não para formas derivacionais como os diminutivos em *-inn(o,a)* e os aumentativos, fato este que poderá ser constatado na seção de análises dos resultados.

Outro critério utilizado pela estudiosa para delimitação do domínio de palavra prosódica é o fato de uma proeminência secundária em início de palavra poder ser “interpretável como incidindo sobre PW³⁶, constituindo por isso evidência para este domínio prosódico” (VIGÁRIO, 2000, p. 585).

Por fim, Vigário (2000) afirma que a palavra prosódica define o contexto de aplicação de processos puramente fonológicos. Tais processos operam no interior do domínio prosódico, isto é, no interior de uma palavra prosódica. Para os diminutivos e aumentativos mapeados nas cantigas medievais este critério não será de grande valia para todas as ocorrências, pois mapeamos processos que não são puramente fonológicos.

Passemos agora à representação de uma palavra derivada com forma simples, ou seja, possui uma palavra prosódica, já que a Regra de Atribuição do Acento ocorre no interior dessa palavra.



Para a representação de uma palavra com forma composta, isto é, formações com mais de uma palavra prosódica, veremos que há vários modos de representar, uma vez que há vários tipos de compostos. Sendo assim, apresentaremos a seguir esses tipos com suas respectivas representações, tentando encaixar em qual deles se encontrariam os diminutivos em *-cinn(o,a)* em PA.

Segundo Vigário (2001), as palavras compostas (*word compounds*) possuem um comportamento fonológico distinto do comportamento das palavras regularmente combinadas dentro de frases sintáticas. Com relação aos tipos de palavras compostas, a autora lista sete, conforme podemos verificar na citação a seguir:

³⁶ Abreviatura do inglês para *phonological word*, em português, “palavra fonológica”.

³⁷ Tal representação foi feita por Vigário (2001, p.36) para o Italiano e será utilizada de forma semelhante na análise dos diminutivos em *-inn(o,a)* e dos aumentativos na seção 5 desta dissertação.

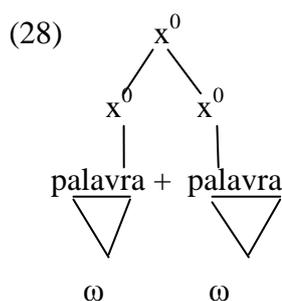
constructions claimed to be formed by two or more prosodic words that are grouped together within a compound are (i) derived words with suffixes that form stress domains independent of their base, (ii) derived words with stressed prefixes, (iii) morphological (stem plus stem) compounds, (iv) morphosyntactic and some syntactic (word plus word) compounds, (v) abbreviations, (vi) mesoclitic structures, and (vii) sequences of prosodic words consisting of (a) pairs of letter names, (b) names of letters followed by numerals, as well as (c) some numerals followed by the very frequent words horas and anos. (VIGÁRIO, 2001, p.280)

O primeiro tipo listado são aquelas palavras compostas com sufixos que possuem domínio acentual independente de suas bases morfológicas. De acordo com a estudiosa, os sufixos z-avaliativos em PE fazem parte desta categoria de sufixos

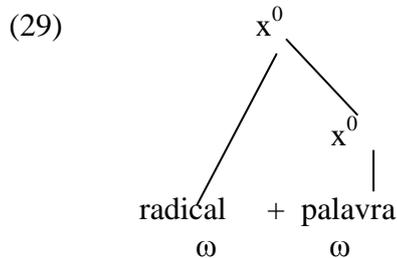
Do ponto de vista fonológico, as construções envolvendo estes sufixos apresentam algumas semelhanças entre si. Ao contrário das construções com outros sufixos - que são integrados na mesma PW que a base morfológica-, **as formas com sufixos z-avaliativos apresentam marcas de que a base morfológica constitui uma PW independente [...].** (VIGÁRIO, 2000, p.594, grifo nosso)

Tomando como base a citação acima, podemos pensar que quando a autora se refere às marcas que a base morfológica apresenta, está se referindo ao fato proposto por Menuzzi (1993 - cf. subseção seguinte) para os diminutivos no PB - o sufixo *-zinh(o)* geralmente é adjungido a uma base derivacional que não possui vogal temática, diferentemente do que ocorre com *-inh(o)* e a maioria dos sufixos do português, os quais não possuem independência e são adjungidos **entre** uma base derivacional e sua respectiva vogal temática. Sendo assim, podemos observar que nas formas diminutivas em *-cinn(o,a)* em PA, o comportamento de tal sufixo é similar ao do sufixo *-zinh(o)* em PB e em PE, pois como veremos com mais detalhes na seção de análises os diminutivos em *-cinn(o,a)* em PA serão adjungidos preferencialmente a uma base derivacional sem vogal temática, fato este que pode nos indicar que estamos diante de um sufixo que pode ser considerado palavra prosódica independente.

A representação para esse tipo de palavra composta seria a exposta em (28)

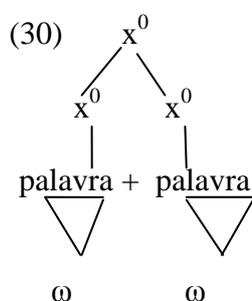


O segundo tipo de palavras compostas seriam as palavras derivadas com prefixos acentuados, em estruturas como em “pós-graduação”. A representação a seguir nos mostra a presença de duas palavras fonológicas, cada uma com seu domínio acentual independente.



Outro tipo de *word compounds* listado por Vigário (2001) são aquelas que podem ser chamadas também de compostos morfológicos, ou seja, estruturas que possuem um radical como primeiro membro de um composto. Tais formas morfológicamente compostas podem apresentar prosodizações diversas. Em palavras como “fotografia” e “automóvel” temos a concatenação de dois radicais, que se comportam como uma única palavra prosódica, com um único acento de palavra. Já em formações do tipo “fotomontagem” observa-se que cada radical possui um acento de palavra e, portanto, temos um composto morfológico e fonológico. A estrutura de representação ficaria da mesma forma que a dos compostos com prefixos, exposta em (29) acima.

Vigário (2001) enumera também os compostos morfossintáticos. Como exemplo para esse caso, podemos citar formações do tipo “guarda-chuva”. A representação dessas formas é similar à representação das formas compostas com sufixos que possuem domínio acentual independente de suas bases morfológicas (*word + word*).



Por fim, Vigário (2001) lista como formas compostas as abreviações, estruturas mesoclíticas e algumas formações que a autora denomina como combinações específicas de palavras. Todos esses três últimos tipos possuem a seguinte estrutura:

(31)			
	/pe/	/eme/	- Abreviação de Policia Militar no PB
	dir-te	emos	- Estrutura mesoclítica
	vinte	anos	- Combinação específica de palavras

Ao término desta subseção chegamos à conclusão de que a palavra fonológica (ω) é um constituinte prosódico extremamente importante para o estudo desenvolvido por esta dissertação, pois o fator determinante para sabermos quando estamos diante uma ω é a presença de um domínio acentual independente, ou seja, a presença de um acento primário de palavra. Ao definirmos o número de palavras fonológicas nas ocorrências mapeadas nas cantigas medievais poderemos classificá-las em formas simples ou compostas. Outra questão interessante abordada foi o fato de, através da exposição dos tipos de compostos listados por Vigário (2001), observarmos que nem sempre existe isomorfismo entre composição morfológica ou sintática e composição fonológica.

3.3.3.2 A alternância entre *-inh(o)* e *-zinh(o)* no Português atual: aspectos prosódicos

Nesta subseção da presente dissertação faremos uma exposição de alguns aspectos prosódicos que tentam explicar a alternância no uso das formas *-inh(o)* e *-zinh(o)* no Português. Para isso, utilizaremos o trabalho de Menuzzi (1993), o qual afirma que, embora *-zinh(o)* preserve a estrutura morfológica da base e *-inh(o)* ocorra na mesma posição derivacional dos demais sufixos, ambos são prosodicamente sufixos.

Menuzzi (1993) apresenta *-inh(o)* e *-zinh(o)* como dois alomorfes em distribuição complementar. Segundo esse estudioso, “*there is just one underlying diminutive morpheme*”. (MENUZZI, 1993, p.1). Tal diminutivo subjacente seria a manifestação de apenas uma forma de diminutivo na estrutura profunda do léxico. Sendo assim, *-zinh(o)* é o sufixo que vai estar na estrutura profunda do léxico na formação dos nomes diminutivos e dependendo da estrutura silábica da base derivacional vai ocorrer a manifestação na superfície do sufixo *-inh(o)* ou *-zinh(o)*.

Quando o autor afirma sobre a estrutura silábica da base derivacional, está se referindo ao fato desta ser oxítônica, paroxítônica ou proparoxítônica e possuir ou não vogal temática (VT).³⁸ A partir disso, temos os seguintes padrões acentuais para os nomes em Português:

Main Patterns of Nominal Primary Stress:

a. Unmarked Patterns:

- i) penultimate-stressed TNs*
- ii) final-stressed NNs*

b. Marked Patterns:

- i) antepenultimate - stressed TNs*
- ii) penultimate-stressed NNs.*³⁹ (MENUZZI, 1993, p.11-12)

Tomando como base os padrões acentuais expostos acima, Menuzzi (1993) propõe algumas propriedades prosódicas para *-inh(o)* e *-zinh(o)*. Segundo ele, *-zinh(o)* apresenta um comportamento duplo. De acordo com o referido autor, tal morfema pode ser uma palavra morfológica independente quando o adjungimos a nomes temáticos (com VT) com acento na antepenúltima sílaba (“pérola” → “pérolazinha”), pois o padrão acentual desses nomes seria semelhante ao dos compostos e frases no PB, ou seja, preserva-se o acento de palavra da base, como é o caso do exemplo acima e de algumas perífrases (*vóu fazér*), outras vezes é recuado, como em *càfezínho* (*café + zínho* → *cafézínho* → *càfezínho*). No caso mais usual em PB (e em PA - cf. seção 5) *-zinh(o)* se adjunge a nomes não temáticos oxítonos e quando isso ocorre tais formas “are subject to the binary lexical stress pattern. This suggests that *-zinho* is **not** an independent morphological word, but a suffix” (MENUZZI, 1993, p.10, grifos do autor).

Portanto, o padrão acentual engatilhado por *-zinh(o)* em PB quando ele é adjungido a nomes não temáticos oxítonos é o seguinte: “the first non-primary stress to fall over the second syllable (from right to left) of the base noun” (MENUZZI, 1993, p.9). Tal padrão acentual pode ser conferido a seguir com os exemplos do mesmo autor:

Final Stressed NNs:

- jorna'l* ‘newspaper’ → *jor. nal. zi’. nho*
 - jogado’r* ‘player’ → *jo.ga. dor. zi’. nho*
 - capitã’o* ‘captain’ → *ca.pi. tão. zi’. nho [...]*
- (MENUZZI, 1993, p. 9)

³⁸ Este critério utilizado por Menuzzi (1993) para a delimitação do uso de *-inh(o)* ou *-zinh(o)* será utilizado também em nossas análises na seção 5 deste trabalho.

³⁹ As abreviaturas TN e NN significam, respectivamente, nomes temáticos (*thematic nouns*) e nomes não temáticos (*non thematic nouns*), ou seja, referem-se aos nomes que possuem ou não vogal temática em sua estrutura morfológica.

Sobre *-inh(o)*, Menuzzi (1993, p. 10) afirma que o principal aspecto prosódico que caracteriza tal forma como um sufixo da língua portuguesa é o fato de ele engatilhar a aplicação do acento de palavra “*-inho has not only the morphological distribution, but also the main prosodic property of suffixes, namely, to trigger an application of the word stress*” (MENUZZI, 1993, p.9, grifos do autor).

O padrão acentual mais usual engatilhado pelos diminutivos em *-inh(o)* em PB (e no PA também, conforme apontarão as análises na seção 5) parece ser o seguinte: tal sufixo se adjunge a nomes temáticos paroxítonos.

Em se tratando de alguns aspectos morfológicos, Menuzzi (1993) expõe algumas propriedades para *-inh(o)* e *-zinh(o)* em PB, como o fato de o primeiro ocorrer na mesma posição derivacional que os sufixos ocorrem, ou seja, “*between the DS and the TV⁴⁰ of the word*” (MENUZZI, 1993, p. 6) e de o último preservar a estrutura morfológica da base nominal.

Portanto, como podemos observar do ponto de vista morfológico, *-inh(o)* é um sufixo e *-zinh(o)* “*an independent morphological word which express the DIM through compounding with a base noun*” (MENUZZI, 1993, p. 7, grifos do autor), pois na maioria das vezes, preserva a estrutura da base nominal, ou seja, é adjungido a uma palavra já flexionada, com VT.

Por outro lado, do ponto de vista prosódico, tanto *-inh(o)* quanto *-zinh(o)* poderiam ser considerados sufixos devido aos padrões acentuais engatilhados por eles. No caso de *-zinho*, como mostrado anteriormente, quando temos uma base derivacional não temática oxítona, o acento primário da base “move-se” (da direita para a esquerda) uma sílaba após a tônica, quer seja essa sílaba a primeira da palavra (*jornál + zínho → jornálzínho → jòrnalzínho*) quer seja essa sílaba a segunda da palavra (*jogadór + zínho → jogadórzínho → jogàdorzínho*).

Tal regra proposta por Menuzzi (1993) não se diferencia muito da regra proposta por Costa (2010) para a atribuição de acento a nomes e verbos no PA. Com base nesse último autor, os exemplos expostos por Menuzzi (1993) se adequariam ao padrão acentual das palavras que possuem número par (*jòrnalzínho*) ou ímpar de sílabas pretônicas.

Sendo assim, se Menuzzi (1993) explica a existência de uma segunda proeminência nas palavras “*jòrnalzínho*”, “*jogàdorzínho*” e “*capitãozínho*” **apenas** pelo fato de possuírem uma segunda proeminência na primeira ou segunda sílaba após a tônica (sílabas pretônicas), Costa (2010) expõe de forma mais detalhada o assunto, explicando a atribuição do acento

⁴⁰ Abreviaturas, respectivamente, para: base derivacional (DS) e vogal temática (TV).

secundário por meio de alguns padrões. No caso de palavras como “jòrnalzinho”, o padrão acentual seria o das palavras com número par de pretônicas - ocorre um acento secundário na primeira sílaba da palavra ou a cada duas sílabas após o acento primário (cf. Costa, 2010, p. 179). Por outro lado, nas palavras “jogãdorzinho” e “capitãozinho” há um número ímpar de pretônicas, e neste caso observamos a atuação do primeiro subpadrão para as palavras com número ímpar de pretônicas - um acento secundário na segunda sílaba da palavra após o acento primário (cf. Costa, 2010, p.180). Ressaltamos que, em algumas variedades do português, as palavras “jogadorzinho” e “capitãozinho” podem seguir o segundo subpadrão para a determinação do acento secundário em palavras com número ímpar de sílabas pretônicas, fato este que justifica pronúncias como “jògadorzinho” e “cãpitãozinho”. Com relação a *-inh(o)*, tal forma, assim como os outros sufixos da língua, engatilha a aplicação do acento de palavra. Deve-se destacar ainda que *-zinh(o)* pode ter o mesmo comportamento prosódico dos compostos e frases do PB, preservando, desta maneira, o acento de palavra da base.

3.4 Considerações finais

Esta seção de embasamento teórico apresentou alguns pressupostos básicos das teorias morfológicas e fonológicas que servirão de base para a análise dos dados que serão expostos na seção 5.

Primeiramente, apresentamos alguns conceitos da morfologia que são imprescindíveis para o estudo proposto por esta dissertação. Trata-se dos conceitos de *palavra* e de *radical derivacional*. No caso do primeiro, vimos que a maioria dos estudiosos a classifica como vocábulos formais e vocábulos fonológicos. Para este trabalho estamos considerando o vocábulo fonológico, ou seja, para sabermos se as formas diminutivas e aumentativas em PA são simples ou compostas temos que saber a quantidade de acentos que determinada ocorrência possui e, conseqüentemente, delimitarmos quantos vocábulos fonológicos ela apresenta. Com relação ao conceito de radical derivacional, vimos que ele é importante para o nosso estudo, pois mostra que nossas análises não levam em consideração o conceito de raiz (com sentido de origem da palavra, abordado por Kehdi), mas sim o de radical (palavra irreduzível) que faz parte dos processos derivacionais. Ao utilizarmos a palavra irreduzível, estamos focalizando os processos morfofonológicos que ocorrem no momento da derivação, inclusive o processo de atribuição do acento (foco deste trabalho). Posteriormente, apresentamos conceitos da fonologia indispensáveis para o desenvolvimento deste trabalho. Um desses conceitos é o de palavra fonológica (ω), que, como vimos, é um constituinte

prosódico muito importante para o nosso estudo, pois o fator determinante para sabermos quando estamos diante uma ω é a presença de um domínio acentual independente, ou seja, a presença de um acento primário de palavra. Ao definirmos o número de palavras fonológicas nas ocorrências mapeadas nas cantigas medievais poderemos classificá-las em formas simples ou compostas.

4. As Cantigas Medievais e sua relevância para estudos de caráter prosódico: metodologia utilizada

Esta seção tem o intuito de apresentar e exemplificar como a coleta de dados no *corpus* exposto na seção 2 foi realizada. Em um primeiro momento, foram utilizados glossários e dicionários que reúnem as ocorrências nesses tipos de cantigas, objetivando checar se determinado vocábulo realmente era um aumentativo ou um diminutivo. Dentre esses glossários e dicionários podemos citar o glossário de Mettmann (1972), para as CSM, e o glossário das *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Portugueses* de Lapa (1998[1965]), para as cantigas de escárnio e maldizer. Posteriormente, a metodologia utilizada foi similar à proposta por Massini-Cagliari em seus trabalhos de 1995 e 2005 - por meio da escansão dos versos em que se encontravam as ocorrências mapeadas, pudemos localizar o acento poético e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação da estrutura prosódica das formas aumentativas e diminutivas de um período da língua em que não existem mais falantes nativos vivos. Pautamos-nos ainda nos trabalhos de Massini-Cagliari (1995, 1999) quando precisamos, em algum momento de nosso trabalho, mostrar o padrão acentual vigente em PA. Além de nos apoiarmos no método proposto pela autora acima, utilizamos também uma pequena parte da metodologia de Mistieri (2010), que trabalha com textos poéticos do tupi antigo, adaptada às características próprias da metrificação em PA pelos trovadores medievais.

Massini-Cagliari (2005) afirma que pouco se sabe a respeito da prosódia do PA, devido ao fato de alguns autores (cf. MAIA, 1986; MATTOS E SILVA, 1989; TOLEDO NETO, 1996) trabalharem prioritariamente com corpora em prosa e terem outros focos de estudo.

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos [...] de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha de material entre material poético e não poético para constituição do *corpus* não se coloca. Como os textos remanescentes em PA são todos registrados em um sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, fica praticamente impossível de serem extraídas informações [...] a respeito do acento e do ritmo do português desse período, a partir de textos escritos em prosa. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.142)

No entanto, em relação a textos poéticos, principalmente com uma métrica fixa, ocorre o contrário, ou seja, a partir da observação de como o poeta trovador conta as sílabas poéticas e localiza os acentos em cada verso podem ser observados os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Sobre isto já afirmava Allen (1973, p.103):

“metrical phenomena cannot be ignored, since, especially in the case of dead languages, the relationship between poetry and ordinary language may provide clues to the prosodic patterning”.

Para Abercrombie (1967, p.98), o ritmo da fala corrente é o fundamento do verso. Assim, fala e poesia não se distinguem tipologicamente quanto ao ritmo. Para esse autor, a única diferença entre o ritmo da fala e o da poesia é: na poesia, este se encontra organizado de maneira a produzir padrões recorrentes, que por sua vez são percebidos pelo leitor. Já na fala este fato não acontece.

Considerando os trabalhos acima citados, podemos concluir que a escolha de textos poéticos para se estudar fenômenos prosódicos de uma língua, em seus estágios passados, se mostra eficaz e adequada.

Assim, a partir da escansão do poema em sílabas poéticas, podemos ver os limites das sílabas fonéticas. Por exemplo: por meio da metrficação poética e da definição dos limites das sílabas fonéticas podemos localizar os acentos poéticos e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação de sua estrutura prosódica e permitindo - no caso dos nomes diminutivos e aumentativos - formular hipóteses a respeito de esses nomes serem, no período arcaico do português, derivados (um acento lexical) ou compostos (dois acentos lexicais). Deve-se ressaltar que, para realizarmos a segmentação dos versos e marcarmos as sílabas tônicas, utilizamos em todas as metrficações apresentadas nesta dissertação alguns Manuais de Versificação Portuguesa e de estudos de poética trovadoresca(cf. Castilho, 1908; Cunha, 1961), os quais por meio das regras de versificação nos auxiliaram na elaboração de um trabalho que se constituísse o mais próximo possível do ritmo do português medieval. Sobre a poética medieval, foi consultada a edição de Tavani (2002) da *Arte de Trovar*, a Poética fragmentária que serve de introdução ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, que, entretanto, por estar incompleta, nada traz sobre a forma correta de escandir as sílabas poéticas naquela época.

Com relação à metodologia de Mistieri (2010), utilizamos na análise de alguns de nossos dados o conceito de “verso-chave” desta autora. Segundo ela (MISTIERI, 2010, p.8,grifo nosso),

[...] um verso - chave é aquele que a sua estrutura é preferencialmente constituída por sílabas CV (consoante-vogal), V (vogal), CVC (consoante-vogal-consoante), ou versos nos quais não ocorre nem um tipo de ditongação ou encontro vocálico, fazendo assim com que esse não deixe dúvidas quanto a sua divisão silábica, **além de servir como parâmetro para a escansão dos demais versos.**

Vejamos agora exemplos da aplicação da metodologia utilizada:

(32) Cantiga 102: Como Santa Maria livrou un crerigo que os ladrões deitaran en un poço

Sempr' aos seus val,
e de mal todavia
guarda-os sen al
a mui Santa Sennor.

Desto contarei de grado
un gran miragre provado
que fez por un ordñado
crerig' a dos santos Fror.
Sempr' aos seus val...

Este era todavia
mui dad' a Santa Maria
e quant' ele mais podia
punnava en ssa loor.
Sempr' aos seus val...

Onde fora dun camño
ya este pastorynno,
e encontrou un menño
[...]

(METTMANN, 1988, p.13)

O exemplo acima mostra uma ocorrência de diminutivo nas CSM (*pastorynno* - “pastorzinho”) que está em posição de rima. Como já afirmaram Massini-Cagliari e Cagliari (1998, p.96), “o último acento do verso é sempre o mais forte”, em português. Assim sendo, se fizermos a metrificação do verso no qual essa ocorrência aparece, teremos o acento mais forte na última sílaba poética, *ry*, como pode ser constatado no exemplo abaixo:⁴¹

(33)

On /de/ fo /ra/ dun / ca/ mỹ /o	1-3-5-7
y /a/ es /te/ pas /to/ ry /nno,	1-3-5-7
e / en/con/ trou / un / me/ nỹ /o	1-4-5-7

(METTMANN, 1988, p.13)

A metrificação anterior nos revela versos de 7 sílabas poéticas, informação esta contida na edição crítica de Mettmann (1988, p.13). Voltando-se para a ocorrência *pastorynno*, podemos afirmar que, por estar em final de verso, esta palavra é portadora do

⁴¹ Os números no final de cada verso correspondem à localização das sílabas tônicas em seu interior.

acento principal do verso (cf. MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1998, p.97). Portanto, observa-se que a posição de rima é fundamental para a delimitação do acento principal das palavras, como já afirmaram Massini-Cagliari e Cagliari (1998, p.86): “As rimas, por outro lado, constituem um dos materiais mais preciosos para se tirar da escrita, através da poesia, elementos fonéticos e fonológicos”.

Para sabermos a localização das outras sílabas tônicas no interior dos versos metrificados, utilizamos informações provindas de estudos anteriores (cf. Castilho, 1908; Cunha, 1961) e o único manual de versificação contemporâneo às cantigas medievais - *Poética Fragmentária* (cf. Tavani, 2002).

Vejamos mais um exemplo para o diminutivo:

(34) Cantiga 147: Como hũa moller pobre deu sa ovella a guardar a um ovelheiro...

A/ ques /ta/ mo/ ller / mes/ quỹ /a	2-5-7
de/ quan /to/ pu /d' a/ che / gar	2-4-7
con/ prou / hũa / o / ve / llỹ /a	2-5-7
e/ foy /-a/ dar / a/ guar/ dar	2-4-7
a/ um / pe/gu/ rei /r' a/ gỹ /a;	2-5-7

(METTMANN, 1988, p.131)

No exemplo (34), verificamos a presença do vocábulo diminutivo *ovellỹa* (“ovelhinha”), que também está em posição de rima. Através da metrificação poética, sabemos que tal ocorrência possui acento primário na sílaba *llỹ*, uma vez que esta sílaba é uma das tônicas no verso.

Para marcarmos as sílabas tônicas das palavras que não estão em posição de rima utilizamos a metodologia de Mistieri (2010), já exposta anteriormente. Sendo assim, no exemplo (34) escolhemos um “verso-chave”, ou seja, um verso com relação ao qual não há dúvidas quanto à silabação e à localização dos acentos poéticos: “e/ **foy**/-a/**dar**/ a/ guar/**dar**”. Neste verso, marcamos as sílabas tônicas em 2 e 4, pois, tomando como base Cunha (1961, p. 43), temos monossílabos tônicos. Por fim, marcamos a sílaba tônica em 7, pois, além de a palavra “guardar” estar em posição de rima, apresentando o acento principal, ela segue o padrão acentual das oxítonas para o PA (cf. Massini-Cagliari, 1995, 1999) - sílaba pesada na última posição atrai o acento principal e único da palavra.

Logo, como afirma Cunha (1961, p. 102, grifo nosso), “êsses textos poéticos se prestam a retratarmos o estágio lingüístico do tempo, principalmente seu aspecto fônico, **já que a rima e a métrica subsidiam, no particular, dados de uma precisão superior aos**

que se colhem no enunciado em prosa”. Podemos afirmar que, ao trabalharmos com a ideia de que o “verso-chave” serve de parâmetro para a escansão de outros versos, com relação aos quais há qualquer tipo de dúvida quanto ao posicionamento dos acentos poéticos, conseguiremos determinar com maior segurança as sílabas tônicas nos outros versos (no caso do exemplo apresentado em 2, 4 e 7), graças à regularidade métrica desses textos.

A partir dos exemplos de metrificação das cantigas expostos anteriormente, torna-se possível localizar os acentos primários nas ocorrências de diminutivo mapeadas nas CSM e investigar se esses nomes são formas simples (um acento lexical) ou formas compostas (dois acentos lexicais). Em (33), constatou-se que o acento principal localiza-se na sílaba tônica *ry*, da palavra *pastorynno*. Pode-se supor que nesta ocorrência há apenas um acento lexical. Além desse acento, provavelmente mais uma proeminência prosódica além da sílaba *ry*: um acento secundário sobre a sílaba *pas*, o que poderia levantar dúvidas sobre estarmos ou não diante de um processo derivacional.

No entanto, a observação de outros exemplos, como o (34), em que encontramos a palavra *ovellÿa* pode trazer luz à questão. Nesta ocorrência, o acento principal localiza-se na sílaba *llÿ* (constatado por meio da escansão dos versos que nos mostra que tal sílaba é a tônica). Portanto, temos também apenas um acento lexical.

Deve-se ressaltar que, apesar de os exemplos anteriores evidenciarem ocorrências de diminutivo em posição de rima, este trabalho considerou também as formas diminutivas e aumentativas que não se encontram nesta posição, como ocorre com a palavra *judeucinno*, exposta no exemplo a seguir, para as quais levou-se em consideração o posicionamento dos acentos poéticos secundários para a determinação do padrão prosódico da palavra focalizada.

(35) Cantiga 4: Esta é como Santa Maria guardou ao fillo do judeu que non ardesse, que seu padre deitara no forno.

O/ ju /deu/ cÿ /o/ pra/ zer	2-4-7 ⁴²
ou /ve/, ca/ lle / pa/re/ ci /a	1-4-7
que/ os /ti/as/ a /co/ mer	2-5-7
lles/ da /va/ San /ta/ Ma/ ri /a,	2- 4-7
que/ vii /a/ res/ pran /de/ cer	2-5-7
e / no/ al/ tar / u/ si /i/a	1-4-7
e/ e /nos/ bra /ços/ tẽ/ er	2-4-7
seu/ Fi /llo/ He /ma/nu/ el .	2-4-7

(METTMANN, 1986, p. 64)

⁴² Para uma amostra mais detalhada da marcação da(s) sílaba(s) tônica(s) nestes tipos de ocorrências, conferir exemplo (45), seção de análises dos resultados - subseção 5.1.2.1.

Passemos agora a alguns exemplos com as ocorrências de aumentativo:

(36) Cantiga 283: Como Santa Maria de Terena sãou un clérigo da boca que se lle [torçera] mui feramente.

Que/ u/ quis/ des/co/mun/ga/çon	1-3-6-8
di/zer/, non/ di/sse/ ssi/ nen/ non,	2-4-6-8
nen/ ar/ po/de/ mos/trar/ ra/zon,	1-3-6-8
mais/ bra/a/dou/ co/me/ ca/bron.	1-4-5-8

(METTMANN, 1988, p.60)

(37) (CBN.1341; CV 948)

E/ seu/ ir/mão/, o/ ze/vron,	2-4-7
que/ lhi/ quer/ mal/ de/ co/ra/çon,	2-4-8
por/ que/ lhi/ ren/j'o/ se/le/gon	2-4-8

(LAPA, 1998[1965], p. 171)

Observando a metrificação exposta nos exemplos, constatamos a existência de versos de 7 e 8 sílabas poéticas. Vemos ainda que há o acento principal das palavras em questão nas sílabas *bron* (de *cabron* - “cabrão”) e *vron* (de *zevron* - no sentido pejorativo, “homem grosseirão”), uma vez que tais vocábulos estão em posição de rima, indicando que essas sílabas são uma das tônicas do verso (nos casos, a tônica principal). Logo, observamos a presença de somente um acento lexical nas ocorrências de aumentativo apresentadas anteriormente.

Como podemos observar, os versos expostos em (36) e (37) possuem vários outros acentos poéticos e, para marcá-los, utilizamos os critérios de metrificação já expostos para os diminutivos - consulta a manuais de versificação e estudos sobre poética trovadoresca.

Portanto, a partir dos exemplos apresentados, tanto para os diminutivos quanto para os aumentativos, podemos afirmar que tais exemplos trouxeram evidências para tentarmos determinar o estatuto prosódico dessas formas, quer elas estejam em posição de rima quer não.

4.1 Considerações finais

Ao final desta seção podemos concluir, por meio dos exemplos expostos, que a metodologia utilizada neste trabalho se mostra eficaz e adequada para tentarmos definir e delimitar os acentos poéticos e, conseqüentemente, o acento nas palavras de um período da língua em que não temos contato com os falantes nativos. Sendo assim, ao localizarmos os

acentos nas palavras, sobretudo nas formas aumentativas e diminutivas, podemos encontrar pistas que nos ajudem a determinar o estatuto prosódico dessas formas.

5. Os diminutivos e aumentativos em Português Arcaico

O intuito desta seção é realizar uma análise dos dados encontrados durante o mapeamento nas *Cantigas de Santa Maria* e também nas cantigas de escárnio e maldizer. Os dados serão analisados qualitativa e quantitativamente. Consideramos as formas aumentativas e diminutivas que ocorrem pelo menos uma vez no *corpus*. Na perspectiva adotada, a presença de um dado que aparece uma única vez no *corpus* pode apontar para evidências dos limites entre as possibilidades e as impossibilidades da língua; por este motivo, pode ser crucial na determinação da estrutura prosódica desta língua. Com relação à abordagem quantitativa, foi feito um levantamento da ocorrência dos sufixos específicos separadamente (diminutivos e aumentativos)⁴³ e dos fenômenos prosódicos e morfofonológicos associados à sua adjunção.

5.1. Diminutivos

Em primeiro lugar, antes de iniciarmos uma discussão e uma análise dos dados coletados nas cantigas religiosas e nas cantigas de escárnio e maldizer (cf. apêndice 1), separamos em uma tabela quantitativa as ocorrências de diminutivo com o sufixo *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)*, objetivando tornar mais clara a discussão sobre estes sufixos, uma vez que cada um deles possui propriedades morfológicas e fonológicas distintas que, por sua vez, desencadeiam processos fonológicos diferentes. Posteriormente, refletimos sobre os processos morfológicos e fonológicos identificados nas ocorrências mapeadas e tentaremos, embasados nas teorias fonológicas não-lineares (Fonologia Lexical, Fonologia da Geometria de Traços e Fonologia Prosódica), explicar e representar tais processos.

5.1.1 Aspectos morfológicos

Antes de apresentarmos alguns aspectos de âmbito morfológico nos diminutivos mapeados nas cantigas medievais, observemos a tabela 2 a seguir:

Tabela 2. Diminutivos com *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)* nas CSM e nas CEM

Sufixos	Ocorrências	
	quantidade	%
<i>-inn(o,a)</i>	44	80%
<i>-cinn(o,a)</i>	11	20%
Total	55	100%

⁴³ Para verificar cada ocorrência mapeada, com significado e contexto em que cada uma ocorre, vide apêndices 1 (quadros com todas as formas aumentativas e diminutivas mapeadas nas cantigas medievais) e 2.

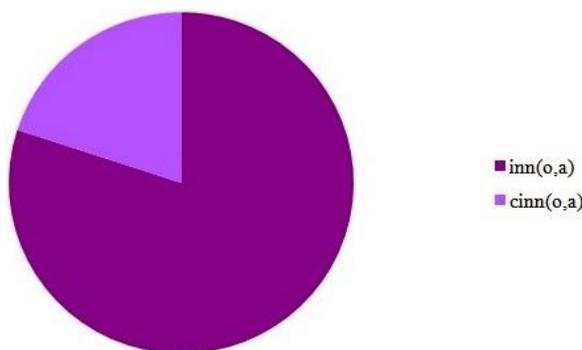


Gráfico 1. Distribuição dos diminutivos em *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)* nas cantigas religiosas e nas cantigas de escárnio e maldizer.

Observando a tabela 2 e o gráfico 1 acima, verifica-se que há 44 ocorrências para o sufixo de diminutivo *-inno* (80%) e 11 ocorrências (20%) para o sufixo de diminutivo *-cinn(o,a)* (cf. apêndice 1). Assim sendo, o número de ocorrências para o sufixo de diminutivo em 420 cantigas religiosas e 431 cantigas profanas totaliza 55.

Vejamos algumas das ocorrências com o sufixo *-cinn(o,a)*, entre as 11 mapeadas na tabela 2:

(38)

baroncinho	molhercinha
donzinho	tonelcõo
falconcinho	velloçinna
judeucõo	vellocinno

Pelos dados acima, nota-se que todas as oito ocorrências são formadas a partir do sufixo *-zinho*, sendo que que *-cõo* ou *-cinn(o,a)* correspondem a formas variantes para o sufixo *-zinho* no PA. Analisando o contexto de ocorrência do sufixo *-cõo*, temos que este era utilizado após consoantes /n/, /l/, /r/, vogal e ditongo. Um fato interessante a ser observado diz respeito à concorrência dos sufixos *-zinh(o, a)* e *-cinn(o,a)* em palavras como *donzinho* e *donezinha*. Diante deste fato, podemos postular a hipótese de que a consoante inicial do sufixo *-zinho* passa por um processo de desvozeamento e, assim sendo, *-cinn(o,a)* seria alomorfe de *-zinh(o,a)*, ou seja, uma outra realização para o sufixo *-zinh(o,a)*. Para Moreno (1977), a causa possível para o uso de *-cinn(o,a)* seria a influência da língua espanhola no período arcaico do português, pois como afirma Moreno (1977, p.66): “enquanto o espanhol mantinha o incremento deste *-c-*, o português alterou-o, naturalmente, para *-z-*”.

A partir dos comentários realizados anteriormente é possível inferir que não há uma obrigatoriedade para a afixação ou de *-cinn(o,a)* ou de *-zinn(o,a)*. Tanto um ou outro pode ser

adjungido, por exemplo, a um radical terminado em consoante nasal - “falconcinno” e “donzinno”.

Sobre os diminutivos mapeados nas CSM e nas CEM constatamos também que há ocorrências que utilizam mais de um morfema em sua formação. São elas: *fraquelinha*, *galguilinho*, *garridelinna* e *moçelinnos*. Na primeira ocorre a adjunção do sufixo *-el* +sufixo *-inho* ao radical *frac-*. Em *garridelinna* observa-se a adjunção do sufixo *-el* +sufixo *-inna* ao radical *garrid-*. Com relação a *moçelinnos* verifica-se a adjunção do sufixo *-el* +sufixo *-inno* ao radical *moç-*. Por fim, em *galguilinho* constata-se a adjunção do sufixo *-ilho* +sufixo *-inho* ao radical *galg-*.

Para esses tipos de ocorrências é interessante observar a atuação dos radicais, uma vez que se verifica que estes elementos possuem certa complexidade, sendo capazes de formar uma palavra e, a partir desta, outra, e outra e assim por diante. Como demonstra Basílio (2000, p.14):

podemos ter vários níveis ou camadas na estrutura de uma palavra. Vejamos, por exemplo, as palavras *centro*, *central*, *centralizar*, *descentralizar*, *descentralização*. A primeira palavra, *centro*, é constituída apenas pela base. [...] A segunda palavra, *central*, é formada pelo acréscimo do sufixo *-al* à base; a terceira, *centralizar*, formada pelo sufixo verbalizador *-izar* à base, constituída pelo adjetivo *central*; a quarta, *descentralizar*, é formada pelo acréscimo do prefixo negativo *des-* à base verbal *centralizar* e, finalmente, a quinta, *descentralização*, é formada pelo acréscimo do sufixo substantivador *-ção* à base *descentralizar*.

O processo descrito por Basílio na citação anterior para o PB pode ser constatado também para o PA. Sendo assim, os radicais das palavras *fraquelinha*, *galguilinho*, *garridelinna* e *moçelinnos* formariam, respectivamente, as palavras *fraquelo*, *galguilho*, *garridela* e *moçelo* para, posteriormente, adjungir o sufixo de diminutivo *-inn(o,a)*.

Este processo de adjunção de vários morfemas é verificado também na ocorrência de aumentativo *espadarron* (cf.subseção de análise dos aumentativos), uma vez que se observa nela a adjunção dos sufixos *-arra* e *-on* ao radical *espad-*.

Passemos agora a observar os quadros com as ocorrências de diminutivos a partir de sua formação morfológica.

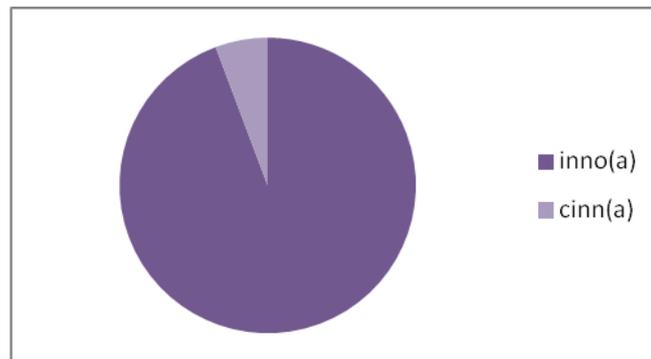
Ocorrência	Cantiga; Verso	Formação morfológica	Tonicidade da base ⁴⁴
campaynna	CSM 384;52	campan(a) + <i>inn(a)</i>	paroxítona (campana)
filynno	CSM 323;15	fil-(o) + <i>-inn(o)</i>	paroxítona (filo)
fraquelinha	CEM 213;3	fraquel(a)- + <i>inn(a)</i>	paroxítona (fraquela)
fremosinna	CSM 79;13,178;12, 195;41, 241;15	fremos-(a) + <i>inn(a)</i>	paroxítona (fremosa)
fremosinno	CSM 55;62,115;16, 145;42,331;16,347;51, 353;38, 389;18	fremos-(o) + <i>inn(o)</i>	paroxítona (fremoso)
furadynno	CSM 136;30	furad-(o) + <i>inn(o)</i>	paroxítona (furado)
galguilinho	CEM 27;5	galguilh(o) + <i>inn(o)</i>	paroxítona (galguilho)
garridelinna	CSM 79;14	garridel(a) + <i>inn(a)</i>	paroxítona (garridela)
mannanÿa	CSM 310;24, 321;33	mannan(a) + <i>inn(a)</i>	paroxítona (mannana)
moçelinnos	CSM 389;38	moçel(o) + <i>inn(o)</i>	paroxítona (moçelo)
ovellÿa	CSM 147;18	ovell(a) + <i>inn(a)</i>	paroxítona (ovella)
passarinna	CSM 103;23	passar(a) + <i>inn(a)</i>	proparoxítona (passara)
pequeninna	CSM 54;23, 310;9, 389;35	pequen(a) + <i>inn(a)</i>	paroxítona (pequena)
pequeninno	CSM 89;72,139;26,205;43,22 1;11,340;24 345;72, 389;8,400;32	pequen(o) + <i>inn(o)</i>	paroxítona (pequeno)
velloçinna	CSM 75;18	vello + <i>cinn(a)</i>	paroxítona (vello)
vellocinno	CSM 147;44	vello + <i>cinn(o)</i>	paroxítona (vello)

Quadro 6. Diminutivos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero nas 420 CSM e nas 431 CEM.

⁴⁴ Para sabermos a posição da tônica (oxítona, paroxítona e proparoxítona) dos nomes diminutivos e aumentativos mapeados nas cantigas medievais religiosas, recorreremos ao trabalho de Costa (2006), que realizou um estudo do acento lexical nestas cantigas, e também aos trabalhos de Massini-Cagliari (1995; 1999), que tratam das cantigas profanas.

Tabela 3. Diminutivos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero

Ocorrências de diminutivos formados a partir de bases com VT	Subtotal
<i>-inn(o,a)</i>	33 (94%)
<i>-cinn(o,a)</i>	2 (6%)
TOTAL	35 (100%)

**Gráfico 2.** Distribuição dos diminutivos formados a partir de bases com vogal temática no total do *corpus*.

O quadro 6, a tabela 3 e o gráfico 2 acima nos mostram que a maioria das ocorrências de diminutivo em PA é formada a partir de uma base derivacional paroxítona com vogal temática (VT). Tal fato nos permite inferir que, retomando o trabalho de Menuzzi (1993) para os diminutivos em PB, o sufixo *-inn(o)* no PA também tinha preferência em se unir a esse tipo de base (com VT) com esse tipo de tonicidade (paroxítona). Percebemos ainda que o sufixo *-inn(o)* em PA era adjungido, como já afirmara Menuzzi (1993) para o PB, entre a base derivacional e a vogal temática, como mostram os exemplos abaixo:

- (39) (menin) o → (menin)inho → PB
 (40) (fremos) o → (fremos) inno → PA

Sendo assim, podemos afirmar, embasando-nos em Menuzzi (1993), que, ao ocorrer na mesma posição derivacional que os outros sufixos ocorrem, o sufixo *-inn(o)* em PA, assim como em PB, pode ser considerado um sufixo que não é independente de sua base e que, portanto, as ocorrências formadas a partir dele recebem **apenas** o acento primário de palavra (cf. mais adiante nesta seção análise deste sufixo sob o viés da fonologia prosódica).

As únicas exceções que observamos no quadro 6 foram as ocorrências *velloçinna* e *vellocinno*, que, apesar de derivarem de bases temáticas paroxítonas, recebem o sufixo *-cinn(o)*. Podemos pensar na possibilidade de que temos em tais ocorrências o sufixo *-inn(o,a)*

e que a consoante “c” foi introduzida para evitar a adjacência da vogal “o” da base derivacional com o “i” do sufixo ou que, por uma opção do trovador ele teria utilizado o sufixo *-cinn(o,a)*.

Outra ocorrência que nos chama atenção no quadro 6 é *passarinna*. O sufixo *-inn(o,a)* foi adjungido a uma base derivacional temática proparoxítona. Desta forma, tal ocorrência seria encaixada, embasando-se novamente em Menuzzi (1993), no padrão acentual marcado para o português, pois o não-marcado (o *default*) seria a adjunção de *-inn(o)* a bases derivacionais temáticas paroxítonas.

Quanto à posição derivacional do sufixo *-inn(o)* nesta ocorrência, constatamos que ele se encontra, como na maioria das ocorrências mapeadas, entre a base derivacional e a VT e, devido a isso, inferimos que tal sufixo não é independente de sua base e a ocorrência formada a partir dele recebe **apenas** o acento de palavra.

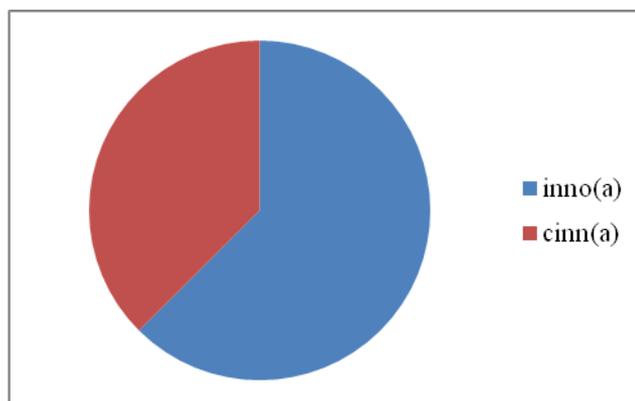
Neste momento, passemos a observar os diminutivos formados a partir de bases sem vogal temática mapeados nas cantigas medievais.

Ocorrência	Cantiga; Verso	Formação morfológica	Tonicidade da base
ansarinnos	CSM 389;33; CEM 154;12	ansar + <i>inn(o)</i>	oxítona (ansar)
baroncinho	CEM 355;4	baron + <i>cinh(o)</i>	oxítona (baron)
boço	CSM 331;15	bon + <i>inn(o)</i>	monossílabo tônico
donzinho	CEM 235;11	don + <i>zinh(o)</i>	monossílabo tônico
falconcinho	CEM 27;2	falcon + <i>cinh(o)</i>	oxítona (falcon)
judeucço	CSM 4;34	judeu + <i>cinn(o)</i>	oxítona (judeu)
molhercinha	CEM 264;10	molher + <i>cinh(a)</i>	oxítona (molher)
pastorinna	CSM 321;58; CEM 147;17, 264;4	pastor + <i>inn(a)</i>	oxítona (pastor)
pastorynno	CSM 102;18, 145;40, 392;15; CEM 116;2	pastor + <i>inn(o)</i>	oxítona (pastor)
tonelcço	CSM 23;18	tonel + <i>cinn(o)</i>	oxítona (tonel)

Quadro 7. Diminutivos formados a partir de bases sem vogal temática nas 420 CSM e nas 431 CEM.

Tabela 4. Diminutivos formados a partir de bases sem vogal temática

Ocorrências de diminutivos formados a partir de bases oxítonas sem VT	Subtotal
- <i>inn(o,a)</i>	10 (62%)
- <i>cinn(o,a)</i>	6 (38%)
TOTAL	16 (100%)

**Gráfico 3.** Distribuição dos diminutivos formados a partir de bases sem vogal temática.

A observação do quadro 7, da tabela 4 e do gráfico 3 nos mostra que alguns diminutivos mapeados em PA são formados a partir da adjunção a uma base derivacional sem vogal temática e que esta terminava em /r/ (*ansar, molher, pastor*), em /n/ (*baron, don, falcon*), em /l/ (*tonel*) e em ditongo (*judeu*).

Constata-se ainda que a maioria das bases não temáticas são oxítonas⁴⁵ e, sendo assim, embasando-nos novamente no trabalho de Menuzzi (1993) para o PB, verificamos que tais bases já tinham no PA preferência pelo sufixo -*cinn(o)/-zinn(o)*. Exceções para essa constatação encontramos nas ocorrências *ansarinnos* e *boÿo*, que, apesar de serem formadas a partir de uma base não temática oxítona, recebem o sufixo -*inn(o)* e não -*cinn(o)/-zinn(o)*. Portanto, as ocorrências de diminutivos em PA formadas a partir de bases derivacionais não temáticas oxítonas tinham preferência pelo sufixo -*cinn(o)/-zinn(o)*, fato que não exclui a possibilidade de algumas dessas bases darem preferência ao sufixo -*inn(o)*, como é o caso das duas últimas ocorrências citadas.

Com relação às formas em -*cinn(o)/-zinn(o)*, verificamos que tal sufixo se liga a nomes não temáticos e, portanto, não depende da vogal temática da base para ser adjungido, ou seja, possui certa independência. Sendo assim, tomando como base o estudo de Menuzzi (1993) para o PB, podemos perceber que os diminutivos em -*cinn(o)* em PA possuíam o

⁴⁵ Nesta análise consideramos os monossílabos tônicos como oxítonas, uma vez que assim como esta categoria silábica aqueles possuem a sílaba tônica na última e única sílaba.

mesmo padrão acentual engatilhado por *-zinh(o)* no PB - dois acentos primários, um da base derivacional e outro do próprio sufixo.

Um caso que nos chama atenção dentre as formas mapeadas com o sufixo *-zinn(o)* em PA é o da ocorrência *donezinna* (“doninha”). Era de se esperar que tal ocorrência fosse formada a partir de uma base derivacional não temática oxítônica. No entanto, **done* parece não possuir tais características. Investigamos em vários dicionários da língua arcaica e não encontramos uma palavra **done*, com VT \emptyset . Sendo assim, poderíamos pensar que a vogal “e” nesta ocorrência seria epentética, porém tal argumento não é forte o suficiente, visto que, como já observamos, a estrutura silábica de *don + -zinn(o,a)* é perfeitamente aceita em PA.

Portanto, o mais adequado é pensar que tal forma não seria transparente no PA, mas sim lexicalizada. Segundo Sandmann (1992, p. 67), “por lexicalização ou idiomatização, no caso da palavra complexa, se entende o fato de a semântica não ser simplesmente a soma das partes”. O autor dá como exemplos as palavras “reestrela” e “reclamar”. Na primeira temos uma formação transparente, em que *re* significa “de novo” e, conseqüentemente “reestrela” “uma nova estrela”. No entanto, em “reclamar” não temos a soma de *re* com a palavra “clamar”, formando algo como “clamar de novo”. Dessa maneira, em “reclamar” temos uma forma lexicalizada em PB, visto que a soma das partes não origina o seu significado. Se formos pensar na ocorrência *donezinna* em PA temos algo similar, pois não encontramos uma palavra como **done* que unida ao sufixo *-zinna* nos apresente como significado “doninha” (uma espécie de pássaro pequeno). Dessa forma, o mais provável é que *donezinna* seria uma forma lexicalizada, mas, como o foco deste estudo não é estritamente morfológico, deixaremos esta discussão em aberto.

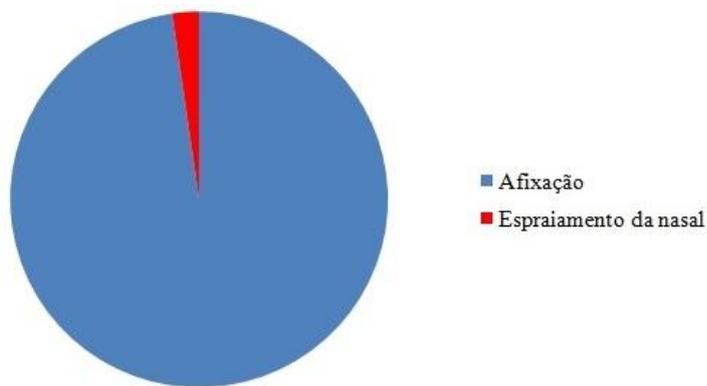
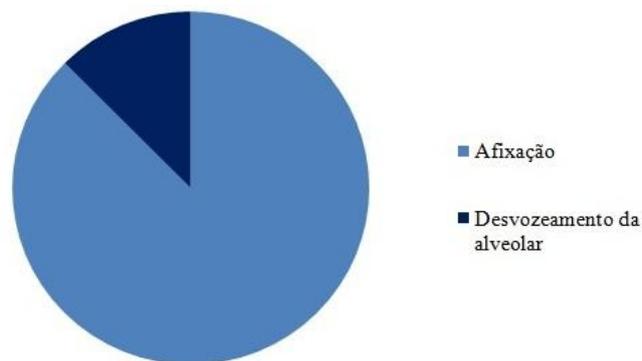
5.1.2 Processos fonológicos

Esta subseção apresenta os processos fonológicos envolvendo a afixação com *-inn(o,a)* e *-(c)zinn(o,a)*.

Passemos a observar agora a tabela 5 a seguir, com a quantificação destes processos.

Tabela 5. Processos envolvendo as ocorrências de diminutivo em PA separados por sufixo

	<i>-inn(o,a)</i>		<i>-cinn(o,a)</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
Afixação/Justaposição	43	98%	8	89%
Espraiamento da nasal	1	2%	---	---
Desvozeamento da alveolar	---	---	1	11%
Total	44	100%	9	100%

**Gráfico 4.** Distribuição dos processos fonológicos com o sufixo *-inn(o,a)***Gráfico 5.** Distribuição dos processos fonológicos com o sufixo *-cinn(o,a)*

A tabela 5 e os gráficos 4 e 5 apresentados anteriormente nos revelam que na formação dos nomes diminutivos em PA a afixação ou a simples justaposição⁴⁶ dos sufixos

⁴⁶ Alguns autores, como Monteiro (2002) e Prado (2010), adotam este termo para designar a afixação derivacional, ou seja, o ato apenas de justapor os sufixos sem provocar mudanças de ordem morfofonológica. A literatura linguística em geral (cf. Bechara, 1980; Cunha, 1970; Dubois, 1973; Villalva, 2003) se utiliza do termo justaposição para se referir apenas ao processo de justapor palavras nos nomes compostos. Porém, o termo

-inn(o,a) e *-cinn(o,a)* era predominante - 98% no caso do sufixo *-inn(o,a)* e 89% no caso do sufixo *-cinn(o,a)*. Dentre os processos fonológicos foram mapeados apenas dois casos: espriamento da nasal e desvozeamento da alveolar, sendo que nenhum deles foi condicionado morfológicamente, ou seja, não foi a adjunção dos sufixos *-inn(o,a)* ou *-cinn(o,a)* que desencadeou os processos fonológicos.

Apresentados os processos recorrentes com os nomes diminutivos em PA, iremos explicá-los e representá-los por meio dos conceitos das fonologias não-lineares, sobretudo dos modelos Lexical, Autossegmental ou Geometria de Traços e Prosódica, expostos na seção 3.3 do presente trabalho.

5.1.2.1 Diminutivos sob a perspectiva das Fonologias Lexical e Autossegmental

A tabela 5 exposta anteriormente nos revelou que o processo mais produtivo mapeado foi o de afixação/justaposição. Antes de representarmos tal processo sob o viés da Fonologia Lexical (FL), mostraremos a possível localização do acento nas palavras que passaram pela afixação/justaposição por meio da metrficação dos versos em que se encontram algumas ocorrências de diminutivo em *-inn(o,a)*. Sendo assim, começaremos a contar as sílabas poéticas de duas ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)* em PA, *fremosinna* e *garridelinna*. Vejamos o exemplo abaixo:

(41) Cantiga 79: Como Santa Maria tornou a menã que era garrida, corda, e levó-a sigo a parayso.

A/ques/to/ foi / fei /to/ por/ hũ/a/ me/ ny /nna	5 5 ⁴⁷
que/ cha/ma/van/ Mu /sa/, que/ mui/ fre/mo/ si /nna	5 5
e/ra /e/ a/ pos /ta/, mas/ ga/rri/de/ li /nna	5 5
e /de/ pou/co/ sen .	5
	(METTMANN, 1986, p.256)

O exemplo (41) demonstra a metrficação das sílabas átonas e tônicas de um trecho da cantiga 79. A escansão das sílabas desse verso pautou-se na informação contida na própria cantiga que se encontra na versão crítica de Mettmann (1986, p.256). O autor assume que tal cantiga possui versos compostos a partir de hemistíquios de cinco sílabas. Conforme já foi

justaposição neste trabalho é utilizado na acepção dada por Monteiro (2002) e Prado (2010), ou seja, não é uma nomenclatura para nomes compostos, mas sim para denominar a junção de morfemas em processos derivacionais que não sofrem mudanças morfofonológicas.

⁴⁷ Os números no final de cada verso correspondem à localização das sílabas tônicas (poéticas) em seu interior, que estão marcadas em negrito. As tônicas encontram-se sempre na quinta sílaba de cada hemistíquio. A barra representa a cesura entre os hemistíquios e o hífen apenas divide os algarismos que representam as sílabas poeticamente acentuadas no interior dos versos e de seus hemistíquios (quando ocorrem).

visto na seção 4 desta dissertação, a escansão das sílabas poéticas baseia-se também em informações colhidas em alguns Manuais de Versificação Portuguesa e estudos sobre a poética do período (cf. Castilho, 1908; Cunha, 1961), posteriores aos textos aqui focalizados, porém ainda relevantes em alguns aspectos. Além disso, foi consultada a *Poética Fragmentária*, único manual de versificação contemporâneo às cantigas medievais galego-portuguesas, que serve de Introdução ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. (cf. Tavani, 2002, e Massini-Cagliari, 2007a) Sendo assim, verifica-se que os vocábulos *fremosinna* e *garridelinna* possuem a tônica na quinta sílaba dos versos em que estão inseridos.

Logo, embasando-nos em Massini-Cagliari e Cagliari (1998), os quais afirmam que as ocorrências em final de verso “são, com certeza, portadoras do acento principal” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1998, p.97), podemos inferir que no exemplo acima os vocábulos *fremosinna* e *garridelinna* possuem, respectivamente, o acento de palavra nas sílabas *si* e *li*.

Utilizando-nos da teoria da Fonologia Lexical (FL), teremos a seguinte estrutura de formação para os diminutivos com o sufixo *-inn(o,a)* em PA:

(42) **Léxico**

[fremos] + iju	→ Adjunção (Morfologia)
[fre.mo.si.ju]	→ Silabificação (Fonologia)
(x .)	
fre.mo.sí.ju	→ Acento
/fremosiju/	→ Nome (<i>output</i>)

(43) **Léxico**

[garridel] + ija	→ Adjunção (Morfologia)
[ga.rii.de.li.ja]	→ Silabificação (Fonologia)
(x .)	
ga.rii.de.li.ja	→ Acento
/garrideli.ja/	→ Nome (<i>output</i>)

Em (42) e (43), observamos que primeiramente ocorre a adjunção do radical ao sufixo formador do diminutivo, ou seja, tem-se início o processo de afixação. Posteriormente, verificamos o processo de silabificação, de flexão de número e de gênero e de atribuição do acento lexical (acento primário). Ressaltamos que só é possível sabermos a localização de tal acento lexical por meio da metodologia utilizada, ou seja, é pela metrificação dos versos

juntamente com informações sobre versificação, extraídas de alguns estudiosos (cf. Castilho, 1908; Cunha, 1961; Mettmann, 1986) que tentamos delimitar o número de proeminências nas ocorrências mapeadas. Portanto, ao observamos o processo de formação dos diminutivos *-inn(o,a)* em PA, percebemos que tais nomes apresentam apenas um acento lexical⁴⁸, permitindo-nos denominá-los derivados ou formas simples.⁴⁹

Após passar pelos processos descritos acima (adjunção, silabificação, atribuição do acento), a palavra está pronta para ser utilizada, ou seja, temos o *output*. Sendo assim, é possível supor que os diminutivos com o sufixo *-inn(o,a)* em PA podem ser formados em um estrato lexical anterior ao processo de silabificação e de atribuição do acento.

Assim como as palavras *fremosinna* e *garridelinna*, exemplificadas acima, mapeamos no *corpus* utilizado mais vinte palavras com o sufixo *-inn(o,a)* e que também passaram pelo processo de formação apresentado em (42) e (43).

Demonstraremos agora a localização dos acentos em algumas ocorrências de diminutivos em *-inn(o,a)*, que também passaram pelo processo de afixação/justaposição. Observemos os exemplos a seguir:

(44) Cantiga 75: Como Santa Maria fez veer ao clérigo que era mellor pobreza con omildade ca riqueza mal gãada con orgullo e con sobervia.

Ou /tro/si/ en/ e/ssa/ vi/la e/ra/ hu/a/ ve/llo/çi/nna	1-3-5-7 1-3-5-7
mui / ca/ti/va/ e/ mui/ po/bre e/ de/ to/d' a/ver/ mes/qui/nna;	1-3-5-7 1-3-5-7
mais / a/ma/va/ Je/su/-Cris/to e/ a/ ssa/ Ma/dr', a/ Re/ỹ/a,	1-3-5-7 1-4-7
mais / que/ ou/tra/ ren/ que/ fo/sse . E/ con/ tan/t' e/ra/ pa/ga/da	1-3-5-7 1-3-5-7

(METTMANN, 1986, p.256)

(45) Cantiga 4: Esta é como Santa Maria guardou ao fillo do judeu que non ardesse, que seu padre deitara no forno.⁵⁰

O /ju/deu/çỹ/o/ pra/zer	2-4-7
ou /ve/, ca/ lle/ pa/re/ci/a	1-4-7
que/ os /ti/as/ a/co/mer	2-5-7

⁴⁸ Deve-se destacar aqui que, no caso de uma ocorrência como *fremosinna*, a metrificação dos versos em que se encontra tal palavra aponta para a possibilidade de haver dois acentos. Porém, este segundo acento teria um condicionamento diferente da segunda proeminência observada nas ocorrências em *-cinn(o)*, nas quais verificamos um acento secundário condicionado morfológicamente, ou seja, devido a adjunção do sufixo em questão. Já em *fremosinna*, o segundo acento seria condicionado foneticamente.

⁴⁹ A questão da existência de um ou dois acentos nas palavras diminutivas mapeadas será mais bem discutida na próxima subseção.

⁵⁰ Este exemplo corresponde ao exemplo (35) da seção 4.

lles/ da /va/ San /ta/ Ma/ ri /a,	2- 4-7
que/ vii /a/ res/ pran /de/ cer	2-5-7
e/ no/ al/ tar / u/ si /i/a	1-4-7
e/ e/nos/ bra /ços/ tê /er	2-4-7
seu/ Fi /llo/ He /ma/nu/ el .	2-4-7

(METTMANN, 1986, p. 64)

Nos exemplos acima, (44) e (45), verificamos a ocorrência de duas formas diminutivas com o sufixo *-cinn(o,a)* que são, respectivamente, *vellocinna* e *judeucinno*. A metrficação em (44) nos revela que todos os versos desta cantiga são formados a partir de dois hemistíquios de sete sílabas poéticas. Tal informação é encontrada em uma nota de rodapé da própria versão crítica de Mettmann (1986, p.256).

Embasando-nos nos manuais de versificação citados anteriormente, constatamos que as sílabas tônicas nos hemistíquios dos versos no exemplo (44) encontram-se em 1, 3, 5 e 7. Dentre esses hemistíquios, há uma exceção, em que as tônicas recaem em 1, 4 e 7. Segundo Cunha (1961, p. 102), uma relativa flexibilidade em alguns versos compostos pelos trovadores medievais era comum, uma vez que: “Os nossos poetas mais antigos não se guiavam por preceitos de rigor absoluto em questões de prosódia, entendendo, e muito bem, que, para além das normas estabelecidas, a língua, abundante em recursos expressivos, deixava ainda razoável liberdade ao artista criador”. Em outras palavras, esta afirmação de Cunha (1961) pode ser uma tentativa de entender alguns versos em que uma tônica destoa das outras, como ocorre no exemplo (44). Ao focarmos a ocorrência *vellocinna*, observamos que ela está em posição de rima e, quando isso ocorre, temos a presença de um acento mais forte na última sílaba tônica do verso (cf. Massini-Cagliari; Cagliari, 1998), que no caso é na sílaba *ci*.

Para sabermos se há mais alguma proeminência em *vellocinna*, recorreremos a outro verso da mesma cantiga, o qual denominamos de “verso-chave” (cf. Mistieri, 2010), ou seja, um verso que nos guia na marcação das outras sílabas tônicas dos demais versos da cantiga. Tal verso é o seguinte: “mui/ ca/ti/va/ e/ mui/ po/bre”. Este verso foi escolhido pois, tomando como base Mistieri (2010), nele não ocorre nenhum tipo de ditongação ou encontro vocálico intervocabular que possa deixar dúvida quanto à sua divisão silábica e, conseqüentemente, à atribuição de acentos poéticos. Além disso, baseando-nos nos manuais de versificação consultados, constatamos que as tônicas neste verso recaem preferencialmente sobre as sílabas 1, 3, 5 e 7.

Com relação à localização de uma tônica na quinta sílaba, afirmamos que isso é possível, pois, de acordo com Cunha (1961, p. 43), a conjunção *e* (como mostra o verso escolhido) é sempre uma semitônica no PA, ou seja, trata-se de um monossílabo tônico em nível da frase. Sendo assim, a partir do “verso-chave”, podemos afirmar que na maioria dos outros versos a tônica recai sobre a quinta sílaba, não contrariando o princípio de regularidade métrica adotado pelos trovadores. Logo, na palavra *vellocinna*, verificamos a presença de duas proeminências, uma na sílaba *ci* (sétima sílaba do primeiro verso e portadora do acento principal) e uma na sílaba *ve* (quinta sílaba do primeiro verso).

Em (45), percebemos que a maioria dos versos possui sete sílabas poéticas, informação essa que encontramos também na edição da própria cantiga, na versão crítica de Mettmann (1986, p. 64). Diferentemente de *vellocinna*, a ocorrência *judeucinno* não está em posição de rima. Sendo assim, para sabermos as possíveis proeminências que recaem sobre esta palavra, teremos de recorrer novamente a um “verso-chave”, que nos mostrará, com o auxílio de algumas regras de metrificação contidas nos manuais sobre o assunto, as tônicas do verso. O verso escolhido foi o seguinte: “Iles/**da**/va/ **San**/ta/ Ma/**ri**/a”, pois, embasando-nos novamente em Mistieri (2010), escolhemos como “verso-chave” um verso que não possui ditongação nem qualquer outro tipo de encontro vocálico intervocabular, não gerando dúvidas a respeito da divisão silábica e da atribuição dos acentos poéticos. Desta forma, o verso escolhido apresenta tônicas em 2, 4 e 7 e, se observarmos os outros versos expostos em (43), a maioria possui a mesma localização das tônicas, sobretudo em 2 e 4. Logo, na palavra *judeucinno*, podemos ter duas proeminências: uma em *ju* (sílabas tônicas em 2) e uma em *ci* (sílabas tônicas em 4). Apesar de o PA permitir colisão acentual, fato este que pode ser observado no resultado da aplicação dos processos de sândi⁵¹, não seria tão adequado considerarmos a possibilidade de a proeminência ocorrer na sílaba *deu*, visto que a metrificação em (45) nos mostra que a segunda sílaba tônica dos versos aparecia ou na quarta ou na quinta sílaba poética e não na terceira, posição em que se encontra a sílaba *deu*. Portanto, é mais provável que as tônicas ocorreriam em *ju* e em *ci*, evidenciando a presença de duas proeminências.

Passemos a representar essas duas ocorrências com o sufixo *-cinn(o,a)* por meio da Fonologia Lexical:

⁵¹ Por meio de suas análises para o PA, Massini-Cagliari (2005, p.236) mostra que o período arcaico de nossa língua permitia colisão acentual com resultado de processos de sândi: “Que tríst’ój’é meu amigo” (B555-1) (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p.221).

(46) **Léxico**

[vell][o]	[cij̃][a]	
—	—	→ Afixação
[vello]	[cij̃na]	→ Flexão
ve.llo	ci. ña	→ Silabificação
(x)	(x .)	
vé.llo	cí. ña	→ Acento Lexical (primário)
[vellocij̃na]		→ Formação do composto
(x)		→ Acentuação composto
(x)	(x .)	
vello	cinna	
/véllocí̃ña/		→ Output

(47) **Léxico**

[jude][u]	[cij̃][u]	
—	—	→ Afixação
[judeu]	[cij̃nu]	→ Flexão
ju.deu	ci. ñu	→ Silabificação
(x)	(x .)	
ju.déu	cí. ñu	→ Acento Lexical (primário)
[judéucij̃nu]		→ Formação do composto
(x)		→ Acentuação composto
(x)	(x .)	
judeu	cinno	
/judeucij̃nu/		→ Output

Em (46) e (47), diferentemente de (44) e (45), observamos que não ocorre uma afixação ou adjunção antes da silabificação. As palavras “judeu” e “vello” e o sufixo *-cinno(a)* seguem percorrendo o léxico de forma autônoma até a atribuição do acento lexical. Desta maneira, percebemos que ambos os elementos agem de forma similar a uma palavra independente, com acento lexical individual. Portanto, este seria um argumento a favor de se considerar as ocorrências com sufixo *-cinn(o,a)* como formas compostas (cf. critérios de delimitação da palavra fonológica propostos por Nespor e Vogel, 1986, e Vigário, 2001, na próxima subseção - 5.1.2.2).

Como pode ser observado, a formação dos nomes diminutivos com o sufixo *-cinn(o,a)* tem início a partir do processo de atribuição do acento primário à base e a *-cinn(o,a)*, completando-se somente no momento da junção destes elementos, momento este em que percebemos a existência de dois acentos (cf. metrificação nos exemplos 44 e 45).

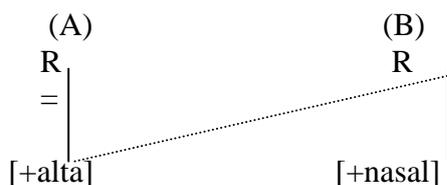
Se levarmos em consideração o fato de as formas diminutivas em *-cinn(o,a)* em PA se desenvolverem como palavras independentes, podemos afirmar que estas formas estariam localizadas no mesmo nível do léxico que as formações do PB do tipo “funcionário fantasma”, “fim de semana”, ou seja, no pós-léxico (cf. Lee, 1995). Porém, o único problema desta consideração, como já afirmara Moreno (1998), é explicar como as formas diminutivas, quer em *-zinh(o,a)* para o PB, quer em *-cinn(o,a)* para o PA, “funcionam” como palavras (ou seja, “ingressam no léxico”), uma vez que, no pós-léxico, o que se formam são sintagmas⁵² (=combinação de mais de uma palavra).

Voltando-se para a tabela 5 exposta anteriormente, constatamos a ocorrência de mais um processo nos diminutivos mapeados nas cantigas medievais: o espraçamento da nasal. Tal processo ocorreu com o vocábulo *boÿo* (CSM 331;15). Destacamos aqui que tal vocábulo não deve ser correlacionado com realizações fonéticas do tipo “bonho”, uma vez que, como já ressaltado anteriormente, o Português Arcaico possui quatro formas distintas para representar o sufixo de diminutivo *-inn(o,a)*. Sendo assim, a grafia <ÿ>, neste caso específico, representa muito provavelmente uma vogal nasal ou uma vogal nasal seguida da consoante nasal /ɲ/. Tal fato fica comprovado ainda pela segmentação da própria palavra *boÿo* na metrificação do verso em que aparece, que era dividida como um hiato, conforme aponta Cunha (1961, p. 86, grifo nosso): “Dos encontros de vogal nasal + vogal (oral ou nasal) o efeito regular é o **hiato**[...]”. Logo, temos *boÿ/o*.

O espraçamento é um processo fonológico no qual um segmento A liga-se a um B, levando um nó ou traço de A para B (cf. Cagliari, 1997, p. 20). No caso da ocorrência mapeada (*boÿo*), a nasalidade de [ɲ] espraia para o /i/ levando para este segmento o traço [+nasal], como pode ser observado na representação abaixo realizada pela teoria da geometria de traços:

⁵² Uma possível solução para este problema será exposta na subseção 5.1.2.2 dedicada à análise dos dados sob o viés da Fonologia Prosódica.

(48)



Observemos agora a representação deste processo pela Fonologia Lexical:

(49) [bon] + [iɲu]	→ Afixação (Morfologia)
[bo.i.ɲu]	→ Silabificação (Fonologia)
(x .)	
bo. í. ɲu	→ Acento
bo. ã. ɲu	→ Espraiamento da nasal
/boíɲu/	→ Nome (output)

(49) nos mostra que o espraiamento da nasal ocorre logo após a Regra de Atribuição do Acento, uma vez que se refere à estrutura interna da palavra, ou seja, não pode se aplicar fora dela e, portanto, é aplicada no nível lexical (cf. quadro de regras lexicais na seção 3 desta dissertação).

Por fim, observando a tabela 5 apresentada anteriormente, voltaremos à questão já discutida brevemente a respeito do desvozeamento da alveolar nos nomes diminutivos em PA mapeados nas cantigas medievais, uma vez que ora são encontradas ocorrências com *-cinn(o,a)* (como em *judeucinno*, *tonelcinno*) e ora com *-zinn(o,a)* (*donezinna*). Porém, se considerarmos a afirmação de Moreno (1977) de que a ocorrência do sufixo *-cinn(o,a)* seria uma influência da língua espanhola, poderíamos pensar que o sufixo *-cinn(o,a)* seria, na forma de base, para os falantes do PA, já desvozeado e, conseqüentemente, não teríamos um processo de desvozeamento. Enfim, apresentamos aqui algumas hipóteses plausíveis para tentar descrever e explicar a oscilação entre a concorrência do sufixo *-zinn(o,a)* e do sufixo *-cinn(o,a)* em PA.

5.1.2.2 Os diminutivos no PA sob a perspectiva da Fonologia Prosódica: Formas simples ou compostas?

A presente subseção deste trabalho objetiva realizar uma análise dos processos fonológicos mapeados nas CSM e nas CEM sob o viés da Fonologia Prosódica. Para auxiliar nosso leitor, o remetemos à tabela 5, apresentada anteriormente à página 142.

Para começar nossa reflexão, é preciso ter em mente que, para definirmos se determinadas formas linguísticas são simples ou compostas devemos recorrer à delimitação e

definição de palavra fonológica (ω). Para isso, necessitamos retomar brevemente alguns critérios propostos por Vigário (2000, 2001) e Nespor e Vogel (1986) que já foram detalhados na seção de embasamento teórico.

O primeiro critério diz respeito à identificação do acento primário da palavra. Como já dito anteriormente, “*a prosodic word must bear one and only one (word) primary stress*” (VIGÁRIO, 2001, p.23).

Em seguida, temos o critério que está relacionado à possibilidade de apagar elementos no interior de palavras complexas (cf. Vigário, 2001, p. 24 e também Nespor e Vogel, 1986, p.138). Sendo assim, se um sufixo pode ser apagado sem trazer prejuízos ao entendimento da estrutura, temos palavras independentes prosodicamente, mas se, por outro lado, um determinado sufixo não pode ser apagado, observamos que não há uma palavra prosódica independente.

Outro critério utilizado pela estudiosa para delimitação do domínio de palavra prosódica é o fato de uma proeminência secundária em início de palavra poder ser “interpretável como incidindo sobre PW, constituindo por isso evidência para este domínio prosódico” (VIGÁRIO, 2000, p. 585).

Agora que já relembramos brevemente os conceitos para delimitação de palavra fonológica propostos por Vigário (2000, 2001) e Nespor e Vogel (1986), passaremos a utilizá-los na análise e reflexão dos processos mapeados.

No processo de afixação dos diminutivos em *-inn(o,a)* no PA, verificamos que a Regra de Atribuição do Acento ocorre no interior dessas palavras, *fremos- + -inn(o,a) = fremosinn(o,a)*, uma vez que como pudemos observar na subseção 5.1.1, tal sufixo tem preferência por bases derivacionais com vogal temática (VT) ou desinência de gênero e, sendo assim, se adjunge entre tal base e a vogal final (VT ou desinência de gênero). Portanto, *-inn(o,a)* ocorre no interior de uma palavra, e essa dependência estrutural nos indica que as ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)* carregariam apenas o acento de palavra.

Considerando o que Vigário (2001, p. 23) afirma sobre a definição de palavra prosódica - o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica -, podemos inferir que as formas diminutivas em *-inn(o,a)* que passaram pelo processo de afixação possuem apenas uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento lexical, nos permitindo afirmar que tais formas são simples. Se tal acento é atribuído no interior dessas palavras, logo essas formas seriam formadas no léxico desde o PA.

Outro critério que podemos utilizar além da questão do acento primário para delimitarmos a palavra fonológica (ω) é a possibilidade de apagar elementos no interior de palavras complexas. Vejamos o exemplo abaixo:

(50) fremos ~~inna~~

(51) fremosinn a

Os exemplos (50) e (51) acima nos mostram que se apagarmos tanto o sufixo *-inn* como as desinências de gênero (*-o,-a*) de qualquer ocorrência de diminutivo em PA, há prejuízo no entendimento da palavra, pois o restante é somente um radical derivacional, no caso do exemplo, *fremos-*. Como a flexão é um morfema obrigatório para os nomes em português, desde o PA, qualquer substantivo, com morfema zero, não pode existir também. Sendo assim, os diminutivos em *-inn(o,a)* não possuem duas palavras fonológicas devido ao fato de seus sufixos e desinências de gênero não poderem ser apagados e, conseqüentemente, possuírem apenas uma palavra prosódica com um único acento.

Passemos neste momento à reflexão sobre os processos de afixação dos diminutivos em *-cinn(o,a)/-zinn(o,a)*. Retomando os dados expostos na subseção anterior, constatamos que este sufixo em PA “opta” na maioria das vezes por se adjungir a bases oxítonas sem vogal temática (VT). Dessa maneira, embasando-se em Menuzzi (1993, p. 9), o padrão acentual destas formas, tanto em PB como em PA, aponta para a existência de duas proeminências prosódicas.

Utilizando-nos dos critérios de Vigário (2000, 2001), que delimitam o número de palavras prosódicas por meio da quantidade de acentos e também pelo fato de uma proeminência secundária em início de palavra poder ser interpretada como domínio de ω , podemos afirmar que nas ocorrências com o sufixo *-cinn(o,a)/-zinn(o,a)* teríamos duas palavras fonológicas.

Portanto, a Regra de Atribuição do Acento nos diminutivos em *-cinn(o,a)* em PA é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT \emptyset) e, sendo assim, teríamos uma forma composta (com duas ω): *judéu + cinn(o) = judéucínno*. O processo de formação dos diminutivos em *-cinn(o,a)* exemplificado anteriormente ocorre no léxico.⁵³ A partir do momento em que há o encontro de dois acentos adjacentes nas formas nominais

⁵³ Sobre a questão do lugar de formação desses nomes ser no léxico ou no pós-léxico, conferir logo a seguir uma discussão mais detalhada, nesta mesma subseção.

(*judéucínno*), o sistema linguístico do português arcaico tinha uma tendência a dar um intervalo bastante regular a cada segunda sílaba após a tônica (cf. Costa, 2010, p. 179). Desta forma, na formação lexical *judéucínno*, observamos um deslocamento acentual, obtendo a seguinte estrutura: *jùdeucínno*.

O critério de apagamento do sufixo também não é utilizado com as ocorrências em *-cinn(o,a)*. Apesar de tal sufixo poder ser apagado sem prejudicar o entendimento da palavra, preferimos reservar este critério apenas para construções de coordenação em PB, como, por exemplo, em “Ele chegou vagarosa e tranquilamente”, em que observamos que temos duas bases adjetivais (mesmo estrato funcional) e que *-mente* pode ser apagado em uma delas e ocorrer apenas junto da última.

Deve-se chamar atenção aqui que Moreno (1998) sugere como critério de definição dos diminutivos em PB como formas compostas o fato de esses nomes possuírem concordância de gênero e número entre palavra pronta e sufixo, como, por exemplo, em “hotel → hoteizinhos” (/i/ = marca de plural da palavra). Porém, para o PA esse critério proposto por Moreno (1998) não é de muita utilidade para nossas análises, uma vez que não encontramos nas cantigas medievais pesquisadas (CSM e CEM) e também em outros textos do período arcaico (cf. Nunes, 1960; Spina, 1956) nenhuma forma plural dos diminutivos em *-cinn(o,a)* em que houvesse uma marca explícita de plural no primeiro elemento, para sabermos se desde aquele período de nossa língua havia a concordância de gênero e número entre a palavra original e o sufixo *-cinn(o,a)*.

A respeito ainda das formas diminutivas em *-cinn(o,a)*, observamos na subseção anterior que tais formas suscitam a seguinte questão: são formadas no léxico ou no pós-léxico? Como dito na seção de embasamento teórico, a resolução deste problema seria afirmar que, tomando como base Vigário (2001, p.172), os diminutivos em *-cinn(o,a)* não seriam formados no pós-léxico, pois não há no momento da formação diminutiva um reajuste da palavra prosódica, como ocorre nos processos de sândi “(malha)_ω (original)_ω → (ma)_ω ([ʌ]original”_ω). Como já visto, o que pode ocorrer é um reajuste na posição do acento⁵⁴ da base derivacional da maioria das formas diminutivas em *-cinn(o,a)* mapeadas nas cantigas medievais, como mostra o exemplo a seguir:

(52)

barón + cínno --> baróncínno --> bàroncínno

⁵⁴ O reajuste do acento nas formas diminutivas em *-cinn(o,a)* em PA ocorre na maioria das ocorrências, o que não impede o fato de encontrarmos exceções, por exemplo, na palavra *vellocinna*, em que, ao se adjungir a primeira base a *-cinn(a)*, esta mantém o seu acento de palavra.

falcón + cínno --> falcóncínno --> fâlconcínno
 judéu + cínno --> judéucínno --> jùdeucínno
 molhér +cínna --> molhércínna --> mòlhercínna

Tal reajuste (quando ocorre) pode ser explicado devido à adjacência do acento do radical derivacional e de *-cinn(o,a)*. Tomando como base Costa (2010, p. 179), quando há o encontro de dois acentos em PA, o sistema linguístico dessa fase de nossa língua prefere um padrão binário, ou seja, “os acentos secundários ocorrem em um intervalo bastante regular, a cada segunda sílaba” (COSTA, 2010, p. 179). Esse mesmo autor (p. 186) chama atenção ainda para a existência em língua portuguesa, tanto em PB quanto em PA, de algumas formações - as com os “sufixos” *-mente* e *-dade*, por exemplo - que podem ser consideradas compostas, em que se observa “choque acentual entre a sílaba tônica do primeiro membro e a tônica do sufixo” (COSTA, 2010, p. 186), ocorrendo um deslocamento do acento da base (leál + *-ménte* --> leálménte--> lèalménte), que marca uma proeminência secundária. Tal fato pode ser constatado também nos exemplos acima e na metrificação em (45), nos quais se observa que há um choque acentual entre a sílaba tônica da base e a tônica de *-cinn(o,a)*. Portanto, o reajuste acentual nessas formas ocorreria devido à adjacência dos acentos e, desta forma, tal reajuste aconteceria após a formação dessas palavras, indicando-nos que elas teriam sido formadas no léxico e não no pós-léxico.

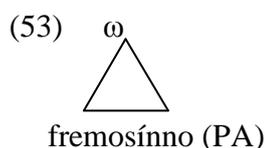
Voltando-nos agora para o processo de espraiamento da nasal, observamos que na palavra *boÿo* a Regra de Atribuição do Acento, assim como nas outras ocorrências em *-inn(o,a)*, é aplicada no interior da palavra (critério fonológico - regra puramente fonológica) e, portanto, teríamos uma forma simples, com um único acento *bon-* + *-ínn(o,a)* = *boínno*. Ao afirmarmos que esta regra é aplicada no interior da palavra, estamos concluindo que essa forma, assim como todas as outras mapeadas com o sufixo *-inn(o,a)*, seriam formadas no léxico desde o PA.

5.1.3 Considerações finais sobre os diminutivos em PA

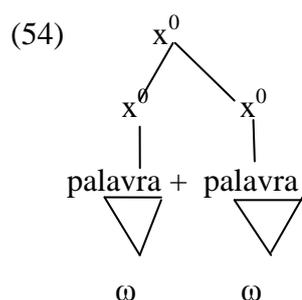
Com a análise dos dados constatou-se que a maioria das ocorrências de diminutivo passou por um processo de afixação, sendo que algumas delas apresentaram os processos fonológicos de espraiamento da nasal e desvozeamento da alveolar (cf. tabela 5), porém não condicionados morfologicamente. No processo de afixação, a ocorrência que mais nos chamou a atenção foi a forma *donezinna* (“doninha”), que poderia ser lexicalizada dentro do sistema linguístico do PA e, portanto, uma exceção dentre as ocorrências de diminutivo em

–*c/zinn(o,a)*. Acredita-se na hipótese de lexicalização, pois não foi encontrada nos textos utilizados uma palavra como **done* e por esse motivo, *donezinna* não seria a soma de uma palavra **done* adjungida ao sufixo *-zinn(a)*, ou seja, não seria uma forma transparente.

Esta análise permitiu também refletirmos sobre o *status* fonológico dos nomes diminutivos em PA (objetivo principal da pesquisa). No caso das ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)*, verificou-se que a Regra de Atribuição do Acento é aplicada no interior da palavra (*fremos-* + *-inn(o,a)* = *fremosínno(o,a)*) e, tomando como base o critério de definição de palavra prosódica proposto por Vigário (2001), que diz que é através do acento primário que podemos defini-la, consideramos as ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)* como formas simples (um acento lexical). Vejamos abaixo a estrutura para as formas diminutivas em *-inn(o,a)* em PA:



Por outro lado, nos diminutivos em *-cinn(o,a)*, constatou-se que a Regra de Atribuição do Acento é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT \emptyset) e, sendo assim, teríamos uma forma composta (com duas ω): *judéu* + *cínno(o)* = *jùdeucínno*, como mostra a representação a seguir:



5.2 Aumentativos

Assim como ocorreu na subseção anterior (5.1), exporemos primeiramente alguns aspectos morfológicos relacionados ao mapeamento das ocorrências de aumentativo em PA. Deve-se deixar claro que, diferentemente do que ocorreu na subseção anterior (5.1), não exporemos nesta quadros com sufixos diferentes, pois só foram mapeadas ocorrências de aumentativo com o sufixo *-on* e, portanto, não há distinções de propriedades morfológicas e

fonológicas a serem exploradas, como ocorre com os sufixos de diminutivo *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)*. Posteriormente, apresentaremos uma tabela com os processos envolvendo os aumentativos em PA, para, logo em seguida, sob o viés da FL, da Fonologia da Geometria de Traços e da Fonologia Prosódica, representarmos e refletirmos sobre estes processos.

5.2.1 Aspectos morfológicos

Esta subseção tem o intuito de apresentar as características morfológicas das bases derivacionais formadoras dos aumentativos em PA, a fim de saber se tal estrutura contribui para delimitar o padrão acentual dessas formas e, conseqüentemente, determinar o estatuto prosódico das mesmas. Sendo assim, passemos a observar quadros com as ocorrências de aumentativo a partir de sua formação morfológica.

Ocorrência	Cantiga; Verso	Formação morfológica	Tonicidade da base
bolsson	CSM 305;63	bolss(a) + <i>on</i>	paroxítona (bolssa)
cabeçon	CEM 73;5, 310;14	cabeç(a) + <i>on</i>	paroxítona (cabeça)
cabron	CSM 85;65(-ões), 283;56, CEM 21;33(-ões)	cabr(a) + <i>on</i>	paroxítona (cabra)
cadarron	CEM 378;16	cattar(o) + <i>on</i>	paroxítona (catarro)
çapaton	CEM 34;10	çapat(o) + <i>on</i>	paroxítona (çapato)
cavalon	CEM 144;25	caval(o) + <i>on</i>	paroxítona (cavalo)
crerizon	CSM 24;9, 404;12, CEM 319;1, 422;8	crérig(o) + <i>on</i>	proparoxítona (crérigo)
citolon	CEM 210;2, 211;19, 218;32, 222; 2, 294;3, 295;5, 295;14	cítol(a) + <i>on</i>	proparoxítona (cítola)
conon	CEM 14;2	con(o) + <i>on</i>	paroxítona (cono)
escudeiron	CSM 104;12, CEM 379;19	escudeir(o) + <i>on</i>	paroxítona (escudeiro)
espadarron	CSM 189;17, CEM 57;15	espad(a) + arr(a) + <i>on</i>	paroxítona (espadarra)
lorigon	CEM 57;9	lorig(a) + <i>on</i>	paroxítona (loriga)
nadigon	CEM 132;13, 132;18, 257;5, 257;15 (-ões)	nádig(a) + <i>on</i>	proparoxítona (nádiga)
saion	CEM 301;19, 301;23	sai(a) + <i>on</i>	paroxítona (saia)
tavão	CEM 60;3	tavan(o) + <i>on</i>	
zevron	CEM 252;6, 252;12,	zevr(o) + <i>on</i>	paroxítona (zevro)

	253;4, 253; 6, 253;10, 253;12, 253;16, 253;18, 255;15, 257;1, 257;11(<i>ões</i>),259;2,262;1, 263;26		
--	--	--	--

Quadro 8. Aumentativos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero nas 420 CSM e nas 431 CEM.

Tabela 6. Aumentativos formados a partir de bases com vogal temática ou desinência de gênero

Ocorrências de aumentativos formadas a partir de bases com VT	Subtotal
paroxítonas	32 (68%)
proparoxítonas	15 (32%)
TOTAL	47 (100%)

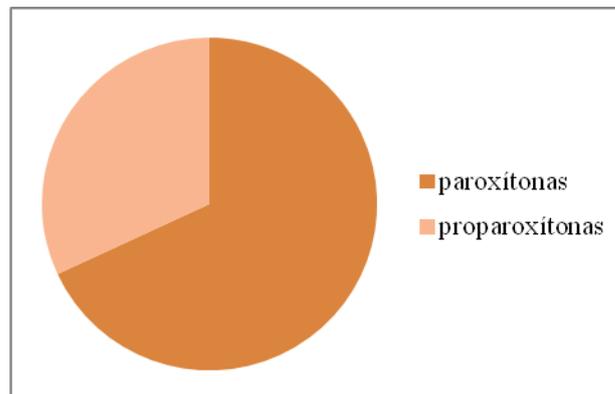


Gráfico 6. Distribuição dos aumentativos formados a partir de bases com vogal temática.

O quadro 8, a tabela 6 e o gráfico 6 nos mostram que a maioria das ocorrências de aumentativo em PA são formadas a partir de uma base derivacional paroxítona com vogal temática (VT). Tal fato nos permite inferir que, retomando o trabalho de Menuzzi (1993) para os diminutivos em PB, o sufixo de aumentativo *-on* no PA, assim como os diminutivos em PB e PA, tinha preferência em se unir a bases paroxítonas com VT. No entanto, percebemos ainda que o sufixo *-on* era adjungido a palavras que possuíam vogal temática, mas que tal VT não reaparece depois do sufixo *-on*, como mostra o exemplo abaixo:

(55) (bolss) a $\xrightarrow{\text{VT}}$ (bolss) on

Pelos dados apresentados, não podemos afirmar com certeza que o sufixo de aumentativo ocorreria entre uma base derivacional e uma VT. Neste caso, o que ocorre apenas

é a adjunção do sufixo ao radical. Conseqüentemente, tal sufixo não é independente de sua base e, portanto, as ocorrências formadas a partir dele recebem **apenas** o acento de palavra (cf. mais adiante nesta seção análise deste sufixo sob o viés da fonologia prosódica).

As únicas exceções quanto à tonicidade da base que observamos no quadro 8 são as ocorrências *crerizon*, *citolon* e *nadigon*, as quais possuem bases proparoxítonas.

Portanto, ao observarmos as ocorrências de aumentativo formadas a partir de bases derivacionais com vogal temática, constatamos, embasando-nos em Câmara Jr. (1979[1975]), que a maioria delas possui o padrão acentual não-marcado (no caso das bases paroxítonas) e apenas as exceções acima possuem o padrão acentual marcado. Portanto, o padrão acentual para os nomes em língua portuguesa sempre foi o mesmo, do PA ao português atual, como podemos verificar a seguir: “De qualquer maneira, a acentuação grave é a mais freqüente em português, e a língua pode ser considerada de ritmo grave predominante. Os esdrúxulos, especialmente, são um tanto marginais” (CÂMARA JR., 1979[1975], p. 35).

Algumas ocorrências aparentaram ser formadas, como mostra o quadro 9 abaixo, a partir de uma base derivacional sem VT.

Ocorrência	Cantiga; Verso	Formação morfológica	Tonicidade da base
aguillon	CSM 31;53	?aguill+ on	?
arloton	CSM 305;48	?arlot+ on	?
balandrão	CEM 194;2	?balandr + ão	?

Quadro 9. Aumentativos formados a partir de bases sem vogal temática nas 420 CSM e nas 431 CEM.

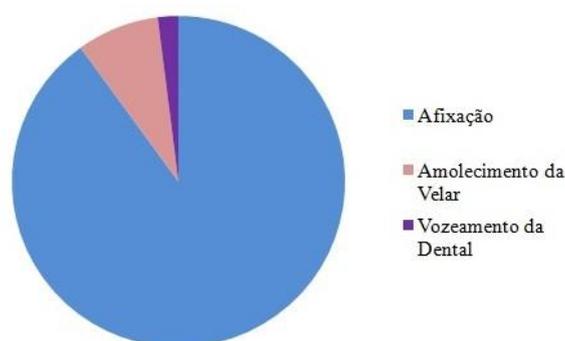
No entanto, ao investigar nos dicionários e glossários da época medieval não encontramos palavras nem estruturas semelhantes à **aguill*, **arlot* e **balandr*. Sendo assim, não temos como verificar a tonicidade da base e, conseqüentemente, não podemos determinar o padrão acentual envolvido nessas formações.

5.2.2 Processos fonológicos

Esta subseção apresenta os processos fonológicos envolvendo a afixação com *-on*. Passemos a observar agora a tabela 7 a seguir, com a quantificação destes processos.

Tabela 7. Processos envolvendo as ocorrências de aumentativo em PA

	<i>-on(a)</i>	
	quantidade	%
Afixação/Justaposição	45	90%
Amolecimento da velar (Fricativização)	4	8%
Vozeamento da dental	1	2%
Total	50	100%

**Gráfico 7.** Distribuição dos processos fonológicos com o sufixo *-on(a)*.

A tabela 7 e o gráfico 7 nos revelam que o processo mais produtivo na formação dos nomes aumentativos em PA era a afixação ou a simples justaposição do sufixo - 90% das ocorrências mapeadas. Dentre os processos fonológicos foram mapeados apenas dois, amolecimento da velar (fricativização) e vozeamento da dental, os quais apareceram em cinco ocorrências das palavras *cadarron* e *crerizon*.

Constatamos que foram mapeadas 50 ocorrências de aumentativos nas CSM e nas CEM. Dentre essas 50 ocorrências, apenas 9 ocorrências foram mapeadas nas CSM (cf. apêndice 2), fato esse que comprova que, devido a essas cantigas apresentarem um caráter religioso e serem destinadas à Virgem Maria, a linguagem utilizada passa a ter uma conotação afetiva positiva muito maior. Tal conotação afetiva positiva aparece, sobretudo, nos nomes diminutivos e deixa de existir nos nomes aumentativos, os quais muitas vezes carregam consigo valores afetivos negativos, também chamados pejorativos.

Passemos agora à representação dos processos referidos acima por meio dos conceitos teóricos das fonologias não-lineares.

5.2.2.1 Aumentativos sob a perspectiva das Fonologias Lexical e Autossegmental

Para iniciarmos esta subseção, evidenciaremos o processo mais produtivo mapeado entre as ocorrências de aumentativo nas CSM e nas CEM: o da afixação do sufixo aumentativo *-on*. Assim como foi feito para os diminutivos, antes de fazermos a representação dos aumentativos mapeados nas cantigas medievais partindo da teoria da FL, apresentaremos a possível localização do acento nas palavras que passaram pela afixação/justaposição por meio da metrificação dos versos em que se encontram algumas ocorrências de aumentativo. Vejamos dois exemplos:

(56) CBN.1497; CV 1107)

E/ se/ri/a/ co/nho/ce/dor 	1-3-6-8
de/ seu /tro/ bar /, por/ non /fa/zer	2-4-6-8
os / ou /tros / e/ rra /dos /se/ er ;	2-5-8
e / el / gua/ rri /a/ mui /me/ lhor	2-4-6-8
sen / tro/ bar / e/ sen / ci/to/ lon ,	1-3-5-8
pois / per/ deu / a/ voz /e/ o/ son ,	1-3-5-8
por/ que / o/ fe/ ri /an /pei/ or .	2-5-8

(LAPA, 1998[1965], p. 144)

(57) Cantiga 104: Como Santa Maria fez aa moller que queria fazer amadoiras a seu amigo [...]

A/ ques /to/ foi en/ Ga/ li /za, non/ á / y/ mui / gran/ sa/ zon ,	2-4-7 2-4-7
que/ hũ /a/ ssa ba/ra/ gã /a ou /ve/ un / es/cu/dei/ ron ;	2-4-7 1-3-7
e/ por / quan/to/ s' el /ca/ sa /ra, tan/ gran / pe/ sar / ou/v' en/ ton ,	2-5-7 2-4-7
que/ con / gran/ coi /ta/ ou/ ve /ra o/ si /so/ en /d' a/ per/ der .	2-4-7 2-4-7

(METTMANN, 1988, p.18)

Nos exemplos acima (56) e (57), verificamos a ocorrência de duas formas aumentativas que são, respectivamente, *citolon* e *escudeiron*. Neles percebemos que as palavras *escudeiron* (“escudeirão”) e *citolon* (“guitarra grande”) possuem apenas uma proeminência poética/prosódica.

Ao nos embasarmos novamente nos manuais de versificação e outros estudos consultados, a metrificação em (56) nos revela que todos os versos desta cantiga possuem oito sílabas poéticas e que na maioria desses versos as sílabas tônicas encontram-se em 1 ou 2, 3, 4, 5, 6 e em 8.

Partindo da metodologia de Mistieri (2010), escolhemos um “verso-chave” para tentarmos justificar a ocorrência das sílabas poéticas em 2 e 8: “e /**el**/ gua/**rri**/a/ **mui** /me/**lhor**”. Neste verso observamos que há uma sílaba tônica em 2, porque, como já afirmara

Cunha (1961, p. 43) em relação à metrificação de três trovadores específicos (João Zorro, Martim Codax e Paio Gomes Charinho), quando há um encontro da conjunção *e* com uma outra vogal, esta permanece átona e aquela tônica, já que se trata de um monossílabo tônico, na opinião desse autor. Há também uma sílaba poeticamente tônica em 8, pois a palavra “melhor” segue o padrão acentual do PA para as oxítonas - qualquer sílaba pesada na última posição atrai o acento principal (cf. Massini-Cagliari, 1995, 1999). Logo, devido à regularidade métrica presente na lírica medieval, constata-se que a maioria dos versos dessa cantiga também apresentaram sílabas tônicas em 2 e 8.

Porém, dentre esses versos há três exceções, em que as tônicas recaem na terceira sílaba. São os versos primeiro, quinto e sexto. No primeiro verso, isso pode ser explicado pelo fato de que na palavra “seria”, o encontro vocálico de “ia” era solucionado pelos trovadores como um hiato (cf. Cunha, 1961, p. 31) e, no caso do encontro *i+a*, Cunha (1961) afirma que a vogal *i* poderia ser tônica. Sendo assim, a tônica aparece na terceira sílaba. Por outro lado, no quinto e sexto versos, a tônica cai na terceira sílaba, pois nas palavras “trobar” e “perdeu” constatamos, respectivamente, uma sílaba pesada *bar* e uma sílaba *deu* com ditongo decrescente, ambas atraindo o acento principal (cf. Massini-Cagliari, 1995, 1999; Costa, 2006) e, conseqüentemente, marcando uma tônica na terceira sílaba.

Ao enfatizarmos em (56) a ocorrência de aumentativo *citolon* percebemos que esta palavra possui apenas uma proeminência poética/prosódica. Observando a metrificação dessa cantiga específica, vemos que há o acento principal da palavra em questão na sílaba *lon*, uma vez que tal sílaba é pesada e, conseqüentemente, portadora do acento principal.

Em (57), observamos que todos os versos da cantiga possuem sete sílabas poéticas. Utilizando-nos do verso chave: “A/**ques**/to/ foi/ en/ Ga/**li**/za”, e das informações colhidas em manuais de versificação, constatamos que na maioria deles as sílabas tônicas encontram-se em 2 e 7, no interior dos hemistíquios. Focalizando a ocorrência *escudeiron* em (57), verificamos que tal vocábulo possui somente uma proeminência poética/prosódica, já que a partir da metrificação vemos que há o acento principal da palavra em questão na sílaba *ron*, uma vez que tal sílaba é pesada e, portanto, portadora do acento principal.

Após tentarmos identificar a quantidade de acentos nas ocorrências de aumentativo mapeadas nas cantigas medievais por meio da metrificação, passaremos a representar, de acordo com a FL, a estrutura de formação para os nomes aumentativos que passaram pelo processo de afixação:

- (58) [citol] + on → Adjunção (Morfologia)
 [ci.to.lon] → Silabificação (Fonologia)
 (x)
 ci.to.lón → Acento
 /citolón/ → Nome (*output*)
- (59) [escudeir] + on → Adjunção (Morfologia)
 [es.cu.dei. ron] → Silabificação (Fonologia)
 (x)
 es.cu.dei.rón → Acento
 /escudeiron/ → Nome (*output*)

Assim como as ocorrências exemplificadas (*citolon* - “guitarra grande” e *escudeiron* - “escudeiro no sentido pejorativo”), mapeamos no *corpus* utilizado mais quarenta palavras com o sufixo *-on(a)*, que também passaram pelo processo de formação apresentado em (56) e (57). Esses vocábulos iniciam tal processo com a adjunção do sufixo aumentativo e o concluem logo depois da atribuição do acento no léxico.

Em (58) e (59), observamos que a adjunção do radical ao sufixo formador do aumentativo, ou seja, o processo de afixação, ocorre antes da silabação. Verificamos ainda a interação desse processo com os fenômenos de flexão de número e de gênero e de atribuição do acento lexical (acento primário).

Os dados apresentados no quadro 8 nos mostram que o sufixo *-on* não é independente morfológicamente, aparecendo sempre depois de uma base com VT. Sendo assim, podemos inferir que nas formações aumentativas em PA há apenas uma palavra fonológica, com um único acento (cf. análise mais adiante sob o viés da Fonologia Prosódica, na seção 5.2.2.2). A existência de apenas um acento lexical nas ocorrências de aumentativo pode ser comprovada pelo fato de que o PA era sensível à quantidade silábica na construção dos pés (cf. Massini-Cagliari, 1995, 1999), isto é, qualquer sílaba longa (ou pesada) posicionada na penúltima ou última posição silábica da palavra atraía o acento principal. Sendo assim, nos aumentativos mapeados nas cantigas medievais, verificamos que estas formas possuíam uma sílaba pesada na última posição (sílaba *-on*, *-ron* ou *-zon*) e, portanto, atraíam o acento principal (lexical) e único da palavra, como pode ser visto por meio das metrificações em (56) e (57).

Passemos agora à descrição e à representação do segundo processo fonológico mais produtivo mapeado nas formas aumentativas encontradas nas cantigas medievais: amolecimento da velar (fricativização). Primeiramente, vejamos a metrificação dos versos nos quais encontramos a ocorrência de aumentativo que passou por esse processo:

(60) Cantiga 24: Esta é como Santa Maria fez nacer ha fror na boca ao crerigo, depois que foi morto, e era en semellança de lilio, porque a loava.

En/ Char/tes/ou/v'un/cre/ri/ zon ,	8	
que/e/ra/ ta/fur/e/la/ dron ,	8	
mas/na/ Vir/gen/ de /co/ra/ çon	8	
a/vi/a/ es/pe/ ran /ça.	6	(METTMANN, 1986, p. 114)

Em (60), observamos que a maioria dos versos possui oito sílabas poéticas. Tal informação nos é dada na edição crítica de Mettmann (1986, p. 114). Ao enfocarmos a palavra *crerizon* (que passa pelo processo de amolecimento da velar ou fricativização), verificamos que ela está em posição de rima. Sendo assim, tal vocábulo atrai para si o acento mais forte do verso (cf. Massini-Cagliari; Cagliari, 1998). Além disso, observamos que a prosódia de *crerizon*, assim como nas outras ocorrências de aumentativo em PA, era sensível ao peso silábico, isto é, como esta palavra termina em sílaba pesada a tendência era ocorrer a atribuição do acento de palavra nesta sílaba.

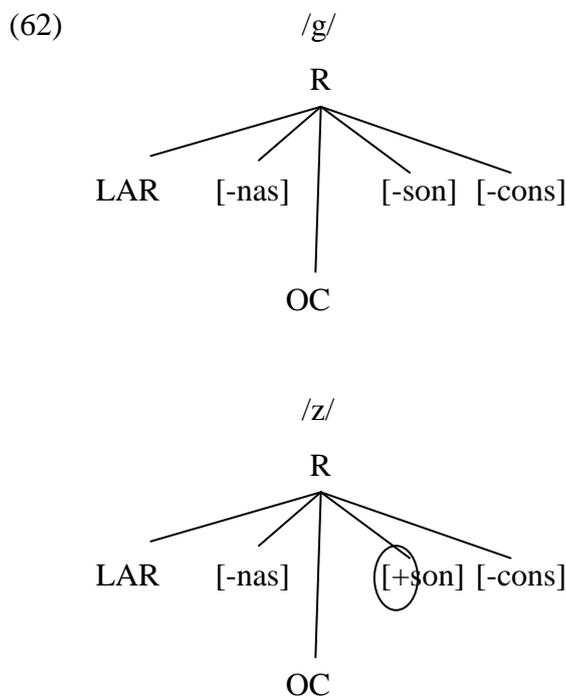
A interação dos dois processos comentados anteriormente (amolecimento da velar ou fricativização e atribuição do acento primário) pode ser representada da seguinte forma pela Fonologia Lexical:

(61) [crerig] + on	→ Adjunção (Morfologia)
[crerizon]	→ Fricativização (Fonologia)
[cre.ri.zon]	→ Silabificação (Fonologia)
(x)	
cre.ri.zon	→ Acento
/crerizon/	→ Nome (<i>output</i>)

A partir de (61), constatamos que o processo de amolecimento da velar (fricativização) pode ocorrer logo depois da operação morfológica da adjunção do sufixo de aumentativo *-on* ao radical *crerig-*, ou seja, na estrutura interna da palavra - característica essa das regras lexicais: “pode referir-se à **estrutura interna das palavras**, não pode se aplicar fora de palavras” (LEE, 1992, p.110, grifo nosso). Outra característica das regras lexicais que nos permite localizar o processo de fricativização no léxico é o fato de elas poderem ter exceções. Por exemplo, ao mapearmos os nomes aumentativos no *corpus* desta pesquisa, percebemos a concorrência entre a forma *crerizon* (CSM 24;9, 404;12) e a forma *crerigon* (CEM 319;1, 422;8), fato este que nos mostra que na formação do aumentativo da palavra *crerigo* nem sempre atua a fricativização, ou seja, há exceções. Portanto, é pela constatação da atuação dessas características das regras lexicais na formação da ocorrência *crerizon* (referência à

estrutura interna da palavra, permissão de exceções) que podemos supor que ela se forma no léxico.

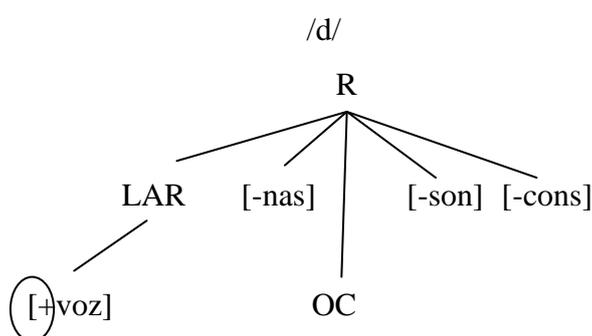
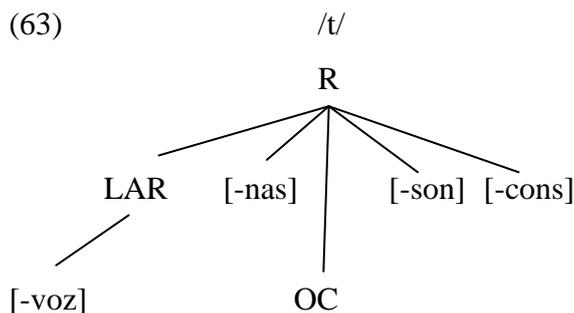
Devemos chamar atenção ainda para o fato de que, se a fricativização ocorre depois de uma ação morfológica, tal processo (no caso da formação da palavra em questão) depende da informação morfológica. Sendo assim, a mudança de /g/ para /z/ é condicionada pela adjunção do sufixo *-on* (cf. representação pela geometria de traços abaixo). Nesta palavra, portanto, observamos a atuação de uma regra que lida com um ajuste desencadeado pela combinação de morfemas, como ocorre com a regra de abrandamento da velar em PB.



Na representação anterior, temos que o traço de raiz do segmento /g/ [-sonorante] muda de valência no momento da adjunção do sufixo *-on* ao radical *crerig-*.

Com relação à atribuição do acento da palavra *crerizon*, (61) nos mostra que há apenas um acento no momento de sua formação, fato este evidenciado também pela metrficação em (60).

Apresentemos agora a representação pela fonologia de geometria de traços do processo menos produtivo mapeado: o vozeamento da dental. Tal processo acontece apenas com a palavra *cadarron*. O radical deste vocábulo (*catarr-*) possui uma consoante dental desvozeada (/t/) que, no momento da adjunção do sufixo de aumentativo *-on*, passa a uma consoante dental vozeada (/d/).



Em (63), temos que o traço de raiz do segmento /t/ [-vozeado] muda de valência no momento da adjunção do sufixo *-on* ao radical *catarr-*.

Após a explicação do processo de vozeamento da dental levando em consideração quais traços distintivos estão nele envolvidos, resta-nos saber em que momento da derivação o vozeamento ocorre, se é no léxico ou não, se no interior da palavra, e como o acento é atribuído na ocorrência que passa pelo vozeamento. Para isso, começaremos, assim como nos outros casos, expondo a metrificação dos versos em que aparece o vocábulo *cadarron* e, posteriormente, apresentaremos a representação da interação entre o processo de vozeamento e a atribuição do acento pela FL. Vejamos a seguir a metrificação:

(64) (CBN.1376; CV. 984)

Ca/ co/nhos/qu'eu/ mui/ ben/ que/ vós/ a/ ve /des	10
o/lho/ ma/o/ mes/to/ con/ ca/da/ r ron;	10
des/te /mal/ gua/re/cer/ non/ po/ de /des	10
tan/ ce/d', e/ di/rei/-vos/ por/que/ non	9

(LAPA, 1998[1965], p.242)

Tomando como base os manuais de versificação consultados que comentam sobre costumes versificatórios da época e posteriores, podemos afirmar que em (64) os versos possuem nove ou dez sílabas poéticas. Observamos que a palavra *cadarron* está em posição de rima e que termina por uma sílaba pesada (*rron*). Sendo assim, o acento primário desta ocorrência poderia estar localizado na sílaba *rron*, uma vez que ela é a última do verso e é pesada, atraindo o acento. Logo, constatamos que tal ocorrência possui apenas um acento (o de palavra), como mostra a representação pela FL abaixo:

(65) [catarr] + on	→ Adjunção (Morfologia)
[cadarron]	→ Vozeamento da dental (Fonologia)
[ca.da.rron]	→ Silabificação (Fonologia)
(x)	
ca.da.rron	→ Acento
/cada.ron/	→ Nome (<i>output</i>)

(65) nos mostra ainda que o processo de vozeamento da dental pode ocorrer logo em seguida do processo de adjunção, uma vez que tal processo ocorre na estrutura interna da palavra assim como na fricativização. Sendo assim, o domínio de aplicação desta regra é depois da operação morfológica da adjunção do sufixo de aumentativo *-on* - característica esta das regras lexicais. Assim como em *crerizon*, em *cadarron* verificamos a atuação de uma regra lexical que lida com ajustes proporcionados pela combinação de morfemas, uma vez que foi a partir da adjunção do sufixo *-on* que ocorreu o vozeamento da dental.

5.2.2.2 Os aumentativos no PA sob a perspectiva da Fonologia Prosódica: Formas simples

Assim como nos diminutivos em *-inn(o,a)*, a Regra de Atribuição do Acento nos aumentativos em PA é aplicada no interior da palavra (*citól-* + *-ón* = *citólón*). Conseqüentemente, tal sufixo não é independente de sua base e, portanto, as ocorrências formadas a partir dele recebem **apenas** o acento de palavra.

Considerando o que Vigário (2001, p. 23) afirma sobre a definição de palavra prosódica - o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica -, podemos inferir que as formas aumentativas em *-on* constituem apenas uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento lexical, nos

permitindo afirmar que tais formas são simples. Se tal acento é atribuído no interior dessas palavras, logo essas formas seriam formadas no léxico desde o PA.

Assim como nos diminutivos, o critério de Vigário (2001) - apagamento dos sufixos - não é de grande valia para nossa análise, pois, como já mencionado, tal critério é mais adequado para estruturas de coordenação no português.

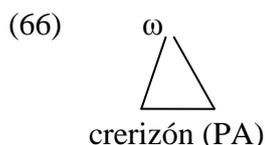
Outro exemplo da Atribuição do Acento no interior da palavra pode ser observado na ocorrência *crerizon* (*crerig-* + *-on* = *crerizón*). Logo, se a Regra de Atribuição do Acento é aplicada no interior da palavra, podemos afirmar que há apenas uma palavra fonológica, com apenas um acento lexical, possibilitando-nos inferir que tal ocorrência, assim como as outras de aumentativo mapeadas, são formas simples.

5.2.3 Considerações finais sobre os aumentativos em PA

A análise apresentada pretendeu mostrar que a maioria das ocorrências de aumentativo em PA passou por um processo de afixação, e que somente algumas delas apresentaram os processos fonológicos de fricativização e desvozeamento da dental. (cf. tabela 7).

É importante ressaltar que todos os processos mapeados nas formas aumentativas ocorreram no léxico, uma vez que dependem da estrutura interna da palavra para acontecerem.

Observou-se ainda que a maioria dos aumentativos mapeados nas cantigas medievais foi formada a partir de uma base derivacional com vogal temática *e*, devido a esse fato, podemos inferir que o sufixo *-on* não é uma forma independente, mas que precisa ser adjungido a uma base. Sendo assim, verificou-se que, como a Regra de Atribuição do Acento também é aplicada no interior da palavra, temos apenas **uma** palavra fonológica (cf. representação no exemplo 59) e, conseqüentemente, um acento lexical, fato este que nos permite classificar os aumentativos do período arcaico da língua portuguesa como formas simples, como pode ser observado na estrutura a seguir:



5.3 Considerações finais

Vimos nesta seção a análise do *status* fonológico dos nomes diminutivos e aumentativos em PA.

A partir de nossa análise pudemos concluir que tanto as formas aumentativas como as formas diminutivas em *-inn(o,a)* são formas simples, uma vez que a Regra de Atribuição de Acento nessas formas ocorre em seu interior e, devido a isso, pode-se afirmar que os aumentativos e os diminutivos em *-inn(o,a)* correspondem a apenas uma palavra fonológica com um único acento.

Por outro lado, os diminutivos em *-cinn(o,a)* apresentam comportamento prosódico um tanto diferenciado dos aumentativos e diminutivos em *-inn(o,a)*. Constatou-se que o padrão acentual destas formas aponta para a existência, assim como em PB, de duas proeminências prosódicas. Portanto, a Regra de Atribuição do Acento é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT \emptyset) e, sendo assim, teríamos uma forma composta (com duas ω): *judéu + cínno(o) = jùdeucínno*.

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado por esta dissertação foi possível determinar o estatuto prosódico das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico (PA). Vimos, por meio das análises, que tanto as ocorrências diminutivas com o sufixo *-inn(o,a)* quanto as ocorrências aumentativas em *-on* possuem apenas um acento.

No caso dos diminutivos em *-inn(o,a)*, constatamos a presença apenas de um acento de palavra, pois tal sufixo tem a propriedade de se adjungir entre uma base derivacional e sua respectiva vogal temática (VT). Sendo assim, *-inn(o,a)* ocorre no interior de uma palavra e, conseqüentemente, tal dependência estrutural nos indica a possibilidade da ocorrência de apenas um acento principal de palavra (cf. Menuzzi, 1993). Tomando como base um dos critérios de Vigário (2001) para a definição de palavra fonológica - o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica -, podemos inferir que, nas ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)*, que possuem somente um acento, temos **apenas uma** palavra fonológica (ω). Logo, as formas diminutivas em *-inn(o,a)* em PA podem ser consideradas, do ponto de vista prosódico, formas simples.

Assim como os diminutivos em *-inn(o,a)*, os aumentativos em *-on* revelaram a presença apenas de um acento. Este sufixo se adjunge a uma base derivacional. Conseqüentemente, tal sufixo não é independente de sua base, pois depende dessa posição derivacional e, portanto, tal dependência estrutural nos indica a possibilidade de apenas um acento primário. Embasando-nos novamente no critério de Vigário (2001), podemos concluir que os aumentativos em *-on* no PA, por receberem apenas o acento de palavra, correspondem a somente **uma** palavra fonológica, podendo ser classificados como formas simples.

Em relação aos diminutivos em *-cinn(o,a)*, constatamos que tais formas possuem um padrão acentual que aponta para a existência de duas proeminências prosódicas, assim como ocorre em PB. Isso acontece, pois ao se adjungir, na maioria dos casos, a bases derivacionais sem VT, *-cinn(o,a)* torna-se um sufixo que não depende daquela mesma estrutura derivacional que *-inn(o,a)* e *-on* dependem, ou seja, *-cinn(o,a)* não aparece entre uma base e sua respectiva vogal temática. Dessa forma, *-cinn(o,a)* pode ser considerado uma base, pois possui certa independência, carregando seu acento próprio. Utilizando-nos dos critérios de Vigário (2000, 2001), os quais delimitam o número de palavras prosódicas por meio da quantidade de acentos e também pelo fato de uma proeminência secundária em início de palavra poder ser interpretada como domínio de ω , podemos inferir que as ocorrências de diminutivos em

-cinn(o,a) no PA teriam duas palavras fonológicas, permitindo-nos classificá-las, do ponto de vista prosódico, como formas compostas.

Verificamos que todas as formas aumentativas e diminutivas são formadas desde o PA no léxico. No caso dos diminutivos em *-inn(o,a)* e dos aumentativos em *-on* chegamos a esta conclusão, pois constatamos que a Regra de Atribuição do Acento nessas formas ocorria no **interior** de palavras (cf. Kiparsky, 1982, p.132). Nos diminutivos em *-cinn(o,a)* vimos que a Regra de Atribuição do Acento ocorre entre duas estruturas morfológicas independentes. Apesar disso, tais estruturas seriam formadas no léxico, pois não há um reajuste da palavra prosódica, como ocorre nos processos de sândi ((malha)_ω (original)_ω → (ma)_ω ([ʌ]original)_ω), mas sim um possível reajuste na posição do acento devido à adjacência do acento do radical derivacional e do sufixo *-cinn(o,a)* ((judéu)_ω (cínno)_ω → (judécínno) → [(jùdeu)_ω (cínno)_ω]), reajuste este que ocorre após a formação dessas palavras, ou seja, no pós-léxico.

O mapeamento das ocorrências de diminutivo e aumentativo em PA nos mostrou ainda que o processo mais produtivo foi o de afixação (98% no caso dos diminutivos e 90% nos aumentativos). Apenas algumas das ocorrências desencadearam processos fonológicos, dentre eles o desvozeamento da alveolar, o espriamento da nasal, a fricativização e o vozeamento da dental. Sobre estes processos, verificou-se que ocorrem no léxico, uma vez que se referem à estrutura interna da palavra e, por isso, dependem de informações morfológicas.

Para finalizar, podemos afirmar que este estudo contribuiu, em um âmbito mais geral, para determinar a produtividade que perpassa as formas aumentativas e diminutivas em PA. A partir da pesquisa realizada, observamos que as formações diminutivas mapeadas nas cantigas medievais estudadas apresentaram maior produtividade que as formações aumentativas, uma vez que foram encontradas no *corpus* do presente estudo muito mais ocorrências para o sufixo *-inno* do que para o sufixo *-on*. Desta forma, foi possível inferir que tal produtividade pode estar relacionada ao fato de que, por serem as CSM cantigas que têm como principal objetivo louvar a Virgem e enaltecer os milagres realizados por ela, a linguagem utilizada passa a ter uma grande conotação afetiva. Tal conotação afetiva, como exposto anteriormente, aparece, sobretudo, nos nomes diminutivos. Por outro lado, podemos supor que os nomes aumentativos, desde a origem da nossa língua, muitas vezes carregam em si valores pejorativos, o que explica as poucas ocorrências encontradas em um texto de caráter religioso como as *Cantigas de Santa Maria*, e um aumento considerável nas *Cantigas de Escárnio e Maldizer*, que tinham como objetivo principal satirizar os hábitos e vícios da sociedade medieval.

Referências

ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/ UnB, 2001. 1.ed.1971.

_____. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

ALLEN, W.S. *Accent and Rhythm - Prosodic Features of Latin and Greek, a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

ALMEIDA, M.R. *Compound words in Brazilian Portuguese*. 1999. 178f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - University of Florida, Flórida, 1999.

ÁLVAREZ, R. Los instrumentos musicales en los códices alfonsinos: origen. Algunos problemas iconográficos. In: SEMANA DE MUSICA ESPAÑOLA, 1984. Madrid. *Symposium Alfonso X el Sabio y la Música*. Madrid: Sociedad Española de Musicología, 1987. p. 67-104.

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press, 1976.

BARROS, J.de. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editora da Universidade de Lisboa, 1971. 1 ed. 1540.

BASÍLIO, M. Dissecando a palavra. In: *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p.13-19.

_____. Sufixação sem mudança de classe. In: *Formações e classes de palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p.67-77.

_____. *Teoria Lexical*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Teoria Lexical*. 1 ed. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 1980.

BIDERMAN.M.T. C. Lexema e Lexia. Lexias simples e complexas. In: *Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 130-138.

BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. In: *D.E.L.T.A.* São Paulo, v.26, n. 1, 2010, p. 59-85.

_____. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 247-261.

_____. O acento e o pé métrico binário. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.22, 1992, p. 69-80.

BIZZOCCHI, A. Tamanho é documento. In: *Revista Língua Portuguesa*, n.66, abril 2011, p. 28-29.

BORGES, P.R. *Estrutura morfofonológica das formas futuras nas Cantigas de Santa Maria*. 2008. 324f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008.

BOROWSKY, T. On word level. In: *Phonetics and Phonology*, 4. HARGUS, S.; KAISSE, E. (eds.) San Diego, Academic Press, 1993. p.199-232.

BRAGA, T. *Cancioneiro portuguez da Vaticana*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

CAGLIARI, L.C. *Análise fonológica – Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, Mercado de Letras, 2008.

_____. *Fonologia do Português: análise pela Geometria de Traços e pela Fonologia Lexical*. Campinas: Edição do Autor. 1997.

CÂMARA JR., J.M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986, 1 ed 1973.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. 1.ed 1970.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. 1. ed 1975.

Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti): Cod. 10991. Reprodução facsimilada. Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.

Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803). Reprodução fac-similada com introdução de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos/Instituto de Alta Cultura, 1973.

CARVALHO, M.C G. *Sistematização funcional dos sufixos avaliativos no Português do Brasil*. 2009. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CASTILHO, A.F de. *Tratado de metrificação portugueza*. Lisboa: Casa dos Editores, 1908.

CEGALLA, D.P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 18 ed. São Paulo: Nacional, 1978.

CHOMSKY, N.; HALLE, M.. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CINTRA, L. F. L. Introdução. In: *Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (Cód.*

4803): reprodução facsimilada com introdução de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos/Instituto de Alta Cultura, 1973. p. VII-XVIII.

CLEMENTS, G. N. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. In: *Working Papers of the Cornell phonetics Laboratory*, n.5, 1991, p. 77-123.

_____. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: *Working Papers of the Cornell phonetics Laboratory*, n.2, 1989, p. 1-68.

_____. *The geometry of phonological features*. Cambridge University Press, 1985.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In GOLDSMITH, J. A. (Org.). *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

COLLISCHONN, G. Acento secundário em Português. In: BISOL, L (org.) *Fonologia: Análises não-lineares. Letras de Hoje*: Porto Alegre, v.29, n.4, 1994, p. 43-53.

COSTA, A. de J. Os mais antigos documentos escritos em Português; revisão de um problema histórico-linguístico. *Revista Portuguesa de História*: Coimbra, v.17, 1979, p. 263-340.

COSTA, D.S. da. *A interface música e linguística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do Português Arcaico*. 2010. 200f. Tese (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.

_____. *Estudo do Acento Lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. 2006. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

COUTINHO, I. L. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CUESTA, P.V. *Gramática Portuguesa*. Madrid: Gredos, 1949.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Minas Gerais: Editora Bernardo Álvares, 1970.

_____. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

DIK, S.C. *The theory of functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973, p.80, 190, 191.

FERRARI, A. Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti). In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p. 119-123.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, M. P. The layout of the *Cantigas*: a musicological overview. In: *Galician Review*, Birmingham, University of Birmingham, Centre for Galician Studies; Oxford, University of Oxford, Centre for Galician Studies, n. 2, 1998, p. 47-61.

_____. The Stemma of the Marian Cantigas: Philological and Musical Evidence. In: *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria*, Cincinnati, n. 6, 1994, p. 58-98.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María*: Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

_____. *Autosegmental Phonology*. 1976. Doctoral Dissertation (Department of Linguistics)-MIT, Cambridge, MA. 1976.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.

HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J.L.; GOMÉZ-GONZÁLES, M.A (ed). *A new architecture for Functional Discourse Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 1-21.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 9-94.

JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Mit Press: Cambridge Mass, 1995.

JOTA, Z.S. *Dicionário de Linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

KEHDI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo : Ática, 2003.

KIPARSKY, P. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: Harry van der Hulst and Norval Smith (eds.), *The Structure of Phonological Representations – Part I*. Foris Publications, 1982, p. 131-265.

LANCIANI, G. Cantiga de escarnho. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993. p.138-139.

LANCIANI, G.; TAVANI, G. *A cantiga de escarnho e maldizer*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LAPA, M. R. *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Portugueses*. 3ª edição ilustrada. Lisboa: João Sá da Costa, 1998. 1ª edição: 1965.

LAROCA, M.N.C. *Manual de Morfologia do Português*. Campinas: Pontes, 2001.

LEÃO, A.V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LEE, S.H. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. Fonologia Lexical do Português. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, 1992, p.103-120.

LIBERMAN, M. LIBERMAN, M.; PRINCE, A. S. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic inquiry*. Cambridge, MA., n. 8, 1977. p. 249-336.

_____. *The intonational system of English*. Doctoral Dissertation. Department of Linguistics, MIT, Cambridge, MA, 1975.

MAIA, C. *História do Galego-Português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

MACHADO, J.B. O léxico obscuro na prosa medieval portuguesa. In: *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 377-386.

MASSINI-CAGLIARI, G. Das cadências musicais para o ritmo linguístico: uma análise do ritmo linguístico do Português Arcaico a partir da notação musical das Cantigas de Santa Maria. In: *Revista da Abralín*, v.7, n.1, 2008, p.9-26.

_____. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

_____. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: MURAKAWA, C.; GONÇALVES, M.F. (Org.). *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. 1 ed. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial da FCL/UNESP-Araraquara, 2007b, v. 1, p. 101-126.

_____. *A música da fala dos trovadores. Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. 348f. Tese (Livre Docência em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2005.

_____. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

_____. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, 1998, p. 159-178.

_____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. 300f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L.C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 105-146.

_____. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. In: *Revista da Anpoll*, n.5. São Paulo, 1998, p.77-105.

MATEUS, M. H.; d'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da moeda, 1989.

McMAHON, A. *Change, Chance and Optimality*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MEIRELES, C. Romance LIII ou das palavras aéreas. In: *Obra Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, p.793.

MENUZZI, S. *On the Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. HIL: Leiden University, 1993.

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et.al. (Org.). *Descrição do português: linguística histórica e historiografia linguística*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 97-117. Série Trilhas Linguísticas n. 3.

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989 (volume III).

_____. *Cantigas de Santa María (cantigas 101 a 260)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1988 (volume II).

_____. Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de lãs Cantigas de Santa Maria y sobre el problema del autor. In: *Studies on the Cantigas de Santa Maria*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987, p. 355-366.

_____. *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.

_____. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV, p. 1-324.

Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2002.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.

_____. *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s/d [(1912-1913)].

MISTIERY, F.R. *O acento em tupi antigo*. 2010. Monografia de Conclusão de Curso (Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.

MOHANAN, K. P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

MONGELLI, L.M. *Fremosos cantares: Antologia da Lírica Medieval Galego-Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MONGELLI, L.M et al. A poesia lírica galego - portuguesa. In: *A literatura portuguesa em perspectiva*. São Paulo, Atlas, 1992, p. 25- 40.

MONTEIRO, J.L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

MORENO, C. *Morfologia nominal do Português: Um estudo de Fonologia Lexical*. 1998. 214f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no Português*. 1977. 122f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NUNES, J. J. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973. 1. ed 1926/1929.

_____. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa- Fonética e Morfologia*. Lisboa: Livraria Clássica, 1960. 1.ed. 1919.

O'CALLAGHAN, J. F. *El Rey Sabio. El reinado de Alfonso X de Castilla*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1999.

OLIVEIRA, F. de. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (Ed. Crítica de TORRES, A; ASSUNÇÃO, C). Lisboa: Barbosa & Xavier Artes Gráficas, 2000. 1. ed em 1536.

PARKINSON, S. Layout in the *Códices ricos* of the *Cantigas de Santa Maria*. *Hispanic Research Journal*, Leeds, v. 1, n. 3, 2000, p. 243-274.

_____. *As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais*. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, 1998, p. 179-205.

PRADO, N.C. *Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento :um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro*. 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.

PRINCE, A. S. *The Phonology and Morphology of Tiberian Hebrew*. 1975. Doctoral Dissertation (Linguistics)-Department of Linguistics, MIT, Cambridge, MA., 1975.

PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company. 1986.

QUADROS, E. S de; SCHWINDT, L.C. Um estudo sobre e relação entre palavra morfológica e palavra fonológica em vocábulos complexos do Português Brasileiro. In: *Anais do Celsul*. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 1-18.

ROCHA, L.C. *Estruturas Morfológicas do Português*. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ROSA, M.C. Quantas palavras temos num enunciado? In: *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 73-84.

SÂNDALO, M.F.S. Morfologia. In: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 181-206.

SANDMANN, A.J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAPIR, E. *A linguagem: Introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SCHWINDT, L.C. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. 191f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SELKIRK, E.O. *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

_____. On the Nature of Phonological Representation. In: ANDERSON, J.; LAVER, J; MYERS, T. (eds.). *The cognitive Representation of speech*. Amsterdam: North Holland Publishing Co, 1979, p. 1-25.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVEIRA BUENO, F. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

SODRÉ, P.R. *O Riso no Jogo e o Jogo no Riso na Sátira Galego-Portuguesa*. Vitória: EDUFES, 2010.

_____. Fontes jurídicas medievais: o fio, o nó e o novelo. In: Massini-Cagliari, G.; Coelho Muniz, M.R; Sodré, P.R. (Orgs.). *Série Estudos Medievais 2: Fontes*. Araraquara: Anpoll, 2009, v. 2, p. 151-167.

_____. Sobre a metodologia do Projeto de Pesquisa: No es juego donde hombre non ríe: aspectos da sátira portuguesa. In: Massini-Cagliari, G.; Coelho Muniz, M.R; Sodré, P.R; Batista, R.S. (Orgs.). *Série estudos medievais 1 : metodologias*. 1 ed. Rio de Janeiro: Anpoll, 2008, v. 1, p. 1-11.

SOUTO CABO, J.A. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa: Documentos do século XII. *Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho*. n. 17. Braga: Barbosa e Xavier, 2003, p. 329-385.

SPINA, S. *Apresentação da Lírica Trovadoresca: Introdução, Antologia crítica, Glossário*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

TAVANI, G. *Arte de Trovar do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Introdução, edição crítica e fac-símile. 2ª tiragem. Lisboa: Colibri, 2002.

_____. *Ensaios portugueses: Filologia e Linguística*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

TEIXEIRA, T.W. *A forma e o uso dos sufixos -inho e -zinho em variedades do Português do sul do Brasil*. 2008. 95f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística)- Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TOLEDO NETO, S.de A. *Variação Grafemática Consonantal no Livro de José de Arimatéia (Cod. ANTT 643)*. 1996. 105f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIEIRA, Y.F. *Poesia Medieval: literatura portuguesa*. São Paulo: Global, 1987.

VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. 2001. 412f. PhD Dissertation-University of Lisbon, Lisboa, 2001.

_____. Palavra prosódica e composição no Português Europeu. In: BARBOSA, P; CASTRO, R.V. de (orgs) *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, v.2. Coimbra: APL, 2000, p. 583-602

VILLALVA, A. Formação de palavras: composição. In: MATEUS. M.H.M; BRITO, A.M; DUARTE, I; FARIA, I.H. *Gramática da Língua Portuguesa*. Portugal: Editorial Caminho, 2003, p. 979-980.

WETZELS, W. L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 23, 1992, p. 19-55.

Apêndices

Apêndice 1

Quadro com as ocorrências de diminutivo e aumentativo nas cantigas medievais

Cantigas Religiosas

A) Diminutivos

Ocorrência	Cantiga; Verso	Significado
ansarinnos	389;33	gansinhos
boÿo	331;15	bonzinho
campaynna	384;52	sininho
carpynna	105;98	chorinho
donezÿa	354;2, 354;12, 354;30	doninha
filynno	323;15	filhinho
fremosinna	79;13,178;12, 195;41, 241;15	formosinha
fremosinno	55;62,115;16, 145;42, 331;16, 347;51, 353;38, 389;18	formosinho
furadynno	136;30	buraquinho
garridelinna	79;14	garridinha, travessinha
judeucÿo	4;34	judeuzinho
mannanÿa	310;24, 321;33	manhãzinha
moçelinnos	389;38	mocinhos
ovellÿa	147;18	ovelhinha
passarinna	103;23	diminutivo de passara
pastorinna	321;58	mocinha
pastorynno	102;18, 145;40,392;15	mocinho
pequeninna	54;23, 310;9, 389;35	pequeninha
pequeninno	89;72,139;26,205;43,221;11,340;24, 345;72, 389;8,400;32	pequeninho
tonelcÿo	23;18	tonelzinho
velloçinna	75;18	velhinha
velocinno	147;44	velhinho

Quadro 10. Diminutivos mapeados em 420 cantigas religiosas.

B) Aumentativos

Ocorrência	Cantiga; verso	Significado
aguillon	31;53	vara grande com uma ponta de ferro utilizada para picar e instigar os bois na lavoura
arloton	305;48	“covardão”, “grosseirão” no sentido pejorativo.
bolsson	305;63	bolsão
cabron	85;65(-ões), 283;56	cabrão
crerizon	24;9, 404;12	“clerigão” no sentido pejorativo; um mal clérigo.
escudeiron	104;12	“escudeirão” na forma pejorativa.
espadarron	189;17	espadagão

Quadro 11. Aumentativos mapeados em 420 cantigas religiosas.

Cantigas de Escárnio e Maldizer

A) Diminutivos

Ocorrência	Cantiga; Verso	Significado
ansarinhos	154;12	gansinhos
baroncinho	355;4	varãozinho, machinho
donzinho	235;11	donativozinho; uma pequena recompensa
falconcinho	27;2	falcãozinho
fraquelinha	213;3	fraquinha
galguilinho	27;5	cãozinho galês
molhercinha	264;10	mulherzinha
pastorinha	147;17, 264;4	mocinha
pastorinho	116;2	mocinho

Quadro 12. Diminutivos mapeados em 431 cantigas de escárnio e maldizer.

B) Aumentativos

Ocorrência	Cantiga; Verso	Significado
balandrão	194;2	capa grande com capuz
cabeçon	73;5, 310;14	cabeção
cabron	21;33(-ões)	cabrão
cadarron	378;16	catarrão
çapaton	34;10	sapatão
cavalon	144;25	cavalão, no sentido de ser um homem grosseiro.
clerigon/clerizon	319;1, 422;8	“clerigão” no sentido pejorativo; um mal clérigo.
citolon	210;2, 211;19, 218;32, 222;2, 294;3, 295;5, 295;14	cítola grande; uma guitarra grande.
conon	14;2	aumentativo e pejorativo de cono (vagina)
escudeiron	379;19	“escudeirão” na forma pejorativa.
espadarron	57;15	espadagão
lorigon	57;9	saia grande
nadigon	132;13,132;18,257;5, 257;15 (-ões)	nádega grande
saion	301;19, 301;23	saia grande
tavão	60;3	moscão
zevron	252;6, 252;12, 253;4, 253;6, 253;10, 253;12, 253;16, 253;18, 255;15, 257;1, 257;11(-ões),259;2,262;1, 263;26	aumentativo de zevro (cavalo selvagem); no sentido pejorativo, homem cavalão, grosseirão.

Quadro 13. Aumentativos mapeados em 431 cantigas de escárnio e maldizer.

Apêndice 2

Mapeamento das ocorrências de diminutivo e aumentativo

Cantigas Religiosas

A) Diminutivos

ansarinnos (CSM 389;33)

“Con el alá ofreçessen; ca non tiinnam dinneyros
que partir de ssi podessem, ne novellas nen carneiros
dos seus dar non queriam, ca os santos son arteiros;
mais dar-ll-ia dous capões ou bem leu dous **ansarinnos**.”

boño (CSM 331;15)

“Hũa moller ouv’un fillo que mui mais ca se amava,
boño dũus doz’anos[...].”

campaynna (CSM 384;52)

“Enton levou del a alma sigo a Santa Reynna.
E o frade espertou logo e foy ao leyt' agynna;
e pois que o achou morto, fez sōar a **campaynna**
segund' estableçud' era polos seus santos doctores.”

carpynna (CSM 105;98)

“Assi gemendo e dando **carpynnas**,
adormeceu. E logo sen tardar
ll' apareceu a Sennor das reynnas
e começou-a muit' a confortar
e disse-ll: «Eu trago a[s] meezas
con que são de fog' e d' alvaraz.
Gran piedad' e mercee e nobreza...”

donezãa (CSM 354;2, 354;12, 354;30)

“Como Santa Maria guardou de morte
ha bestiola que chaman **donezãa**”

“Este pesar fei por ha bestiola que muit' amava
el Rei, que sigo tragia e a que mui ben criava,
a que chaman **donezãa** os galegos, e tirava
con ela aves das covas, e de taes ome vee”.

“Guarda-me mia **donezãa** que a non perça per morte.»
E quantos ali estavan ouveron gran desconorte;”

filynno (CSM 323;15)

“Ali era un bon ome que un **filynno** avia
pequeno, que tant' amava com' a vida que vivia;
a este deu ha fever e foi mort' a terçer dia.”

fremosinna (CSM 79;13,178;12,195;41,241;15)

“Aquesto foi feito por ha menynna
que chamavan Musa, que mui **fremosinna**
era[...]

“Ao lavrador nacera muleta, com' aprix eu,
en ssa casa, **fremosya**, que log' a seu fillo deu,
e faagando-o muito, dizendo: «Este don teu
seja daquesta muleta, e dar-te-ll-ei org' e palla.»”

“A seu padr' agynna
mandou da menynna,
dessa **fremosynna**,
que el lle daria
per que menguadosa
nunca fosse nen mesqa,
mais sempr' avondosa.”

“Outra don' a par desta morava, as vezynna,
viuv[a], e hũa filla avia **fremosynna**.”

fremosyo (CSM 55;62(-yō),115;116, 145;42, 331;16 (-yō),347;51, 353;38, 389;18 (-
innos)

“Mais depois assi ll' avo que, u vespervas dizendo
estavan todas no coro e ben cantand' e leendo,
viron entrar y un moço mui **fremosyo** correndo,
e cuidaron que fill' era d' infançon e d' infançõa.”

“Logo bẽes dessa vez
a moller foi encinta
dun me [ny]nno que pois fez
con pesar, sen enfinta,
por que o mui mais ca pez
negro nen que a tinta
del non quinta,
mais todo o menyo
fremosio
depois aver devia”

“E ena carreira viu un pastorynno
que contra el logo vo mui festo,
aposto vestido e mui **fremosyo**,
que lle diss': «Oide poucas de razões
O que pola Virgen de grado seus dões...”

“Hũa moller ouv’un fillo que mui mais ca se amava,
boÿo dũus doz’anos e sempre ss’em catava
en com’ era **fremosÿo** [...]”

“E o ataud’ abriron e sacaron o minÿo,
de quatro dias já morto, são e tan **fremosynno**.”

“Andand’ assi trebellando, na eigreja ’ntrou e viu
omagen da Virgen santa con seu Fillo, e cousiu
com’ era mui **fremosÿo** [...]”

“Este miragre foi feito en Sevilla na çibade
por un meninno que era mui mal doente en verdade,
fillo de Maestre Pedro de Marsella, que abbade
foi já e tornou-se leygo; e dous fillos **fremosinnos**
A que pera parayso irnos nos mostra caminnos...”

furadynno (CSM 136; 30)

“Lle lançou por eno rostro feri-lo Menynno.
Mais la Madr’ alçou o braço logo mui festo,
e eno coved’ a pedra fez-ll’ un **furadynno**...”

garridelinna (CSM 79; 14)

“Aquesto foi feito por ha menynna
que chamavan Musa, que mui fremosinna
era e aposta, mas **garridelinna**
e de pouco sen.
Ay, Santa Maria...”

judeucÿo (CSM 4; 34)

“O **judeucÿo** prazer
ouve, ca lle parecia
que ostias a comer
lles dava Santa Maria[...]

mannanÿa (CSM 310; 24, 321; 33)

“E depois ficou prennada
de Deus poderos’ e forte,
que por nos prendeu morte
e resorgiu **mannanÿa**.”

“E poren vos consello que sejades **mannanÿa**
O que mui tarde ou nunca se pode por meezÿa...”

moçelinnos (CSM 389;38)

“[...]aa Virgen, que dos çeos é Reynna;
fez que o moço pedisse de comer, e foi aginna
guarid' e trebellou logo conos outros **moçelinnos**.”

ovellÿa (CSM 147;18)

“Aquesta moller mesquÿa
de quanto pud' chegar
conprou hũa **ovellÿa**”

passarinna (CSM 103;23)

“Tan toste que acababa ouv' o mong' a oraçon,
oyu ha **passarinna** cantar log' en tan bon son,
que sse escaeceu seendo e catando sempr' alá.”

pastorÿa (CSM 321;58)

“[...] e assi no dia quinto serán todas acabadas,
e desta enfermidade guarrá log' a **pastorÿa**.”

pastorynno (CSM 102;18, 145;40,392;15)

“Onde fora dun camo
ya este **pastorynno**,
e encontrou un meno[...]

“E ena carreira viu un **pastorynno**
que contra el logo vo mui festo[...]

“Est'om era **pastorinno** enton, e barvas pungentes,
quando pelos seus pecados en al non metia mentes[...]

pequenÿa (CSM 54;23, 310;9 (-ynna),389;35)

“E tal sabor de a servir avia
que, poi-lo convent' as oras dizia,
ele fazend' oraçon remania
en ha capela mui **pequenÿa**;
Toda saude da Santa Rea...”

“Ca sempre santivigada
foi des que a fez seu padre
eno corpo de sa madre,
u jouve des **pequenynna**.
Muito per dev' a Reynna...”

“E tal promessa com'esta, como quer que **pequeninna**
foss', assi proug'aa Virgen, que dos çeos é Reynna;[...]

pequeninno (CSM 89;72(-*ños*),139;26, 205;43(-*ño*), 221;11,340;24 (-*ños*),345;72, 389;8(-*innos*),400;32)

“E trouxe dous menynnos
sig' aquel fill' e ha filla;
e macar **pequenños**
eran, por los de peccadilla[...]

“Aquesta dona levou un meno,
seu fillo, sigo, que en offreçon
deu aa Virgen, mui **pequenño**,[...]

“E ontre duas amas se foi sentar a mesqua
con seu fillo **pequenño** que en seus braços tia;[...]

“E porend' un gran miragre direi, que avo quando
era moço **peque[ni]nno** o mui bon Rei Don Fernando[...]

“Tu es alva dos mesqos,
que non erren os camos,
a grandes, a **pequenños**;[...]

“E tragia en seus braços uu tan fremoso minño
que mais seer non podia, pero era **pequenyn[n]o**;[...]

“Poder á de sãar vello se é tal que o merece,
e outro tal mancebo se faz boa mançebeçe,
outrosi ao meninno se algun mal lle conteçe,
quand'an sas enfermidades seendo muy **pequenin[n]os**.”

“E poren lle quero rogar
que meu don **pequen[in]o**
reçeb' e o queyra fillar[...]

tonelcño (CSM 23;18)

“A dona polo servir foi muit' afazendada,
e deu-lle carn' e pescado e pan e cevada;
mas de bon vo pera el era mui menguada,
ca non tia senon pouco en un **toneleño**.
Como Deus fez vo d'agua ant' Archtecryo...”

velloçinna (CSM 75;18)

“Outrosi en essa vila era hua **velloçinna**
mui cativa e mui pobre e de tod' aver mesquinna;”

velocño (CSM 147;44)

“[...]e quanto más pod' andou,
a costas seu **velocño**;
a Rocamador chegou,

dizend': «Esto fez a Virgen que sempre teve belmez.»
A Madre do que a bestia de Balaam falar fez...

B) Aumentativos

aguillon (CSM 31;53)

“Dizend' esto aa noyte, outro dia o vilão
quis ir vende-lo almallo; mas el sayu-lle de mão,
e correndo de randon
foi a jornadas tendudas,
come sse con **aguillon**
o levassen de corrudas.”

arloton (CSM 305;48)

“El enton leeu a carta, e ante que lla tornasse
disse-lle que lle daria sobr' ela quanto pesasse,
e que esto lle faria, e d'al non sse traballasse
per ren, ca el non amava truães nen **arlotões**.”

bolsson (CSM 305;63)

“[...]Enton fillou dous **bolssões**
Senpre devemos na Virgen a ter os corações,
ca per ela guaannamos de Deus mui grandes per dões.”

cabron (CSM 85;65(-ões), 283;56)

“Santa Maria lle disse, pois est' ouve visto:
«Estes son meus e de meu Fillo, Deus Jesu-Cristo,
con que seras se creveres en el e leytões
comeres e leixares a degolar **cabrões**.»”

“Que u quis descomungaçon
dizer, non disse ssi nen non,
nen ar pode mostrar razon,
mais braadou come **cabron**.”

crerizon (CSM 24;9, 404;12)

“En Chartes ouv' un **crerizon**,
que era tafur e ladron,
mas na Virgen de coraçon
avia esperanza.”

“Porend' un miragre desta razon
vos direi, que xe valrrá un sermon,
de como guareceu un **crerizon**.”

escudeiron (CSM 104;12)

“Aquesto foi en Galiza, non á y mui gran sazon,
que hũa ssa barragãa ouve un **escudeiron**;”

espadarron (CSM 189;17)

“A oraçon acabada, colleu en ssi grand' esforço e foi aa bescha logo
e deu-ll' ha espadada con seu **espadarron** vello, que a tallou per meogo,
assi que en duas partes lle fendeu o coraçõ;

Cantigas de Escárnio e Maldizer

A) Diminutivos

ansarinhos (cantiga 154; verso 12)

“Cômian porcos frescos e toucinhos,
cabritos, cachaç’ e **ansarinhos**[...]”

baroncinho (cantiga 355; verso 4)

“[...]vossa molher á bon drudo,
baroncinho mui velido.”

donzinho (cantiga 235; verso 11)

“[...]un bon **donzinho** dobrado
pensa ora de mi o dar.”

falconcinho (cantiga 27; verso 2)

“Mester avia Don Gil
un **falconcinho** bornil,
que non voass’e
nemigalha non filhasse”

fraquelinha (cantiga 213; verso 3)

“Dona Ouroana, pois já besta avedes,
outro conselh’ar avedes mester:
vós sodes mui **fraquelinha** molher
e já mais cavalgar non podedes.”

galguilinho (cantiga 27; verso 5)

“UU **galguilinho** vil,
que ua lébor, de mil,
non(a) filhasse,
mais rabejasse e ladrasse.”

molhercinha (cantiga 264; verso 10)

“Ela fez end’ o melhor,
a Deus seja gracido:
molhercinha tan pastor[...]

pastorinha (cantiga 147; verso 17, cantiga 264; verso 4)

“Escaralhado non pode seer
o que tantos filhos fez en Marinha
e que tem ora outra **pastorinha** prenhe[...]

“[...]non quer seu marido ben,
e soub’ a **pastorinha**
fogir.”

pastorinho (cantiga 116; verso 2)

“Álvar Rodríguiz dá preço d’ esforço
a est’ infante mouro **pastorinho**[...]”

B) Aumentativos**balandrão (cantiga 194; verso 2)**

“Don Bernaldo, pesa-me que tragedes
mal aguadeir’ e esse **balandrão**[...]”

cabeçon (cantiga 73; verso 5, cantiga 310; verso 14)

“[...]e filhō -o i pelo **cabeçon**
e ferio-o mui mal dun gran baston
que na outra mão destra tragia.”

“Elvira, nunca ti capa daran,
ca ficas, destas capas que ti dan,
con as mais usadas no **cabeçon**.”

cabron (cantiga 21; verso 33 (-ões))

“Vi coteifes e cochões
con mui [mais] longos granhões
que as barvas dos **cabrões**[...]”

cadarron (cantiga 378; verso 16)

“Ca conhosqu’ eu mui ben que vós avedes
olho mao mesto con **cadarron**[...]”

çapaton (cantiga 34; verso 10)

“Levarei Fernando Teles con gran peça de peões,
todos calvos e sen lanças e con grandes **çapatões**”

cavalon (cantiga 144; verso 25)

“Non vos contarei mais eu sas feitas;
 mais, com’ eu creio no meu coração,
 quen x’ en gran guerra andass’ a loucuras,
 en feúza daqueste **cavalon**,[...]”

citolon (cantiga 210; verso 2, cantiga 211; verso 19, cantiga 218; verso 32, cantiga 222; verso 2, cantiga 294; verso 3, cantiga 295; verso 5, cantiga 295; verso 14)

“Lourenço, pois te quitas de rascar
 e desamparas o teu **citolon**[...]”

“E seria conhocedor
 de seu trobar, por non fazer
 os outros errados seer;
 e el guarria mui melhor
 sen trobar e sen **citolon**[...]”

“- Vê[e]s, Lourenç’, ora m’assanharei,
 pois mal i entenças, e t’ende farei
 o **citolon** na cabeça quebrar.”

“- Lourenço, soias tu guarecer
 como podias, per teu **citolon**[...]”

“Con alguen é’ que Lopo desfiado,
 a meu cuidar, ca lhi viron trager
 un **citolon** mui grande sobarcado[...]”

“[...]tenh’eu de ch’os omen sofrer:
 mais vás no **citolon** rascar[...]”

“[...]u che faran todo quebrar
 na cabeça o **citolon**.”

clerigon/clerizon (cantiga 319; verso 1)

“Un cavaleiro, fi’ de **clerigon**,
 que non á en as terra nulha ren[...]”

conon (cantiga 14; verso 2)

“Fui eu poer a mão noutro di-
 -a a ua soldadeira no **conon**,
 e disse-m’ ela: -Tolhede-a, ladron, [...]”

escudeiron (cantiga 379; verso 19)

“[...]ar fodeu pois, mui grand’ **escudeiron**,
 e ficou ora, se Deus mi perdon,

con a peior voz que nunca oi.”

espadarron (cantiga 57; verso 15)

“[...]lança de pinh’ e de bragal o pendon,
chapel de ferro, que xi lhi mui mal pon,
e sobarcad’ un vellh’ **espadarron**”

lorigon (cantiga 57; verso 9)

“[...]en cima del un velho selegon,
sen estrebeiras e con roto bardon;
nen porta loriga nen **lorigon**[...]”

nadigon (cantiga 132; verso 13, cantiga 132; verso 18, cantiga 257; verso 5, cantiga 257; verso 15 (-ões))

“Quen vos Saco chamar, prazerá a nós;
e dirá-vo-lo ben lheu quen vos, en cóis,
vistirá los **nadigões** após vós.”

“Quen a vós chamou jogar a pran mentiu,
ca vej’ eu que citolar non vos oíu
menos vossos **nadigões** nonos viu.”

“[...]e dand’òs **nadigões**;
e diss’a ben talhada[...]”

“[...]e dand’òs **nadigões**;
e disse-lh’a velida[...]”

saion (cantiga 301; verso 19, cantiga 301; verso 23)

“-Pai Soárez, o om’ é de seu
trist’e nojoso e torp’ e en mester;
per[o] faremos nós d’ e[l], cuido-m’eu,
jogar, seu eu de vós ajuda ouver;
ca lhe daredes vós esse **saio[n]**,
e porrei-lh’ eu nome jogar <Sison>;
e con tal nome guarrá per u quer.”

“-Martín Soárez, a mi [non] é greu
de lh’ o **saion** dar;[...]”

tavão (cantiga 60; verso 3)

“Don Foão, que eu sei que á preço de livião,
vedes que fez ena guerra - daquesto são certão:
sol que viu os genetes, come boi que fer **tavão**”

zevron (cantiga 252; verso 6, cantiga 252; verso 12, cantiga 253; verso 4, cantiga 253; verso 6, cantiga 253, verso 10, cantiga 253; verso 12, cantiga 253; verso 16, cantiga 253; verso 18, cantiga 255; verso 15, cantiga 257; verso 1, cantiga 257; verso 11 (-ões), cantiga 259; verso 2, cantiga 262; verso 1, cantiga 263; verso 26)

“Da esteira vermelha cantarei
e das mangas do ascari direi
e o brial i ementar-vo l’ei
e da sela que lh’eu vi, rengelhosa,
que já lh’ogano rengeu ant el-Rei
ao **zevron**, e pois ante as esposa.

Da esteira cantarei, dês aqui,
e das mangas grossas do ascari,
e o brial ementar-vo l’ei i
e da sela que lh’eu vi, rengelhosa,
[que já lh’ogano rengeu ant mi]
ao **zevron**, e pois ante as esposa.”

“[...]e ao **zevron** rengen-lh’a sela,
e [un] brial a mia senhor bela,
e ao **zevron** rengen-lh’a sela”

“[...]e ao **zevron** rengen-lh’a sela,
e [un] brial a mia senhor bela,
e ao **zevron** rengen-lh’a sela”

“[...]e ao **zevron** rengen-lh’a sela,
e [un] brial a mia senhor bela,
e ao **zevron** rengen-lh’a sela”

“E seu irmão, o **zevron**,
que lhi quer mal de coração[...]

“Desto son os **zevrões**
de ventura minguada[...]

“Desto son os **zevrões**
de ventura falida[...]

“Ora tenho guisado
d’eixalçar o **zevron**[...]

“Airas Moniz, ó **zevron**,
leixad’ o[r]’ o selegon[...]

“[...]e ao outro **zevron**
a que renj’ o selegon[...]

Apêndice 3

Glossários

Glossário de termos diminutivos e aumentativos nas Cantigas Religiosas

aguilon (Mettmann, 1972, p.11) - *s.m.aum*: vara grande com uma ponta de ferro utilizada para picar e acicatar os bois na lavoura: “foi a jornadas tendudas,/ come sse con **aguillon**/ o levassen de corrudas”. (CSM 31; 53)

ansarinno (Mettmann, 1972, p.21) - *s.m.dim*: ganso pequeno: “dos seus dar non queriam, ca os santos son arteiros; / mais dar-ll-ia dous capões ou bem leu dous **ansarinnos**.” (CSM 389;33)

arloton (Mettmann, 1972, p.27) - *s.m.aum*: covardão; grosseirão; patife: “e que esto lle faria, e d'al non sse traballasse/ per ren, ca el non amava truães nen **arlotões**.” (CSM 305;48)

bolsson (Mettmann, 1972, p. 44) - *s.f.aum*: bolsão; bolsa grande: “Enton fillou dous **bolssões**/ Senpre devemos na Virgen a ter os coraçõs” (CSM 305;63)

boño (Mettmann, 1972, p. 44) - *s.m.dim*: bonzinho: “H~ua moller ouv'un fillo que mui mais ca se amava,/ **boño** d~uus doz'anos” (CSM 331;15)

cabron (Mettmann, 1972, p. 48) - *s.m.aum*: cabrão: “con que seras se creveres en el e leytões/comeres e leixares a degolar **cabrões**”. (CSM 85;65, 283;56)

campaynna (Mettmann, 1972, p. 51) - *s.m.dim*: sininho: “e pois que o achou morto, fez sōar a **campaynna**/ segund' estableçud' era polos seus santos doctores.” (CSM 384;52)

carpynna (Mettmann, 1972, p.53) - *s.m.dim*: chorinho; carpido: “Assi gemendo e dando **carpynnas**,/ adormeceu. E logo sen tardar/ Il' apareceu a Sennor das reynnas.” (CSM 105;98)

crerizon (Mettmann, 1972, p.83) - *s.m.aum*: clérigo; um mal clérigo: “En Chartes ouv' un **crerizon**,/que era tafur e ladron”. (CSM 24;9, 404;12)

donezã (Mettmann, 1972, p. 109) - *s.f.dim*: doninha; animal mamífero pequeno: “a que chaman **donezã** os galegos, e tirava/ con ela aves das covas, e de taes ome vee”. (CSM 354;2, 354;12, 354;30)

escudeiron (Mettmann, 1972, p. 129) - *s.m.aum*: escudeirão, no sentido pejorativo; mal escudeiro: “Aquesto foi en Galiza, non á y mui gran sazon,/que h~ua ssa barragãa ouve un **escudeiron**,” (CSM 104;12)

espadarron (Mettmann, 1972, p. 130) -*s.m.aum*: espadagão: “A oraçon acabada, colleu en ssi grand' esforço e foi aa bescha logo/ e deu-Il' ha espadada con seu **espadarron** vello, que a tallou per meogo”. (CSM 189;17)

filynno (Mettmann, 1972, p. 146) -*s.m.dim*: filhinho: “Ali era un bon ome que un **filynno** avia/pequeno, que tant' amava com' a vida que vivia”. (CSM 323;15)

fremosinna (Mettmann, 1972, p. 151) - *s.f.dim*: formosinha: “Aquesto foi feito por ha menynna/que chamavan Musa, que mui **fremosinna**/era”. (CSM 79;13,178;12,195;41,241;15)

fremosinno (Mettmann, 1972, p.151) - *s.f.dim*: formosinho: “viron entrar y un moço mui **fremosyo** correndo,/ e cuidaron que fill' era d' infançon e d' infançõa.” (CSM 55;62,115;116, 145;42, 331;16,347;51, 353;38, 389;18)

furadynno (Mettmann, 1972,p. 152) - *s.m.dim*: buraquinho: “Mais la Madr' alçou o braço logo mui festo,/ e eno coved' a pedra fez-ll' un **furadynno**”. (CSM 136;30)

garridelinna -(Mettmann, 1972, p. 153) - *s.f.dim*: garridinha, travessinha: “Aquesto foi feito por ha menyinna/ que chamavan Musa, que mui fremosinna/era e aposta, mas **garridelinna**”. (CSM 79;14)

judeucyo -(Mettmann, 1972, p. 167) - *s.m.dim*: judeuzinho: “O **judeucyo** prazer/ouve, ca lle parecia/que ostias a comer/lles dava Santa Maria”. (CSM 4;34)

mannanya (Mettmann, 1972, p. 185) - *s.f.dim*: manhãzinha: “ que por nos prendeu morte/e resorgiu **mannanya**.” (CSM 310; 24, 321; 33)

moçelinno (Silva, 2007, p. 192) - *s.m.dim*: mocinho: “ fez que o moço pedisse de comer, e foi aginna/ guarid' e trebellou logo conos outros **moçelinnos**.” (CSM 389;38)

ovellya (Mettmann, 1972, p. 219) - *s.f.dim*: ovelhinha: “Aquesta moller mesquya/de quanto pud' chegar/ conprou h~ua **ovellya**” (CSM 147;18)

passarinna (Mettmann, 1972, p. 224) - *s.f.dim*: diminutivo de pássara: “oyu ha **passarinna** cantar log' en tan bon son,/que sse escaeceu sendo e catando sempr' alá.” (CSM 103;23)

pastorya (Mettmann, 1972, p. 224) - *s.f.dim*: mocinha: “e assi no dia quinto serán todas acabadas,/e desta enfermidade guarrá log' a **pastorya**.” (CSM 321;58)

pastorynno (Mettmann, 1972, p. 224) - *s.m.dim*: mocinho: “Onde fora dun camo/ya este **pastorynno**,/e encontrou un meno”. (CSM 102;18, 145;40,392;15)

pequenya (Mettmann, 1972, p. 229) - *s.f.dim*: pequeninha: “ele fazend' oraçon remania/en ha capela mui **pequenya**;”. (CSM 54;23, 310;9,389;35)

pequeninno (Mettmann, 1972, p. 229) - *s.m.dim*: pequeninho: “seu fillo, sigo, que en offreçon/deu aa Virgen, mui **pequenõ**”. (CSM 89;72, 139;26, 205;43, 221;11, 340;24, 345;72, 389;8,400;32)

toneleço (Mettmann, 1972, p. 304) - *s.m.dim*: tonelzinho: “ca non tia senon pouco en un **toneleço**./ Como Deus fez vo d'agua ant' Archtecryo...” (CSM 23;18)

velloçinna (Mettmann, 1972, p.315) - *s.f.dim*: velhinha: “Outrosi en essa vila era hua **velloçinna**/mui cativa e mui pobre e de tod' aver mesquinna;”. (CSM 75;18)

velocço (Mettmann, 1972, p.315) - *s.m.dim*: velhinho: “e quanto más pod' andou,/ a costas seu **velocço**;”. (CSM 147;44)



Glossário de termos aumentativos e diminutivos nas Cantigas de Escárnio e Maldizer

ansarinho (Lapa, 1998, p.294) - *s.f.dim*: ganso pequeno: “Cômian porcos frescos e toucinhos,/cabritos, cachaç’ e **ansarinhos**”. (CEM 154;12)

balandrão (Lapa, 1998, p.299) - *s.m.aum*: capa grande: “Don Bernaldo, pesa-me que tragedes/mal aguadeir’ e esse **balandrão**”. (CEM 194;2)

baroncinho (Lapa, 1998, p.299) - *s.m.dim*: varãozinho, machinho: “vossa molher á bon drudo,/ **baroncinho** mui velido.” (CEM 355;4)

cabeçon (Lapa, 1998, p. 302) - *s.m.aum*: cabeção: “e filhô -o i pelo **cabeçon** e ferio-o mui mal dun gran baston/que na outra mão destra tragia.” (CEM 73;5, 310; 14)

cabron (Lapa, 1998, p.303) -*s.f.aum*: cabrão: “con mui [mais] longos granhões/que as barvas dos **cabrões**”. (CEM 21;33)

cadarron (Lapa, 1998, p. 303) - *s.m.aum*: catarrão: “Ca conhosqu’ eu mui ben que vós avedes/olho mao mesto con **cadarron**;”. (CEM 378;16)

çapaton (Lapa, 1998, p. 304) - *s.m.aum*: sapatão: “Levarei Fernando Teles con gran peça de peões,/todos calvos e sen lanças e con grandes **çapatões**”. (CEM 34;10)

cavalon (Lapa, 1998, p. 306) - *s.m.aum*: cavalão, cavalo inferior; homem grosseiro: “quen x’ en gran guerra andass’ a loucuras,/en feúza daqueste **cavalon**”. (CEM 144;25)

citolon (Lapa, 1998, p. 307) - *s.f.aum*: cítola grande; uma guitarra grande: “Lourenço, pois te quitas de rascar/ e desamparas o teu **citolon**”. (CEM 210; 2, 211; 19, 218; 32, 222; 2, 294; 3, 295; 5, 295; 14)

clerigon/clerizon (Lapa, 1998, p. 307) - *s.m.aum*: “clerigão” no sentido pejorativo; um mal clérigo: “Un cavaleiro, fi’ de **clerigon**,/que non á en as terra nulha ren”. (CEM 319;1)

conon (Lapa, 1998, p. 310) -*s.f.aum*: aumentativo e pejorativo de cono (vagina): “Fui eu poer a mão noutro di-/ -a a ua soldadeira no **conon**,/e disse-m’ ela: -Tolhede-a, ladron,”. (CEM 14;2)

donzinho (Lapa, 1998, p. 320) -*s.m.dim*: donativozinho;uma pequena recompensa: “un bon **donzinho** dobrado/pensa ora de mi o dar.” (CEM 235;11)

escudeiron (Lapa, 1998, p. 325) -*s.m.aum*: “escudeirão” na forma pejorativa: “ar fodeu pois, mui grand’ **escudeiron**,/e ficou ora, se Deus mi perdon,” (CEM 379;19)

espadarron (Lapa, 1998, p. 326) - *s.m.aum*: espadagão: “chapel de ferro, que xi lhi mui mal pon,/e sobarcad’ un vellh’ **espadarron**”. (CEM 57;15)

falconcinho (Lapa, 1998, p. 328) - *s.m.dim*: falcãozinho: “Mester avia Don Gil/un **falconcinho** bornil,”. (CEM 27;2)

fraquelinha (Lapa, 1998, p. 331) -*s.f.dim*: fraquinha: “vós sodes mui **fraquelinha** molher/e já mais cavalgar non podeades.” (CEM 213;3)

galguilinho (Lapa, 1998, p. 332) - *s.m.dim*: cãozinho gaulês; pequeno galgo: “UU **galguilinho** vil,/que ua lébor, de mil,/non(a) filhasse,/mais rabejasse e ladrasse.”. (CEM 27;5)

lorigon (Lapa, 1998, p. 339; Silva, 2007, p.175) - *s.f.aum*: saia grande: “sen estrebeiras e con roto bardon;/nen porta loriga nen **lorigon**”. (CEM 57;9)

molhercinha (Lapa, 1998, p.346) -*s.f.dim*: mulherzinha: “Ela fez end’ o melhor,/a Deus seja gracido:/**molhercinha** tan pastor”. (CEM 264;10)

nadigon (Lapa, 1998, p. 348) -*s.f.aum*: nádega grande: “e dirá-vo-lo ben lheu quen vos, en cós,/vistirá los **nadigões** após vós.” (CEM 132; 13, 132; 18, 257; 5, 257; 15)

pastorinha (Lapa, 1998, p. 355) - *s.f.dim*: mocinha: “o que tantos filhos fez en Marinha/e que tem ora outra **pastorinha** prenhe”. (CEM 147; 17, 264; 4)

pastorinho (Lapa, 1998, p.355) - *s.m.dim*: mocinho: “Álvar Rodríguiz dá preço d’ esforço/ a est’ infante mouro **pastorinho**”. (CEM 116; 2)

saion (Silva, 2007, p.247) - *s.f.aum*: saia grande: “-Martín Soárez, a mi [non] é greu/de lh’ o **saion** dar;”. (CEM 301; 19, 301; 23)

tavão (Lapa, 1998, p. 382) - *s.f.aum*: moscão: “ vedes que fez ena guerra - daquesto sôo certão:/sol que viu os genetes, come boi que fer **tavão**”. (CEM 60;3)

zevron (Lapa, 1998, p. 392) - *s.m.aum*: aumentativo de zevro (cavalo selvagem); no sentido pejorativo, homem cavalão, grosseirão: “[...]e ao **zevron** renge-lh’a sela,/e [un] brial a mia senhor bela,/e ao **zevron** renge-lh’a sela”. (CEM 252; 6, 252; 12, 253; 4, 253; 6, 253, 10, 253; 12, 253; 16, 253; 18, 255; 15, 257; 1, 257; 11, 259; 2, 262; 1, 263; 26)

